



*“O que vazou do WikiLeaks foi apenas  
uma pequena fração da verdade.”*

Daniel Domscheit-Berg

# Daniel Domscheit-Berg

## os bastidores do WikiLeaks

**A história do site mais  
controverso dos últimos tempos  
escrita pelo seu ex-porta-voz**



Preencha a **ficha de cadastro** no final deste livro  
e receba gratuitamente informações  
sobre os lançamentos e as promoções da Elsevier.

Cadastre-se em **[www.elsevier.com.br](http://www.elsevier.com.br)** para  
conhecer nosso catálogo completo, ter acesso a  
serviços exclusivos no site e receber informações  
sobre nossos lançamentos e promoções.

**Daniel Domscheit-Berg**

os bastidores do  
**WikiLeaks**

**A história do site mais  
controverso dos últimos tempos  
escrita pelo seu ex-porta-voz**

**Tradução  
Petê Rissatti**



Do original: *Inside WikiLeaks*

Tradução autorizada do idioma inglês da edição publicada por Ullstein Buchverlage GmbH

Copyright © 2011, by Daniel Domscheit-Berg

Copyright © Ullstein Buchverlage GmbH

© 2011, Elsevier Editora Ltda.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

*Copidesque:* Shirley Lima da Silva Braz

*Revisão:* Mariflor Brenlla Rial Rocha e Jayme Teotônio Borges Luiz

*Edição Eletrônica:* Estúdio Castellani

Elsevier Editora Ltda.

Conhecimento sem Fronteiras

Rua Sete de Setembro, 111 – 16º andar

20050-006 – Centro – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Rua Quintana, 753 – 8º andar

04569-011 – Brooklin – São Paulo – SP – Brasil

Serviço de Atendimento ao Cliente

0800-0265340

sac@elsevier.com.br

ISBN 978-85-352-1287-7

Edição original: ISBN 978-3-430-20121-6

**Nota:** Muito zelo e técnica foram empregados na edição desta obra. No entanto, podem ocorrer erros de digitação, impressão ou dúvida conceitual. Em qualquer das hipóteses, solicitamos a comunicação ao nosso Serviço de Atendimento ao Cliente, para que possamos esclarecer ou encaminhar a questão.

Nem a editora nem o autor assumem qualquer responsabilidade por eventuais danos ou perdas a pessoas ou bens, originados do uso desta publicação.

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

- 
- D723b      Domscheit-Berg, Daniel  
Os bastidores do WikiLeaks [recurso eletrônico] : a história do site mais controverso dos últimos tempos escrita pelo seu ex-porta-voz / Daniel Domscheit-Berg ; tradutor Petê Rissatti. – Rio de Janeiro : Elsevier, 2011.  
recurso digital
- Tradução de: Inside WikiLeaks : my time with Julian Assange at the world's most dangerous website  
Formato: PDF  
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions  
Modo de acesso: World Wide Web  
ISBN 978-85-352-1287-7 (recurso eletrônico)
1. Política internacional. 2. Política econômica. 3. Economia. 4. Relações econômicas internacionais. 5. Organizações não-governamentais. I. Título.

11-0492.

CDD: 327

CDU: 327

---

*Para todos aqueles que se arriscaram  
tanto para tornar o mundo mais justo  
e transparente – os informantes.*

Página deixada intencionalmente em branco

## Agradecimentos

Muitas pessoas são responsáveis por este livro e pelas histórias de seus bastidores, às quais devo agradecer:

A Tina Klopp. Pelos dois meses produtivos e pela transformação em palavras de todas as minhas histórias em tão pouco tempo.

À minha editora, Silvie Horch, e a toda a equipe fantástica da Editora Econ: sem sua competência e espontaneidade e num período tão curto, nunca um livro tão bom teria sido lançado.

À minha agente, Barbara Wenner, pela condução extraordinária da ideia deste livro até sua publicação e além dela.

Aos colegas das editoras estrangeiras que ajudaram a traduzir esta história e publicá-la em mais de 17 países até agora. Especialmente a Charlie Conrad, da editora americana Crown, pelos comentários preciosos sobre o conteúdo do livro.

Aos advogados Markus Kompa e ao Dr. Sven Krüger, bem como a Amanda Telfer e Matthew Martin, pelos impagáveis comentários sobre sua leitura do livro.

À minha família. Pelos valores ótimos que me tornam quem eu sou.

À minha mulher Anke, a quem posso de verdade olhar nos olhos, e ao meu filho Jacob.

Ao Chaos Computer Club e a seus caóticos. Qualquer tentativa de compensação seria insuficiente.

Ao bar Brauerei Loscher, pelo Club Mate. O que seria de mim sem vocês? Provavelmente um cara caindo pelas tabelas de cansaço.

À internet. Por tudo aquilo que ela sempre combateu.

A uns e outros. Por tudo.

A todos aqueles que participaram do show dos três anos passados, direta ou indiretamente. Sem vocês, nada disso teria sido possível.

Às inúmeras fontes cujos materiais publicamos. Se apenas mais algumas pessoas tivessem a coragem que vocês têm, o mundo seria um lugar muito melhor.

A Julian Assange, que manifestou uma ideia e a trouxe para a minha vida.

À equipe do OpenLeaks. Por aquilo que continuaremos a desenvolver!

Daniel Domscheit-Berg



# Apresentação

Quando deparei com o WikiLeaks (WL) em 2007, encontrei-me novamente num projeto que, acima de tudo, tinha um objetivo: controlar o poder exercido a portas fechadas. Conseguir transparência com uma plataforma em que isso era rejeitado era uma ideia tão simples quanto genial.

Ao longo do período que passei no WikiLeaks, experimentei na pele que poder e confidencialidade corrompem sub-repticiamente. Durante meses, o WikiLeaks seguiu numa direção que trouxe muita preocupação a grande parte da equipe e fez com que nos separássemos do projeto em setembro de 2010. Eu estava confiante de que minha crítica pública, expressa de forma diplomática, quase cuidadosa, teria feito com que o poder do WikiLeaks e, com isso, o de seu homem número 1 fossem questionados, como teria ocorrido em outras organizações.

Sucedeu justamente o contrário. Enquanto pequena parcela da opinião pública mundial – aquela que se ocupava há mais tempo do tema WikiLeaks – questionava o desenvolvimento do WikiLeaks de forma crítica, esse questionamento afundava no *frisson* em torno da plataforma de divulgação e de seu fundador. Julian e o WikiLeaks, unidos de forma inseparável, criaram um fenômeno pop, o que acontece, acima de tudo, no vácuo informacional dessa organização fechada que inscreveu a transparência em sua própria bandeira.

Como tantos a quem oferecemos uma plataforma para suas divulgações, decidi trazer os assuntos internos a público. Foi difícil tomar essa

decisão - fiquei por muito tempo indeciso entre a lealdade e minha própria exigência moral.

No WikiLeaks, dizíamos sempre que apenas um registro histórico correto possibilitaria a compreensão do mundo. Decidi, com este livro, fazer a minha parte.

Daniel Domscheit-Berg

# Sumário

Prólogo	1
O primeiro encontro	5
A luta contra os ursos	15
A seita e nós	31
As primeiras experiências com a mídia	39
A visita do senhor Julian	53
O WikiLeaks e o dinheiro	69
A luta contra a censura na internet	83
A ideia dos portos livres midiáticos	99
A pausa forçada	111
Uma lei para a Islândia	123
De volta para Berlim	135
O vídeo “Collateral Murder”	143
A prisão de Bradley Manning	153
A nova estratégia da mídia com os diários de guerra afegãos	167
Ação na Suécia	189
Minha suspensão	201
A escalada da briga	215
Os diários de guerra iraquianos	229
Os telegramas americanos e a prisão de Julian	239
OpenLeaks	253
Posfácio	261
Cronologia do WikiLeaks	263

Página deixada intencionalmente em branco

## Prólogo

Meus olhos estavam fixos no monitor. Tela preta, letras verdes. Às minhas linhas, seguiram-se ainda algumas mensagens. Eu já não olhava para a tela. Minhas últimas palavras haviam sido digitadas, não havia mais nada a dizer. Estava acabado, para sempre.

O próprio Julian não apareceu mais no chat – de qualquer forma, ele não respondeu mais. Talvez também tivesse ficado mudo diante do computador, indiferente, petrificado ou perturbado, em algum lugar na Suécia ou onde sempre se hospedava naquela época. Eu não sabia. Sabia apenas que nunca mais falaria com ele.

“Zosch”, o bar ali perto, acabara de dispensar seus últimos clientes naquela noite. Eu os ouvia meio bêbados na direção do ônibus elétrico. Era pouco antes das 2 horas do dia 15 de setembro de 2010. Deixei o computador na escrivaninha e me joguei nas almofadas no canto do quarto, peguei um romance de Terry Pratchett e comecei a lê-lo. O que se faz numa situação dessas, o que outros fariam? Li por horas a fio. Acabei dormindo, de pulôver e jeans, as grossas meias de lã da minha avó ainda nos pés, o livro sobre a minha barriga. Lembro-me de seu título: *Good Omens (Belas maldições)*.

Como sair do lugar no qual se trabalha se esse lugar é o mundo todo? Se não há colegas dos quais possamos nos despedir com um aperto de mão? Quando foram apenas duas linhas verdes digitadas rapidamente em inglês que, no fim das contas, tornaram impossível para

mim voltar atrás? Quando nunca houve sequer um chute para mandar alguém para a rua?

“Você está suspenso”, escreveu Julian há poucas semanas. Como se fosse ele quem pudesse decidir essa questão. Naquele momento, era o fim.

Quando acordei na manhã seguinte, tudo ao meu redor estava igual. Minha mulher, meu filho, nossa bagunça aconchegante, tudo permanecia igual, o sol atravessava as janelas do quarto no mesmo ângulo. Mas algo havia mudado. Uma parte da minha vida se transformara para sempre de um futuro muito promissor para um passado irrecuperável.

Havia rompido contato com pessoas com as quais eu dividira minha vida nos últimos três anos, pelas quais havia desistido do meu emprego, negligenciado minha namorada, minha família e amigos.

Por anos, o *chat* WikiLeaks havia sido meu canal mais importante para o mundo lá fora. Caso eu estivesse trabalhando numa publicação, não raro era o único por dias e dias. Eu nunca mais entraria nele. Julian já havia bloqueado o acesso à minha caixa de entrada de e-mails há semanas. Em vez de assinar a declaração de confidencialidade que outros do grupo me aconselharam a assinar, escrevo este livro agora.

Havíamos sido ótimos amigos ou ao menos algo parecido com isso – hoje, já não tenho muita certeza se essa categoria sequer existe em sua cabeça. Não tenho certeza de mais nada que diz respeito a ele. Às vezes eu o odeio tanto que tenho medo de agredi-lo fisicamente se por acaso ele cruzar o meu caminho. Então volto a pensar que ele pode estar precisando da minha ajuda. É absurdo depois de tudo que aconteceu. Nunca conheci uma personalidade tão extrema como a de Julian Assange. De pensamento tão livre. Tão enérgico. Tão genial. Tão paranoico. Tão obcecado pelo poder. Megalomaniaco.

Acredito que posso dizer que passamos juntos os melhores momentos de nossa vida. E sei que não é possível recuperar isso. Após alguns meses terem se passado e os sentimentos terem arrefecido, penso: está bem do

jeito que está. Porém, posso confessar francamente que não trocaria os últimos anos por nada neste mundo. Por absolutamente nada. Receio até mesmo que eu faria tudo novamente, da mesma forma.

Eu vivi uma porrada de coisas! Eu olhei para abismos e brinquei com as alavancas do poder. Entendi como funcionam a corrupção, a lavagem de dinheiro e as manipulações políticas. Usei apenas criptofones à prova de escuta, viajei o mundo e, na Islândia, fui abraçado por pessoas agradecidas nas ruas. Num dia comi pizza com o famoso jornalista investigativo Seymour Hersh, no dia seguinte ouvi sobre nós no noticiário da noite e, no terceiro dia, sentei num sofá ao lado da ministra Ursula von der Leyen. Houve um dedo meu quando os internautas ativistas impediram a aprovação de uma lei terrível de censura na Alemanha, e eu estava lá quando aprovaram na Islândia uma lei benéfica a todos.

Julian Assange, o fundador do WikiLeaks, era meu melhor amigo. Pelo WL, tornou-se pop star, uma das figuras mais fascinantes e malucas das coberturas jornalísticas da atualidade.

A fé numa ordem mundial melhor fez com que Julian e eu nos uníssemos. No mundo com o qual sonhávamos, não haveria mais chefes ou hierarquias, e ninguém poderia usar sua força para justificar que os outros não podiam ter o conhecimento necessário para um ato justo perante a lei. Essa era a ideia pela qual lutávamos, o projeto que juntos alimentávamos e que, com grande orgulho, víamos crescer.

Nos últimos anos, o WikiLeaks tornou-se algo realmente grande, muito maior do que aquilo que eu poderia prever quando em 2007, quase por acaso e mais por curiosidade, deparei com o projeto. Fez de nós pálidos garotos aficionados por computador cuja esperteza, de outra forma, ninguém notaria, pessoas públicas que causavam medo em políticos, diretores de empresas e chefes militares de todo o mundo. É provável que tenhamos aparecido em seus pesadelos. É provável que muitos deles tenham desejado que nunca tivéssemos existido. Foi mesmo uma sensação ótima.

Houve momentos em que eu mal conseguia dormir de ansiedade por conta de tantas coisas bacanas que aconteceriam apenas no dia seguinte. Houve uma época em que toda manhã acontecia algo que me convinha de que havia tornado o mundo um pouquinho melhor. Digo isso sem ironia, pois eu acreditava naquilo de verdade. Não, para ser sincero: acredito na ideia até hoje. Estou convencido de que um projeto desse tipo é genial. Talvez ele seja apenas genial demais para funcionar numa primeira tentativa.

Nos últimos meses de WikiLeaks, também dormi mal. Não pela satisfação antecipada, mas por medo. Acordava todas as manhãs aguardando a próxima catástrofe. Esperando que tudo aquilo fosse estourar em nossa cara. Que novamente algo decisivo havia fracassado. Que uma fonte estava em perigo. Que Julian começaria à noite um novo ataque contra mim ou contra os outros que antes haviam sido suas pessoas de confiança mais próximas.

Julian fez uma introdução ao vazamento mais recente, sobre os telegramas diplomáticos das embaixadas americanas. Eles apresentavam as contradições entre o comportamento público e aquele que ocorreria a portas fechadas, escreveu ele. As pessoas tinham o direito de saber o que acontecia nos bastidores.

Ninguém poderia dizer isso melhor. Chegou a hora de todos conhecerem também os bastidores do WikiLeaks.



## O primeiro encontro

Ouvi pela primeira vez sobre o WikiLeaks em setembro de 2007. Um colega me falara a respeito. Antes disso, líamos regularmente o cryptome.org, página da internet de John Young. Cryptome havia virado manchete, entre outros, por ter publicado em 1999 e 2005 uma lista com os nomes dos agentes do MI6, o serviço secreto britânico para assuntos estrangeiros. O cryptome.org publicava documentos de pessoas que queriam revelar segredos sem correr o risco de serem expostas como deladoras, e o WL também se baseava nessa ideia.

É engraçado como muitos, à primeira vista, partiam do princípio de que, por trás do WikiLeaks, se esconderia um serviço secreto internacional e que se trataria de uma isca, por assim dizer – ou seja, oferecia-se uma plataforma às pessoas que queriam dar com a língua nos dentes para que ganhassem uns trocados como deladoras se carregassem na página um material realmente polêmico. Então, permaneci desconfiado.

No entanto, em novembro de 2007, surgiram no wikileaks.org os manuais de procedimento da Baía de Guantánamo, os conhecidos *Camp Delta Standard Operating Procedures*. Eles publicaram que, nos centros de detenção cubanos, os Estados Unidos violavam os direitos humanos e as convenções de Genebra. Rapidamente, três coisas ficaram claras para mim.

Primeiro: a ideia de que o WikiLeaks poderia ter algo a ver com o serviço secreto era absurda.

Segundo: o projeto tinha potencial para se tornar muito, muito maior que o Cryptome.

Terceiro: o WikiLeaks era algo bacana.

Para as pessoas que, de início, se envolveram em suas respectivas comunidades, a internet não era um mar de dados mundial, mas sim um vilarejo. Se eu precisasse de uma avaliação sobre determinado tema, sabia onde poderia perguntar. Fazia isso e sempre recebia como resposta: “WL? É mesmo algo legal!” Essa frase confirmava que eu deveria ir atrás do WL.

Assim, entrei numa sala de bate-papo que ainda hoje existe na página do WL e contatei o site. Tive logo a sensação de que ali havia pessoas que pensavam como eu, interessavam-se pelas mesmas questões e, obviamente, trabalhavam em horários diurnos e noturnos dos mais impossíveis. Elas discutiam problemas sociais e acreditavam que a internet oferecia a chance de resolver esses problemas de modo totalmente novo. Após um dia, perguntei pela primeira vez se havia algo para eu fazer. Primeiro não recebi resposta alguma. Estava ansioso, até mesmo um pouco ofendido, mas, mesmo assim, permaneci no bate-papo.

“Ainda está interessado num serviço?”, encontrei lá, dois dias depois. Era Julian Assange a pessoa que perguntava.

“Claro! Diz aí”, respondi.

Julian me deu algumas tarefas do tipo faz-tudo, pedindo-me para arrumar o Wiki, ajustar as formatações, retrabalhar os conteúdos. Por muito tempo, não me envolvi com documentos confidenciais. Além disso, tive logo a ideia de incluir o WL no programa para o 24º Chaos Communication Congress (24C3), o lendário encontro do cenário hacker e de computação que ocorre todos os anos entre o Natal e o Ano-Novo, no Centro de Congressos de Berlim (BCC), e é organizado pelo Chaos Computer Club.

Naquela época, eu estava pouco acostumado com os processos internos do WikiLeaks. Não sabia como muitos, além de mim, haviam entrado lá e qual era a infraestrutura técnica que formava a base do todo.

Quando eu pensava em WikiLeaks, tinha em mente uma organização de médio porte, com equipe bem formada, tecnologia robusta e servidores em todo o mundo.

Na ocasião, eu tinha um emprego fixo, cuidava do projeto de segurança de rede para uma grande empresa americana que gerencia tarefas de TI para clientes civis e militares, com sua maior filial alemã em Rüsselsheim. Havia um acordo tácito com meu empregador de que eu não cuidaria de nenhuma empresa de armamentos, o que me levava a ser responsável, acima de tudo, pela GM e/ou Opel, bem como por inúmeras empresas aéreas. Quem reserva um voo hoje em qualquer parte do mundo talvez utilize uma tecnologia desenvolvida por mim.

Meu salário era de aproximadamente €50 mil por ano. Era pouco mesmo para meu trabalho, mas eu não me importava. Eu me integrara à Open Source Community, trabalhava muito mais do que as minhas 40 horas semanais contratadas, improvisava continuamente novas soluções e meu desempenho era bem-visto por todos.

Eu e meus colegas nos permitíamos as travessuras habituais com as quais o pessoal da tecnologia mantém o bom humor nesses grupos empresariais: em protesto contra a qualidade horrível do café, manipulamos os cardápios das máquinas automáticas de café para que elas, equipamentos supostamente baratos, sempre precisassem de manutenção. Com frequência, eu enviava a um colega irritado e-mails sobre o servidor da empresa do endereço `deus@eds.de` e assistia, escondido, a como ele ficava ainda mais irado com isso. Então, logo em seguida, eu enviava o próximo e-mail: “Deus diz que as pessoas não devem ficar tão irritadas.”

Eu morava em Wiesbaden, minha ex-namorada era uma mulher jovem e bonita – em suma, eu estava satisfeito, mas, de forma alguma, eufórico no que se referia à minha própria vida. Ela era colorida e agitada, mas ainda havia lugar para mais.

Quando a relação entre Julian e mim ficou claramente desgastada, ele chegou a dizer que, sem o WikiLeaks, eu teria sido um “nada” e que eu

entrara para o WL apenas porque não soube fazer nada melhor com a minha vida.

Ele tinha razão! O WL foi a melhor coisa que já me aconteceu na vida.

No entanto, antes do WL, eu não me entediava de jeito nenhum: havia um servidor na minha cozinha com consumo de energia de 8.500kW/h ao ano, e tentar resolver superestruturas de rede era uma constante, pois eu me encontrava com o pessoal do Chaos Club local. Assim, meu dia ficava mais que preenchido com tantos afazeres.

Mas eu estava, quando muito, apenas com metade da minha alma ali. Ano após ano, faltava em minha vida algo decisivo. Um sentido. Uma missão com a qual eu realmente vibrasse e quisesse abandonar todo o resto.

À época, o Chaos Computer Club era um ponto de contato importante para mim, e as salas do clube em Berlim estão entre os primeiros endereços que visitei quando vim para a cidade. Como posso descrever o que me agradou tanto nas pessoas de lá? De fato, eram todos lobos solitários convictos. Pessoas muito criativas, inteligentes, às vezes algo brutas, que certamente não perdiam tempo com amizades falsas. Mas, na pretensa falta de competência social superficial, quando aceitam alguém como membro, reservam a ele 10 vezes mais lealdade autêntica. Todos estavam ocupados 24 horas por dia com alguma coisa. Todos os membros do clube eram especialistas renomados em suas respectivas áreas. Fosse em software livre, música eletrônica, arte visual ou coisas de hacker, segurança de TI, proteção de dados ou show de luzes, o espectro de seus interesses era amplo.

Além disso, o clube tinha uma vantagem decisiva diante de tantas outras comunidades: uma sede. Para pessoas que passavam muito tempo em salas de bate-papo, essa era uma vantagem que não se podia subestimar. No clube, era possível sentar com as pessoas, discutir problemas cara a cara e, como pude mais tarde confirmar, em situações difíceis, também

pernoitar numa das diversas poltronas. E o clube cuidava para que todos se reunissem regularmente, como, por exemplo, no congresso anual que acontecia nas instalações da BCC, na Alexanderplatz.

Julian entrou em contato comigo no início de dezembro com a seguinte mensagem: “Nos vemos em Berlim. Fico feliz com a palestra.”

Meu primeiro pensamento foi: “Caramba, ainda bem que também deu certo.” Até pouco antes da conferência, não estava bem claro se sua apresentação aconteceria e eu fizera meu melhor para arranjar tudo para ele. Os prazos de inscrição haviam expirado em agosto. Mas, ao contrário, eu não tinha muita certeza se havia causado agitação demais em Berlim para que, no dia D, ninguém desse a mínima para o WL.

Como era do seu feitio, Julian realmente viajou apenas pouco antes do evento. De qualquer forma, havia sido publicado que não havia nenhuma palestra prevista para ele. Até hoje, não sei se Julian entregou a inscrição que fora exigida dele. É bem possível que, naquela época, as pessoas também não entendessem o tema WikiLeaks ou não o considerassem muito importante. Também é possível que muitos no clube vissem o WL de forma muito crítica e, por isso, ele foi excluído do programa principal.

No início, fomos tomados na Alemanha, acima de tudo, pelas preocupações do forte movimento de proteção de dados. O lema era: “Proteger os dados privados – utilizar os dados públicos.” Estávamos nos movendo em algum lugar entre os dois pontos desse lema e havia muito assunto para discussão.

De qualquer forma, a palestra sobre WL não apareceu no programa oficial. Os organizadores haviam concedido para nós apenas a possibilidade de realizar uma pequena apresentação nas salas de oficina no porão. Julian causou uma grande confusão logo no caixa, pois se recusava a pagar pelo ingresso. Ele partia do princípio de que, em virtude de sua apresentação, teria entrada livre automaticamente – e os assistentes no caixa viam de outra forma. Ele não estava na lista de palestrantes, por isso queriam que pagasse os €70 de entrada.

Julian deixou sua mochila na sala de imprensa – ele sempre viajava apenas com uma mochila – e, a partir de então, tomou a sala para si.

A sala de imprensa era um espaço não muito grande com piso escuro e uma fileira de mesas montadas por trás de divisórias. Ela ficava num ângulo morto do primeiro andar, bem no fim do corredor, e as persianas diante da janela também ficavam o dia todo abaixadas. Em geral, os jornalistas sentavam-se ali com seus laptops para trabalhar em seus textos em paz. Julian tomou posse da sala imediatamente e começou seu expediente, que significava: permanecer por várias horas diante do computador, martelando nas teclas. De fato, num volume bem alto.

Se outros quisessem também utilizar a sala por apenas 15 minutos para conduzir uma entrevista de rádio em paz, Julian se negava a deixar o local ou ao menos trabalhar em seu teclado fazendo um pouco menos de barulho.

Embora à noite os organizadores se esforçassem para se livrar do hóspede insistente, Julian acreditava que também cabia a ele pernoitar por ali, o que também fazia, provavelmente enrolado em sua jaqueta e sobre as mesas, pois o piso era muito frio.

Meu primeiro pensamento quando o vi: que cara descolado! Ele usava uma calça cargo verde-oliva e uma camisa branca, com um colete verde de lã por cima. Com essa camisa, Julian se destacava da maioria dos participantes do congresso.

Ele caminhava com energia, a passos largos. Quando subia as escadas, os degraus tremiam. Há pessoas assim, que andam como se cada passo fosse um teste de resistência para o que está embaixo. Às vezes, começava a correr, pulava e, então, escorregava com suas botas surradas de couro de camelo sobre o piso recém-encerado. Ou escorregava pelo corrimão da escada e quase trombava na aterrissagem. Também me divertia com essas coisas.

Encontramo-nos pela primeira vez na parte de cima, na escada em espiral do primeiro andar do BCC. Esse dia estava incrivelmente cheio.

Lá embaixo, participantes atrasados imploravam para entrar. O recorde de visitantes de 3 mil pessoas acabara de ser quebrado, e essa quantidade recorde se acotovelava tagarelando pelos corredores do centro do congresso. Às vezes, as pessoas ficavam paradas durante 15 minutos em uma fila de 20m de congestionamento humano. Para nós, ali em cima, na escadaria, parecia um pouco mais calmo. À esquerda, ficava um sofá de couro branco com vista para a Alexandersplatz. Julian e eu elegemos aquele local nosso ponto de encontro nos próximos dias. Quando algum de nós precisava ir ao banheiro ou pegar algo para comer, o outro cuidava das coisas. Eu respondia ao olhar curioso dos visitantes cansados com um sorriso significativo.

Primeiro conversamos por horas. Mais tarde, ficamos sentados quietos, lado a lado, com Julian trabalhando, mergulhado em seu computador, e eu fazia o mesmo.

Não sei com o que Julian contava quando iniciou sua viagem para Berlim. Para mim, a sala do porão que haviam nos destinado para a apresentação era um pouco desconfortável. Por sorte, era pequena, pois em nossa apresentação não compareceram nem 20 pessoas – entre elas, nenhum rosto conhecido do clube, o que me deixou muito chateado. Não entendia por que nenhum deles havia se interessado pela ideia do WikiLeaks.

Sentei-me bem na frente à direita e fiquei observando Julian, que explicava o WL com seu sotaque australiano amigável. De fato, Julian vestia todos os dias as mesmas roupas. A camisa muito branca, que, em nosso primeiro encontro, me impressionara tanto, já não parecia mais tão branca pelo uso diário.

Se Julian ficou decepcionado por ter trazido poucas pessoas para o porão, ao menos não deixava transparecer. Falou por 45 minutos e, quando três dos espectadores no final quiseram falar com ele, respondeu de forma paciente às perguntas.

Eu ficava um pouco aborrecido. De qualquer forma, ele mesmo havia custeado sua viagem. Quando eu me voltava aos presentes, às vezes via rostos com pontos de interrogação.

Mais tarde, suas palestras se tornariam claramente mais descritivas e delineadas com mais exemplos, porém, no início, ele falava muito mais em teorias. Julian era realmente incansável quando se tratava de vender suas ideias aos outros. Nos meses que se seguiram – o WL ainda era bem desconhecido e as pessoas nos confundiam com frequência com a Wikipedia –, aqui e ali explicávamos o WL àquele que estava disposto a nos ouvir apenas por alguns minutos. Mesmo que fossem apenas três pessoas. Hoje, todo mundo nos conhece. Naquela época, cada pessoa contava.

Quando também as três pessoas não tiveram mais perguntas, Julian juntou suas coisas, voltou para o sofá e se enfiou novamente em seu trabalho.

Apenas mais tarde, eu soube quantos problemas houve com os organizadores e que Julian se estranhara com muitos conhecidos meus. O clube, que antes era algo como minha pátria social, permaneceu por um bom tempo cético quanto ao WikiLeaks após a nossa apresentação. Nos meses seguintes, eu sempre me perguntava o motivo daquela postura.

A apresentação de Julian havia me impressionado. Aquele australiano espinhoso não ouvia ninguém e nada o dissuadia de trabalhar em suas coisas. Também era bastante culto e tinha uma opinião explícita sobre diversos assuntos. Por exemplo, sua imagem da comunidade dos hackers, que eu tinha em alta conta, era totalmente diferente. Ele considerava essas pessoas idiotas, “inúteis”, como ele as chamava. Ele julgava as pessoas sempre de acordo com a “utilidade” que tinham, como também ele definia essa utilidade. Mesmo os hackers que tinham habilidades especiais seriam idiotas a seus olhos se não aplicassem a própria capacidade em prol de um objetivo maior.



Os julgamentos de Julian eram sempre descomprometidos e ele também gostava de expor suas opiniões sem ser perguntado. Naquela época, eu pensava que ele, com certeza, escandalizaria muitas pessoas.

Tínhamos muito a planejar e a discutir, de modo que não vi necessidade de fazer análises mais profundas sobre o caráter do meu novo conhecido. Na época, nunca me perguntei de forma verdadeira se ele se comportara de forma peculiar ou não. Ao contrário, eu me sentia lisonjeado, pois ele estava interessado num trabalho conjunto comigo. Não apenas fundador do WL, mas Julian Assange também era “Mendax”, membro dos International Subversives: um dos grandes hackers daquela época, coautor de *Underground*, livro que foi fervorosamente adorado pelos iniciantes na área. Conseguimos nos entender de imediato.

Ele pouco quis saber sobre mim. Acredito que me respeitou como alguém que disse, desde o primeiro momento, que queria ajudá-lo e que também ficou a seu lado. Era simples assim e, provavelmente, muito mais do que ele havia recebido de outras pessoas até aquele instante. Isso, eu pude perceber logo: a cada publicação, chegavam mais voluntários que diziam: “Queremos ajudar o WikiLeaks.” E, mesmo quando se atribuíam aos voluntários tarefas concretas, de cada 100 voluntários, um talvez voltasse, quando muito. Por centenas de vezes deleguei muitas tarefas – e explicava a mesma coisa centenas de vezes. E sempre dava em nada.

Creio que Julian já tivera essa experiência e, por isso, estava feliz em ter encontrado um aliado. Além disso, o WikiLeaks nos uniu rapidamente, pois tínhamos os mesmos ideais. Estávamos lado a lado – essa era minha sensação de qualquer forma. Mesmo que ele tenha fundado o WikiLeaks e tivesse mais experiência que eu.

Página deixada intencionalmente em branco

## A luta contra os ursos

Em janeiro de 2008, quando eu estava há poucos meses a bordo do WikiLeaks, surgiu a primeira publicação da qual participei diretamente. Qualquer um teria feito *upload* de uma infinidade de números e cálculos, organogramas, fluxos de trabalho e contratos em nossa caixa postal digital. Para que tudo isso? Julian e eu precisávamos de alguns dias até verificarmos o material. Em centenas de páginas, havia a representação da troca de correspondência interna, memorandos e cálculos da instituição bancária Julius Bär – um dos maiores bancos privados da Suíça.

Pessoas que enviam seu dinheiro aos bancos suíços o fazem, como todos sabem, não apenas por amor aos bons ares dos Alpes. A partir desses documentos, era possível entender como os patrimônios milionários eram escondidos antes da investigação de fraude tributária. Esse fato estava detalhadamente comprovado e fundamentado com a ajuda de casos concretos. Tratava-se de patrimônios entre US\$5 milhões e US\$100 milhões – por cliente. Apenas com os impostos evadidos de dúzias e dúzias desses grandes clientes de alto rendimento, seria possível subsidiar uma dúzia de projetos sociais.

A sofisticação do banco era surpreendente. Um sistema complexo de subsidiárias e transações financeiras garantia que o dinheiro ficaria protegido não apenas de acesso nas Ilhas Cayman. O banco camuflava o fluxo de divisas não apenas no interesse de seus clientes, mas também em seu

próprio, pois enchia os próprios bolsos sem parcimônia. A esperteza das pessoas que conceberam todo o sistema me impressionou.

Pesquisamos outros antecedentes, escrevemos um resumo e apresentamos tudo, item por item, na internet. Uma nota de imprensa seguiu para a mídia. Então, Julian e eu esperamos, tensos, por uma reação. Era segunda-feira, 14 de janeiro de 2008.

Terça-feira era dia de reunião na empresa. Reunião de equipe. Ou seja, respirar ar viciado numa sala de reunião apertada com 15 a 20 pessoas e ficar olhando para planilhas de Excel. Os ponteiros do relógio da sala de reunião pareciam pregados com supercola. A cada cinco minutos, eu verificava escondido meu celular para ver se algo havia aparecido no Google News. Eu pressentia que algo aconteceria, apenas não sabia quando.

Os provedores de um site, em geral, querem saber exatamente quem surfa em suas páginas e em quais botões clica, mas, no nosso caso, isso não era tecnicamente previsto, pois contrariava a abordagem anônima do WikiLeaks. Dessa forma, nunca sabíamos se alguém já tinha visto o material.

Quando meu chefe finalmente terminou a reunião, juntei minhas coisas e corri para fora da empresa. No caminho de casa, comprei numa loja da esquina carne, batatas e couve-flor. De volta à minha casa, no bairro de Westend, em Wiesbaden – porão com dois quartos, cozinha grande e banheiro, todos vindo do mesmo corredor escuro –, deixei as compras no balcão da cozinha e liguei meus dois laptops. Já havia chegado a primeira reação do caso Julius Bär. A primeira faísca de nossa luta contra os poderosos. A prova de fogo! Ela chegou para nós em 15 de janeiro de 2008, às 20h30.

O remetente da mensagem era um escritório de advocacia com sede na Califórnia que representava estrelas de Hollywood. Num tom arrogante, eles exigiam que déssemos o nome do autor dos documentos e apagássemos o material da página de internet.

“Putá merda”, escreveu Julian. “Olha só isso.”

“Vamos acabar com eles”, escrevi de volta.

Julian e eu conversávamos sempre via chat, nunca por telefone. As frases que voaram para lá e para cá entre algum lugar do mundo e Wiesbaden, entre mim e Julian, eram cheias de pontos de exclamação e linguagem pesada.

Enquanto eu descascava as batatas, cozinhava a couve-flor e fritava o bife, pensávamos em como proceder dali em diante. Eu não me preocupava com a possibilidade de que algo ruim acontecesse, que talvez fôssemos presos ou o material fosse confiscado. Ao contrário. Éramos movidos pela raiva.

Documentos oficiais de tribunais ou de órgãos de justiça sempre soam como se tivessem sido redigidos com o único objetivo de despertar no destinatário o máximo possível de sentimentos de impotência e ira. Mas dessa vez eles veriam quem estava do lado mais fraco da corda. Ao mesmo tempo, foi o primeiro teste para constatar se o sistema que elaboramos na teoria de forma tão incrível, funcionaria na prática.

Solicitamos ao escritório de advocacia dados mais concretos. Só poderíamos entregar o caso ao melhor advogado de nossa equipe quando soubéssemos a identidade dos clientes.

Na realidade, estávamos muito longe de dispor de um grande time de advogados. Para ser mais exato, tínhamos o contato de uma única jurista que havia oferecido ajuda gratuita. Seu nome era Julie Turner, morava no Texas, e houve alguns dias de ansiedade até conseguirmos contatá-la. Apesar disso, dávamos para os outros a impressão de sermos grandes e inatingíveis.

Para esse caso, havia adotado para mim o nome Daniel “Schmitt”. Não era especialmente criativo; na verdade, era o nome do meu gato. De qualquer forma, isso deveria despistar os detetives particulares. Ouvíamos de outros que grandes instituições bancárias não hesitavam em contratar uma empresa de investigação privada para vigiar *personae non gratae*. Eu não queria ser investigado. Desde Julius Bär, não me livre mais do nome,

pois assim fiquei conhecido pela imprensa naquela época e assim deveria ficar.

Nos dias que se seguiram, tentei trabalhar o máximo possível em casa. Por volta do meio-dia, enfiava qualquer dispositivo antigo debaixo do braço, acenava para meu chefe apressadamente e dizia algo sobre “preparações de teste, tchau!”. Quando meu celular tocava durante o expediente, eu fugia para o armazém no oitavo andar.

Logo chegaram outros e-mails. Diversos movimentos midiáticos de direitos humanos americanos tomaram o nosso partido. Por fim, tratava-se de nossos melhores interesses: proteção de informantes e liberdade de imprensa. O problema fundamental para os funcionários que queriam divulgar as injustiças em suas próprias empresas, mas eram impedidos por contratos de adesão internos e cláusulas de confidencialidade, já era bastante conhecido e debatido. A temática dos “informantes” nos Estados Unidos também já havia prosperado muito mais do que na Alemanha, onde os denunciadores de segredo eram considerados mais delatores do que heróis da liberdade de informação.

Contudo, à primeira vista, parecia que conseguiríamos pegar a oposição. Os advogados da parte adversária haviam obtido uma liminar com o juiz californiano responsável pelo caso. O foro da ação na Califórnia tinha uma explicação muito simples: o domínio [wikileaks.org](http://wikileaks.org) estava registrado lá. O escritório de advocacia reclamou que os “segredos de negócios” haviam sido “roubados por um ex-funcionário”, que, com isso, teria violado um “acordo de confidencialidade”. O juiz aceitou o pedido. Por isso, a página [WikiLeaks.org](http://WikiLeaks.org) foi retirada da internet. Eles haviam nos apagado. Ao menos foi isso que pensaram. Não tinham ideia dessa parte do princípio WikiLeaks, que era o seguinte: assim que tirassem uma página da rede, em outro local pipocavam imediatamente outras centenas. Por isso era quase impossível nos calar.

O que se seguiu foi uma tempestade mundial de indignação. Nossos telefones não paravam de tocar. Jornalistas de muitos países queriam falar

conosco, precisávamos de dias para responder a todos os e-mails e, com a diferença de fuso horário, não conseguíamos mais dormir direito. Houve diversos artigos e programas televisivos em que a mídia noticiava o caso.

Os jornalistas foram muito espertos em indicar os quase 200 outros sites nos quais o WL ainda permanecia disponível. O *New York Times* dedicou diversos artigos ao caso e publicou num deles nosso endereço de IP. Isso tudo culminou na manchete do noticiário CBS News: “A liberdade de expressão tem um número.” E esse número era o endereço de IP do WikiLeaks: 88.80.13.160. NÓS éramos o número. A propósito, grande e bonito.

Assim, no início de 2008, ficamos conhecidos. Sem a ação da Julius Bär, nunca teríamos conseguido tão rapidamente. Ficamos populares, recebemos ofertas de ajuda e novos documentos. Não sei quando, antes disso, eu sentira minha vida tão emocionante.

Contudo, a coroação foi que pudemos dar aos arrogantes advogados o que eles mereciam. Cerca de 10 dias depois, o juiz reverteu a liminar e a página foi novamente liberada. No mínimo, a pressão pública provavelmente foi responsável por isso. Uma semana mais tarde, o Banco Julius Bär também retirou a queixa. Há pouco li que a entrada de dinheiro do banco em virtude das investigações em toda a Europa por fraude fiscal caiu drasticamente no ano de 2010. A propósito, nunca mais houve uma ação sequer contra o WikiLeaks.

Publicamos toda a correspondência que foi trocada entre os advogados e nós. O dano com que o banco teve de arcar por isso foi claramente maior do que se o Julius Bär tivesse aceitado a publicação.

Aparentemente, diversas pessoas foram envolvidas na comunicação. Considerando que nos melhores tempos do WL não mais do que um punhado de pessoas foi incumbido de tarefas importantes, por longos períodos apenas Julian e eu dávamos conta da maior parte do trabalho. Quando um “Thomas Bellmann” ou um “Leon do Departamento Técnico” respondia a e-mails ou prometia encaminhar a pergunta ao departamento jurídico,

este era ninguém menos do que eu próprio. Julian também trabalhava com todos os nomes possíveis. Sempre me perguntam se posso fornecer os contatos de algumas pessoas envolvidas no projeto. Com prazer, divulguei os endereços de e-mails. Mas até hoje, no caso de alguns nomes, não sei se essas pessoas são mesmo reais ou apenas outro Julian Assange. “Jay Lim” cuidava das questões jurídicas para nós. Jay Lim? Talvez um chinês? Nunca encontrei com ele. Inclusive nunca tive contato com os dissidentes chineses que teriam participado da fundação do WikiLeaks.

Por tempo demais, houve apenas um servidor, embora tivesse ficado claro para nós que precisávamos comunicar algo diferente para o público. Nossa infraestrutura deveria parecer amplamente posicionada. Quando esse computador saía do ar, o público ficava em dúvida se fora um ataque inimigo ou censura; de fato, todo o segredo era simples: entulho tecnológico. Talvez também um pouco de amadorismo. Ou, no mínimo, negligência, se fôssemos sinceros. Caso tivessem conhecimento na época de que éramos apenas dois jovens extremamente falastrões com uma única máquina antiquíssima, talvez nossos adversários de então tivessem alguma chance de impedir o crescimento do WikiLeaks. Ou ao menos nos teriam causado mais aborrecimento.

Em 2009, no nosso último Chaos Communication Congress juntos, Julian e eu participamos de uma palestra que tratava de um novo programa para a análise de literatura. Os palestrantes demonstraram como seria simples atribuir diferentes testes a um mesmo e único autor. Como ocorre com seus manuscritos, um autor também se torna inconfundível por meio de elementos de estilo recorrentes, palavras ou uma construção frásica peculiar.

Cutuquei Julian com o pé. Olhamo-nos nos olhos e não conseguimos evitar cair na gargalhada. Se alguém verificasse nossos documentos com esse programa, teria verificado que, por trás de inúmeras notas de



imprensa, análises de documentos e correspondências, estavam apenas as duas e mesmas pessoas. Julian Assange e Daniel Schmitt, que se enfeitavam com um buquê colorido de identidades.

Até o número de ajudantes voluntários era cuidadosamente manipulado – e bastante exagerado. Logo no início, dizíamos que havia milhares de voluntários e centenas de auxiliares ativos que nos ajudavam com os trabalhos. Ao dizermos isso, não mentimos diretamente, pois contamos todas as pessoas que haviam se registrado conosco num *mailing*. Ou seja, essas pessoas de fato, em algum momento, se registraram com a vaga declaração de auxiliar o projeto. Nada – a maioria nunca esteve ativa; eram apenas nomes.

Não houve, em meus primeiros meses de WL, qualquer momento concreto em que esse fato tivesse ficado claro. Às vezes eu me surpreendia, pois nunca encontrara ninguém além de Julian, nunca ouvira que alguém, além de nós dois, havia realizado uma tarefa sequer. Os outros remetentes dos e-mails utilizavam as mesmas contas de WL de Julian. Quando percebi que poucas pessoas de fato participavam, isso apenas fez crescer meu sentimento de ser indispensável. E a impressão de movimentar tanto com tão poucas pessoas me fazia permanecer.

Nossa publicação do Bär trouxe à baila Ralf Schneider,\* um arquiteto alemão que segundo nossos informantes era fraudador fiscal. Recebemos um e-mail dizendo que ele gostaria de enviar vários milhões para manter sob custódia na Suíça – mas só poderia se tratar de uma confusão. Fiquei chocado.

As informações sobre essas pessoas vieram de nossa fonte. De qualquer forma, quem nos repassou os documentos, na esperança de nos ajudar na identificação e no entendimento dos papéis, também havia pesquisado

---

\*Todos os nomes com \* são pseudônimos. A identidade verdadeira só é conhecida pelo autor.

sobre os clientes, anexando-as aos documentos. Justamente com o nome do arquiteto Ralf Schneider\*, ele havia cometido um erro. Trocou o arquiteto alemão pelo verdadeiro malfeitor homônimo, ou seja, o colega de profissão suíço Rolf Schneider.\* Da mesma forma que já havíamos publicado todas as indicações da fonte, adicionamos também as informações sobre o possível engano. No início, a página apresentava o seguinte: “Este documento, a descrição e alguns comentários, de acordo com três fontes independentes, exceto por Julius Bär, são falsos ou falsificados. WikiLeaks está analisando a questão.” Três fontes independentes? Soou bem, mas infelizmente foi inventado.

Por que não excluímos imediatamente o nome, se a informação deixava um inocente em apuros?

Decidimos pelo contrário, pois não era de forma alguma incomum que as pessoas que viam seus nomes publicados em contextos negativos entrassem em contato conosco para pedir que a entrada fosse retirada imediatamente da página. Sempre precisávamos investigar primeiro os casos antes de corrigi-los.

Schneider\* estava irritado – e com toda razão. Quando os clientes procuravam “Ralf Schneider, arquiteto” no Google, deparavam nas primeiras páginas com os resultados que traziam seu nome envolvido com fraudes financeiras. Contudo, ele podia provar para nós que as outras informações dos documentos não se encaixavam em seu perfil. Ele nos escreveu: “Não tenho nem tive em momento algum relação bancária com o Banco Julius Bär. Não tenho casa em Mallorca, nem conta bancária nas Ilhas Cayman, tampouco vivo no exterior. Já solicitei ao meu advogado que abrisse uma queixa-crime por difamação na procuradoria em [...].”

Na verdade, não queríamos mudar nada nas declarações originais da fonte e preferíamos nos munir com outras explicações. Mas, como Schneider\* após um ano nos contatou mais uma vez, pois a pesquisa no Google

por seu nome ainda levava à nossa página, cuidei para que as páginas em arquivo do site de busca fossem atualizadas.

Schneider\* foi acusado injustamente. Pelo que eu saiba, foi o único em toda a história do WL. Pessoalmente, senti muito por ele. Mas, todas as outras reclamações, ameaças e pedidos que chegaram até nós, antes e depois disso, em virtude de nossos vazamentos, eram, no final das contas, tentativas de mascarar os próprios delitos. As pessoas procuravam pelo próprio nome no Google e percebiam que um link apontava para o WL. Em seguida, partiam furiosos para cima de nós. Das ameaças, passaram para pedidos e tentativas de suborno: eles não eram bobos a ponto de deixar passar em branco. Divertíamos-nos com eles.

Por exemplo, publicamos a reclamação de Rudolf Elmer. Até 2003, Elmer havia sido vice-diretor do Julius Bär nas Ilhas Cayman e, em 2008, ajuizou uma ação alegando diversas violações da Convenção dos Direitos Humanos no Tribunal Europeu dos Direitos Humanos. Muitos acreditavam que Elmer também era a fonte para os dados do Julius Bär; de qualquer forma, ele era um combatente especialmente envolvido com as leis bancárias suíças. Uma frase dessa ação menciona que um tal John Reilley,\* do Banco Julius Bär, prestava consultoria. Reilley\* é um investidor famoso que se proclama, em sua página de internet, como grande financiador de projetos sociais e “filantropo”.

Dias depois da publicação, Richard Cohen\* entrou em contato conosco. Ele iniciou sua carta com um hino de louvor ao WikiLeaks, formulou ainda alguns elogios e terminou com a recomendação de que gostaria de fazer uma doação, mas, como o Paypal não funcionava no momento, preferiria organizar para nós uma arrecadação de fundos em Manhattan. Então mencionou, de passagem, que, “por acaso”, havia procurado por seu investidor no WL e, bem, como poderia ser aceitável que logo John Reilley\* aparecesse lá associado a essas fraudes fiscais? Reilley\* estaria acima de qualquer suspeita. Não seria esse provavelmente um caso de erro de tradução?

Seu tom amigável alterou-se quando escrevemos de volta, em poucas frases, que nossa tradução estava na mais perfeita ordem.

Fomos ameaçados por uma série de advogados, processos judiciais e medidas, e a Transparency International, Deus e o mundo seriam informados. Em mais de uma página, Cohen\* completou como o sistema nos destruiria em breve, nos esmagaria como uma barata e, quando estivesse tudo acabado, limparia a sujeita da ponta de sua bota. Nossa próxima mensagem foi ainda mais curta: “Pare de gastar nosso tempo e o seu com essa estupidez.”

Confesso que trazia um sentimento bom imaginar como o adversário rasgava a própria roupa de tanto ódio. E não foi apenas dessa forma que muita gente se irritou comigo nesta vida.

Desenvolvemos um sexto sentido para esse tipo de solicitação que começava com louvores e terminava sempre em execrações.

Em nossa página, também publicávamos esses e-mails, seus elogios e maldições. Assim que publicávamos, o ataque terminava de forma abrupta.

Nossa compreensão de transparência correspondia à publicação de todo o material. Como alguém poderia ter lidado com isso de outra forma? Se não fosse assim, nos acusariam de parcialidade. Se dissesse respeito ao pessoal da direita ou da esquerda, com pessoas simpáticas ou idiotas, publicávamos tudo. Cortávamos os altamente irrelevantes. Com certeza nossas publicações nesse sentido às vezes iam longe, e e-mails particulares que atingiam a vida de terceiros alheios aos fatos não eram excluídos.

Publicamos, por exemplo, a troca de e-mails do autor que nega o holocausto, o revisionista David Irving. Com isso, acabamos indiretamente com sua viagem de leitura pelos Estados Unidos. Após a divulgação de seus locais de apresentação, nenhum organizador mais tinha ânimo para lidar com as marchas de protesto contra Irving. Ao mesmo tempo, os

e-mails revelavam o tratamento truculento que o controverso historiador estendia à sua própria assistente. Sem dúvida, foi uma questão de cunho pessoal. É provável que a publicação tenha sido desagradável para a funcionária. Quem deseja ser exposta como vítima? No entanto, para permanecermos imparciais, precisávamos elevar nossos desejos de transparência ao nível da lei de ferro.

Para Julian, os princípios vinham acima de tudo. Quando uma de nossas fontes descobriu uma falha de segurança no site do senador americano Norm Coleman, de Minnesota, e nos enviou rapidamente os dados publicamente visíveis, Julian quis publicar não apenas os dados dos colaboradores relacionados lá, mas também os dados de seus cartões de crédito e códigos de segurança. Mas antes informamos a todos os envolvidos por e-mail sobre a publicação iminente, para que eles pudessem bloquear suas contas. Além disso, já era possível encontrar os dados há muitas semanas nos sites de trocas de arquivos. Para mim, contudo, o risco parecia muito grande e, acima de tudo, inútil. Após uma longa discussão, chegamos ao consenso de uma publicação em que os últimos dígitos dos números dos cartões seriam cobertos.

Julian tinha um prazer secreto em espalhar o máximo possível de irritação. Ele me dizia que as pessoas gostavam de se irritar. O spam, por exemplo, era considerado por ele um “mal” bem-vindo sobre o qual as pessoas se enfureciam com gosto. Elas faziam dele indiretamente um prazer, pensava ele. Por acaso, pouco antes disso, ele elaborou um *mailing* que incluía 350 mil pessoas numa série recorrente de e-mails do WikiLeaks. Por isso, nosso endereço de e-mail entrou em algumas listas de filtro para spam e não foi tão fácil tirá-lo de lá. No entanto, Julian conseguiu tirar algo positivo daí, pois afirmava que as pessoas se alegravam quando podiam se irritar.

Da mesma forma, consideramos por muito tempo importante a regra de processar os textos em sua sequência de entrada. Queríamos publicar tudo que chegava em nossas mãos, desde que houvesse o mínimo de relevância, e mantivemos essa linha até o final de 2009. Acima de tudo, Julian

pressionava cada vez mais para que os temas mais abordados pela mídia fossem publicados no site com a máxima urgência – um procedimento que mais tarde provocaria desentendimentos graves entre nós.

Porém, na época do Bär, uma briga séria entre Julian e mim teria sido impensável. Era raro nos vermos, durante a maior parte do tempo, nos comunicávamos por chat. Quando nos encontrávamos, era sempre agradável. Ele sempre dizia “Hoi” como cumprimento e eu respondia “How goes?” para dizer como eu estava. Talvez Julian não fosse aquele tipo especialmente agregador, mas tinha talento para produzir um sentimento generoso de reconhecimento mútuo.

Naquela época, era comum não conseguirmos combinar um encontro em locais “normais”, pois Julian receava que alguém pudesse nos observar. Ele achava muito perigoso se alguém nos encontrasse juntos. Nunca o busquei no aeroporto ou na estação ferroviária; ele sempre aparecia aonde quer que eu fosse, batia à porta tarde da noite ou me pedia um ponto de encontro. Não sei ainda como nos revimos pela primeira vez em 2008, após muito tempo, e eu o busquei na plataforma da estação de metrô Rosa-Luxemburg Platz. Ele veio até mim e me deu um forte abraço.

“Bom ver você”, disse ele.

“Também acho”, respondi.

Era raro eu dizer essas palavras de forma tão sincera como disse nesse encontro. Era o máximo tê-lo por perto, pois eu sabia que ele lutava pelas mesmas coisas que eu. E também sabia que ele pouco tirava para si dessa luta mesmo podendo se vender por muito dinheiro. Para ele, tratava-se de mudar a sociedade, botar os bastardos para correr, como ele disse certa vez.

Num fim de semana no verão de 2008, providenciamos um carro de aluguel, uma Kombi Mercedes Classe C. Enchemos o porta-malas de

servidores que compramos com o dinheiro das primeiras doações e fizemos uma pequena viagem pela Europa. Era uma necessidade urgente. Nossa infraestrutura começava a estremecer com as crescentes turbulências. No início, crescer é imperioso, mas nossa infraestrutura técnica ainda era um problema. Da nossa parte, irresponsável. Naquela época, se alguém tivesse descoberto onde nossa máquina estava, poderia ter destruído o WL com grande facilidade.

Inventei uma rota para nossa base. Deveria ficar no país e no exterior, chamar o mínimo de atenção e ser o mais segura possível, e os locais precisavam manter-se em sigilo absoluto – inclusive para não colocar em risco as pessoas que nos alugavam o local dos servidores.

Tínhamos, naquele fim de semana, uma viagem estressante diante de nós. Os funcionários da locadora de carros devem ter olhado assustados para o tacômetro, pois dirigimos o carro exatamente por 24 horas – percorremos 2.100km.

Ou seja, precisei pisar no acelerador, nunca perder de vista no retrovisor os carros que nos seguiam, com receio de alguém observar nossa missão secreta; com Julian tremendo ao meu lado. Era um copiloto terrível, reclamava o tempo todo que eu dirigia muito rápido. Como australiano, ele estava acostumado a ruas muito estreitas e lotadas. Além disso, não se esquecia de que eu guiava do lado errado.

Num dos inúmeros *data centers* nos quais rodávamos nossos servidores, Julian retirava um cabo de energia da sala contígua, cortava-o ao meio, e montava uma nova ligação para seu laptop, pois sua própria fonte de alimentação não alcançava a tomada. Ele não se importava nem um pouco com o fato de nessas *data centers* haver câmeras de vigilância.

Também me lembro de ter utilizado meus últimos francos para me abastecer com Ovomaltine na Suíça. Amo esses achocolatados suíços e me diverti a viagem inteira, pois, quando chegava em casa, preparava um copo imenso para mim. Contudo, quando chegamos a Wiesbaden, não havia nem um restinho sequer de achocolatado em pó. Julian rasgara os pacotes e comera tudo, em pó mesmo.

Em nossa passagem pela Suíça, tivemos vontade de tirar uma foto com pose de vencedores em Zurique, em frente ao prédio do Julius Bär. Se o tempo não fosse tão curto, com certeza teríamos feito isso. Ao mesmo tempo, demos um jeito de fazer entre nós a “*Conversa com o Ursinho*”. Por exemplo, quando falávamos de nossa vitória contra o banco, não era algo como “Davi contra Golias”, mas sim “Davi contra os Ursos”<sup>1</sup>

Depois disso, houve vazamentos mais significativos, revelações significativas para a política mundial, momentos de glória nos noticiários das 20 horas. No entanto, não conseguimos festejar como o fizemos no caso do derrotado Julius Bär. Um banco com recursos inesgotáveis, que tinha como representante um proeminente escritório de advocacia, e que foi derrotado por nós e por nosso esquema inteligente. Os chefões dos ursos provavelmente estavam acostumados a calar as pessoas com uma única carta. Conosco, eles queimaram as patas. Acima de tudo: se lá, onde lidavam com valores milionários, o comando não estava de forma alguma com as pessoas mais espertas e poderosas, onde mais estaria? Essas pessoas encontravam para cada negócio sujo um meio de se safar. No entanto, não tinham conseguido encontrar uma maneira de nos eliminar. E éramos apenas duas pessoas com uma pequena máquina toda ferrada. Naquele momento, pela primeira vez, tive a certeza de que poderíamos lutar contra o mundo todo.

Seria exagero dizer que meu ego fora levantado de forma decisiva. Antes eu não tinha crises de autoestima. Mas quando se derrota uma horda de ursos, pode-se enfrentar a vida com um pouco mais de autoconfiança.

---

<sup>1</sup>*Nota do Tradutor:* Urso é a tradução de *Bär*, parte do nome do Banco Julius Bär.



Minha casa não era muito longe da loja de produtos naturais alternativa e de oposição na qual diariamente eu fazia compras. Ela se chamava Haselnuss e ficava duas quadras para baixo da minha rua. Meus pontos de contato com o mundo normal não eram mais tão numerosos naquela época, e a loja de produtos do campo estava entre as poucas que haviam permanecido. E, após a história de Julius Bär, eu entrava na loja com o seguinte pensamento: “Se vocês soubessem quem nós acabamos de derrubar, vocês também achariam ótimo.”

Sempre eram os mesmos três funcionários. Eu conversava com eles enquanto empacotava minhas latas de creme de leite ou coalhada. Certa vez, perguntaram-me em que eu trabalhava. Acho que, das minhas explicações sobre internet e a luta contra a corrupção, eles entenderam que eu deveria ser um desses caras loucos por informática. Sorriram amigavelmente e colocaram no meu pacote um vidrinho da nova pasta de amendoim *fair trade* “para experimentar”, e continuamos a conversar sobre patês, assunto mais interessante para eles.

Na loja Haselnuss, também havia jornais, de fato menos publicações que iluminassem os acontecimentos mundiais de uma perspectiva gay marxista do que jornais burgueses sérios, como o *Frankfurter Allgemeine Zeitung* (FAZ). Entre eles, estavam alguns que traziam algo sobre o caso Julius Bär. Às vezes eu olhava entre as pilhas e, interiormente, ficava feliz que os funcionários do Haselnuss não soubessem que um dos caras do WikiLeaks era essa figura desajeitada com camiseta estampada e barba malfeita que todo dia comprava iogurte para tomar no café da manhã.

Página deixada intencionalmente em branco

## A seita e nós

Não restava tempo para descansar das batalhas e, pouco depois do vazamento de Julius Bär, chegaram até nós os primeiros documentos sobre Cientologia. Nós mesmos não sabíamos de onde eles vinham, mas não era por acaso que, quase simultaneamente, muitas pessoas dos Anonymous surgiram em nosso chat.

Esse grupo internacional de ativistas da internet havia declarado guerra à Cientologia. O nome Anonymous surgiu do fato de alguns usuários de internet não desejarem dar qualquer informação sobre a própria identidade em fóruns ou *image boards*. É possível reconhecer os Anonymous pela máscara de Guy Fawkes, que eles assumiram do *graphic novel V de Vingança*. Guy Fawkes era um golpista que quis explodir o Parlamento inglês em 1605 e cujas feições servem ao protagonista de *V de Vingança* como mascarado. O pessoal do Anonymous também utilizava essa máscara e surge com ela em vídeos do YouTube ou em ações de protesto. A máscara de homem com bigode fino e cavanhaque, e o sorrisinho petrificado, parecem um tanto sinistros.

Em seu site, os Anonymous expõem o próprio medo diante de sua adversária, a Cientologia: “Poderia parecer que estamos tentando amedrontar as pessoas, mas não somos assim. A Cientologia às vezes persegue cidadãos comuns que protestam contra suas maquinacões. Com ‘perseguir’, queremos dizer seguir os passos e assediar. Eles seguem alguém apenas porque não compartilha a mesma visão de mundo. Protegemo-nos contra

a intimidação e o assédio que alguns dos nossos já tiveram de aguentar. A organização Cientologia é assustadoramente rica, dispõe de uma equipe inacreditável de advogados e é famosa pelos litígios absurdos. Por isso, as máscaras.”

Os Anonymous assinam suas postagens em vídeo ou mensagens também com o lema: “Conhecimento é livre. Somos os Anonymous. Somos uma legião. Não perdoamos. Não esquecemos. Preparem-se!”

A Cientologia era um adversário poderoso. A seita privou muitas pessoas da possibilidade de falar qualquer coisa a seu respeito. Acima de tudo, membros que haviam rompido com a Cientologia e alertavam outras pessoas sobre os métodos da seita foram coagidos, assediados e processados.

Conosco, os informantes tinham a possibilidade de publicar suas informações sem correr o risco de serem processados pela Cientologia. Comprovamos com o caso Julius Bär que ninguém gostaria de empreender nada contra nós.

A princípio, publicamos, acima de tudo, os manuais internos da seita. Em seguida, chegaram cada vez mais documentos para nós. Após termos penetrado no “Sistema do Banco”, também mergulhamos no “Sistema da Seita”. Antes disso, eu nunca havia prestado muita atenção à Cientologia e estava fascinado.

Como cientólogo, a pessoa trabalha, por assim dizer, para subir na seita, de nível em nível, com o objetivo de se “purificar”. De acordo com seu desempenho, alcança-se certo “nível thetano”.

Os thetanos são criaturas esquisitas. Diz-se que nosso universo, composto por 76 planetas, há milhões de anos sofreu com a superpopulação e um ditador intergaláctico chamado Xenu viajou com a missão de salvação pelas galáxias. Como uma contraparte de Noé, Xenu reuniu a escória da população do universo, principalmente criminosos e outras figuras obscuras. Aqui na Terra, ele tratou de assassinar esses seres, prendendo-os em vulcões havaianos e lançando sobre eles bombas atômicas. Tudo certo!

Desde então, os thetanos vagam sobre a Terra como espíritos que, contudo, se apossaram dos seres humanos primitivos na busca por um corpo, podendo materializar-se mais uma vez. Quando hoje um ser humano tem um problema, é culpa do thetano que reside no fundo de seu ser – isso, de acordo com a doutrina da Cientologia, que deseja, dessa forma, ajudar os humanos a se livrarem de seus thetanos internos. O fundador, L. Ron Hubbard, afirmava – também publicamos as primeiras gravações em áudio com suas apresentações nos anos 1950 – ter centenas de milhões de anos e viajar como observador por todo o universo.

No entanto, mesmo o mais pateta dos membros iniciantes da Cientologia provavelmente não engoliria uma bobagem dessas de pronto. Como consequência, essas informações são concedidas apenas a partir de determinado nível. Antes disso, os membros da seita são proibidos de sequer olhar uma parte dos Escritos para os quais eles ainda não estão preparados. Por exemplo, apenas os cientólogos a partir do nível 3 têm a informação de que seu mundo é habitado por seres extraterrenos.

Os manuais não são apenas secretos, mas principalmente caros. Por exemplo, para se informar sobre a existência dos extraterrestres, em geral é necessário doar à Cientologia um valor equivalente a uma casa de grandes proporções. Os *e-books* que publicamos na página ultrapassam valores equivalentes a centenas de milhares de dólares.

Quem não progredir com rapidez suficiente na luta contra seus thetanos, não transferir dinheiro suficiente para a Cientologia ou, na ocasião adequada, tiver conquistado poucos novos membros precisa ser “reabilitado”. Isso significa que, se essa pessoa for azarada, aterrissa num dos assim chamados “Rehabilitation Force Project (RFP)”. Algo como uma instituição de melhoria.

A Cientologia opera também uma frota composta por seus próprios navios. A marina da seita chama-se “Sea Organisation”, com a abreviação Sea Org. Quem era indicado para esses navios por seu desempenho ruim seguia para a unidade de RFP Sea Org correspondente, o que envolvia

uma série de punições absurdas. É possível ler nos documentos apresentados a nós o que os atingidos têm de passar.

Por exemplo, como castigo, o enviado precisa vestir uma roupa de borraça preta de corpo inteiro e é isolado do resto da tripulação. Ele não tem permissão de fazer as refeições antes de todos e comer apenas o que seus colegas deixarem de resto. Ele não deve se mover em velocidade normal, deve sempre correr. No navio, ele precisa esvaziar o contêiner de dejetos ou realizar outros trabalhos degradantes que outros membros, a qualquer momento, venham a ordenar. Apenas quando tiver cumprido os trabalhos punitivos, pode voltar a se dedicar às suas tarefas efetivas, a seu contínuo desenvolvimento espiritual, ao estudo dos Escritos.

Lisa McPherson era uma jovem que, em 1995, faleceu quando estava aos cuidados da Cientologia, o que causou a primeira grande onda de indignação contra a Cientologia na mídia. Antes disso, a seita era mesmo desconhecida.

As circunstâncias da morte de Lisa não foram até hoje totalmente esclarecidas. Sabe-se apenas que a mulher de 36 anos foi levada para o hospital após um acidente automobilístico leve com colapso nervoso. Foi retirada de lá por dois cientólogos que afirmavam que podiam provar, por meio de documentos, que eram responsáveis pela saúde de Lisa McPherson. Num dos departamentos de reabilitação, sujeitaram Lisa a um *introspection rundown* (degrado introspectivo). Fomos os primeiros a publicar os procedimentos utilizados pela Cientologia.

Ninguém tinha permissão para falar com Lisa McPherson durante o procedimento. Pelo isolamento, ela deveria aprender a livrar-se por si só da situação. Para alguém que sofria de uma crise psíquica, o isolamento foi fatal.

Lisa McPherson passava por uma crise psíquica. O relatório do tribunal concluiu também que ela não ingeriu líquido o suficiente. Uma

grave desidratação e muito tempo de cama levaram-na, por fim, a uma trombose que não foi percebida ou tratada adequadamente, e ela acabou falecendo de embolia pulmonar. Seu *Rundown* terminou em morte. O corpo, que estava em mau estado, foi transferido pelos cientólogos no dia 5 de dezembro de 1995, para um hospital da Flórida.

Foi aberta uma investigação para apurar os responsáveis, em consequência de assistência omissa e exercício da profissão médica sem a habilitação correspondente. Contudo, o processo foi arquivado no segundo semestre de 2000, por falta de provas. Em outro processo, os familiares entraram num acordo financeiro com a cientologia em 2004, cujo valor exato não foi comunicado publicamente.

O que tornava nossas publicações valiosas, entre outras coisas, era o fato de que continham os procedimentos exatos, como, por exemplo, o *Rundown*. Além disso, reunimos inúmeras gravações em vídeo e áudio em nossa página e publicamos listas com empresas e sociedades que tinham ligação com a rede da Cientologia. Entre elas, também havia empresas que realizavam testes de contratação como prestadoras de serviço ou instituições sociais, como, por exemplo, uma agência americana de auxílio a usuários de drogas.

O pessoal do Anonymous nos ajudou a estruturar e escolher o material para nossa página, oferecendo muitas informações úteis.

Cheguei a falar ao telefone com alguns deles. Certa vez saí tarde da noite no frio em busca de uma *call shop* para ligar para os nossos informantes nos Estados Unidos. Lá eu ficava encostado à parede de compensado da cabine, envolto pelo murmurar tranquilizante de exilados árabes, indianos ou africanos de Wiesbaden, para ouvir histórias escabrosas da vida de um ex-cientólogo. Às vezes, essas conversas duravam até as primeiras horas da manhã.

Para ficar acordado, na maioria das vezes eu levava comigo um Club Mate, bebida com alto teor de cafeína que eu colocava a meu lado, enquanto tentava acalmar o desconhecido no outro lado da linha. Um

deles temia pela própria vida após a sua saída da Sea Org. Outro queria saber como poderia nos enviar material em vídeo. E outro ainda apenas queria conversar – embora, de fato, todos quisessem isso. Em especial os ex-cientólogos cuja saída era bastante recente ficavam com os nervos em frangalhos e gratos ao jovem alemão que pacientemente os ouvia.

Os funcionários da agência telefônica com certeza estavam acostumados com o fato de que outras figuras sinistras quisessem dar telefonemas anônimos em suas instalações, mas eu ultrapassei os limites normais. Comigo, ainda estão com certeza cerca de 100 chips de celular, que mantenho em potes de filme fotográfico. Práticos para meus propósitos eram os chips já pré-registrados, que, em Westend, são vendidos em todo e qualquer lugar por baixo dos panos. Mas às vezes eu comprava uma série de números, procurava na internet por nomes e endereços de uma família grande – festas de aniversário, por exemplo, são muito festejadas em blogs e oferecem bons pontos de referência – e registrava em seus nomes todo o pacote de números. Eu era um profissional em questões de segurança. Quem falava ao telefone comigo certamente não seria grampeado por ninguém.

A transferência de documentos também era segura. Providenciávamos para que os documentos polêmicos chegassem a nós por tantos desvios, criptografias, processos de anonimato e com tantos ruídos quanto possível na comunicação, para que seu caminho não fosse rastreado por ninguém. Entrávamos em contato com nossas fontes o mínimo de vezes possível, e uma chamada de retorno só acontecia em caso de emergência. O remetente não deixava rastros na internet, nem a menor impressão digital, sequer uma faísca de dados.

Também não tínhamos responder a processos judiciais. Ao contrário, esperávamos que a Cientologia em algum momento nos processasse. Certamente, a ação seria malsucedida para a seita, e traria mais publicidade para os espetaculares documentos. Como no caso Julius Bär.



Quase mensalmente, acontecia em cada grande cidade um protesto contra a Cientologia. Neles, os Anonymous carregavam faixas nas quais estava escrito: “Processem o WL, suas bichinhas.”

Os representantes da seita, contudo, se mostravam mais espertos do que nossos adversários do banco. Ou contavam com a vantagem de ter chegado mais tarde: no caso Julius Bär, todo mundo já constatará que eles provavelmente perderiam numa ação ajuizada contra nós.

Pessoalmente, o culto em torno do fundador da Cientologia, L. Ron Hubbard, me fascinava. Antigas gravações mostravam o ex-autor de ficção científica como palestrante em universidades. Lá, ele explicava aos ouvintes que contava com milhões de anos e viajava de planeta em planeta pelo universo para, em todos os lugares, zelar por justiça. No início, as pessoas riam. Perto do fim da gravação, era possível ter a impressão de que se formara no auditório um relacionamento quase amigável entre Hubbard e seu público. Hubbard tinha um talento especial. Ele era um contador de histórias envolvente, conseguia rir de si mesmo e apresentava às pessoas, com toda a seriedade, as histórias mais estapafúrdias.

Na época, Julian e eu fizemos muitas brincadeiras sobre como faria sentido também para nós fundar uma religião. Ela traria a solução para muitos de nossos problemas. Quando, por exemplo, pouquíssimas pessoas lessem os documentos que considerássemos importantes, enviaríamos uma equipe de Testemunhas de Jeová. Elas bateriam às portas e leriam nossos vazamentos: “Olá, o senhor conhece essa passagem, trata-se de fornecimento de águas – corrupção em cifras milionárias!”

No vazamento sobre Cientologia, os rapazes dos Anonymous nos ajudaram. Eles prepararam o Wiki de forma que os leitores visualizassem melhor a enxurrada de documentos. Eram todos voluntários.

Da mesma forma, poderíamos fazer bom uso disso em outras coletas de material. Em geral, tínhamos um problema: os que trabalhavam externamente eram difíceis de serem motivados para um trabalho conjunto. Para nós, estava claro que, em longo prazo, não poderíamos fazer frente a tudo sozinhos. Aqui e ali, apareciam também novas pessoas no chat e ofereciam ajuda. Mas como poderíamos saber se nesse caso tratava-se de pessoas que lutavam pelas mesmas ideias que nós? E que não espalhariam questões de segurança relevantes?

Um culto religioso teria facilitado muito. Os colaboradores da Cientologia eram altamente motivados, apesar de as condições de trabalho e vida arrepiarem os cabelos. A Cientologia tirava tudo deles e, quando o dinheiro se esgotava, precisavam entregar até mesmo casas, objetos de valor e seguros. Quem quisesse prestar sua contribuição de outra forma podia assumir cargos para a Cientologia e recebia por isso apenas uns trocados regulares e poucas férias.

Hoje eu me pergunto se o WikiLeaks nos últimos meses também não evoluiu para uma forma de culto religioso. No mínimo para um sistema em que a crítica interna era quase impossível. Os fracassos precisavam ter motivos externos, o guru era intocável e não podia ser questionado. O perigo vinha de dentro, o que fortalecia a união interna. Quem apresentasse muitas críticas seria castigado, ameaçado com a proibição de comunicação ou a menção de possíveis consequências. E cada aliado deveria saber apenas o necessário para realizar suas atividades.

Assim, podemos, no mínimo, dizer: como precisou lidar bastante com a leitura dos documentos da Cientologia, Julian compreendeu bem o fenômeno “culto”.

## **As primeiras experiências com a mídia**

Culto e sigilo, lavagem de dinheiro, trapanças jurídicas e marketing – aprendemos exclusivamente com aqueles que combatíamos. Mais tarde, Julian quis lançar mão de táticas de mascaramento semelhantes em nossas próprias finanças, como no Banco de Zurique. Com relação à nossa própria estrutura, queríamos mantê-la o mais escondida possível e fazíamos um mistério imenso em torno de nossa equipe – como a Cientologia. Na Suíça, terra que expusemos ao ridículo pelas leis bancárias frágeis e pela política covarde, Julian buscou asilo no fim de 2010, fugindo dos promotores públicos suecos. Até mesmo a linguagem militar encontrou abrigo no discurso de Julian. Ele nunca mais me perguntou se eu sabia onde nosso técnico estava, mas sim se ele estaria “AWOL” (*away without official leave* – ausente sem licença oficial), ou seja, teria desertado. Quando se tratou de retirar os nomes de informantes entre os militares americanos dos documentos relacionados à Guerra do Afeganistão, chamamos isso “Harm Minimization” (minoração de danos).

A próxima área na qual precisávamos obrigatoriamente tentar nos tornar especialistas era em paisagem midiática. Queríamos aprender com a mídia a manipular a opinião pública.

Naquele momento, já tínhamos as primeiras experiências com jornal e rádio, nem sempre boas. Por exemplo, uma descoberta importante foi que, no caso de crise, é muito melhor omitir-se do que gastar energia tentando desmentir os próprios pontos fracos ou erros e silenciá-los de forma argumentativa. Muito complexo! No começo, para cada pequeno deslize, eu prestava informações amigáveis. Contudo, a opinião pública esquecia rapidamente. O que importava era a próxima história. Quando havia algo de novo para escrever, ninguém mais perguntava sobre antigos deslizes.

Assim, um jornalista do periódico *taz* lançou a questão, indagando se nossa estrutura jurídica e nosso servidor na Suécia aguentariam um teste de resistência sério. De qualquer forma, essa questão dizia respeito à promessa de proteção que dávamos às nossas fontes. De fato, havia uma lacuna formal que não era tão problemática. Ao menos esse jornalista não apresentou apenas indícios fortes de que nossa estrutura seria tudo, menos invulnerável.

Quando eu abordava Julian com esse problema, ele me interrompia de forma ríspida. “O autor está mal informado”, atacava ele. Pouco depois, ele soltava um tweet: “O artigo atualmente em circulação sobre a legalidade da proteção das fontes no WikiLeaks é falso.” Com isso o caso estava encerrado para ele.

A estratégia era a seguinte: era necessário apenas descrever antecedentes bastante complicados e confusos para passar a impressão da invulnerabilidade. Eu tentava explicar, da forma mais complicada possível, os detalhes técnicos. Com frequência, não queriam confessar que não tinham a menor ideia e desistiam, exaustos. Era o princípio do terrorismo ou da burocracia: o opositor não consegue atacar alguém quando não tem como se ater a um ponto no qual possa pegar esse alguém. Também na gestão de clientes, funciona de forma semelhante: quem deseja reclamar mas não encontra um contato que seja responsável pela reclamação precisa engolir seu descontentamento.

Para nós, significava que talvez não fosse mesmo o caso de saber se algo era realmente *verdadeiro*, mas apenas de saber como comprávamos esse algo. Para lidar com uma questão ou mesmo publicamente assumir uma posição, o problema teria de se elevar ao nível da realidade. Olhando para trás, é surpreendente constatar como Julian conseguiu acabar com alguns problemas apenas ignorando-os.

Aprendemos com o tempo também com quais jornalistas podíamos trabalhar em conjunto para conseguir a maior atenção possível em relação a uma notícia. Na dúvida, escolhíamos jornais ou programas televisivos que garantissem para nós um círculo de leitores maior e mais variado do que as mídias que estavam mais bem informadas e proporiām as questões mais inteligentes, mas que fossem lidos e vistos por pessoas que não precisávamos mais tentar convencer.

Contudo, o trabalho conjunto com mídias para o grande público nem sempre correu sem problemas. No fim de 2009, publicamos mais de 10 mil páginas dos contratos secretos de cobrança de pedágio. Nesses contratos entre o governo federal alemão, bem como com a Daimler, a Deutsche Telekom e a sociedade francesa de estradas Cofiroute, o governo federal alemão havia prometido ao consórcio de operadoras de sistemas de pedágio para veículos pesados uma taxa de retorno totalmente ilusória, na ordem de 19%. Falava-se aqui de mais de €1 bilhão, um valor difícil de alcançar e que, no final das contas, precisaria ser assumido pelos contribuintes. Posteriormente, os participantes haviam concordado em não divulgar ao público o conteúdo do acordo.

Naquele momento, decidimos entregar o material, em primeiro lugar, a dois jornalistas, para que eles pudessem utilizá-lo com exclusividade. Já sabíamos que questões muito complicadas – e o material do contrato era de uma complexidade gigantesca – precisavam ser trabalhadas pela mídia aos poucos. Eles podiam implicar ainda muita polêmica – se ninguém tornasse os documentos públicos, nosso site não despertaria a menor atenção. Escolhemos como nossos parceiros o jornalista de informática

Detlef Borchers, que já escrevera sobre o tema para periódicos da Editora Heise, especializada em temas na área de informática, e Hans-Martin Tillack, repórter bastante premiado e, certamente, versado no assunto da revista *Stern*.

Da *Stern*, esperávamos, acima de tudo, a maior atenção possível. Na época, a revista contava com 7 milhões de leitores espalhados pelos círculos de leitura, e alcançava um público amplo, estando até em salões de cabeleireiros e consultórios médicos.

Encontrei Tillack em seu escritório em Berlim, no Hackeschen Markt. Do quinto ou sexto andar, no qual ficava seu escritório, tinha-se uma bela vista desse bairro de compras e negócios no centro de Berlim. Tillack estava sentado diante de suas grandes estantes de livros, as mãos cruzadas à frente do corpo, um homem impaciente, totalmente absorvido por seu papel: jornalista estrela e experiente. Cada uma de minhas frases era comentada pelo senhor de 49 anos com um “Sim, sim”, antes mesmo de eu ter a chance de lhe falar até o fim.

Puxei da bolsa minha cópia do contrato de cobrança de pedágio. Embora ele me tratasse como um colegial, percebi um grande interesse em seus olhos. Tillack me assegurou que daria destaque ao WL no artigo.

“Estou certo de que encontraremos uma solução para uma apreciação digna do WL que deixará os senhores satisfeitos”, escreveu por e-mail, após nosso encontro.

Para mim, estava claro que seria explicado como a plataforma funciona e o que estava por trás desse projeto.

Logo que liguei para lhe perguntar se ele precisaria de mais informações minhas, ele reagiu, irritado, e deu a entender que não pensava em manter nosso acordo.

No fim das contas, o que ele fez com a história foi bastante decepcionante para nós. O artigo sugeria que a história havia surgido principalmente

de suas próprias pesquisas investigativas. Faltaram informações básicas sobre o WikiLeaks, e eu precisei de bastante tempo até encontrar o destaque que ele havia prometido: “Os documentos do contrato já foram transferidos aos operadores do site especializado em documentos secretos, o WikiLeaks, que irão colocá-los à disposição nos próximos dias.”

Tentei me acalmar. O que me irritava tanto sobre Tillack? Apenas não trabalharíamos mais com ele. No e-mail enviado em resposta à minha primeira mensagem, ele disse realmente tudo:

“Foi o máximo que consegui fazer. Meu chefe me perguntou por que não havíamos sequer mencionado o WikiLeaks. E como esses documentos são diferentes daqueles do grupo farmacêutico alemão,<sup>1</sup> os senhores foram mencionados nesse caso não numa revista de circulação menor, como a *WirtschaftsWoche*, mas na *Stern*, com uma tiragem de 1 milhão de exemplares e 7 milhões de leitores! Atenciosamente, Hans-Martin Tillack.”

Mesmo assim, tivemos diversas experiências boas com a mídia. A *WirtschaftsWoche*, por exemplo, sempre manteve seus acordos, também o *Zeit Online*, no caso do relato do policial militar sobre o bombardeio de dois caminhões-tanque na província afegã de Kundus.

Esse relatório sobre as possíveis violações e tentativas de encobrimento do coronel das Forças Armadas alemãs, Georg Klein, já estava disponível para um punhado de empresas de mídia bem informadas. Contudo, em vez de tornar as informações acessíveis ao público, *Bild*, *Spiegel* e o *Süddeutsche Zeitung* citaram-nas, por uma semana inteira, apenas para apreciação e em pequenos aperitivos. O *Zeit Online* escreveu sobre o fato e, então, indicou o documento completo para que o leitor pudesse fazer sua própria interpretação.

---

<sup>1</sup>Por motivos jurídicos, o nome da empresa foi retirado.

Era um papel que no futuro deveríamos assumir com mais frequência: dávamos acesso integral a todas as fontes que eram apenas parcialmente citadas pelos meios de comunicação (isso porque lhes faltava a plataforma para que eles próprios as publicassem, pois temiam as consequências judiciais, ou, o que era ainda mais comum, os jornalistas não gostavam de dividir seu material exclusivo com os colegas).

Precisávamos também aprender quais temas eram bem recebidos pelos meios de comunicação e quais despertavam menos atenção. As duas páginas sobre Cobrança de Pedágio eram seguidas na *Stern* por um relato exagerado sobre religiões alternativas, que, acima de tudo, cativava pelas suas ilustrações: mulheres nuas fumando charuto.

Tínhamos de aceitar: não eram, de forma alguma, os vazamentos cheios de conteúdo que chamavam a atenção, mas aqueles sobre os quais se poderia falar mais e com mais facilidade. Assim, o público se interessava imensamente pela conta de e-mail hackeada de Sarah Palin. A capacidade explosiva desse vazamento não era especialmente grande, no máximo era possível criticar o fato de Palin ter usado uma conta particular para enviar comunicações políticas do partido. Na conta, encontravam-se, no mínimo, uma foto de família, ou seja, fotos privadas de seus filhos. E isso foi longa e amplamente discutido nos meios de comunicação.

Nesse ponto, considere o vazamento realmente fraco. Sua relevância era até mesmo questionável. Contudo, fazia parte de nosso procedimento publicar todos os documentos que chegavam a nós sem censura. E, por outro lado, isso também era uma estratégia: tentávamos, a cada vazamento, ampliar as fronteiras do viável um pouco mais em terreno não conquistado. Assim, no próximo vazamento poderíamos dar um passo adiante.

O que é público, o que é privado? Exatamente em torno dessas questões, queríamos levantar uma discussão. E sempre era melhor conduzir o debate sobre as contas de e-mail de Sarah Palin do que sobre os dados de consumidores particulares. Além disso, estávamos convencidos



de fortalecer o projeto estendendo cada vez mais o limite do aceitável, e verificamos que, com isso, nos dávamos bem. Fomos sempre ousados. Ninguém podia nos deter.

Em contraste, o interesse nos documentos publicados, em novembro de 2009, do grupo farmacêutico alemão foi incrivelmente pequeno. Os documentos da investigação faziam parte dos meus vazamentos preferidos de 2009. Eles podem ser lidos como um caso clássico de suborno e também são compreensíveis por qualquer pessoa, sem grandes ajustes.

Os representantes farmacêuticos pagaram aos médicos para que prescrevessem mais medicamentos de um fabricante. Publicamos os arquivos da investigação de 96 páginas, da direção da polícia estadual responsável e da Procuradoria Pública. Os documentos apresentavam o *modus operandi* de alguns representantes farmacêuticos: quando prescreviam a seus pacientes um produto desse fabricante, os médicos recebiam participação nas receitas aumentadas. Também havia pagamentos diretos. Em e-mails internos, havia a seguinte mensagem de uma diretora regional: “Se um médico quiser dinheiro, me ligue, daremos um jeito.” Outro método para o médico trazer mais prescrições era a distribuição de créditos para cursos e seminários de preços elevados.

Posteriormente, os processos foram arquivados, pois não havia prejuízo para a empresa farmacêutica, e os médicos investigados não haviam sido subornados de acordo com a lei – a declaração formal, nesse caso, é a seguinte: médicos não são subornáveis, pois não são servidores públicos ou funcionários.

Lembro-me ainda do encontro bastante interessante com relação a um programa de Katrin Bauerfeind. Bauerfeind iniciou sua carreira com o programa de internet “Ehrensensf” e, hoje, tem um programa próprio no

“3sat”. Após as nossas gravações, sua editora me disse que chamou bastante sua atenção constatar como eu era otimista e confiava tanto nas pessoas.

De fato, tenho uma ideia bastante positiva das pessoas. Sou da opinião de que as pessoas se interessam em se informar por si mesmas, mas preferem ser mantidas na ignorância pelos meios de comunicação, pela política ou por seus chefes. Quando se entregam, nas mãos das pessoas, informações suficientes sobre os fatos correspondentes, elas também ficam na situação de se comportar corretamente e tomar boas decisões.

Sua experiência era totalmente outra, disse a editora. Ela acreditava que as pessoas não se interessavam por contextos complexos. Quando assisti ao programa, a velha pergunta sobre causa e efeito: seu programa durava, em média, 30 minutos. Tínhamos 10 minutos de transmissão e as outras duas reportagens eram sobre assuntos como: “O Muro caiu – e toda Berlim dança techno” e “Miss Platinum – a verdadeira Lady Gaga”. Com isso, não quero dizer que seria necessário um programa de 30 minutos sobre o WL para tornar o mundo melhor. Apenas me perguntei, depois disso, o que vinha em primeiro lugar: o programa ruim ou o público ruim. Talvez fosse necessário devolver ao público a condição de exigir um programa melhor.

Em médio prazo, outras publicações resultaram em pouco interesse público, mas, por outro lado, trouxeram análises de longa duração ou publicações científicas em revistas especializadas. Por exemplo, a publicação de todas as mensagens de texto que foram enviadas de celulares e pagers sobre o 11 de Setembro – ou seja, pouco antes, durante e depois dos ataques ao World Trade Center. Pesquisadores analisaram as composições de texto por conceitos-chave, como dor, medo ou ódio. Resultado: conceitos que expressavam agressões aumentavam cada vez mais com o passar dos dias após os ataques. Dor e medo. Era uma prova para a tese de que violência leva a mais violência.

Por sua vez, antropólogos interessaram-se por nossa publicação sobre o “Human Terrain System”, na qual fica claro que seus colegas de profissão

ajudam os militares americanos em missão militar a entender a população nativa e personalizar sua propaganda de acordo com o país e a cultura.

Também para o entusiasmo principalmente da área acadêmica, fornecem os assim chamados “Relatórios CRS”, os Relatórios de Serviços de Pesquisa do Congresso. O Congresso americano dispõe de um serviço de informação científica próprio. Cada congressista pode acionar esse serviço e lá solicitar informações. Os relatórios são expedidos com grande esmero e em qualidade excepcional com relação aos temas mais diversos, entre eles, por exemplo, um relatório sobre a indústria de algodão no México ou as armas de dizimação em massa na China.

Muitos cientistas adorariam pôr as mãos nesses dossiês financiados com o dinheiro de impostos. Contudo, os congressistas precisam decidir se o relatório deve ser publicado ou não. A maioria proíbe a publicação. Para tanto, pode haver diversos motivos: por um lado, pode-se reconstituir posteriormente desde o momento em que um congressista sabia sobre determinado problema ou por qual assunto se interessou. Também pode ser que os resultados não sejam os esperados – tivemos um vazamento semelhante na Alemanha, por exemplo, com relação a um estudo sobre os seguros de saúde particulares. Quando os cientistas encarregados da pesquisa chegaram à conclusão de que os fundos privados não traziam de forma alguma os benefícios sociais alegados, o ministro da Economia responsável, Rainer Brüderle, do partido FDP, preferiu dar um sumiço nos papéis.

Da mesma forma, um Relatório CRS pode classificar as leis de um congressista como decisões equivocadas, argumentos como falsos e administrações como mal organizadas. Na Lista dos Mais Procurados do Centro para Democracia e Tecnologia (CDT) – uma proeminente organização de direitos civis americana que se especializou em tecnologia e política –, esses relatórios estiveram, contudo, por muito tempo em primeiro lugar. E nós colocamos milhares desses Relatórios CRS em nossa página. Provavelmente eles reuniam um valor equivalente a mais de US\$1 bilhão em impostos. A procura foi muito grande.

Verificamos, em uma pesquisa via Google, depois de algum tempo, onde os relatórios foram parar. E os encontramos, entre outros, nos servidores do governo. Logo, foi um sucesso irônico. O movimento Open Data, que crescia aos poucos, deu grande apoio. O candidato republicano à presidência americana, John McCain, que disputou as eleições com Obama, há muito exigira que esses relatórios fossem disponibilizados ao público. McCain era, na época, ainda mais favorável aos dados governamentais abertos ao público do que Barack Obama, mesmo que Obama tenha feito seu nome com iniciativas para o Open Government.

Gostaríamos de ter impedido que os jornalistas utilizassem nosso material sem dar crédito ao WL. Por muito tempo, as marcas-d'água foram uma boa ideia para nós, mas era muito complicado colocar isso em prática. Havia se tornado muito frequente que de repente surgissem histórias na mídia em publicações temporalmente próximas das nossas, sem que o WL fosse nomeado como fonte. E quando eu perguntava, o documento sempre “havia sido obtido de terceiros” ou “estava há muito na manga”. Tudo bem. Se tivéssemos colocado marca-d'água em nossos documentos, seria fácil desmascarar os jornalistas. Ao menos, quando pedíssemos o documento original, seria revelado que tinham vindo de nossas fontes.

Com certeza poderíamos ser repreendidos por exigir um tipo de proteção de propriedade intelectual que o contexto e nós mesmos criticávamos em outras áreas. Eu uso com prazer camisetas com a estampa “Pirate Bay” e sou favorável ao direito autoral mais avançado. Contudo, por trás de nossas ideias, estava mais do que o *copyright*. Tratava-se, em caso de dúvida, de poder incluir nos documentos as informações adicionais necessárias, e evitar que a mídia fizesse ligação direta com os documentos que não contivessem informações adequadas, criando uma falsa ideia na opinião pública. Por esse motivo, escrevíamos os resumos e, eventualmente, dávamos indicações para conciliação do material.

Um bom exemplo do que ocorreu com alguns documentos foi o vazamento do Memorando de Entendimentos. Tratava-se de um acordo que o político queniano Raila Odinga fechara com o Fórum Nacional de Líderes Muçulmanos. Aqui, apontava-se, entre outros assuntos, o fato de Odinga fazer concessões à minoria islâmica, prometendo lutar pelos interesses dos quenianos islâmicos encarcerados em Guantánamo.

Com relação a esse Memorando de Entendimentos, circulavam dois documentos: um original e um falso. No último, sugeria-se que Obama era favorável à introdução da *sharia* no Quênia – o que, obviamente, era um absurdo. Era interessante observar quais meios de comunicação ligavam-se a qual documento: por um lado, aqueles que tinham por objetivo representar Obama como islâmico africano disfarçado e desaboná-lo como candidato a presidente dos americanos. Essa versão surgiu na revista *New Yorker* e no jornal *New York Sun*, entre outros periódicos, e em outros títulos, acima de tudo, os conservadores. No outro documento, o memorando era claramente menos polêmico e não havia qualquer menção à introdução da *sharia*. Caso houvesse documentos apenas no pacote completo com marca-d'água e explicação, poderíamos ter evitado que a mídia utilizasse, de maneira torpe, nossos documentos para manipular a opinião pública.

No fim de dezembro de 2008, fomos, mais uma vez, convidados para o CCC. Nossa apresentação no CCC, diferentemente do ano anterior, aparecia no anúncio de programação oficial e contou com uma boa presença. Dessa vez, Julian e eu sentamos juntos no palco. Subimos de nossa pequena sala no porão para o salão principal do Congresso. Em vez de 20 pessoas que haviam nos ouvido no ano anterior, compareceram quase 900. Diversas vezes o alto-falante do salão era acionado e uma voz falha pedia desesperadamente que, por favor, deixassem a rota de fuga anti-incêndio desobstruída. E era, de fato, uma tentativa em vão.

As pessoas se amontoavam nas escadarias e nos corredores diante da sala de conferência. Eu ainda me perguntava em segredo se, além de mim,

alguém havia percebido que Julian vestia as mesmas roupas que no ano anterior: camisa branca e calça cargo verde-oliva. No entanto, ficou claro que nenhum dos presentes em 2008 se lembraria de nós.

Provocamos algumas risadas quando lemos um antigo e-mail de reclamação do *Bundesnachrichtendienst*, o Serviço Federal de Informações do governo alemão – Ernst Uhrlau, o ex-presidente do BND, entrara em contato pessoalmente conosco.

Para: WikiLeaks@jabber.se

De: administração IVBB-BND-BIZ/BIZDOM

Data: 16.12.2008 13h15

Assunto: Relatório confidencial do Bundesnachrichtendienst

Prezados Senhores,

Em sua homepage, os senhores possibilitam o download de um relatório confidencial do Serviço Federal de Informação do governo alemão. Solicito que desabilitem essa opção imediatamente. Já solicitei a verificação das consequências criminais.

Atenciosamente,

Ernst Uhrlau

Presidente do Bundesnachrichtendienst

De: Sunshine Press Legal Office <wl-legal@sunshinepress.org>

Para: leitungsstab@bnd.bund.de

Cc: wl-office@sunshinepress.org, wl-press@sunshinepress.org, wl-germany@sunshinepress.org

Data: quinta-feira, 18 dez. 2008 09:35:54

Assunto: Ref.: RE: Relatório confidencial do Bundesnachrichtendienst

Prezado Sr. Uhrlau,

Temos diversos relatórios relacionados ao BND. O senhor poderia ser mais preciso?

Grato,

Jay Lim.

Para: Sunshine Press Legal Office <wl-legal@sunshinepress.org>

Data: Quinta-feira, 19 dez. 2008 17:59:21

Assunto: Resposta: Ref.: RE: Relatório confidencial do Bundesnachrichtendienst

Prezado Sr. Lim, até hoje V.Sa. tem habilitada a opção para download de um relatório classificado como confidencial no endereço eletrônico abaixo: [http://www.WikiLeaks.com/wiki/BND\\_Kosovo\\_intelligence-report,\\_22\\_Feb\\_2005](http://www.WikiLeaks.com/wiki/BND_Kosovo_intelligence-report,_22_Feb_2005).

Solicitamos novamente, por gentileza, que retirem este e todos os outros arquivos relacionados ao BND. De outra forma, tomaremos imediatamente as medidas judiciais cabíveis.

Atenciosamente,

Ernst Uhrlau.

Presidente do Bundesnachrichtendienst

Para nós, esse tipo de feedback sempre era a melhor maneira de comprovar a autenticidade de um documento. Quando recebíamos uma ameaça para que tirássemos o mais rápido possível um documento das páginas, perguntávamos – claro, sempre de forma amigável, por esclarecimentos expressos – se o reclamante poderia nos provar que possuía, de qualquer maneira, os direitos autorais sobre o documento alegado. Alguns autores eram tão prestativos que nos enviavam posteriormente uma captura de tela como comprovação de seus direitos autorais. Publicávamos também essa captura de tela, agradecidos, em segredo, pelo fato de o adversário haver nos poupado o trabalho de forma tão gentil.

Nesse vazamento, tratava-se dos envolvimento do BND na luta contra a criminalidade em Kosovo e da cooperação com jornalistas. Além disso, alguém nos enviara um documento interno da Deutsche Telekom com duas dúzias de endereços de IP secretos que o BND utilizava para

surfear na internet. Com isso, permitimo-nos um joguete: com o Wiki-Scanner, era possível rastrear em quais páginas da Wikipedia haviam sido efetuadas alterações em entradas de um desses endereços de IP. Entre outros, funcionários do BND manipularam entradas sobre aviões militares e armas nucleares, mas também a própria entrada sobre o serviço federal de informações.

Ainda mais engraçadas foram as correções na entrada sobre os Institutos Goethe. Lá, havia uma frase dizendo que muitos desses institutos no mundo eram utilizados em caráter não oficial como pontos de contato do BND. O BND negou essa informação ao declarar: “As filiais estrangeiras do Instituto Goethe não servem como residência não oficial do BND.” Nesse ínterim, essa indicação desapareceu totalmente da página.

De acordo com os endereços de IP, o BND ficou em contato com um serviço de acompanhantes berlinense. Será que ainda trabalham com os métodos mostrados no filme “Armadilha de Vênus” – como nos melhores tempos da Guerra Fria?

Mesmo assim, durante a apresentação no CCC, ocorreram algumas pannes – logo que Julian pegou o microfone, o fio de conexão de vídeo do computador se soltou e a imagem desapareceu. Mesmo assim, ao final, o público considerou os palestrantes atrapalhados mas simpáticos.

Após as apresentações, eu gostava de voltar a um sofá no *lounge*, para relaxar e observar as pessoas que passavam por mim aos borbotões, enquanto Julian andava incansável pelas salas, sempre na esperança de descobrir eventuais interlocutores e ser abordado.



## **A visita do senhor Julian**

Após o congresso no fim de 2008, Julian veio até Wiesbaden e morou durante dois meses comigo. Ele fazia sempre o mesmo: não mantinha residência fixa, mas encontrava abrigo na casa de outras pessoas. Sua bagagem consistia apenas de uma mochila, na qual havia seus dois notebooks e diversos cabos de celular (entre os quais, dificilmente ele encontrava o certo quando precisava). No corpo, trazia diversas camadas de roupa. Mesmo quando permanecia dentro de casa – nunca entendi o porquê –, vestia duas calças e até mesmo diversos pares de meia, uns sobre os outros.

Em Berlim, pegamos a “epidemia do congresso”. Assim o pessoal do clube chamava a onda de gripe que se disseminava tradicionalmente nessa estação do ano em concentrações de pessoas, ainda mais quando se compartilhavam teclados e o ar do Congresso. Com o rosto sombrio, constipados e calados, seguimos, em 1º de janeiro de 2009, num trem-bala ICE superlotado de volta para Wiesbaden. Mal chegamos à minha casa, a gripe nos jogou na cama – ou seja, como eu estava um pouco melhor do que ele, cedi minha cama para Julian e me recolhi num colchão ao lado.

Julian vestiu todas as roupas que pôde encontrar e ainda pescou uma salopete de esqui de sua mochila. Então, ele ficava na cama, se enrolava em dois dos meus cobertores de lã e suava durante o sono. Quando se levantou, depois de dois dias, estava restabelecido. O “tratamento” havia funcionado.

Minha casa ficava em Westend, Wiesbaden. Trata-se de um bairro bem cruel, ou seja, uma região na qual é aconselhável prender a bicicleta no quintal com um sofisticado cadeado. A vantagem da região era ter mais lojas de celular do que supermercados, portanto, era fácil adquirir celulares baratos e chips.

O apartamento ficava na parte da frente do porão, quase meio metro para baixo do nível da calçada. No início, Julian ficava bem nervoso, pois, de lá, as pessoas podiam olhar para dentro de minha sala de estar. Abaixávamos o estore, que era um rolo de papel amarelo translúcido com uma bandeira tibetana presa a ele no meio. O sol poente trazia uma luz morna e difusa, luz solar de segunda mão, por assim dizer. Eu gostava.

À gripe superada, seguiram-se dias tranquilos, mas de muito trabalho. Sentávamos na minha sala de estar e digitávamos em nossos laptops: eu, na escrivaninha do canto, na frente da janela; Julian, diante de mim, no sofá, com o computador sobre o colo. Na maior parte do tempo, ele vestia uma jaqueta impermeável verde-oliva, capuz, e às vezes, enrolava um cobertor nas pernas.

Eu me preocupava um pouco com meu sofá. Ele escolhera como seu lugar preferido a bela poltrona marrom Rolf Benz de veludo que eu resgatara da casa dos meus pais antes de eles a jogarem no lixo. Não importava o que, Julian comia tudo com as mãos, até mesmo *Leberkäse*, um tipo de embutido, e limpava os dedos na calça. A poltrona sobrevivera a mais de 30 anos, era mais velha do que eu, e eu temia que Julian acabasse com ela em poucas semanas.

Julian exigia de si mesmo trabalhar em seu computador de olhos fechados. Era quase um trabalho meditativo. Quando, por exemplo, respondia a e-mails, digitava com uma velocidade incrível sem olhar para a tela. Preenchia os campos individuais diante de seus olhos interiores e pulava de tela para tela com atalhos de teclado.

Como nossa comunicação externa era anonimizada e garantida por diversos mecanismos, e como os e-mails não saíam de nossos próprios

laptops, mas de uma máquina remota, nossas conexões davam nos nervos de tão lentas. Quando digitávamos algo, as palavras apareciam na tela com muito atraso. Apesar disso, Julian desejava realizar seu trabalho à velocidade da luz, mesmo de olhos fechados. Ele me explicava: “Trabalhar sem o retorno ótico é uma forma de perfeição, a vitória sobre o tempo.” Ele terminava muito antes de seu computador fazer o que precisava fazer.

Já recebêramos algumas doações em nossa conta do PayPal e nos acostumáramos a enviar e-mails de agradecimento a intervalos regulares. Nelas, mostrávamo-nos gratos e dizíamos aos nossos colaboradores o quanto eram importantes suas doações e que, com isso, eles investiam na liberdade de informação. Revezávamos no cumprimento dessa tarefa e, então, era a vez de Julian escrever o e-mail coletivo e inserir os nomes de nossos doadores à época.

Assim, ele sentava em meu sofá, sob a luz amarelada, enrolado em dois cobertores de algodão, e escrevia seus e-mails. Era um clicar, tiquetaquear e tamborilar rítmico até a ária terminar num sussurrado “*Cacete!*”. Julian havia cometido um erro. Como enviávamos e-mails a diversos remetentes, precisávamos transformar o “para” em “cco”, para que cada remetente não pudesse ver o nome dos outros doadores. Exatamente nesse ponto, Julian se enganou. E ele já enviara os e-mails.

O contratempo nos proporcionou, em fevereiro de 2009, nosso primeiro e único vazamento interno, e a reação a esse e-mail de agradecimento veio a galope.

“Por favor, utilize a cópia oculta (Cco) para enviar e-mails dessa natureza...” ou: “A menos que vocês queiram vaziar 106 endereços de e-mail de seus colaboradores, penso que Cco seria melhor.” Um deles ofereceu: “Se vocês não sabem a diferença, não hesitem em me contatar, eu terei prazer em orientá-los no procedimento.”

Julian redigiu uma mensagem de desculpas. Julian? Não, “Jay Lim”, nosso especialista jurídico do departamento: WikiLeaks Donor Relations, o departamento de doações.

O acaso adora pregar peças, inclusive em nós. Entre os doadores aos quais agradecemos, dessa vez havia certo Adrian Lamo. Era aquele ex-hacker semifamoso, que mais tarde veio a ser responsável pela prisão de nossa suposta fonte, Bradley Manning.

“Olha só, que fracassado”, disse Julian quando descobriu o e-mail de Lamos.

Cliquei em nossa caixa de entrada. De fato, havia um novo “Documento Secreto”: alguém nos enviara nossa própria lista de doadores como vazamento oficial, com uma nota relativamente inamistosa. Em geral, não conhecemos nossas fontes. Porém, Lamo confessaria mais tarde que havia sido ele que nos confrontara com nossa própria gafe. Para o bem ou para o mal, precisávamos expor esse fato.

Era interessante, pois, com frequência, filosofávamos sobre o que aconteceria se precisássemos publicar algo sobre nossa própria organização. Éramos da opinião de que não precisaríamos publicar notícias negativas sobre nós mesmos: na imprensa, esse vazamento trouxe uma repercussão positiva. Isso porque éramos, no mínimo, coerentes. Entre os doadores, ninguém reclamou – lá, seus nomes estavam livremente acessíveis na internet, e não apenas visíveis a todos os outros doadores.

Não raro, Julian comportava-se como alguém que não havia sido criado por seres humanos, mas por lobos. Quando eu cozinhava – e sempre cozinhei para nós dois e também pagava pelas compras –, a refeição não era dividida. Tratava-se de quem era mais rápido. Se houvesse quatro fatias de *Leberkäse*, ele comia três e me deixava uma se eu fosse muito lento. Eu nunca tinha visto aquilo. Eu me perguntava se não era mesquinho quando às vezes as frases de minha mãe me vinham à cabeça. “Não custa ao menos perguntar”, ou algo parecido.

Nós dois preferíamos carne vermelha, ainda mais carne moída crua com cebolas. Eu precisava de mais tempo com o *Leberkäse*, pois o comia com pão integral e manteiga, enquanto Julian comia tudo de preferência puro e sem acompanhamento: fosse carne ou queijo, chocolate

ou pão. Quando ele achava que precisava de frutas cítricas, chupava um limão atrás do outro até acabar. E às vezes isso lhe passava pela cabeça no meio da noite, após um dia inteiro sem uma única refeição.

E não era o caso de não ter uma boa educação. Julian conseguia ser muito bem-educado quando queria. Por exemplo, mesmo sem conhecer minhas visitas, ele as acompanhava até a porta, passando pelo corredor até a calçada.

Julian era paranoico. Ele tinha certeza de que alguém observava minha casa e, por isso, acreditava que nunca ninguém deveria nos ver saindo ou voltando juntos. Sempre me perguntei que diferença isso faria. Se alguém tivesse se incomodado em observar minha residência, já teria descoberto que morávamos na mesma casa.

Julian insistia que, quando estivéssemos juntos na cidade, precisávamos nos separar na volta para casa. Ele seguia para a esquerda e eu para a direita – e acabava que eu sempre precisava esperá-lo em casa, pois ele se perdia. Nunca havia conhecido alguém com um senso de direção tão ruim. Julian podia ir a uma cabine telefônica e, ao sair, não saber de qual direção viera. Ele sempre conseguia passar pela porta da minha casa sem encontrá-la. Ninguém conseguiria se comportar chamando mais atenção que Julian, que corria para lá e para cá, olhando para a direita e para a esquerda, a fim de identificar a entrada da minha casa, até, em algum momento, eu chegar e buscá-lo.

Sempre em busca de um look novo e do disfarce perfeito, um dia ele pegou emprestado de mim uma jaqueta de treino azul da RDA e ainda completou com um boné de beisebol marrom. Por dentro, eu ria do seu instinto infantil brincalhão. Com isso, ele não passava despercebido, mas sim por alguém disfarçado. Quando fui procurá-lo, ele virava a esquina trazendo um europaleta de madeira no ombro direito que havia tirado de um canteiro de obras. Estava convencido de que seria mesmo uma tática de camuflagem profissional de nível profissional. Às vezes, penso que ele se deixou inspirar demais por alguns livros que, misturados à sua própria

fantasia, resultaram no “conjunto extravagante de regras de comportamento especiais de Julian Assange”.

Julian também não tinha uma relação cerimoniosa com a verdade. Às vezes, eu tinha a impressão de que ele testava até onde poderia ir. Por exemplo, ele me contou a história sobre o que teria acontecido com seus cabelos brancos. Com 14 anos, ele teria montado um reator no porão de sua casa e conectado polos errados. Desse dia em diante, por causa da radiação gama, seus cabelos cresciam brancos. Óbvio. Acho que ele queria ver o que podia afirmar e inventar até eu dizer: “Para! Não acredito em você!”

Em geral, eu não dizia mais nada. Achava que não era o jeito certo de lidar com as outras pessoas.

Era comum Julian não encontrar o caminho certo, embarcar no trem errado, andar na direção contrária. Tinha diversos celulares, mas nunca o carregador de bateria certo. E, quando voava de A para B, ou andava de barco ou trem, basicamente se perdiam no caminho diversos recibos ou comprovantes. Com frequência, esperava “com urgência” por uma carta que o livraria de uma confusão: a assinatura de uma conta, um novo cartão de crédito, uma licença para um contrato. Claro que essa correspondência precisava chegar “no máximo amanhã”. Ele não dizia “não consegui/esqueci/estraguei” quando alguém lhe perguntava sobre um serviço prometido, mas “estou esperando uma resposta de *Meyermüllerschulz*, que ainda não entrou em contato”. Se o ditado “Não deixe para amanhã o que você pode fazer hoje” não fosse tão ancestral, poderia ter sido inventado perfeitamente para Julian. E agora vem a grande surpresa: ele mesmo nunca tinha culpa! Os culpados eram bancos, funcionários de aeroporto, mapas da cidade e, na dúvida, até o Departamento de Estado dos Estados Unidos. Provavelmente o Departamento de Estado havia derrubado as xícaras que quebraram durante sua passagem na minha cozinha em Wiesbaden.

Em contrapartida, Julian conseguia manter uma concentração durante o dia de forma que nunca vi em ninguém. Ele podia se fundir com a tela

de seu computador numa unidade imóvel. Quando eu ia para cama já bem tarde, ele continuava sentado como um Buda magrinho na poltrona. Quando eu acordava no dia seguinte, Julian estava de jaqueta com capuz na frente do computador, exatamente na mesma posição. Quando na noite seguinte eu ia para a cama novamente, Julian ainda estava lá sentado.

Durante o trabalho, não raro ele não era capaz de responder, programava num mergulho meditativo, escrevia, lia não sei o quê. Ele pulava, no máximo, uma vez e rapidamente, de repente, para praticar estranhos exercícios de kung-fu. Em algumas reportagens, era relatado como se Julian possuísse, no mínimo, um equivalente da faixa preta de todas as artes marciais internacionalmente conhecidas. De fato, seu improvisado treino solitário durava, no máximo, 20 segundos, parecia extremamente ridículo e devia servir bem para alongar tendões e articulações atrofiados por muito tempo sentado.

Tão concentrado quanto trabalhava por dias a fio, também conseguia adormecer de repente. Ele se enfiava na cama de uniforme completo, com calças, meias e capuz, puxava o cobertor – e adeus Julian! Quando acordava, voltava ao mundo da mesma forma brusca. De repente, pulava, o que, em geral, fazia com que atropelasse alguma coisa. Eu tinha um aparelho de levantamento de peso, e perdi a conta de quantas vezes ele pulou do colchão no qual dormia diretamente para as barras de ferro. Fazia muito barulho e eu sabia: ótimo, Julian acordou!

Ele tinha uma peculiaridade engraçada: sempre queria vestir-se com roupas que refletissem seu estado no momento. Ou, ao contrário, só conseguia entrar no humor desejado por meio da roupa certa.

“Daniel, preciso de uma jaqueta. Você tem uma?”

“Você vai sair?”

“Hoje preciso escrever uma declaração muito importante.”

“O quê?”

Mesmo quando ele estava sentado comigo à mesa da cozinha com agasalho de treino e boné, eu tinha de emprestar uma jaqueta para ele o mais

rápido possível, para que escrevesse uma nota para a imprensa. Então, ele não tirava a jaqueta durante todo o dia, fazia uma cara séria e escrevia. Em seguida, ia para a cama dormir – com a jaqueta.

Nos dois meses em que morou comigo, aprendi a conhecer uma pessoa totalmente diferente daquelas com as quais eu costumava conviver. E eu estava acostumado com personalidades fortes, que não era o caso. De um lado, eu considerava Julian insuportável. Por outro lado, incrivelmente especial e afável.

Tinha a sensação de que algo essencialmente muito errado acontecera na vida de Julian. Ele poderia ter sido um cara extraordinário, e eu estava orgulhoso em ter um amigo no qual esse fogo ardia, para o qual as ideias, os princípios e as mudanças para melhorar o mundo eram tudo. Que tinha iniciativa e tomava decisões sem se importar com o que os outros diziam. Em certos aspectos, eu tentava até aprender essa postura com ele. Mas ele também tinha outro lado e que prevalecia cada vez mais nos meses que se seguiram.

Muitos amigos me perguntaram como aguentei tanto tempo com Julian. Acredito que cada pessoa tem suas dificuldades, não é fácil com ninguém. No cenário hacker, existem algumas personalidades extremas, muitas delas com traços levemente autistas. Por força do hábito, considero-me acima da média no que diz respeito à tolerância com as idiossincrasias de outras pessoas. Por isso aguentei tanto tempo com Julian, decerto mais do que qualquer outra pessoa.

Em 17 de fevereiro de 2009, fui convidado do programa de podcast “Küchenradio”, e Julian enviou o seguinte e-mail aos nossos colaboradores:



"Daniel Schmitt no programa 'Keutchenradio' de Berlim: uma entrevista com duas horas de duração em vídeo e áudio com nosso correspondente alemão, Daniel Schmitt será transmitido hoje, no prestigiado Küchenradio, de Berlim, às 21 horas."

Quando li isso hoje, precisei engolir em seco algumas vezes. Quase havia esquecido que passamos um ótimo período juntos. Ele escreveu "prestigiado" – o Küchenradio é um podcast bastante especializado em malucos tecnológicos e, apesar disso, Julian estava muito orgulhoso de nós. É óbvio que hoje também há momentos breves nos quais me pergunto se tudo aquilo podia ter ocorrido. E ainda hoje me pergunto se ainda não seríamos amigos se o WL não tivesse todo o sucesso estrondoso que teve, se o dinheiro, a atenção e a pressão internacional não tivessem existido.

"Keutchenradio" – também era muito característico de Julian! Ele não conseguia gravar bem palavras que não fossem da língua inglesa. Sempre chamava o *Spiegel* de *Speigel*, mesmo quando a revista alemã já era há muitos meses um de nossos parceiros mais próximos.

No táxi a caminho do escritório do jornalista Philip Banse em Berlim-Neukölln, recebi um telefonema da minha mãe. Minha avó havia morrido – esperávamos por isso a qualquer momento. Eu não fora a Rheingau para me despedir dela. Sei que minha avó tinha muito orgulho de minha luta por um mundo mais justo. E, mesmo assim, eu me envergonhava de não ter desistido do programa de rádio para me despedir dela de forma decente. Sabíamos o tempo todo que ela estava muito mal e, exceto por mim, toda a família ficara com ela durante aquela semana, em sua cabeceira. Mas eu já tinha esse compromisso agendado em Berlim e ele parecia mais importante.

Naquele momento, tínhamos a sensação de que precisávamos utilizar todas as oportunidades para tornar o WL proeminente. Precisávamos de doações com urgência, ficávamos felizes quando as pessoas faziam o *upload* de novos documentos. Todo o resto ficava bem abaixo em nossa lista de prioridades. Bem abaixo mesmo.

A primeira vez que uma frase de Julian me deixou realmente mal foi no início de 2009, quando pensávamos em viajar para o Fórum Social Mundial, no Brasil. Um amigo havia me perguntado se ele poderia ir conosco. Conteí para Julian, embora eu fosse realmente contra. O camarada nada tinha a ver com o projeto e não iríamos para lá de férias, mas para fazer contatos e trabalhar. Contudo, Julian achou uma ideia extraordinária e comentou: “Deixe-o vir conosco.” Ele gostaria de ter alguém para carregar a bagagem para ele. Então, eu me perguntei, pela primeira vez, quem realmente naquele momento servia de carregador de malas para ele. E não descobri ninguém – além de mim.

Entendi apenas tardiamente que Julian, com frequência, podia considerar meu comportamento uma espécie de subordinação. Eu queria apenas ser amigável e atencioso. Estava claro que ele me considerava mais fraco, do que, na realidade, eu era.

Talvez fosse o fato de eu ser uma pessoa otimista, que utilizava pouco tempo para críticas e mais tempo para agir. No momento em que Julian percebeu que eu não era mais seu subordinado, nossa amizade começou a ruir. Quando comecei a abordar problemas concretos ou a criticá-lo – porque esses problemas existiam e não porque eu avaliasse nossa relação de outra forma –, ele começou a me descrever como alguém que precisava “ser contido” – ou seja, mantido sob controle, confinado.

No início de 2010, seu tom mudou muito comigo, até a declaração de que ele me “caçaria e mataria”, caso eu cometesse um erro. Ninguém nunca me dissera algo desse jeito. Mesmo que ele ainda tivesse muito medo de que algo pudesse dar errado, uma ameaça assim era indesculpável. Perguntei apenas se ele era totalmente infalível, ri e deixei que as coisas se acalmassem. O que mais eu poderia dizer?

Não me lembro de nenhum erro grave pelo qual eu pudesse ser responsabilizado sozinho. Apenas uma vez esqueci-me de fazer o backup do servidor central. Quando ele quebrou, Julian comentou: “O WL está vivo apenas porque eu não confiei em você.”

Julian tinha uma cópia de segurança a partir da qual pudemos reiniciar tudo sem problemas. Ele provavelmente fez a cópia não apenas por cautela, mas também por desconfiar, inclusive de mim. Tratava-se, na verdade, do servidor no qual todos os nossos e-mails estavam armazenados. Ele mesmo não era uma pessoa especialmente cuidadosa.

Absurdo era o fato de que, entre nós dois, era ele que sempre perdia ou esquecia algo. Exatamente por isso ele me acusava. Para as confusões de Julian, sempre havia uma explicação elaborada. Quando possível, até mesmo heroica. Quando, em junho de 2009, ele foi receber o prêmio de imprensa da Anistia Internacional, chegou a Londres com um atraso de três horas. O vazamento premiado foi sobre o assassinato encomendado pela polícia queniana, no qual mais de 1.700 pessoas foram mortas e quase 6.500 desapareceram. Dois ativistas dos direitos humanos quenianos da Oscar Foundation descobriram esse fato e redigiram um relatório a respeito.

Julian perdeu o momento da premiação. No auditório, muitas pessoas ouviram que, de outra forma, nunca teríamos conseguido. A indicação ao prêmio poderia nos abrir muitas portas, pois ele frustraria, de certa forma, nossos críticos: algo que conquistasse o prêmio da Anistia não poderia ser imoral.

Dois meses antes da premiação, Kamau Kingara, o diretor do instituto, e seu diretor do programa, John Paul Oula, foram assassinados com tiros à queima-roupa em seu carro, em Nairobi. Eles estavam a caminho da Comissão de Direitos Humanos do Quênia, com a qual eles haviam feito o relatório. Nós apenas o veiculamos em nosso site e, com isso, tornamos público para uma audiência maior. De fato, teríamos a obrigação de receber o prêmio também em nome de Kingara e Oula. Assim, Julian havia redigido uma nota à imprensa bastante solene, na qual voltava a ressaltar expressamente o engajamento dos quenianos.

Sua desculpa por ter chegado tão tarde à premiação teria preenchido diversas páginas de um romance de espionagem: lembro-me apenas de dois policiais que supostamente o teriam perseguido.

Certa vez, ele me contou que perdeu um voo de conexão porque estava resolvendo um problema matemático extremamente complexo. Embora eu passasse muito tempo com ele, nunca conseguia dizer com segurança quando ele inventava ou quando dizia a verdade.

Também conheço, no mínimo, três histórias diferentes sobre seu passado e sobre a origem de seu sobrenome. Havia histórias para, no mínimo, 10 ancestrais de diversas partes da face da Terra, de irlandeses a piratas dos Mares do Sul. Por algum tempo, ele fez para si cartões de visita com o nome “Julien d’Assange”. Ele fazia de sua própria pessoa um verdadeiro mistério sempre trazendo para o próprio passado detalhes novos, e ficava feliz quando um jornalista escrevia a respeito. Meu primeiro pensamento após eu ter ouvido que ele estava escrevendo sua autobiografia: numa livraria, vai ficar na seção de ficção.

Julian recriava a si mesmo todos os dias, como um disco rígido que alguém sempre formata. Formatar, reiniciar. Talvez fosse porque ele mesmo não soubesse quem era e de onde vinha. Talvez ele tivesse aprendido que sempre precisaria romper com mulheres, com amigos, e que era mais fácil quando ele podia fazer uma revisão de sua personalidade e apertar o botão “reiniciar”.

Julian sempre estava numa luta contínua pela dominação, até mesmo com meu gato, Schmitt. Durante toda a sua vida, aquele bicho peludo cinza e branco foi um ser carinhoso, preguiçoso, um pouco cuidadoso demais, mas gentil até a ponta do bigode. Enquanto Julian morou comigo em Wiesbaden, sofreu de uma psicose.

Julian atacava o gato a todo instante. Ele esticava os dedos como um garfo e pulava no pescoço do bichano. Era uma luta para ver quem era mais rápido: ou Julian conseguia prender o gato com os dedos e, nesse ataque, espremê-lo no chão, ou o gato era mais rápido e afastava Julian com uma unhada ligeira. Para o gato, deve ter sido um pesadelo. Mal Schmitt se enrolava ronronante para descansar, o australiano maluco pulava sobre ele. Julian preferia escolher para os ataques momentos nos quais Schmitt estava muito cansado.

“É uma questão de treinar seu estado de alerta”, Julian me dizia. O gato precisaria dominar. “O homem nunca pode esquecer que é o senhor da situação”, dizia Julian. Não sei quem questionou em minha casa e no quintal a identidade masculina do gato Schmitt. Em todo o caso, Schmitt era castrado. Mas eu não conseguia dissuadir Julian de suas brincadeiras.

Além disso, a raiva movia Julian o tempo todo. Quando, em abril de 2009, voltávamos da International Journalism Conference em Perúgia, na Itália, houve uma briga com o cobrador de bilhetes no trem que quase nos custou a passagem de avião para a Alemanha.

Nesse dia, estávamos com o tempo muito apertado, pois precisávamos pegar um voo de conexão em Roma. Um trem havia atrasado, uma linha de longa distância estava com problema. Tínhamos de alterar a reserva e, para isso, pegar uma nova passagem e pagar um adicional. Eu cuidei de tudo, fiquei de pé no balcão por vários e estressantes minutos, enquanto Julian ficou sentado num banco tomando conta da bagagem. Finalmente, corremos até a plataforma e pegamos nosso trem substituto nos minutos finais porque eu gritei para o pessoal da plataforma já da escada rolante: “Não saiam, esperem, por favor!”

Com o coração na boca e encharcados de suor, embarcamos no trem que nos haviam assegurado na estação ser a última possibilidade. Por assim dizer, era o último dos últimos trens. Fomos até dois assentos de janela, colocamos nossas mochilas nos assentos livres do nosso lado e, ainda ofegantes, esticamos nossas pernas.

A adversidade veio na forma de um italiano mal barbeado e levemente atarracado, que trabalhava lentamente de fileira em fileira de assentos até nosso local; ele era um controlador italiano de passagens. Com sobranceiras levantadas, ele examinou nossas passagens e, quando as devolveu com insolência, foi a última gota para Julian.

Num inglês ruim, o italiano respondeu que sentia muito, mas aparentemente tínhamos comprado as passagens erradas. Porém – surpresa! – ele nos ofereceu, por um pequeno preço adicional, uma solução para o nosso problema. Pensei: por mim, tudo bem. No entanto, para Julian, o buraco era mais embaixo. Ele se recusou a pagar os €10 ou €15 adicionais e olhou para o controlador de forma desdenhosa.

O controlador, com certeza, não era uma pessoa cortês, mas apenas um cinquentão mal-humorado que queria fazer seu trabalho e, o mais rápido possível, voltar para a rodada de carteados com os colegas ou qualquer outra atividade que o esperava. E nós teríamos conseguido discutir com o italiano sobre por que, mesmo sem culpa alguma, fora solicitado que pagássemos mais e o que, de forma geral, pensávamos de seu país e de suas estruturas mafiosas. Porém, devíamos ir o mais rápido possível para Roma e pegar esse voo barato pelo qual eu já havia pago. Por isso, eu teria pago com prazer esse preço irrisório, mas Julian começou uma briga com tanta raiva que o controlador chamou os *carabinieri*, policiais italianos, na estação seguinte. Foi embaraçoso para mim, ainda mais que à nossa direita estava alguém que também estivera na conferência em Perúgia. Julian não se incomodou de forma alguma com o público, parecia que ele sentia prazer com aquilo.

Ficamos cercados por dois italianos grosseiros e dois jovens policiais. “Seus documentos, por favor”, disse a policial que tinha, no máximo, 20 anos, mas que nos olhava de maneira tão azeda quanto seus colegas.

Procurei no meu bolso. Julian protestou, rispidamente: “Não vamos mostrar nossos documentos a ninguém.”

Dei à mulher minha identidade. Julian cruzou os braços e bufou em tom de desprezo.

Os três italianos se olharam, indecisos. Eles prefeririam jogar Julian para fora do trem, mas ninguém queria dar o primeiro passo. Teriam pegado pelo braço o jovem australiano, que ainda se mantinha prostrado em seu assento, e poderiam tirá-lo do lugar. Mas nenhum deles queria começar.

Julian achava que alguém precisava dar mesmo uma lição nesse controlador. A autoridade uniformizada precisava ser essencialmente questionada. E ninguém havia tratado Julian com desrespeito. Respeito, respeito, ele falava sempre disso. Nesse caso em especial, não fazia sentido, pois os italianos provavelmente não entenderam as palavras da lição.

Eu achava aquilo inconveniente, queria resolver o problema e não estava a fim de pagar €700 por duas novas passagens de avião. Usei o impasse que havia surgido por um momento entre nós cinco no compartimento. Dei ao controlador o valor a ser pago e me preparei para aguentar pelo resto da viagem o mau humor de Julian e seus sermões. Meu desejo de tornar o WikiLeaks parte imperturbável da minha vida era maior que minha preocupação de ser dominado. Quando, em 2009, fiz uma videoentrevista com o *Zeit Online*, no qual também falei sobre os motivos pessoais que me levaram a entrar no WL, ele me acusou de ter me prostituído pela mídia. “Personalidade demais”, era a acusação. Tínhamos tanto trabalho que não havia tempo para grandes entrevistas. Após esse retrato, tentei não ficar mais de cabeça baixa, mas não era tão fácil.

Na conferência de jornalistas em Perúgia, fiz uma matéria com a revista de tecnologia americana *Wired*, inclusive com uma jornalista jovem e independente, Annabel Symington, que estudava na Universidade da Cidade de Londres. Annabel Symington nos apresentaria em Perúgia também Seymour Hersh, o conhecido jornalista americano que, entre outros, tinha coberto os incidentes de My Lai, no Vietnã. Saímos para comer uma pizza juntos e Hersh contou histórias fascinantes do seu tempo como repórter de guerra. Hersh era, ao contrário de muitos supostos jornalistas estrela, modesto e um interlocutor bastante divertido.

Durante minha entrevista com Annabel, de qualquer forma, Julian me lançou olhares furiosos o tempo todo. Ele disse ter escutado que eu me vangloriara na frente dela por ser um dos “fundadores” do WL. Para ele, era extremamente importante sempre frisar que era o único fundador.

Nunca deixei dúvida alguma nesse sentido.

Mais tarde, Julian me acusaria de operar um jogo de poder. Ele estava errado. Eu não tinha nenhum interesse no poder. Para mim, não havia problema em renunciar ao poder quando servia a um objetivo maior. Ao contrário: Por que eu deveria carregar tanta responsabilidade nos ombros se juntos tudo corria muito melhor? Sou um jogador de equipe, não um lobo solitário, como Julian. E consigo reconhecer quando outras pessoas podem fazer as coisas melhor do que eu. E realmente há muitas que o fazem.



## O WikiLeaks e o dinheiro

Vazamentos bem-sucedidos sobre os quais houve ampla divulgação na mídia ficaram visíveis em nossas contas. Já em 2008 havia três contas de PayPal diferentes nas quais os doadores podiam nos transferir dinheiro. Os valores mais significativos entraram após o vazamento de Julius Bär, em 1º de março de 2008 (€1.900), em 3 de março já havia €3.700 e, até 11 de março, €5 mil acumulados. Em junho de 2009 a única conta de PayPal ativa na época foi bloqueada: valores em dinheiro ainda podiam ser pagos, contudo não conseguíamos mais sacá-los.

Por meses, não havíamos mais cuidado dessa conta. Apenas a notificação do PayPal sobre o bloqueio fez com que déssemos uma olhada nas entradas.

“Você está sentado?”, escreveu Julian, em agosto de 2009. “Tem quase US\$35 mil na conta.”

Eu queria pegar aquele dinheiro de qualquer jeito. Para Julian, não era uma prioridade. Ele não via por que deveríamos brigar por aquilo naquele momento.

O PayPal exigiu de nós um documento. Tínhamos nos cadastrado no site como organização sem fins lucrativos, mas nunca havíamos nos registrado oficialmente nessa condição. “501c3” era o nome no jargão oficial americano.

Quando pesquisei essa definição no Google, foi enfatizado que não éramos a primeira instituição sem fins lucrativos que enfrentava esse

problema. O PayPal já despertara raiva em seus clientes outras vezes por isso. Então, fizemos um registro como empresa, que tinha custos, mas ao menos economizávamos com os gastos administrativos pesados. Mudar uma virgulazinha no contrato com o PayPal, levava muito tempo.

Claro que dei 30 telefonemas para o atendimento ao cliente, enviei e-mail para lá e para cá e recebi o seguinte como resultado: o PayPal não era uma empresa com funcionários vivos, mas uma máquina. Mesmo assim, consegui, apenas depois de esperar muito tempo no telefone, em algum momento falar com um ser humano de verdade. Mas os terceirizados indianos ou quem sempre assumia esse trabalho pelo PayPal no fim das contas não conseguia dizer muito mais do que “o senhor deve por favor utilizar o sistema de ajuda on-line”.

Acho que os funcionários do PayPal recebem seu próprio software, da mesma forma que seus clientes. A arte de preencher os campos corretos lá permaneceu para mim como um conhecimento secreto inacessível.

Após transformarmos a conta em uma conta de empresa com fins lucrativos e concordar com o pagamento das taxas, o sistema nos recompensou em pouco tempo com a liberação. Durou quase um dia. Então toda a maluquice recomeçou: mais uma vez, faltava um campo, mais uma vez eu não reconhecia onde deveria preencher, de novo lutei com o sistema de ajuda on-line.

Havia outro problema nessas brigas, pois não fomos apenas nós que ficamos com raiva. Nesse momento, todas as contas em nosso nome eram mantidas por colaboradores. A conta de PayPal bloqueada, por exemplo, fora registrada para nós por um jornalista americano. Esse contato era um homem de quase 60 anos do Meio-Oeste dos Estados Unidos – um cidadão interiorano, que tinha um emprego de repórter num jornal local. Por meses, ele nos perguntara se poderia fazer algo por nós. E como ele não se oferecera espontaneamente para cuidar das finanças, demos a ele exatamente esse serviço. Naquela época, nossa lógica era: quem não se interessasse por nossas contas seria o mais adequado para administrá-las.

Quem não se interessasse por sua influência sobre a opinião pública administraria o chat – e assim por diante. Nosso voluntário era muitíssimo ocupado e não tinha a menor ideia do que deveria fazer e onde estava exatamente o problema.

Então, em setembro de 2009, Julian acionou a Nanny. Nanny sempre entrava em campo quando havia um trabalho a fazer que o próprio Julian não queria ou não conseguia dar conta. Eventualmente, ela também viajava pouco antes das conferências para redigir seus discursos. Também seria ela que mais tarde, após a minha saída e de outros membros do WikiLeaks, viajaria pelo mundo para ser intermediária entre nós e Julian, e pediria para que não prejudicássemos o projeto com críticas públicas.

Nanny é uma antiga conhecida de Julian, uma pessoa amigável e muito energética com cerca de 40 anos. Para Julian, Nanny tinha uma vantagem importante: não queria falar publicamente de seu contato com o WL.

De qualquer forma, Nanny deixou totalmente em frangalhos os nervos do nosso colaborador americano, ainda mais porque o fuso horário dos dois era de tal forma incompatível que as conversas eram possíveis apenas na fase mais profunda do sono do outro. Além disso, o pobre homem não estava disposto a explicar todo o problema novamente e do início.

Por fim, quem nos ajudou foi uma jornalista que conheci pelo *New York Times*. Na penúltima semana de setembro, ela perguntou a um canal oficial direto no PayPal como um projeto apoiado pelo *New York Times* poderia estar bloqueado. Simsalabim! Em pouco tempo, a conta estava liberada.

Apenas então a briga realmente começou. Com uma tacada, esse dinheiro todo estava lá. Julian e eu tínhamos ideias muito diferentes daquilo que poderíamos fazer com ele.

Eu queria adquirir, acima de tudo, hardware, não apenas por ser minha especialidade, mas também porque nossa infraestrutura precisava com

urgência disso. Corríamos o risco de interrupção dos serviços, além dos riscos de segurança, e tornávamos as coisas realmente muito fáceis para nossos opositores. Como tudo estava num único servidor, seria possível invadir o Wiki com mais facilidade. Talvez não fosse ainda o pior, mas no mesmo servidor também estavam os documentos.

Julian tinha outros planos. Ele falava de fundar empresas próprias para com elas proteger melhor nossas doações em dinheiro contra ataques externos. Ele afirmou que, para nós, apenas para registro nos Estados Unidos, haveria honorários advocatícios de US\$15 mil.

Julian também tinha contato com algumas organizações que atuavam como *fiscal sponsors*, ou patrocinadoras fiscais. Eram organizações sem fins lucrativos para as quais os doadores americanos poderiam transferir dinheiro para poupar em impostos. Não sei com quais pessoas Julian trocou ideias antes, a que filme assistiu – ou ainda, mais provável: quais documentos leu com tanto empenho em nossas páginas –, de qualquer forma o papo ali era sobre *empresas de fachada*, *direito internacional* e *offshore*. Eu o via diante de mim, no criptofone antiescuta, as mãos displicentes apoiadas na cintura, a franja branca ainda longa penteada para trás com gel.

“Alô, Tóquio, Nova York, Honolulu? Sim, por favor, transfiram US\$3 milhões para as Ilhas Virgens. Sim, claro, muito amável. E não se esqueçam, depois de fechada a transação, destruam todos os contratos. Queimem-nos, por favor. Depois juntem todas as cinzas e mandem goela abaixo, sim? Vocês já sabem, não suporto migalhas...”

Qual era o sonho de Julian dessa vez? A organização intocável? Uma rede internacional de empresas? Estar sob a nuvem do inviolável, fazendo malabarismos com finanças e empresas e não podendo ser interrompido por ninguém? Contudo, isso também soava desinteressante, mas precisaríamos primeiro de algumas coisas muito simples e práticas.

Minha ex-namorada providenciara para nós os criptofones, fazendo com que, na época, poupássemos uma bolada de uma vez. Para ela, era

muito dinheiro e, ainda hoje, tenho uma sensação ruim quando penso em como deixei que nosso relacionamento na época definhasse aos poucos.

Quando estivemos meses depois na Islândia, totalmente por acaso percebi que Julian tentou vender um desses telefones tão caros a um de nossos conhecidos – por €1.200. Por um lado, os telefones não eram dele e, então, ele quis revendê-los, inclusive por um preço muito alto, a alguém que não tinha dinheiro para isso. Depois disso, Julian deu o telefone a um rapaz de 17 anos que ele queria envolver cada vez mais no WL. Julian podia ser generoso num momento e, no instante seguinte, novamente muito ambicioso.

Já em abril de 2008, abrimos uma conta no Moneybookers, para a qual principalmente os doadores dos Estados Unidos poderiam transferir on-line seu dinheiro para nós. Quanto dinheiro entrou na conta do Moneybookers e o que aconteceu com ele, nunca ninguém soube. Julian não deixou que eu e outros víssemos.

Além disso, Julian abriu uma conta no Moneybookers em seu nome e um link direto de nossa página de doação levava para essa conta. E não quis me dizer para que utilizara essa conta, que foi bloqueada no segundo semestre de 2010. Mais tarde, Julian reclamou que haviam levado embora dinheiro do WikiLeaks. Há um e-mail de 13 de agosto de 2010, do Moneybookers ao WikiLeaks, citado pelo jornal *Guardian*. Após uma auditoria realizada pelo departamento de segurança do Moneybookers, a conta teria sido encerrada “para submetê-la a outras investigações pelos órgãos governamentais”. A conta foi de fato bloqueada, mas antes esvaziada.

Nesse caso, para Julian, o dinheiro em si era o de menos. Ele nunca tinha dinheiro; na maior parte das ocasiões, os outros é que pagavam para ele. Sua justificativa para tanto era, por exemplo, que não queria que alguém, em virtude de suas idas ao caixa automático, pudesse rastrear seu paradeiro

naquele momento. Seus ajudantes possivelmente teriam aceitado mesmo essas explicações se ele, antes, tivesse feito alguma coletiva de imprensa que fosse transmitida para todo o mundo do local no qual se encontrasse naquele momento. Principalmente as mulheres gostavam de ajudar Julian. Não sei tudo o que elas compraram para ele: roupas, carregadores, celulares, café, voos, chocolates, novas malas de viagem, meias de lã.

Julian não dava valor aos símbolos de status. Talvez hoje seja diferente, mas, quando viajavamos pelo mundo, ele não usava relógio, carro ou roupas de marca – Julian não se importava com nada disso. Mesmo seu computador era um Mac antiquíssimo, um daqueles iBooks brancos, quase uma peça de museu. No máximo, ele comprou um *pen drive* novo.

Contudo, pensávamos bastante sobre como poderíamos conseguir dinheiro para o WL. Uma das ideias foi fazer com que nos pagássemos diretamente pelos documentos, leiloando o acesso exclusivo ao material. Um e-bay para WikiLeaks, por assim dizer. Em setembro de 2008, colocamos um teste no ar. Anunciamos em nosso site e em notas à imprensa que venderíamos por leilão os e-mails de Freddy Balzan pelo lance mais alto. Balzan era o autor dos discursos do presidente venezuelano, Hugo Chavez.

O anúncio causou ampla repercussão na América do Sul. Mas não porque de fato os meios de comunicação cobrissem uns os lances dos outros, mas sim porque logo foi conflagrado um debate crítico. Fomos acusados de querer fazer dinheiro com o trabalho de nossas fontes e houve a reclamação de que, dessa forma, a mídia teria o material em primeira mão, pois podia pagar por ele. Não teríamos, contudo, as possibilidades técnicas de implantar um leilão de fato.

Tentei conseguir dinheiro com um pedido à Knight Foundation. A John S. and James L. Knight Foundation fomenta projetos jornalísticos promissores; apenas no ano de 2009, a fundação distribuiu mais de US\$105 milhões a diversas organizações midiáticas. No fim de 2008, inscrevi, pela

primeira vez, um pedido de fomento de US\$2 milhões que, contudo, fracassou logo depois de quatro ou cinco rodadas do processo seletivo com diversas fases. Logo após a convocação para a segunda fase, Julian anunciou aos destinatários de nossa lista de *mailing* que tínhamos o fomento de US\$2 milhões praticamente no bolso.

Em 2009, tentei novamente e, dessa vez, solicitei US\$500 mil. Um pedido desses significava muito trabalho e Julian não me ajudou. Uma colaboradora e eu nos debruçamos por duas semanas sobre a papelada, precisávamos responder a oito perguntas sobre motivação e nossa estrutura interna do projeto. Um dia antes da entrega, Julian entrou em contato, junto com a Nanny. No dia anterior à data final, ela deveria redigir o documento para a Knight Foundation – naquele momento, já estávamos prontos há muito tempo. Julian decidiu que deveríamos enviar dois pedidos. Ao menos com um conseguiríamos com certeza. Julian e Nanny me explicaram ainda por que correriam com a papelada. Meu pedido seguiu ainda, pela primeira fase, então pela segunda e parou na penúltima fase. O pedido de Julian e Nanny não passou da primeira fase.

Mais tarde, Julian me acusou de ter tentado incluir clandestinamente meu nome no pedido. De fato, o problema foi outro: em 2008, sentei com os pedidos preenchidos no último dia na minha escrivaninha e não sabia se eu mesmo deveria assinar o pedido, se deveria dar meu endereço e nome corretos. Não tínhamos um escritório que eu pudesse citar como endereço. E Julian não tinha residência fixa.

Como o tempo urgia, pensei que não adiantava colocar Estados Unidos, não importava se seu nome verdadeiro estivesse lá. Então assinei o pedido e enviei.

Sonhei, nos dias seguintes, com os US\$500 mil para o WL e com tudo que poderíamos fazer com ele. Antes de adormecer, pensei como poderíamos instalar uma tecnologia de segurança sofisticada, tudo apenas do mais fino, meio rack em um *data center* adequadamente refrigerado, com sistema de alimentação e rede redundante, bem como um servidor

de terminal para acesso aos outros servidores se houvesse um problema. E seriam servidores de última geração, não da antepenúltima.

Uma vez que eu estivesse ali, continuaria a sonhar: que alugávamos um escritório e dávamos às pessoas tarefas concretas. Que poderíamos receber salários. Eu não queria, de forma alguma, voltar para a empresa, para as planilhas de Excel e as reuniões de terça-feira e minhas conferências telefônicas secretas no almoxarifado do oitavo andar.

O processo de seleção estendeu-se por semanas. A Knight Foundation exigiu outros documentos e, de fato, quis nos convocar para a última rodada em Boston, no MIT. A fundação queria nos conhecer pessoalmente e também entrevistar as pessoas de nosso conselho.

O conselho consultivo era ainda uma ideia fantástica, formada antes da minha época de WL. Das oito pessoas que chamávamos de nosso conselho, conhecíamos pessoalmente apenas uma única pessoa, e era CJ Hinke, um internauta ativista da Tailândia. No decorrer do tempo, os jornalistas descobriram cada um dos supostos membros do conselho. Os chineses negaram imediatamente sua participação, o que Julian ignorou com as seguintes palavras: “É claro que eles não podem admitir publicamente o que são.”

Ben Laurie recusou diversas vezes ter participado do nosso conselho. Philip Adams ainda disse que, em algum momento, ele aceitou o posto, mas, por motivos de saúde, não pôde contribuir com nada.

A fundação certamente teria considerado conveniente poder, ao menos uma única vez, conversar com a liderança do WikiLeaks. Mas era impossível marcar uma conferência telefônica em conjunto. Durante uma eternidade, houve uma troca de e-mails, a fundação deve ter achado que éramos de uma arrogância sem igual ou extremamente desorganizados – e acho que éramos ambos. Eu garanti para eles: qualquer que fosse a reunião que eles propusessem, ao menos eu estaria lá para participar. Queria dar a impressão para nossos interlocutores de que nos importávamos com a questão. Nesse meio-tempo, Julian em um e-mail com tom irritado me disse: “Você não é o solicitante.”



Mais tarde, ele disse a outros que eu havia tentado me intrometer no pedido. Meu Deus! Teríamos utilizado nossas energias melhor fazendo em conjunto uma apresentação convincente. Então, fracassamos na última fase.

Para mim, estava claro que um dia queríamos receber um salário do WL. O objetivo deveria ser que ninguém mais precisasse se vender. Pois esse sempre era o problema: precisávamos mesmo de muito mais gente. E precisávamos de muito mais tempo. Tanto um como o outro não estavam disponíveis, pois quase todos nós precisávamos ganhar dinheiro fora do WL.

Aos meus olhos, era um tipo de prostituição não poder fazer o trabalho que se sabia ter muito mais sentido. Claro que eu também sabia que não era o único que não conseguia realizar o que mais gostaria de fazer.

Havia apenas uma pessoa que, naquela época, recebia dinheiro por seus serviços com o WL, que era o técnico que ainda hoje está com o WL. Talvez ele tenha mesmo permanecido até hoje pelo sentimento de estar, de certa forma, obrigado ao WL. Certa vez, também pagamos cerca de €600 a uma jornalista para que ela nos fizesse uma análise elaborada dos vazamentos bancários. Naquela época, pensávamos que deveríamos destacar alguém selecionado para realizar pesquisas aprofundadas. Em 2009, €600 era ainda muito dinheiro para nós.

Meu trabalho me dava nos nervos cada vez mais. A energia que eu dedicava aos clientes não levava a nada: Qual sentido deveria ter quando saíam cada vez mais carros das esteiras da Opel ou quando qualquer um dos meus outros clientes elevava às alturas os números de suas vendas? O mundo não ficou melhor por isso. Sempre tive a sensação de que alguém com determinadas qualificações também tinha a responsabilidade de aplicá-las em favor da sociedade. Cada minuto no escritório me parecia desperdiçado. Eu me concentrava unicamente em fazer meu trabalho da forma mais eficiente possível. Era uma grande empresa na qual, de

qualquer forma, as fases do projeto eram medidas com grande tolerância, possivelmente sem problemas – além disso, eu trabalhava ainda mais rápido que a maioria dos outros colegas.

À noite, eu me ocupava com o WikiLeaks e, durante o dia, com as preocupações dos meus clientes, e cada vez mais trabalhando em casa. Às vezes eu acordava às 11 horas com o telefone, um cliente importante estava na linha – conferência telefônica, totalmente esquecida. Tirado de um sono profundo, de cuecas, eu tropeçava sobre uma pilha de documentos militares secretos espalhados pelo chão, e me espalhava em meu pufe. E então explicava à gerência geral do grupo empresarial multinacional, enquanto olhava o buraco da minha meia, como otimizá-íamos de forma extraordinária seus *data centers*. Em seguida, eu voltava a me dedicar aos documentos, aos papéis do serviço secreto e aos casos de corrupção que deveriam ser os próximos a aparecer na página da internet. A qualidade de meu trabalho permanecia impecável. Meus pais me criaram para ser uma pessoa consciente de suas obrigações – e isso não se esquece assim tão rápido.

Em meados de 2008, fiquei em Moscou por quatro semanas, a serviço da empresa. Eu estava lá para conduzir a construção de um *data center* em um prédio. No local ficou claro que todo o empreendimento estava fora de controle.

Fiquei hospedado um pouco afastado, num hotel Holiday Inn no Parque Sokolniki, na parte nordeste de Moscou, e todos os dias passava 45 minutos no metrô até chegar ao local de trabalho. Como eu era o único não russo no local, ou seja, apenas eu era confiável, logo me tornei o pau para toda obra. O cliente me ligava diariamente. Eu me esfalfava 24 horas por dia. Também o hardware que valia quase US\$1 milhão deveria ser protegido contra sujeira e poeira – ou um operário lixava as paredes em frente à sala do servidor ou o ar-condicionado vazava do teto.

As instalações eram um pesadelo: entulho e lixo escondiam os operários mal pagos no andar intermediário e, antes que eles acabassem, já

havia os primeiros vazamentos na tubulação da calefação, pois todos haviam andado por lá sem o menor cuidado. Como eu ficava em pé desde a manhã até bem tarde, meus pés formavam até mesmo bolhas de sangue. Após Moscou, um par de botas Doc Martens ficou completamente gasto. A cidade deixava meus nervos em frangalhos.

Uma vez, aproveitei um programa diferente e visitei meu parceiro de intercâmbio com quem morei quando no fim do ensino médio estive na Rússia. Wladimir\* havia estudado Direito. Quando lhe perguntei o que fazia, respondeu-me: “Presto favores.” Ele tinha quatro namoradas, um carro e uma casa própria. E o que mais me impressionou: em seu carro havia uma inscrição de chefe de polícia, que significava: “Deixe este homem em paz.”

De fato, eu não sou um passageiro medroso, mas, quando Wladimir\* pegava uma pista para virar à direita a 100km/h ou mesmo pegava uma pista para si, totalmente convencido de que todos os outros precisariam dar espaço para ele e que ele, de qualquer forma, teria direitos perante o tribunal de trânsito, eu segurava firme na alça que ficava sobre a janela.

Da janela do meu escritório, eu observava diversos canteiros de obra gigantescos. Lá, operários moldávios levantavam edifícios batendo novos recordes. À esquerda, o edifício mais alto da Europa e, à direita, a segunda torre mais alta do mundo, se bem me lembro. Os operários viviam em pequenas cidades de contêineres, quase como as cidadezinhas russas, em torno das quais era passado arame farpado. Desde o início dos trabalhos de construção, mais de 50 operários morreram em acidentes.

É uma verdadeira vergonha que, em todos esses anos, não tenhamos nos debruçado em qualquer documento sobre as condições desse país. Recebíamos pouco material da Rússia e também não conhecíamos o idioma. Pode-se falar o que quiser sobre nosso inimigo preferido, os Estados Unidos, mas em Moscou em cada esquina as coisas pegam fogo. Nas semanas, eu gostaria de ter tido mais tempo para o WikiLeaks. De qualquer forma, consegui me encontrar em Moscou com a Transparency International e dar uma entrevista no estúdio da rádio alemã ARD.

Naquele momento, houve a primeira onda de demissões entre nós na filial, e o conselho de administração nos enviou um e-mail com a proposta de procurar consultoria nesse sentido. Pouco depois, chegou um e-mail da direção geral: os 15 minutos que um funcionário gastasse com a consultoria a funcionários não poderia ser contado como horário de trabalho regular. Bobagens desse tipo chegavam a todo instante – fosse a notificação para lembrar que trabalharíamos apenas meio período no dia 24 de dezembro ou o aviso de que canetas e borrachas eram propriedade da empresa.

Eu trabalhava de 16 a 18 horas por dia e então insinuaram que queriam ferrar a empresa por causa de 15 minutos do horário de trabalho. Assim, escrevi um e-mail como resposta que enviei a todos os funcionários alemães do grupo. Informei como remetente o endereço da diretoria, com toda a chefia na cópia. No e-mail pedi ao diretor que não comparasse sua própria moral de trabalho com a de todos os outros. E que também seria bom se o conselho de funcionários mostrasse um pouco mais de coragem. Fiz com que o e-mail saísse de uma impressora da rede. Eu conhecia o endereço de IP, pois se tratava da impressora que ficava no corredor do meu escritório em Rüsselsheim.

Não levou muito tempo até que uma janela de chat pulasse na minha tela: era uma colega que pertencia ao círculo mais próximo da diretoria. Tínhamos um problema ali e eu conhecia bem as questões de segurança e, talvez, pudesse ajudá-los.

Então, respondi, surpreso: “Que coisa, hein!”

Verifiquei o caso cuidadosamente e lembrei-me de que muitas vezes eu já havia aludido ao problema de segurança no caso de impressoras em rede.

“Não é possível rastrear o remetente do e-mail?”

“Infelizmente, não”, lamentei. “Também tenho muito que fazer por aqui, *sorry*, ☺.”

Despedi-me de modo amistoso e voltei às minhas atribuições russas.

Alguns de meus colegas da empresa desenvolveram logo um ódio justificado por aquele que enviara o e-mail. Eles temiam ser apontados como remetentes do e-mail e, com certeza, perderiam o emprego. Principalmente aqueles que antes não perdiam sequer uma oportunidade de xingar a diretoria estavam de repente “se cagando de medo”.

Eu observava com prazer que a diretoria acionara até mesmo a polícia e como tudo ocorreria de forma tão amadora! Eles selaram a sala com grande esforço e recolheram impressões digitais em todas as impressoras e copiadoras. Também desmontaram os dispositivos de armazenagem de todas as máquinas vizinhas e levaram-nas para os peritos criminais. Claro que nunca dava em nada.

No início de 2009, ficou claro que eu pediria as contas do meu trabalho. Por vias normais, eu nunca seria despedido. Eu me dispus voluntariamente, era jovem e solteiro, a empresa não poderia refutar minha proposta. Então, negocieei um salário anual como indenização e me desliguei da empresa na qual trabalhava em 31 de janeiro de 2009. Como primeira medida, comprei com o dinheiro seis novos laptops e alguns telefones para o WL.

No início, meus pais não entenderam por que eu pedira demissão: um emprego seguro, a aposentadoria – para eles, parecia perigoso renunciar a tudo isso. Mas, no final das contas, eles sempre me apoiavam. Especialmente minha mãe já havia entendido que eu queria fazer algo que eu considerasse socialmente significativo e estava claro para ela que todas as tentativas de mudar minha opinião resultariam no contrário.

Na época, eu partia do princípio de que, em um ano conseguiríamos estabelecer o projeto de tal forma que poderíamos nos pagar também um pequeno salário. No meu entender, minha decisão não era tão aventureira. Tudo parecia estar na mais perfeita ordem.

Página deixada intencionalmente em branco

## **A luta contra a censura na internet**

Em 2008, começamos a publicar listas de filtros de diversos sistemas aplicados em todo o mundo para bloquear o acesso a determinadas páginas de internet.

A primeira lista veio da Tailândia. O abuso político nesse caso era evidente: o regime utilizava o filtro de forma centralizada para coibir críticas à família real. Páginas com conteúdo pornográfico também eram removidas.

Logo também chegaram às nossas mãos listas de filtros de Estados democráticos, como Noruega, Finlândia, Dinamarca, Itália e Austrália. Nesses países, elas deveriam supostamente servir para inibir a disseminação de pornografia infantil. Alguns desses sistemas são pensados apenas para a aplicação voluntária, ou seja, os pais podem instalar os filtros em seus próprios computadores e nos de seus filhos, por exemplo. Com certeza, é uma boa abordagem, mas se transforma numa medida de censura preocupante quando os legisladores tentam introduzir esses filtros em caráter obrigatório para todos os usuários da internet.

Quem está a favor argumenta que apenas dessa forma seria possível avançar na luta contra a pornografia infantil na Grande Rede. Esse é um argumento espúrio. Por isso, foi refutado em diversos casos.

Dessa maneira, ficou claro que, de acordo com nossos vazamentos, mesmo a melhor lista de filtros não era adequada para nem um terço das páginas identificadas como perigosas. Algumas listas apresentavam

índices de erro de até 90%. A lista finlandesa era especialmente pior: apenas um pequeno percentual das páginas identificadas trazia de fato conteúdo com pornografia infantil. Essas informações desencadearam um amplo movimento de protesto político.

Os sistemas não eram apenas ruins, mas também configuravam um leve abuso de poder político, e não apenas em ditaduras e Estados injustos, como China ou Tailândia. Na Finlândia, por exemplo, a censura atingiu Matti Nikki, blogueiro conhecido. Após ele ter publicado a lista de bloqueio finlandesa, seu próprio endereço de IP também entrou na dança.

Nas listas australianas, havia páginas de um dentista, de combatentes do aborto, bem como a presença na internet de homossexuais e de minorias religiosas.

Nosso vazamento da lista australiana ocorreu na época da campanha eleitoral na região. Na Austrália, exatamente como na Alemanha, era uma questão de introduzir obrigatoriamente o filtro de internet para todos os usuários. O governo contestou que ela poderia ser, no caso da lista vazada, o documento que também serviria de base para a promulgação de sua lei. Ironicamente, recebemos logo uma nova lista que se parecia muito com a lista antiga. Contudo, os responsáveis a retocaram nos pontos que foram especial e publicamente criticados.

No fim de abril de 2009, a ex-ministra da Família da Alemanha, Ursula von der Leyen, apresentou sua primeira versão da assim chamada lei de restrição de acesso. Mesmo o Comitê de Ciência e Tecnologia do Parlamento alemão mostrou preocupações constitucionais na época. Acredito que, apesar disso, teriam batido o carimbo de aprovação na lei se não tivéssemos conseguido trazer o tema para o foco do grande público.

Mas, como de costume nessa época, o nome WikiLeaks não era o que, a princípio, atingia o interesse público. Era necessário outra pessoa que



assumisse o tema e explicasse seus pontos. Nesse caso e para nossa grande sorte, apareceu Franziska Heine.

A jovem berlinense descobriu o tema num blog e pôs em circulação sem hesitar um abaixo-assinado on-line que ficaria conhecido como o abaixo-assinado on-line mais bem-sucedido da República Federal da Alemanha. Por esse feito, Franziska viu a fama chegar dentro de poucos dias, no mínimo nos círculos que lidavam com a questão da censura em níveis político e jornalístico. Jornais e programas televisivos importantes pediam entrevistas a ela. Nas vezes em que andei com ela, seu telefone não parava de tocar e cada horário de almoço era utilizado por ela para reuniões com a imprensa.

Conheci Franziska por e-mail. Após ela colocar o abaixo-assinado em circulação, escrevi para ela e perguntei se não poderíamos nos aliar de alguma forma. Sua resposta soou empolgada. No final, ela escreveu: “Precisamos mesmo nos encontrar.”

Dias depois, eu já estava num trem a caminho de Berlim. Franziska é uma pessoa de mente bastante aberta. Logo após nosso primeiro encontro, ficamos por horas passeando às margens do Rio Spree e conversando. Ela tem aquele olhar bastante afável, um pouco travesso e sonolento, e papear com ela é uma diversão. Meu maior desejo naquela hora era não ter levado aquela bolsa tão pesada comigo. Por motivos de segurança, eu me acostumara a nunca deixar sozinhos em casa meus dois laptops e os celulares.

Em seguida, acompanhei-a até o “Club der Visionäre” [Clube dos Visionários]. Ficamos sentados no deque sobre o rio, ouvindo música eletrônica e admirando a água. Mais tarde, juntaram-se a nós outros blogueiros e internautas ativistas. Franziska realmente vibrava com o tema, no mínimo tanto quanto eu.

Não sei se ela gostava do *frisson* em torno de sua pessoa. Ela absorvia aquilo tudo, além de seu emprego normal em tempo integral como gerente de projetos em uma empresa de telecomunicações, o que, com

certeza, era bastante estressante. Em minha opinião, ela era a pessoa certa para aquele papel, pois, antes disso, nunca fizera barulho como internauta ativista, não seguia qualquer agenda política própria nem alimentava ambições de explorar o tema em prol de sua própria carreira. E como ela própria não era versada em muitas questões técnicas, pediu para que eu a acompanhasse nas coletivas de imprensa. Eu ajudava com prazer, não apenas como cúmplice e livro de referência técnico ambulante, mas também porque assim eu faria contato com tomadores de decisão na política.

Em 2009, Franziska e eu também colamos juntos cartazes para a grande manifestação antivigilância “Liberdade em vez de Medo”, em Berlim, e nos reencontramos no HAR, o grande congresso de hackers na Holanda. Nesse ínterim, o contato ficou um pouco adormecido. Ela pôde – acredito que com muita alegria – dedicar-se novamente e com mais intensidade ao seu trabalho e, acima de tudo, à sua vida pessoal. Naquela época, havia muitas pessoas que se ocupavam com as questões de censura. E era incrivelmente difícil convencê-las a realizar um trabalho conjunto. Como elas descobriram o tema muito recentemente, às vezes agem como se tivessem exclusividade sobre ele. Então, com frequência não se tratava mais do tema em si nas conversas, mas de qual nome estava em quais papéis.

Naquele período, Franziska foi convidada para uma discussão com a ex-ministra da Família da Alemanha, Ursula von der Leyen. Haveria a moderação do jornalista do *Zeit Online*, Kai Biermann, e do editor do jornal *Zeit*, Heinrich Wefing. Franziska me pediu que eu a acompanhasse. Embora os jornalistas tivessem concordado que eu a acompanhasse, insistiram para que todas as minhas respostas fossem repassadas a Franziska.

Para os dois entrevistadores, eu parecia alguém um pouco inconveniente. Ofereceram para mim uma cadeira e café, mas, quando Franziska dizia algo, os dois senhores acenavam com a cabeça, amigáveis. Queriam saber como Franziska tivera a ideia de criar esse abaixo-assinado. Assim

que eu me dispunha a explicar um detalhe técnico, diziam: “Detalhes demais, técnica demais.”

Eu me perguntava como as pessoas poderiam sequer entender o todo se não estavam preparadas para lidar com detalhes técnicos. No entanto, para os jornalistas, ficava cada vez mais importante tratar da história pessoal de Franziska.

Em geral, não me interessa a autorização das citações. Disse a Wefing que eu considerava essa briga por autorização um câncer do jornalismo alemão, uma declaração pela qual outros jornalistas teriam me abraçado espontaneamente. Contudo, Wefing me explicou que, ao contrário, tratava-se de uma virtude alemã e que ninguém daria entrevistas aos jornalistas se elas não fossem administradas dessa forma.

Mais tarde, cometemos um erro ao liberar sem qualquer objeção a entrevista concedida ao *Zeit*, pois achamos o tom da transcrição equilibrado, mas quando enviaram o texto para a oposição, o porta-voz de Ursula von der Leyen fez alterações e o resultado impresso no jornal distorcia o debate contra nós, o que nos deixou extremamente irritados.

Houve, então, um segundo encontro com a ministra. O gabinete de Ursula von der Leyen é um bloco de concreto na Alexanderplatz. A sala de reuniões no último andar era quase a metade de uma sala de aula e, no meio, havia um grupo de mesas com cadeiras em volta. Além da ministra, nos aguardavam algumas outras pessoas: Annette Niederfranke, a chefe ministerial e diretora do “Departamento 6: Bem-Estar Infantil e Juvenil”, com uma de suas funcionárias, bem como o porta-voz à imprensa, Jens Flosdorff, que já conhecíamos da entrevista com o *Zeit*. E havia ainda outra pessoa. Não contávamos com sua presença: Lisa.\* Um metro e vinte. Uma criança com cerca de 8 anos.

Sentamos ao fundo do círculo de mesas, enquanto a garotinha, com seus cachos castanhos, nos olhava. Ela rabiscava com um giz de cera sobre folhas brancas, meio absorta em sua tarefa.

Explicaram-nos que Lisa\* era filha da funcionária de Annette Niederfranke, e o papai de Lisa\* estaria naquele dia numa viagem de negócios,

por isso ela, depois da escola, precisara ir com a mamãe para o trabalho. E como ninguém mais poderia cuidar de Lisa\* no ministério, precisaria ficar à mesa conosco nessa reunião sobre pornografia infantil.

“Acredito que não seja problema, não é mesmo?”, sugeriu a ministra von der Leyen e sorriu. Lisa,\* enquanto expressássemos nossas preocupações nesse sentido, ficaria bem calminha e pintaria apenas imagens engraçadas e coloridas. E, como ela de qualquer forma ficaria ali, não deveríamos utilizar aquelas “palavras começadas com P e I”. Não podemos utilizar “essas palavras horríveis”, disse a ministra e repetiu com ênfase: “essas palavras horríveis, horríveis”. Nesse momento, ela olhava bastante incomodada. “Todos sabem sobre o que estou falando.” Ela lançou um olhar bastante significativo à sua volta, e então a discussão pôde começar.

Permanecemos lá por quase duas horas. E todo o tempo Ursula von der Leyen falou de forma coerente de “PI”, enquanto a jovem funcionária da diretoria do departamento utilizava com franqueza a palavra “pornografia infantil”. Também, era apenas a mãe de Lisa.\* Lorient<sup>1</sup> não teria montado um cenário mais perfeito. Por fim, disseram que já estava muito tarde e que Lisa\* precisava ir para a cama. Por isso, a reunião precisava terminar.

“Obrigada, foi um prazer. Os senhores sabem onde é a saída?”

O tom durante toda a conversa foi muito calmo e comportado. A ministra demonstrou, a cada palavra e gesto, como era bem-humorada e gentil. E não queríamos assustar “a Lisa”.\* Ninguém podia bater na mesa e dizer: “Desculpem, mas, contra todos os pedófilos, essa bobagem que vocês planejam não vai adiantar em nada!”

De qualquer forma, foi mesmo uma estratégia esperta de imprensa – sentimo-nos moralmente chantageados e depois ficamos muito bravos por não termos interrompido a reunião. No mínimo, entendemos a

---

<sup>1</sup>*Nota do Tradutor:* Lorient, nome artístico de Bernhard Victor Christoph-Carl von Bülow, cineasta, ator, caricaturista, escritor e humorista alemão, famoso por seus desenhos bem-humorados sobre os alemães.

*posteriori* um pouco melhor o que Ursula von der Leyen havia provocado. Ela nos explicou como seria ruim para ela se lhe perguntassem nas conferências internacionais por que a Alemanha não progredia o suficiente contra a pornografia infantil.

Esse era seu ponto. Tudo bem. Pareceu-me que ela queria demonstrar *que*, de fato, fazia algo. O que era, exatamente, parecia estar em segundo plano nesse caso.

Apesar de tudo, a resistência contra a lei de bloqueio da internet foi uma das ações politicamente mais bem-sucedidas do meu período no WL. Isso mostrou com qual rapidez se podia formar uma pressão política. Tínhamos os fatos, Franziska era a ativista e, quatro semanas depois, estávamos sentados à mesa com a ministra responsável, Ursula von der Leyen.

Dos dois tipos possíveis de engajamento político, para mim este era o caminho preferido: pode-se criticar mais tarde, como no caso da cobrança de pedágio ou da empresa farmacêutica alemã, que algo deu errado. Ou que é possível influenciar o processo em andamento. Com isso, aprendemos que se deve ultrapassar certo limite de percepção nos meios de comunicação para algo se movimentar. E, infelizmente, isso funciona melhor quando se personaliza um problema e se dá um rosto e uma nota individual a ele.

No HAR de 2009, tentamos então transferir a verve política que sentimos na Alemanha para um fórum maior. Nosso objetivo era trazer à vida um movimento político que combatesse, de forma geral, as medidas de censura à internet em todo o mundo.

HAR é a abreviação de *Hacking at Random* [Hackeando ao Acaso] e se parece com um Woodstock para hackers – um camping imenso que ocorria a cada quatro anos em diversos lugares na Holanda. O HAR é um ótimo lugar para entrar em contato com pessoas e deparar com novos

temas. Foram planejadas para mim e para Julian três apresentações, entre outros, um painel sobre o tema censura.

Minha namorada, um de nossos técnicos e eu dirigimos quase uma semana, antes de o camping começar em 13 de agosto, numa Mercedes Sprinter grande e branca até Vierhouten. Tínhamos um conjunto de barracas imenso na bagagem. Meu maior orgulho era uma bandeira azul-clara com o logotipo do WL, que mandei fazer num serviço têxtil na internet: num mastro de 6m de altura, tremulava uma bandeira de quase 2m de comprimento. Além disso, tínhamos uma tenda de festa, meu sistema de alimentação solar, um monte de luzes e um globo de boate. Também havia uma geladeira, redes, uma poltrona inflável e um colchão.

O camping foi montado numa grande área com campos e bosques, que, em épocas normais, abrigava um acampamento para férias em família. Ajudamos a montar o distribuidor de força, a montar a rede de dados e as tendas de apresentação, a instalar cabos e fibras ópticas quilométricas e a esticar o cabeamento pelas árvores acima, para que ninguém tropeçasse neles. Para os cinco dias de conferência, foi levantada uma cidade completa de tendas, com tudo que era necessário – inclusive uma conexão de 10 gigabytes para internet, que deveria deslocar grande parte do tráfego de rede europeu dos próximos dias na direção de Vierhouten.

Nesse tipo de camping, os preparativos me divertem na maioria das vezes. Achei fantástico movimentar-me novamente ao ar livre e com pessoas autênticas, que tinham a ver comigo.

O clima estava delicioso. Apenas numa noite houve uma pequena tempestade e a água da chuva correu para dentro das baterias, que estavam conectadas ao alimentador solar. Houve um curto-circuito e, por pouco, o sistema não queimou, mas percebemos o que havia ocorrido apenas na manhã seguinte.

Julian chegou dois dias antes da apresentação. Ele montou sua tenda bem ao fundo, então começou a andar pelo camping. Ou seja, não passou pela sua cabeça nos ajudar.

No HAR, todo mundo andava com telefones DECT, que eram conectados entre si por uma rede própria. Assim, qualquer um podia entrar em contato com outros no campo ou ligar para amigos quando alguém se perdia na multidão. E, claro, podia-se ligar também para o mundo todo.

Era possível reservar um código de quatro dígitos para os telefones DECT. Escolhi para mim o código *LEAK*. Para Julian, providenciei o número “6639”, ou seja “MNDX”, de “Mendax”, seu antigo nome de hacker. Acho que ele ficou realmente feliz com isso. Lembrei-me da apresentação que fizéramos em Berlim, em 2008. Alguém do público reconheceu Julian no palco e gritou “Fala, Mendax!”. Ficou claro pela expressão no rosto de Julian o quanto ele havia ficado feliz. No congresso, em dezembro de 2007, quando nos vimos pela primeira vez em Berlim, provavelmente ele era de longe um dos maiores hackers de lá, e com isso ele também se pavoneava. Acredito que se decepcionou um pouco quando quase ninguém o reconheceu no HAR.

Também não ouvi durante o HAR seu telefone tocar uma única vez. Mas ele também não o carregava, nem se preocupava com isso.

Além dos diversos eventos, no HAR sempre havia festa em algum lugar. Em nossa tenda, havia um globo de boate e música, e à noite cozinhávamos juntos. Cerca de 20 pessoas se espremiavam conosco na tenda, apenas porque estávamos tão bem aparelhados. Minha namorada curtia o HAR e estava feliz por ficar a meu lado por vários dias. Ela balançava nas redes ou pintava as unhas do pé nas cores do arco-íris. Além disso, ela coletava o dinheiro para as compras e ajudava na cozinha. Todos gostavam dela.

Quem ficou ainda mais feliz com essa excursão foi nosso técnico. Ele se sentia muito bem ao ar livre, fez novas amizades e passou um período sem preocupações. Naquela época, pensei que todos devíamos fazer mais coisas juntos. E como era bom olhar algumas árvores para variar, e não sempre apenas a tela do computador.

Marvin Minsky era especialista em inteligência artificial e foi um dos primeiros a defender a tese de que um dia conectaremos os computadores

por cabo diretamente ao nosso cérebro. Certa vez, um jornalista lhe perguntou quando finalmente adotaríamos o mundo virtual. Ele respondeu de forma lógica: enquanto nós, após duras horas com as mais impressionantes representações tridimensionais, ainda olharmos para fora, visualizarmos uma árvore e perguntarmos, surpresos, como pode existir algo tão maravilhoso e cheio de detalhes, isso com certeza não acontecerá.

Então, Julian teve a ideia de fazer uma nova apresentação. Porém, não queria repassá-la comigo, embora fizéssemos sempre nossas apresentações juntos. Em vez disso, foi para um hotel. Ele me disse que conseguiria se preparar melhor lá e queria revisar a apresentação minuciosamente com um conhecido.

Por um lado, eu estava feliz que ele havia chegado dois dias – e não apenas dois minutos – antes do início da apresentação, como de costume. Contudo, eu gostaria de ter conversado com ele sobre a apresentação. Esses números de improvisação espontânea e suicida no palco me davam nos nervos. Hoje, vou totalmente despreparado para os compromissos. De qualquer forma, conheço os temas até mesmo dormindo. Tornei-me bastante espontâneo. As pessoas sempre comentam comigo como puderam me ouvir bem, e me parabenizam pela apresentação leve e solta. Devo agradecer a Julian por isso. Desde o tempo de nossas apresentações em conjunto, não me preocupo se algo pode dar errado, se o projetor pode pegar fogo ou se o palco vai cair.

Às vezes também roubávamos a cena. Quando os organizadores não previam nenhuma apresentação para nós, mas achávamos que deveríamos estar no programa, pulávamos para o palco sem sermos chamados. Por exemplo, em junho de 2008, quando Julian e eu estivemos para o Global Voices Summit, em Budapeste. A Global Voices é uma rede global de blogueiros que traduzem para todos os idiomas, disseminam e protegem contra a censura o jornalismo colaborativo e os blogs. Esperávamos



conseguir na conferência novos contatos que pudessem nos auxiliar a disseminar nossos vazamentos para todo o mundo. Para tanto, produzimos nossos próprios itens programáticos, distribuímos previamente folhetos e então, no fim de uma apresentação oficial, pulamos para o palco.

No fim da conferência, Julian conversou com um funcionário do Open Society Institute (OSI), de George Soros. Ele perguntou onde conseguíamos dinheiro para o WL. Ele sugeriu que o OSI gostaria de apoiar projetos como o nosso. De acordo com Julian, ele perguntou sobre nossa lista de desejos, e para isso não deveríamos “fazer cerimônia”. Que eu saiba, porém, isso nunca deu em nada.

No HAR, fizemos três apresentações. Com relação ao tema censura na internet, queríamos evocar o novo movimento internacional. Moderei um painel de discussão sobre o assunto. Comigo no palco, estavam Julian e Rop Gonggrijp, um internauta ativista holandês que, mais tarde, nos ajudaria na publicação do vídeo “Collateral Murder”, além de Franziska e padeluun (artista e ciberativista da associação de proteção de dados de Bielefeld), bem como uma *whistleblower* ex-MI6, da Grã-Bretanha.

Em teoria, todos estavam de acordo: em todo o mundo, a política cria leis de censura, e em todo o mundo as pessoas tentam lutar contra elas. Seria mais sensato organizar-se em nível internacional e controlar a resistência a partir de uma central. Após o evento, muitos dos espectadores vieram até nós e queriam engajar-se no movimento. Fizemos uma lista de *mailing* que deveria colocar a pedra fundamental de um movimento global.

E parou por aí. O que possivelmente faltou no movimento foi um líder, uma personalidade que abraçasse a causa e deixasse as pessoas eletrizadas. Sempre é necessário contar com um idealista que se coloque à frente – quem melhor poderia saber disso do que eu?

Além da fundação de um movimento global anticensura, eu havia assumido no HAR outro trabalho, talvez o mais complicado da minha vida.

Eu havia estampado camisetas com o logotipo do WL. Pedi camisetas brancas, pois pensei que nosso logotipo sobre elas ficaria com um formato melhor e economizariamos alguns centavos por peça. Foi idiotice, quem é que compra camisetas brancas? Principalmente num cenário em que a camiseta preta aparece quase como um *dress code*. Eu mesmo nunca teria vestido uma camiseta branca na vida.

Havia encomendado 250 peças. Eram quase quatro caixas de papelão cheias que, desembaladas e empilhadas, chegavam a uma altura de 3 metros. Naquele momento, eu tentava desfazer-me daquela pilha monstruosa. Hoje, elas, com certeza, desapareceriam como artigo de colecionador por 10 vezes o preço, mas, naquela época, ninguém as queria.

Eu precisava segurar as pessoas quando elas passavam em nosso estande para convencê-las a tirar de suas carteiras €5 por uma camiseta. Meus colegas também não estavam se saindo melhor do que eu. Se precisássemos mudar de ramo para o varejo, morreríamos de fome. Minha namorada era muito sincera para empurrar a alguém de forma consciente uma camiseta tão horrorosa. E Julian preferia ter com os eventuais interessados conversas profundas sobre a situação no mundo. Assim ele ficava ali, de pé, e falava, falava ou começava uma briga. Ninguém mais pensava nas camisetas.

Escapei de um negócio falido por um fio. A comercialização dos produtos WL não nos salvaria do aperto financeiro.

Pouco depois ganhamos um prêmio artístico. O festival Ars Electronica era o patrocinador e ocorria anualmente em Linz. Em minha opinião, foi uma idiotice completa. No entanto, também começava a ficar bem engraçado.

De fato, era necessário inscrever-se para um prêmio nesse festival de mídia, o que era feito todos os anos por milhares de artistas. Seguramente, nunca havíamos pensado naquilo.

Recebemos mensagens dos organizadores. Primeiro, nos enviaram por e-mail algumas informações sobre o prêmio. Apagamos as mensagens. Não dávamos a mínima para arte. O que aquelas pessoas queriam? Contudo, os e-mails se acumulavam. Por fim, perguntaram se não queríamos nos inscrever. Por acaso queriam dar um prêmio para nós? O procedimento nos pareceu um pouco estranho. Por outro lado, esperávamos tudo desse cenário de arte *high tech* intelectual. Lemos todas as descrições dos trabalhos premiados dos anos anteriores, o que nos deixou ainda mais surpresos. Pareciam mais com os artigos sobre “Titanic”, mas, aparentemente, levados a sério. Pouco dali era socialmente relevante. O que tinha a ver com o WL?

No entanto, como os curadores do Ars Electronica nos cortejaram de forma tão insistente, enviei algumas páginas com informações gerais sobre o WL para Linz. E – surpresa! – recebemos um convite para a entrega do prêmio na Áustria, em 4 de setembro de 2009.

Como nos pagaram apenas um quarto de hotel, Julian e eu precisávamos dormir numa cama de casal. Comparado às pocilgas nas quais já havíamos pernoitado, o Hotel Wolfinger parecia mais o Ritz. Com o charme austríaco e chique também. Espontaneamente, quis tirar meus sapatos assim que cheguei ao piso de madeira nobre do quarto. Ou, pior ainda, tive até mesmo o impulso de dar uma arrumada antes que eu saísse dele. Em qualquer lugar onde Julian e eu permanecíamos mais de cinco minutos, parecia que uma mala cheia de roupas havia explodido e alguém ainda decorava a explosão com cabos e telefones. Mas me confortava o pensamento de que os outros artistas provavelmente não seriam muito mais ordeiros do que nós.

Viajamos na esperança de encontrar alguns artistas malucos e ricos com os quais pudéssemos trocar ideias para arrancar dinheiro deles. Vivíamos de forma bastante econômica. Eu havia enrolado a bateria do meu laptop com fita adesiva grossa, pois ela já estava se soltando do prendedor. Um par de sapatos novos teria feito de Julian um novo homem. No entanto,

demos o nosso melhor para ficarmos mais arrumados para o cenário artístico. Eu calçava sapatos de couro preto, como manda o figurino. Julian vestia um casaco acinturado de tecido preto, que, no máximo, estava meio pequeno para ele e provavelmente havia sido cortado para mulheres. Com esse casaco, ele parecia o Superpato antes de levantar voo, mas, de alguma forma, também bastante sofisticado.

Perdi Julian de vista pouco antes da entrega do prêmio, que aconteceu no Teatro Brucknerhaus. Talvez ele estivesse lá fora passeando às margens do rio ou tivesse voltado ao hotel, pois o cenário não lhe agradava.

Ele não perdeu nada. Diante dos meus olhos, passaram projetos totalmente sem sentido e, no final, o apresentador nos anunciou como segundo lugar, sem nem mesmo falar nossos nomes. O imenso salão no qual a festa de gala aconteceu estava cheio de nobres senhores de terno e gravata e as mulheres com vestidos de gala, e numa fila de cadeiras à frente estavam também os 20 patrocinadores alinhados, entre eles os artistas em seus guarda-roupas obrigatoriamente expressivos. Contudo, toda a apresentação foi inútil para nós, pois ninguém devia saber quem realmente nós éramos. Ou seja, não houve a grana preta escondida pelos artistas esquisitos. A exposição também me pareceu totalmente exagerada. De qualquer forma, comprei um relógio que funcionava com bio-energia de uma planta, o único projeto do qual gostei. No mais, apenas vi e ouvi pessoas narcisistas que falavam sobre seus projetos banais e incensavam-se o tempo todo.

No porão, havia uma apresentação com algumas fotos e projeções dos participantes. Secretamente, configurei os terminais de internet que estavam por lá de forma que o navegador permitisse apenas o acesso à página do WikiLeaks, o que ninguém percebeu.

No dia seguinte, peguei bem cedo o voo de volta, pois aquele show me dera nos nervos. Julian ficou até segunda-feira. O segundo lugar teria a oportunidade de apresentar novamente seu projeto e conversar com os outros participantes.

Por volta do meio-dia, houve uma coletiva de imprensa, no mesmo salão, mas dessa vez com um público bem menor. Para cada premiado, fora planejado um tempo de cinco minutos para falar. Os organizadores cometeram o erro de deixar que Julian começasse.

“Há representantes da mídia também na sala?”, perguntou.

Quase metade dos presentes respondeu.

“Bem, que sorte”, disse Julian. “Já estava com medo de estar novamente aqui trancado com um monte de artistas babacas.”

Metade do público riu, por acaso exatamente a metade que antes havia respondido. Então, Julian começou explicando aos jornalistas animados e aos artistas ofendidos como o WikiLeaks e o mundo funcionavam e parou de falar 45 minutos mais tarde.

Página deixada intencionalmente em branco

## **A ideia dos portos livres midiáticos**

No verão de 2009, a crise bancária mundial estava a todo vapor. Alguém havia vazado para nós um material relacionado ao Kaupthing Bank, na época o maior banco da Islândia.

O documento que publicamos em 1º de agosto de 2009 mostrava como os parceiros comerciais e as pessoas próximas ao banco haviam conseguido crédito em condições extremamente favoráveis pouco antes de o banco abrir falência.

A mídia falava de “pilhagem do banco pelos proprietários”. Os favorecidos haviam depositado pouca ou nenhuma caução e, mesmo assim, em cada caso, conseguiram quantias no valor de muitos milhões. Isso levou o povo islandês para as ruas em protestos em massa. Inclusive na Inglaterra e na Holanda, onde muitos devedores mantinham domicílio, a indignação foi grande. Os islandeses perceberam que havia um sistema para sua exploração: eles precisariam pagar a falência de seu Estado e dos fundos previdenciários por gerações, enquanto os banqueiros encheriam os bolsos.

Pouco depois, um grupo de islandeses entrou em contato conosco, e um deles era Herbert Snorasson, estudante islandês. Ele planejava realizar uma conferência sobre o tema “Liberdades Digitais” com seu grupo universitário Félag um stafrænt frelsi á Íslandi (FSFÍ), que lutava por uma internet aberta, e perguntou se poderíamos participar. Concordei de imediato. Julian hesitou mas aceitou nos últimos segundos, quando

eu já havia arranjado e organizado tudo. Dessa vez, talvez o que o tenha convencido foi meu comentário de que na Islândia havia, considerando estatisticamente, as mais belas mulheres do mundo. Eu lera isso em algum lugar.

Fiquei contente em participar dessa conferência na Islândia com Julian. Sempre que nos encontrávamos, nos divertíamos juntos. O que me irritava eram suas aparições. Ele sempre precisava se fazer de chefe. Por exemplo, sempre quando encontrávamos pessoas, ele era o primeiro a dar a mão para cumprimentar.

“Sou Julian Assange e este é meu colega.”

Eu nunca teria feito dessa forma, nunca passaria pela minha cabeça apresentar Julian como “meu colega”.

Em novembro, voamos para a Islândia, eu em um voo de Berlim, e Julian depois, de algum lugar. Providenciei uma pensão para nós. A Baldursbra era uma pousada aconchegante, mas com um toque bastante antiquado no centro da cidade, administrada por uma francesa. Julian e eu dividimos um quarto de canto no segundo andar.

Após a minha chegada, fui direto para a cidade e procurei um restaurante. Lá, encontrei Herbert, que trouxera um colega de universidade, Smari. Não me lembro mais o nome do restaurante, mas lá comi uma sopa de peixe espetacular. Além disso, em todo o lugar na Islândia havia Malzbier, a cerveja escura – e, a propósito, muito boa. Simpatizei com o país de imediato.

Já conhecia Herbert do chat. Ele apareceu pouco depois do vazamento do Kaupthing Bank e logo assumiu a tarefa de responder às perguntas dos recém-chegados. Herbert é um cara bastante prudente e agradável, com um humor bem refinado. Com vinte e poucos anos e costeletas que mostravam uma leve tendência a se proliferar, ele estuda História e Russo na Universidade de Reykjavik. Uma de suas citações favoritas é



“Propriedade é roubo!”, de Pierre-Joseph Proudhon, economista e anarquista francês do século XIX. Além disso, ele dizia sobre si, citando o anarcossindicalista alemão Rudolf Rocker: “Sou anarquista não porque acredito que o anarquismo seja o objetivo final, mas porque não existe um objetivo final.”

Ele conhecia os anarquistas clássicos que também constavam da minha lista não oficial de preferidos da literatura mundial, e fiquei empolgado em encontrar tão longe de casa uma pessoa tão parecida comigo. Considero *Was ist das Eigentum* (O que é a propriedade), de Pierre-Joseph Proudhon, o livro mais importante já escrito. Havia levado comigo uma nova edição de Proudhon para a Islândia, na qual foram publicadas cartas ainda desconhecidas dele. Desde o Natal, também empilhavam-se, entre as minhas leituras, *Blackwater*, de Jeremy Scahill, *Corporare Warriors*, de P. W. Singer, e *Die Revolution*, de Gustav Landauer. Na Islândia, queria diminuir um pouco essa pilha de leitura. Com Herbert, eu podia filosofar por horas a fio. Como historiador, ele sabia muito daquilo que eu, como cientista da computação, não tinha a menor ideia, e em contrapartida ele ficou fascinado quando lhe mostrei as novas cartas de Proudhon.

Conheci Smari apenas lá. Ele estudava Ciências da Computação na universidade e organizava a conferência com Herbert. Infelizmente, ele é um pouco agitado e imprevisível, mas também bastante culto e está engajado em muitos projetos sociais. Metade irlandês e com cabelos loiros bagunçados, tem um nome extremamente sonoro: Smari McCarthy. Smari significa trevo de três folhas em islandês – seus pais haviam se permitido uma pequena brincadeira com seu nome. Ele levava isso com bom humor, como levava todas as outras coisas.

Conversamos até que o dono do restaurante veio até a nossa mesa e disse que eles precisavam fechar. Julian chegou no último voo e se encontrou conosco no hotel. Nessa noite, discutimos também a ideia de fazer da Islândia um porto livre midiático.

Estávamos lá para a conferência, mas nossa chegada foi comentada em todo o pequeno país. Éramos quase vistos como heróis populares, após termos vazado as maquinações do Kaupthing Bank. O canal televisivo islandês RUV quis fazer uma reportagem sobre isso em 1º de agosto no noticiário das 20 horas – contudo, cinco minutos antes de o programa ir ao ar, chegou uma liminar e o programa não pôde ser transmitido. Os editores não se deixaram calar e, em vez disso, exibiram nosso endereço na internet. Muitos visualizaram os documentos originais em nossa página.

No dia seguinte, chegou para nós o convite do entrevistador mais famoso da Islândia, Egill Helgason. Ele queria que participássemos de seu programa de entrevistas na tarde de domingo. Dias depois, ele nos encontrou para uma conversa preliminar na cidade. Explicamos a ele nossa ideia de transformar a Islândia num país com a legislação de mídia mais avançada do mundo e lançar essa ideia em seu programa.

Na verdade, a ideia não é nova, nem original, mas surgiu da literatura de ficção científica. Outra fonte para a ideia que também estudamos com afinco foi o livro *Cryptonomicon*, de Neal Stephenson. Esse romance histórico de 1999 aborda, entre outros temas, o sistema de criptografia da Wehrmacht, as Forças Armadas alemãs na Segunda Guerra Mundial, o ouro nazista e as operações militares secretas. Além disso, a construção de um porto de dados tem papel central: a ilha asiática fictícia de Kinakuta seria transformada num local em que nenhum canal de comunicação em qualquer instância do mundo poderia ser controlado.

A obra estava entre as leituras principais de Julian, ao lado dos livros de Solschenizyn. Ele até passou a usar expressões desse autor, como o “superacabamento”, um conceito emprestado da engenharia em que é descrito um processo no qual uma determinação supostamente objetiva seria desenvolvida e refinada até se aproximar do resultado desejado.

Quando queria melhorar ainda mais uma frase, Julian falava que ela precisava ser “superacabada”, ou seja, polida devidamente, como uma peça de metal.

Além disso, ele trocou seu antigo apelido de hacker, “Mendax”, por “Proff”, talvez fazendo referência ao “Prof” desse livro. O Prof em *Cryptonomicon* é inspirado numa figura real, o matemático britânico Alan Turing. No meio informático, Turing é considerado o grande pensador do século XX, pois escreveu o software para as primeiras máquinas de cálculo e quebrou os códigos secretos dos nazistas.

Nossa ideia de porto livre midiático previa, da mesma forma que as ilhas costeiras nas quais vigoram para os bancos leis financeiras que incentivam os negócios, transformar a Islândia numa ilha costeira para informações livres – com leis que fossem especialmente vantajosas para empresas de mídia e prestadores de serviços de informações. Em muitos países do mundo, não há liberdade de imprensa real. Mesmo nos países democráticos, muitas redações são sempre repreendidas, processadas ou mesmo obrigadas a revelar suas fontes. Os meios de comunicação e provedores poderiam mudar a sede para a Islândia – na dúvida, apenas virtualmente, e, a partir de então, aproveitar a proteção de uma avançada legislação midiática.

De qualquer forma, a Islândia já estava disposta a construir seus *data centers* em grande estilo e esticar seus tentáculos de dados com a ajuda de grossos cabos marítimos por todo o mundo. E havia também energia verde das diversas usinas geotérmicas. Como tantas coisas que antes disso poderiam ser consideradas apenas material para um romance haviam se tornado verdadeiras, pensamos: por que não executar nosso plano de porto livre midiático?

Egill Helgason, de qualquer forma, parou a xícara de café no caminho até a boca quando Julian lhe apresentou a ideia. Vi que algo brilhava em

seus olhos. Com isso, ficou claro que lançaríamos a proposta no domingo, em seu programa de entrevistas.

Na volta para nosso pequeno quarto com a sacada cheia de floridas jardineiras e lixeiras de plástico em tom bege e banheiro no corredor, trocamos ainda algumas palavras sobre nosso furo jornalístico. Estávamos cheios de confiança: naquele momento nos intrometeríamos um pouco na política islandesa. No entanto, seria ridículo se não tirássemos essa simpática ilhota da crise. A próxima aventura podia começar – a equipe estava a postos.

Naquele domingo, um motorista nos buscou na pensão e levou até a emissora de televisão, que ficava fora da cidade, numa colina. Subíamos devagar suas curvas. Olhei pela janela, a paisagem estava coberta de neve e soprava um vento cortante. Pelos flocos brancos que batiam no para-brisa do carro, parecia que não saíramos do lugar. Reykjavik era um lugar peculiar, fabuloso e, ao mesmo tempo, inóspito. Eu gostaria de ter ficado sentado para sempre dentro do carro. Provavelmente não estava mais frio do que na Alemanha, mas o mundo diante da janela do carro me parecia a Antártida. O sol arrastava-se um pouco pelo horizonte, brilhava por algumas horas miseráveis e voltava a sumir do campo de visão, exausto. Fiquei estranhamente abatido, cansado logo pela manhã, ao acordar, e muito sonolento durante todo o dia. Eu havia adorado a Islândia tão rapidamente que não poderia imaginar, naquele momento, que o país não me traria boas recordações. Talvez até imaginasse que haveria problemas com Julian, caso voltássemos para ficar mais tempo.

Percebi uma mudança entre nós, sobre a qual eu sempre refletia. Julian reagia de forma exagerada à maioria das minhas opiniões; e às vezes não respondia às minhas perguntas, como se eu não existisse. Ou corrigia minhas palavras com um pedantismo pedagógico que me irritava muito – de graça! Sua língua materna era o inglês e, obviamente, ele

se expressava com habilidade, enquanto eu falava o tempo todo numa língua estrangeira e até dava entrevistas. Mas esse não era mesmo o problema; brigávamos por banalidades para não precisar trazer à tona o verdadeiro conflito.

Meus olhos também não estavam muito bem. As pálpebras estavam muito pesadas. Tentei ver nos olhares alheios se algo de ruim estava acontecendo comigo. Assim, me arrastei quase o dia todo pelas montanhas de neve até o supermercado para comprar suco de laranja fresco, o que deveria ajudar na falta de sol. Nessa garrafa de suco de laranja, havia um círculo laranja que me lembrava um pouco o saudoso Sol. Eu não podia vê-lo, mas conseguia bebê-lo.

Apesar de tudo, o programa de entrevista foi um verdadeiro sucesso. Helgason, com seu cabelo loiro cacheado, fez as perguntas certas e, no fim da conversa sobre o WL e o Kaupthing Bank, apresentamos nossa proposta de porto livre da imprensa. Após essa apresentação, ficamos conhecidos por toda a ilha.

Éramos cumprimentados nas ruas, abraçados no supermercado e convidados para uma bebida no bar. Foi maluco, éramos estrelas. Para mim, era tão prazeroso que eu quase me envergonhava. Ser, por uma vez ao menos, um pouco herói – isso faz bem, e seria mentira se eu negasse que me senti assim. Nos primórdios, tínhamos tentado desesperadamente tornar o WL conhecido. Jornalistas com frequência levavam semanas para retornar uma ligação. Fazíamos apresentações às quais comparecia apenas um punhado de gente. Não raro, éramos descritos como delatores, loucos ou criminosos. Pela primeira vez, fomos reconhecidos por nosso trabalho e eu gostei disso. Em Julian, não percebi a menor alteração. Ele parecia considerar natural que fôssemos cortejados, e prestava excessiva atenção, de forma discreta, quando ele era o alvo dos elogios.

Uma viagem do WL assim não poderia ser comparada a uma saída de férias com alguns amigos. De fato, nunca cozinhamos juntos, nem assistimos a um filme juntos à noite. Quando não pulávamos o café da

manhã, sentávamos de manhã com os laptops à mesa, comíamos nossos pãezinhos, teclávamos e ninguém dizia uma palavra. Não demoraria muito e eu pediria para Julian pelo chat para me passar a garrafa de café. Mas uma noite saímos juntos para uma danceteria no centro de Reykjavik. Lá, todos também queriam nos pagar uma bebida, festejar conosco ou dançar.

Julian e eu não estávamos acostumados a ir a boates. Em todo o nosso tempo juntos, talvez tenhamos saído, no total, uma dúzia de vezes. Lembro-me de uma noite em Wiesbaden, no Schlachthof. Os outros presentes apelidaram Julian pelo seu estilo de dança peculiar: “disco king”. Quando dançava, Julian ocupava bastante espaço. Parecia quase uma dança ritual, na qual ele abria bem os braços e dava passos largos pela pista de dança. Certamente, não parecia rítmico e habilidoso, ou como se tivesse um senso musical insano, mas era descolado. Para ele, não importava o que os outros pensavam dele. Certa vez, ele me explicou que precisava de espaço para que o ego pudesse fluir. Essa explicação cabia direitinho no seu jeito de dançar.

Durante o dia, ficávamos com frequência nos sofás do Café Rot, que era um minirrestaurante auto-organizado numa antiga casa decadente, bem aconchegante. Aos domingos, dançava-se suíngue lá e podia-se comprar café por €1, reabastecer o dia todo e trabalhar.

Três dias depois, aconteceu a conferência na qual conhecemos Birgitta. Ela viera como parlamentar, para se informar sobre a ideia do porto de dados. Birgitta fazia parte do Movements, um novo partido que, no rastro da crise financeira e dos protestos da população, fora eleito no Parlamento. Birgitta vinha do movimento dos direitos civis; além disso, era uma entusiasta do Tibete e havia viajado o mundo todo. Também era compositora e estava longe de ser uma política comum.

Após a apresentação, ela se encontrou conosco e fomos juntos jantar. Como parlamentar, despertou logo o interesse de Julian. Quando acreditava ter diante de si uma pessoa importante, Julian conseguia ser bastante

gentil. Nesse caso, os cumprimentos sempre seguiam o mesmo modelo: ele dava a mão para a pessoa e, também no caso de Birgitta, não entendia o nome direito, curvava-se novamente para perguntar e tentava pronunciar corretamente o que havia entendido. Para alguém como Julian, a quem palavras estrangeiras eram sempre difíceis, os nomes islandeses eram um problema. Assim, Birgitta virou Brigitta. E assim ficou – embora ela tivesse nos acompanhado nos meses seguintes e tenha se tornado uma pessoa de muita confiança.

Também fiz uma tatuagem na Islândia. Acho tatuagens legais, mas sempre procuro motivos com uma relação especial, pessoal. E gosto de trazer para casa novas tatuagens como lembrança de lugares especiais. E a Islândia foi um lugar bastante especial.

Pensei muito, refleti bastante. A ideia de tatuar a ampolheta do WL nas costas me veio espontaneamente; há muito eu pensava em fazer essa tatuagem, mas acabava descartando a ideia. Lembro que contei isso para Julian e ele achou ótimo. Mais tarde, ele sempre fazia graça sobre como achara a ideia patética.

O pessoal do Karamba, um café no qual eu sempre tomava *americanos*<sup>1</sup> e trabalhava no meu computador, me recomendou a Icelandic Tattoo Corp, no Hjallabrekku 1.

O estúdio de tatuagem ficava atrás de uma vitrine translúcida na rua principal e, quando empurrei a porta com sininhos, um jovem que falava alemão me cumprimentou. Quando perguntei por horário, ele balançou a cabeça. Sem chance, não nos próximos meses. Ele riu como se eu tivesse perguntado se acreditava em Papai Noel. Eu já estava me virando para ir embora quando um segundo tatuador de uma das salas ao fundo me olhou e reconheceu.

---

<sup>1</sup>*Nota do Tradutor:* O café americano é semelhante ao nosso cafezinho carioca, ou seja, uma dose de café expresso com um pouco de água quente.

“Ei! Vi você na televisão, acho bacana o que você faz!”

Ele veio até mim sorrindo, apertou minha mão e disse que seu nome era Fjölfnir. Mostrei a ele meu desenho e ele me cedeu um horário de imediato.

Infelizmente, a tatuagem ficou apenas metade pronta, pois o tatuador e eu desistimos, exaustos, após quatro horas. Precisei tomar dois comprimidos de paracetamol com muita água e perguntava a toda hora a Fjölfnir em qual continente do logotipo ele estava.

“Agora estou fazendo a Islândia.”

Eu suspirava.

“Marrocos.”

Oh, meu Deus!

No Cabo da Boa Esperança, minha esperança chegou ao fim. Decidimos deixar para depois.

E, ainda hoje, percorro o mundo com metade do logotipo do WL. E assim vai ficar, acho que combina.

Num dos últimos dias em Reykjavik, estávamos sentados novamente no Café Rot, peguei Julian pelo braço e saímos para passear um pouco. Queria falar com ele. Caminhávamos na direção do porto e fazíamos a neve tremular nos bonés.

Eu gostaria mesmo de descobrir o que estava acontecendo conosco. Conseguia apenas supor o que o incomodava. Por exemplo, naquela época Julian tinha o cuidado de dizer que recebia, no mínimo, 52% da atenção e eu, apenas 48%. Talvez ele visse em mim alguém com quem precisasse dividir as coisas. Alguém que se enfeitava com os louros dele, que também queria ser elogiado pelo projeto bacana e desenvolvia os próprios pensamentos sobre como seria melhor o WL prosseguir. Dividir o fracasso havia sido fácil. Mas atribuir o sucesso a nós dois não era tão fácil assim. Tentei entender seus sentimentos negativos e dispersá-los ao



máximo. Para mim, estava claro que ele era o fundador do WL e ninguém ali queria contestar sua criação. No entanto, eu também tinha minha parcela no sucesso, fizera um bom trabalho e não havia motivo para eu não falar disso.

Voltei para o hotel com a sensação de que a conversa fizera bem para nós dois. Enquanto eu chacoalhava minhas roupas cheias de neve na entrada, pensei que talvez tivéssemos ficado um pouco estressados nas semanas que se passaram. E que tudo voltaria ao normal a partir de então.

Página deixada intencionalmente em branco

## A pausa forçada

Mesmo que, para o público, o WL fosse representado por Julian e por mim, nosso mito de equipe forte nos bastidores não era mentira. Além dos eventuais colaboradores, havia dois auxiliares constantes, mas silenciosos. Nós os chamávamos “Técnico” e “Arquiteto”.

De início, há dois motivos para que não os tornássemos conhecidos do público: não tinham o desejo especial de aparecer sob os holofotes como colaboradores do WL, eram pessoas reservadas. E, em segundo lugar, era quase mais importante proteger os dois do que Julian e a mim. Aos poucos, a responsabilidade toda passava para as mãos do Técnico. Para prejudicar o WL pra valer, os adversários precisariam atacar os dois, e não apenas um.

Sua característica mais perceptível era que eles eram bem imperceptíveis. Descrevê-los tão bem, de forma a identificá-los com perfeição num grupo de 20 pessoas, não era uma tarefa fácil.

O Técnico número um chegou até nós em 2008 e, como ele foi o primeiro, nós o chamávamos de “O Técnico”. É difícil dizer quando exatamente ele começou no WL, pois observávamos os novos colaboradores de forma tão crítica – Julian era bastante paranoico – que o ingresso acontecia passo a passo. Isso nada tinha a ver com o fato de o Técnico ser relativamente jovem. Percebemos logo que ele trabalhava com confiança, aprendia rápido e fazia direito o que lhe pediam para fazer. Nas questões internas, comprovou que, para ele, era realmente desconfortável tornar-se testemunha de uma briga.

O Técnico vestia-se com jaquetão e botinas grossas, e não com roupas coloridas da cena. Ele é bem magrelo, até um pouco pálido e fala muito baixo. Não sei muito sobre sua vida particular, e não tinha ideia se ele tinha uma namorada. Aqui e ali, seu telefone tocava no HAR. Ele nunca atendia, dava uma olhada na tela e desligava.

A conferência de Vierhouten foi, para ele, uma grande diversão, mesmo quando precisava de um tempo para fazer contato. Depois de ter observado o movimento sentado numa poltrona durante dois dias inteiros, começou a conhecer pessoas e logo desenvolveu uma troca ativa de filmes de ação.

O mais estranho era que o Técnico se alimentava exclusivamente de iogurte e não comia mais nada. Certa vez, durante o HAR, comprei no supermercado todo o sortimento de alimentos lácteos para trazer a ele uma alegria diferente. Mas ele deixou a maior parte dos iogurtes lá – queria apenas os da Danone. Espero que ele tenha uma vida longa.

O “Arquiteto”, como chamávamos o segundo técnico, chegou ao WL no início de 2009, por meio de um de meus contatos distantes. Ele também se oferecera há muito tempo, até que demos a ele a primeira tarefa concreta. Ele nos escreveu em poucas horas com uma modificação necessária e urgente e nos entregou uma solução perfeita e elegante. Não sou um programador especialmente talentoso e reconheço quando alguém executa bem um trabalho. E o Arquiteto era um gênio. Extremamente rápido, inteligente, sempre em busca da solução perfeita; antes disso, ele não ficava satisfeito. Em minha opinião, ele é o melhor programador do mundo e, além disso, um ótimo designer.

No entanto, Julian ainda deixaria o Arquiteto por várias semanas de molho e ignoraria suas soluções prontas – o que representa uma prova árdua para um programador de sua estirpe. Qualquer chefe de empresa teria dado a ele um emprego fixo com salário alto. Foi uma surpresa o fato

de que, apesar disso, o Arquiteto permanecesse – e, no fim das contas, não foi pelo meu poder de convencimento. Julian se contorcia com a ideia de dar acesso ao servidor a outra pessoa. Inclusive ele nunca possibilitou realmente o acesso ao nosso outro Técnico, o que dificultava, sem necessidade, o trabalho para ele.

Quando, por fim, pôde dar uma olhada no sistema, o Arquiteto quase arrancou os cabelos. Em todas as ameaças e pequenos escândalos que se enroscavam em torno do WL, aos olhos do Arquiteto o verdadeiro escândalo estava bem ali: nas linhas de programação, que proliferavam de forma selvagem, e na infraestrutura rudimentar, pronta para ser jogada no lixo. Em suma, o que ele viu foi caos, poucos recursos, muita vulnerabilidade, coisas montadas com amadorismo e nada de processos definidos e fluxos de trabalho decentes.

O Arquiteto mergulhou no trabalho. Nos meses que se seguiram, ele estabeleceu uma divisão de papéis bem clara. O Técnico padronizou os formatos e nos enviou o material rearranjado. Assim, o Técnico e o Arquiteto cuidavam da parte tecnológica; Julian e eu, do conteúdo. Quando tudo estava arrumado, enviamos a servidores em todo o mundo, por postagem. Ajudantes voluntários recebiam em seus locais e cuidavam também da hospedagem. Essa era sua doação para nós. Por fim, distribuímos nossos recursos de fato por diversas jurisdições. E escondíamos a rede que conectava os diversos servidores em todo o mundo entre si.

Numa empresa, essa conversão poderia ocupar o semestre inteiro de uma equipe completa, em tempo integral. O Arquiteto ganhou disparado de nós em entusiasmo pelo trabalho.

Mas por que ele fazia isso, o que o impulsionava, o que o atraía para o WL? Acredito que a tarefa em si o empolgava. O que construímos foi, no fim das contas, mundialmente único, inclusive do ponto de vista técnico. Foi um trabalho pioneiro autêntico, território virgem; para ele, lá estava a chance de se tornar um Colombo das plataformas de divulgação ou, no mínimo, o Professor Pardal da arquitetura “Submission”.

Por uma infinidade de motivos, o projeto foi desafiador, tanto com relação à arquitetura em si quanto no que diz respeito às considerações estruturais que estavam por trás dela. Além disso, havia o aspecto de segurança e de todas as estruturas jurídicas.

O Arquiteto tinha tão poucas ambições de se destacar individualmente quanto o jovem Técnico. Mas, ao contrário deste último, tinha uma ideia clara, e também a expunha. O tom que usava com pessoas que ele não conhecia às vezes era algo com o que se acostumar. Ele não valorizava cordialidades ou amabilidades, suas frases eram sempre bem curtas. Não se contentava com meias verdades ou com afirmações bem-intencionadas. Uma resposta como “deixa comigo” podia deixá-lo furioso. “Significa que a pessoa não faz ideia do que está falando ou quer me ferrar”, dizia ele. Por isso, insistia em bons argumentos, e não em boa retórica.

Quando, mais tarde, houve brigas maiores na equipe, quando as emoções esquentaram e as acusações mútuas chegaram ao ponto do irracional, o Arquiteto permanecia sempre objetivo. Acredito que ele não se sentia obrigado a prestar lealdade a ninguém, nem a Julian, tampouco a mim; no máximo, à ideia. Era totalmente independente, e tinha fidelidade apenas à qualidade do próprio trabalho. Como ele sempre aplicava à sua postura altos padrões, em sua companhia sempre se estava em segurança. Mesmo quando eu discutia com ele, e isso sempre ocorria, podia-se contar que ele nunca reagiria com histerismo, nunca jogaria com cartas marcadas, não seguiria uma agenda secreta; ele estava livre de inveja, ressentimento e covardia. Não acredito que seja possível falar assim sobre muitas pessoas.

Os dois técnicos, Julian e eu demos nosso máximo nos meses anteriores. No entanto, 11 meses após a minha saída da FSC,\* no fim de 2009, nosso caixa estava tão mal das pernas como nunca havia estado. A publicação das mensagens de pager em relação ao 11 de Setembro

esgotara nossos recursos. Havíamos provocado, com os 500 mil torpedos e mensagens de rádio, o primeiro pequeno *frisson* nos meios de comunicação. Nosso site quase saiu do ar pela avalanche de solicitações. Havia custado muito trabalho preparar as mensagens de texto para que ficassem legíveis.

Decidimos não liberar as mensagens de uma vez só, mas tentamos recriar o decurso de tempo dos ataques terroristas. Dessa forma, quisemos refletir o curso realista de eventos e evitar que os leitores fossem metralhados com a avalanche de informações. Além disso, pretendíamos, com isso, controlar um pouco melhor os acessos à nossa página.

O Wikileaks.org ainda ficava numa única máquina, porém, para as mensagens e os torpedos, fizemos uma página própria que estava distribuída em diversos servidores. Pudemos operacionalizar tudo isso graças principalmente aos voluntários, que colocaram à nossa disposição capacidades e servidores. Contudo, nenhuma placa aguentava nossa infraestrutura. Há um ano cuidávamos sem parar dos serviços de reparo de nossas próprias páginas. Assim que reparávamos um local, outro dava problema. O disco rígido rodava o tempo todo em capacidade máxima com novos documentos, o hardware precisava ser trocado, tínhamos problema com o sistema operacional, que precisava com urgência de uma atualização, sem que soubéssemos qual problema atacar em primeiro lugar. O Arquiteto fizera uma revisão geral durante todo o dia até a noite. Ao longo do ano, o sistema cresceu, o código de programação ramificou-se em formações dadaístas e ninguém mais conseguia entendê-lo, exceto Julian, que há muito não cuidava da parte técnica.

A decisão de ficar off-line foi unânime. Com isso, queríamos sinalizar ao mundo: agora, quem quiser que continuemos precisa nos ajudar um pouco. Foi como uma greve. Sobre isso, não houve discussão.

Em 23 de dezembro de 2009, tiramos o site do ar. E pela primeira vez em muito tempo finalmente tivemos paz. Foi bom, por fim, admitir que, daquele jeito, não era possível continuar.

Durante todos aqueles meses, uma força invisível me atraía para o computador, para o chat, para a internet. Todo dia surgia um novo problema e não havia tempo algum para desviar o olhar nem por um dia sequer. E quando o WL, pouco antes do Natal, me liberou de suas correntes pela primeira vez em dois anos, fui tomado por um sentimento indescritível. Eu podia voltar a olhar outras coisas. Foi muito relaxante, mas ao mesmo tempo estranho. Definitivamente, faltava algo.

Viajei no feriado para visitar meus familiares. Pus os pés para cima e não fiz nada além de comer e desembulhar presentes. Consegui passar novamente um tempo com minha namorada.

Quando nos víamos nos meses anteriores, o que não acontecia com tanta frequência assim, significava que eu apenas estava no mesmo espaço que ela, somente isso. Enquanto eu trabalhava, ela ficava atrás de mim na cama, pernas cruzadas, olhando pensativa para as minhas costas, até que dizia: “Vou dormir.”

E eu respondia: “Tudo bem!” e continuava meu trabalho.

Ela ainda esperava mais meia hora, então se levantava hesitante, vinha até mim na escrivaninha, me dava um beijo no rosto e ia deitar. Eu não esboçava qualquer reação, deixava acesa a luminária da escrivaninha, só apontava seu foco um pouco mais para o chão.

Eu me deitava muito tarde e, segundos depois, já havia caído num sono profundo. Eu não tinha necessidade de dormir junto com ela. Na verdade, não me faltava nada. Apenas me assolava um remorso e, aos poucos, ficava cada vez pior. Era um processo sutil, mas, em algum momento, ela se sentiu deixada de lado.

Quando digo que hoje eu faria tudo de novo exatamente do mesmo jeito, com todos os erros, decerto eu faria uma exceção ao nosso relacionamento. Ela pagou de fato um preço alto com a minha entrada no WL. Sei que ficou mal quando, pouco depois disso, eu me separei dela. Ela também queria passar seu tempo de forma mais razoável do que num escritório, e estava num mundo melhor do que o meu.



Houve uma época na qual sugeri, com toda a minha empolgação, que ela participasse do projeto. Sempre falávamos que, quando estivéssemos mais estabilizados, poderíamos pagar salários e alugar escritórios, e aos nossos olhos, ela seria a pessoa que poderia organizar tudo com perfeição. Naquela época eu acreditava em tudo que eu dizia, eu tinha esperança – contudo, para ela, isso deve ter soado apenas como promessa.

Ela era uma pessoa reticente que se concentrava bastante em nosso relacionamento e passava pouco tempo com seus amigos. Ela me deixava bastante livre. Temos a obrigação de satisfazer as esperanças que despertamos nos outros. Nesse ponto, falhei com ela e sinto imensamente por isso até hoje.

Então, chegou o “26C3”, ou seja, o 26º Congresso do Chaos Computer Club. Para mim, era o ponto alto do ano e, daquela vez, muito mais do que antes. Essa deve ser a sensação, como se alguém injetasse uma carga de endorfina diretamente no cérebro com uma seringa.

Éramos, por assim dizer, o tema central, tínhamos a maior apresentação, o evento principal no melhor horário do dia. Para acomodar todos os participantes, seria preciso um segundo andar no auditório.

Antes disso, distribuímos ao público fichas com números. Expliquei, então, que havíamos sido procurados pela “gangue do Natal” na Islândia, que nos transmitira um vazamento: uma lista com todas as pessoas que provavelmente não receberiam presente de Natal, pois não haviam cumprido o suficiente com suas obrigações perante a sociedade. A partir daquele momento, cada um com número tinha todo um ano para compensar sua falta. Assim, poderíamos fazer nossas recomendações ao Papai Noel.

No decorrer do ano, de fato, sempre chegavam para nós doações ou ofertas de ajuda ligadas a esses números. Também para fins de comprovante de remessa à Fundação Wau Holland, que mantinha para nós uma conta na Alemanha, alguns registravam seus números.

Em seguida, contamos a nossos ouvintes sobre a Islândia e sobre a ideia de formar lá um porto livre para a imprensa, e como havíamos

apresentado essa proposta no programa de entrevistas islandês. Perguntamos a todos se o público no Centro de Congressos de Berlim talvez não estivesse em condições de entender direito por que a liberdade da internet seria tão importante.

Esse foi o momento mais impressionante da minha vida. Não estávamos dando um show de música pop e também não prometemos bebida de graça. Apenas fazíamos uma apresentação sobre legislação de mídia internacional. As pessoas aplaudiam como loucas. Primeiro um se levantou, então dois, três, até que, em determinado momento, todos pularam de suas cadeiras. Fomos ovacionados. As pessoas faziam barulho de verdade. Senti uma grande onda de entusiasmo que emanava das pessoas lá embaixo em nossa direção. Foi uma sensação realmente incrível.

E, lentamente, o dinheiro começou a chegar.

Havíamos comunicado ao público que precisávamos de US\$200 mil para os custos operacionais e o ideal seria que tivéssemos mais US\$400 mil para os salários. Logo em fevereiro ou março de 2010, já havíamos reunido os primeiros US\$200 mil, e era apenas da conta da Fundação Wau Holland (WHS), que havíamos aberto em outubro de 2009.

Cheguei à fundação pelo Chaos Computer Club. Wau Holland foi um dos fundadores do clube de hackers, e a fundação cuidava de seu espólio e do fomento a projetos relacionados à liberdade de informação. O bom da fundação era que ela providenciava para que as entradas de recursos fossem conduzidas pelos meios oficiais. Quem transferisse uma doação para nós na Alemanha podia deduzir o valor do imposto. Eu havia organizado o contato com a fundação e assumi o trabalho com a papelada. A maior parte de nossas doações também vinha da Alemanha.

O vídeo “Collateral Murder”, com o qual encerramos nossa pausa forçada em abril de 2010, atraiu, em duas semanas, US\$100 mil em doações. No segundo semestre de 2010, já havia na conta US\$600 mil. Minha última informação é que, nos melhores tempos, a fundação havia recebido mais de US\$1 milhão. Até setembro, ou seja, até o momento no qual

deixei o projeto, havíamos gastado US\$75 mil desse montante, investidos em hardware e despesas de viagem. Nos dois meses seguintes, alguns múltiplos desse valor haviam sido retirados – provavelmente também porque, afinal, fora encontrada uma maneira de pagar salários.

Com o sistema “Submission”, reiniciamos nossas operações on-line, de modo que era possível, mais uma vez, fazer o *upload* de novos documentos. Nessa época o sistema era tecnicamente mais desenvolvido do que antes de nossa pausa. O Wiki, ou seja, a interface com o usuário da página inicial, as explicações sobre os vazamentos e os links para os documentos permaneceram off-line por seis meses. Durante meio ano, pudemos apenas receber novos materiais e não era possível entrar em contato conosco de outra maneira na internet. As medidas de manutenção eram mais complicadas do que havíamos imaginado no início.

Mas, de repente, o dinheiro estava lá e, ao contrário de Julian, eu era a favor de utilizá-lo. De março até maio, colocamos cerca de 17 novos servidores em operação. A prestação de contas com a WHS era relativamente simples: a fundação me concedia o dinheiro, eu comprava as coisas com ele e apresentava as notas fiscais. Eu recebia US\$10 mil e, depois, novamente €20 mil, que eram utilizados para compra de hardware, transporte e despesas de viagem. No fim de agosto, fizemos uma nova atualização. Pouco depois, a equipe se separaria. Quando saí do WL, em setembro de 2010, o projeto estava num nível técnico com o qual eu sempre havia sonhado. Tínhamos criptofones, pagers via satélite e novos servidores aos montes. Estávamos amplamente estabelecidos e nosso sistema tinha uma arquitetura de primeira.

Em minha opinião, naquele momento precisaríamos também de um escritório e de funcionários contratados. A conversa sobre isso foi longa. Nossa sede deveria ser em Berlim ou nos Alpes – Julian gostava de natureza e de montanhas tanto quanto eu. Por um momento, brincamos até

mesmo com a ideia de comprar um *bunker*. E eu me informei de verdade com a administração imobiliária das Forças Armadas. Por algumas dezenas de milhares de euros, talvez até tivessem nos dado um belo bloco de concreto. O plano seria montar lá um *data center*, talvez levássemos para lá projetos amigos e hastearíamos uma grande bandeira do WL para demonstrar nossa reputação de fortaleza intransponível.

Até aquele momento, nosso slogan declarado era: queremos nos tornar “a organização de imprensa mais agressiva do mundo”. Porém, de repente, quando todo o dinheiro estava lá, Julian mudou de ideia. Ele dizia que deveríamos ser uma “Insurgent Operation”, ou seja, uma organização de insurgentes. Insurgentes não têm escritórios, mas agem no subsolo. Com isso, a meu ver, ele colocou em dúvida o fundamento pelo qual havíamos trabalhado duro esses anos todos.

Ele também falava cada vez com mais frequência que estavam nos perseguindo e que precisaríamos ser “intocáveis”. Estava convencido de que não estaríamos mais seguros nas ruas, de que nossa correspondência e malas seriam investigadas, de que precisaríamos viver no subsolo. Começou a falar de serviços secretos internacionais que estariam na nossa cola, de coletes à prova de balas que deveriam nos proteger.

Há muitas coisas das quais eu não gosto na Alemanha, mas, de qualquer forma, ainda é um Estado de Direito. Inclusive, em minha opinião, em nossas viagens para Islândia, Itália ou Hungria, não precisávamos temer ser sequestrados ou tomar tiros em plena rua. E antes de nos queixarmos de que alguém estava vigiando nosso escritório, teria sido bom ao menos termos um escritório.

Infelizmente, o dinheiro foi o primeiro assunto pelo qual brigamos abertamente. Expliquei para Julian que ele não era o único que poderia dispor do dinheiro da Fundação Wau Holland. Isso não significava, de forma alguma, que eu quisesse pagar qualquer coisa pessoal com aquele dinheiro. Eu queria poder tomar decisões e ter acesso ao dinheiro se em caso de emergência Julian não estivesse à disposição. Os dois técnicos

também partilhavam dessa opinião. Eles haviam até mesmo proposto que se dividisse o dinheiro pela metade, para que um só não pudesse acabar com tudo. Mesmo que alguém tomasse uma decisão equivocada, o orçamento inteiro não seria prejudicado.

Todos trabalhávamos em tempo integral para o WL. Há muito não pensávamos em salários. Para mim, €2.500 por mês seriam o suficiente. Bruto. Eu não precisava de muito. Já havíamos falado com a Fundação Wau Holland. A fundação teria nos pagado salários com prazer e eles insistiam até para que fossem muito pequenos, pois, de outra forma, talvez houvesse problemas, em virtude de eventual acusação de emprego disfarçado. Para mim, também teria sido o correto. Na época, pensamos em nos orientar por outras organizações sem fins lucrativos como o Greenpeace ou a World Watch.

Era Julian que vetava tudo. Nunca havíamos tido tanto dinheiro. E justamente naquele momento brigávamos por cada centavo. Eram indignas essas discussões. A pergunta por trás disso era muito maior. Aos poucos, ficou claro para mim que rumávamos para um problema. Um problema realmente monstruoso. Brigávamos pelo caminho que o WikiLeaks deveria trilhar no futuro.

Página deixada intencionalmente em branco

## Uma lei para a Islândia

Após a nossa grandiosa apresentação no 26C3, no fim de 2009, Julian e eu voltamos no início de 2010 a Reykjavik para cuidar da IMMI (Icelandic Modern Media Initiative – Iniciativa de Mídia Moderna Islandesa) que deveria transformar a ilha no país com as mais severas leis de proteção à mídia. Já havíamos anunciado a ideia e, naquele momento, queríamos ajudar a realizá-la. Nosso cronograma para essa tarefa era de duas semanas, talvez três.

Na Alemanha, já tínhamos contribuído para impedir a aprovação da “lei de restrição de acesso” do Ministério da Família; o ex-presidente alemão, Horst Köhler, se negara a assinar a lei no final de novembro. Agora era necessário aprovar uma lei própria no Parlamento islandês. Contávamos com dificuldades, mas nenhuma com que não pudéssemos lidar. De fato, levaria ainda seis meses até que os parlamentares votassem uma primeira proposta de resolução no Parlamento.

Alugamos um apartamento no Fosshotel, que é uma rede de hotel boa e cara para nós, mas, por caminhos intrincados, Julian fechou um ótimo negócio para nós. Contávamos mesmo com uma soma simbólica para o mês inteiro e Julian assumiu a conta inteira – e, com isso, pôde apresentar-se como anfitrião.

Julian revelou as nossas dificuldades ao cara inexpressivo que, quase toda noite, ficava sentado na recepção por trás do balcão e lhe revelou com qual clube exclusivo estaria envolvido. E por isso seria imensamente

perigoso. Ele acabara de entrar na “ficção”. Quando voltávamos de nossas conversas e encontros de trabalho para o hotel, ele nos lançava um olhar conspirador. Provavelmente ficava a noite toda de olho no estacionamento do hotel diante da porta de vidro, esperando pela limusine preta do serviço secreto americano.

Estávamos num apartamento pouco equipado para quatro pessoas no segundo andar do hotel, com cozinha pequena, cortina de tecido lilás e imitação de piso de madeira. O hotel, por fora um bloco cinza horrível, ficava numa travessa calma que dava quase diretamente na avenida às margens da baía. No quarto que dividi com Julian, havia apenas uma janela muito pequena instalada na altura do umbigo. Dali, a visão sobre a Baía da Crina era ainda mais fantástica. Eu ficava sempre ali e olhava as linhas claras da paisagem montanhosa à nossa frente, quando, em nosso quarto, o espaço era pouco e a bagunça, muita.

Não havia janelas e, quando, pela manhã, três rapazes tomavam banho um após o outro, o ar fazia os pulmões arderem com o vapor sulfuroso. Além de mim e de Julian, também se hospedavam no quarto outros hackers e internautas ativistas que tinham vindo à Islândia para colocar a IMMI em operação. Entre eles, Rop, da Holanda, Jake Appelbaum, dos Estados Unidos, e Folkert, um grande amigo meu de Hong Kong, e todos traziam experiências e conhecimentos especializados que nos ajudariam a elaborar os detalhes da ideia.

Birgitta, a parlamentar islandesa que conhecemos em nossa primeira visita ao país, bem como Herbert e Smari, nos encontravam quase diariamente. Os três moravam em Reykjavik. Além deles, também estava lá Harald Schumann, um jornalista do jornal alemão *Tagesspiegel*, que queria escrever uma história sobre nós.

Birgitta era muito mais que nossa ligação direta com o Parlamento islandês. Percebemos logo que ela pouco parecia com uma política normal – quando pensava em Ursula von der Leyen, o contraste não poderia ser maior. Sempre estava vestida muito casualmente. Por exemplo, vestia um



casaco preto longo, coturno e detalhes bastante femininos, como correntinhas de prata, blusinhas ou presilhas de cabelo decoradas com flores.

A parlamentar tornou-se a força propulsora da IMMI. Seu olhar sobre as coisas era outro e, para nós, constituía ajuda grande e frequente no caso do WL, com a visão de alguém de fora. Além disso, era uma pessoa tranquila e amável.

Birgitta providenciou advogados que também ficaram entusiasmados com a ideia do porto livre midiático. Eu não contava com isso. Então, os advogados começaram a aperfeiçoar juridicamente a estruturação da IMMI.

Alugamos um espaço no Ministry of Ideas, um complexo de antigos depósitos em Reykjavik, no qual estão alojados diversos projetos sociais e grupos políticos. Lá, é possível alugar salas para trabalhar por um aluguel módico. O Ministry era grande e ecoava; seu piso era de concreto cinza. As instalações, mesas e cadeiras lembravam uma sala de aula. Na parte de trás, havia um pequeno café e nós ocupávamos um sofá ao lado dele. Ali, recebíamos conselhos e tentávamos levar a IMMI adiante.

Quando eu não estava sentado à frente do computador, encontrava com parceiros comerciais em potencial. Tratava-se de tornar a ajuda à nossa iniciativa palatável aos prestadores de serviço e órgãos reguladores, *data centers* e empresas que eram donas dos cabos transoceânicos.

A Islândia já ganhava pontos com a energia verde e o clima frio, sem dúvida um ótimo lugar para uma central de servidores. Contudo, não era possível alcançar o objetivo de, no futuro, aumentar o tráfego de dados em 30.000% apenas com isso, pois tanta capacidade ainda permanecia inexplorada nos cabos transoceânicos recém-instalados. Ainda muito, muito mais importante para os prestadores de serviço e seus clientes era a questão de segurança jurídica. Saber que eles não teriam de esperar qualquer notificação, que não receberiam mais custas processuais incalculáveis, era uma vantagem que não precisaria ser compensada com centenas de

certificados fabulosos de energia limpa, criaria alguns postos de trabalho e traria dinheiro para o país falido.

O órgão regulador islandês tinha objeções, pois, dessa forma, seria possível criar problemas com o direito de concorrência e levantar outras questões jurídicas com os outros países. Possivelmente, tal Eldorado internetico atrairia, acima de tudo, sites de troca de arquivo e a indústria pornográfica. De qualquer forma, a preocupação era infundada. A IMMI era voltada, sobretudo, para os meios de comunicação e consistia em nada mais do que um conjunto de leis de todas as partes do mundo, os melhores regulamentos de todos.

O próximo passo seria marcar uma sessão na qual poderíamos apresentar o plano ao Parlamento. Antes disso, deveria haver uma consulta. Para tanto, nos esforçamos bastante para elaborar uma apresentação. Além disso, deve-se dizer que eu, inclusive arrancado de um sono profundo, teria feito a qualquer momento e de forma espontânea uma apresentação aceitável sobre o WL. No entanto, a IMMI também era algo novo para nós. Precisávamos conhecer exatamente as implicações jurídicas e políticas como todas as outras, sem falar que éramos pouco afeitos ao sistema político islandês.

A apresentação no Parlamento em Reykjavik foi realmente infeliz. Estava prevista para a tarde de terça-feira e nós havíamos imaginado que impressionaríamos, no mínimo, metade dos parlamentares com nosso desempenho e, depois disso, eles se tornariam entusiasmados colaboradores da IMMI. Naquele momento, eram apenas Birgitta e dois ou três outros políticos que haviam abraçado a ideia. A parlamentar adotara a ideia há muito tempo e fizera a propaganda no Parlamento, como manda o figurino. Ela já trabalhava para entusiasmar os Parlamentares de outros partidos com a iniciativa, porém não sabíamos quantos de fato eram.

Logo no caminho da sala de reuniões, fiquei surpreso com a tranquilidade nos corredores do Parlamento, pois estava acostumado com muito mais agitação no Parlamento alemão. Foi um tapa na cara quando chegamos à sala de apresentações. Nas 10 fileiras de cadeiras, estavam sentados apenas dois parlamentares. Além deles, havia apenas cadeiras vazias e uma brisa que entrava pela janela aberta o que levou alguns papéis a farfalhar. Soubemos depois que a maioria dos políticos estava em férias ou viajara para seus distritos eleitorais locais.

Começamos a apresentação. Apenas o planejamento, quem poderia dizer, havia nos custado horas, senão dias. Julian e os outros não se deixaram intimidar. Em resumo – a situação era muito absurda. O que tirava todo o sentido do formato da apresentação era o fato de que havia mais apresentadores reunidos do que plateia. Ali podíamos voltar ao bom e velho bate-papo. Além disso, os dois parlamentares presentes, de qualquer forma, não precisavam mais ser convencidos.

Como sempre, Julian não deixou nada transparecer. Ele saiu pouco depois da reunião para o Ministry ou sei lá para onde. Eu estava um pouco desapontado. Como poderíamos inserir a IMMI na legislação islandesa se apenas duas pessoas haviam comparecido à audiência? Dois parlamentares, mais Birgitta. Para nossa sorte, precisávamos ainda de outros 60. E já estávamos há mais de três semanas na Islândia.

Eu quase havia esquecido como era uma sala de apresentações quase vazia e como era falar para o nada. Ali percebi como não estávamos mais acostumados aos reveses. Mas também não sei por que tivemos a ideia de que poderíamos obter uma vitória rápida.

Além das diversas reuniões, a IMMI também exigia muito de nós na parte técnica. Precisávamos aprontar a página inicial da iniciativa, criar um logotipo e ajustar o layout. Textos precisavam ser escritos e posições ainda deviam ser discutidas. Ficamos um pouco obcecados e subestimamos por completo o trabalho.

A próxima adversidade que recaiu sobre nós surgiu em nossas próprias fileiras. Em nosso apartamento, entre as montanhas de roupas e caixas de pizza, crescia a síndrome do confinamento. Para todos nós, que nos entendíamos perfeitamente bem no chat e trabalhávamos de forma bastante eficiente uns com os outros, ficava cada vez mais difícil suportar a presença física dos outros por tantos dias. Primeiro, achei a ideia bastante divertida. Em todo o mundo, a área de TI era responsável por provocar problemas interpessoais, pois afastava as pessoas cada vez mais umas das outras: videoconferências e conversas por e-mail acabavam com as conversas cara a cara e as pessoas brigavam com sentimentos de distância e mal-entendidos que poderiam resolver com grande facilidade num *tête-à-tête*. Conosco, o caso era exatamente o oposto. Esse primeiro conflito com consequências realmente sérias não aconteceria se não tivéssemos alugado, juntos, esse hotel islandês ou se, no mínimo, cada um tivesse o próprio quarto.

Numa noite de quarta-feira da terceira semana, os humores esquentaram pela primeira vez e o motivo foi uma janela aberta. Eu estava fora de casa e voltei para o apartamento, onde todos os outros estavam encolhidos, digitando vigorosamente em seus computadores: Rop e Julian, além de Herbert e Smari. Um caixão – fechado por 10 anos – provavelmente teria um cheiro mais fresco que aquele quarto.

Fechei o nariz, fui até a janela francesa do outro lado da sala, abri a porta e deixei um pouco de oxigênio entrar. Herbert olhou para mim agradecido: nesse ínterim, ele já havia saído para o corredor, pois não aguentava mais. Contudo, Julian parou sobre seu computador, levantou a cabeça e perguntou o que passara pela minha cabeça para abrir a janela. Seus olhos faiscavam na minha direção. “Rop vai ficar com frio, seu louco!”, disse ele num tom ríspido.

Não tenho ideia de por que ele precisou desempenhar papel de pai de Rop; talvez ele mesmo estivesse com frio. Todos olharam para mim e para Julian chocados. Rop, de fato, dissera que estava com um pouco de frio.

Mas eu não queria deixar a janela aberta durante a noite toda, e disse isso. Julian não retrucou; apenas me encarava e não deixou dúvida de que esperava que eu fizesse algo. Voltei, fechei a porta da varanda, talvez com um pouco mais de força do que o necessário, e saí do quarto. À noite, havia ficado bem claro como era fácil mudar de ânimo por ali.

Comprei uma sunga e óculos de natação e deixei que a água quente da piscina entrasse nos meus ouvidos. Era um sentimento prazeroso perceber os sons abafados do mundo exterior, os gritos das crianças, o borbulhar da água correndo, o barulho chapinhante de chinelos que se aproximavam da beira da piscina e voltavam a se afastar. Na Islândia, as pessoas vão às piscinas públicas mesmo com o termômetro abaixo de 0°C. Ninguém precisa se preocupar com os custos de aquecimento das piscinas. Nas ilhas vulcânicas, as fontes borbulham da terra em deliciosa temperatura de banho. Quando a água escura fumegava no crepúsculo sobre as piscinas e olhávamos em volta para os picos cobertos de neve, a atmosfera parecia quase mística.

Em torno da piscina, nos vestiários, nas duchas e mesmo nos banheiros, foram afixadas placas de alerta com todos os avisos imagináveis: “Não pular da beira da piscina”, “Não nadar com o estômago cheio”, “Atenção, escorregadio”, “Por favor, mantenha limpo”, “Antes, tome uma ducha sem roupa”. Às vezes outros vinham, Rop e Folkert, por exemplo, e então começávamos a falar maluquices. Rop teve a ideia de começar uma campanha para exigir segurança para todos. Assim, seria necessário pregar placas no mundo inteiro, colar um aviso de segurança com todos os detalhes para sobrecarregar totalmente a política com essa tarefa e, por fim, virá-la de cabeça para baixo. Era uma forma especialmente amigável de introduzir a anarquia.

Tivemos ideias ainda mais bacanas, como comprar um navio, de preferência que instalasse cabos no fundo do mar, para viajarmos pelo mundo com um escritório flutuante. Ou levantar recursos para comprar um ônibus de viagem e percorrer a Europa, na operação do primeiro ônibus-biblioteca para documentos secretos.

Sem que percebêssemos, quatro semanas haviam se passado. Não avançamos com a IMMI e, no quarto, pairava a pergunta sobre o que de fato estaríamos fazendo ali. Eu fiz a pergunta e, com isso, fiquei malvisto.

“E o que acontece com o WL?”, eu quis saber. Nosso trabalho já estava parado há um mês. Nossa plataforma Submission ficava cada vez mais inundada de novos documentos, todos precisavam ser lidos e preparados para publicação. “Quando vamos voltar à ativa?”, perguntei.

Eu via como desafio nosso lançar a ideia da lei; a partir de agora, ela teria de continuar sozinha. Por fim, também havia islandeses que cuidariam disso. “Por que não deixar as coisas acontecerem agora?”, perguntei.

Mas Julian não podia nem queria ir embora. Ele considerava a IMMI um assunto seu. Mais tarde, ele prejudicaria todo o projeto até mesmo politicamente com declarações pouco diplomáticas.

Não éramos pessoas fáceis. E, quando a pressão crescia, as ligações pessoais recebiam as primeiras rachaduras em pontos de fissura predeterminados. Isso valia principalmente para Julian e para mim. Os outros ali eram apenas figurantes que assistiam, atônitos, aos bate-bocas. Próximo do fim, Julian me acusou de ter perdido a perspectiva, de não ver mais o todo, mas concentrar-me em miudezas. Não consigo me lembrar de um acontecimento tão drástico. Também não sei mais por que nossa primeira briga séria começou, provavelmente por banalidades, como janelas abertas.

Eu havia começado a reagir de forma crítica às aparições de Julian. Por exemplo, eu lhe disse que ele deveria prestar mais atenção à sua aparência. Ele reagia bastante ofendido. No entanto, era correto reunir-se com uma ministra da Justiça parecendo um mendigo?

Além disso, surgiu na Islândia aquela discussão maçante sobre quem seria o “sênior” e quem seria o “júnior”. Julian criou uma hierarquia sofisticada que definia quem podia criticar quem e quem não podia – com ele no topo da pirâmide, o que ele justificava com sua inteligência e sua

experiência. E como, naquela época, ele ainda tinha uma boa ligação com Birgitta, definiu que eu não apenas não devia criticá-lo, mas também não podia criticá-la, pois seria, ao mesmo tempo, uma crítica a ele.

Julian disse também que precisaria me chamar para termos uma conversinha franca, pois Birgitta estaria chateada comigo. Mais tarde, falei a esse respeito com ela. A parlamentar riu de mim, pois era óbvio que havia sido uma invenção.

“Aqui, todos acham você insuportável”, disse ele.

“Todos quem?”, perguntei.

“Todos”, respondeu. “Todos com quem você tem contato.”

Ele se sentia claramente incomodado quando os outros trocavam ideia entre si. Ele dizia, quando começávamos a conversar uns com os outros, que a “verdade era assimétrica”. Na Islândia, ele não conseguiu mais controlar o grupo como fazia no chat. Surgia, de repente, o risco de que ele não mais testemunhasse tudo, de que outros saíssem para tomar um café juntos e conversassem sobre o WL.

No apartamento, dentro de pouquíssimo tempo, tudo parecia como um hospício para pacientes de síndrome de desorganização. Primeiro, as faxineiras, com seus imensos aspiradores de pó pretos, abriam caminho pelas nossas coisas. Logo elas deixaram de passar pela porta com seus equipamentos. Por uns dias, as simpáticas senhoras islandesas brigavam com muito empenho pelo apartamento número 23. Mas, após, no máximo, cinco dias, deram o território por perdido. Pouco depois, fechamos um acordo e trocávamos regularmente sacolas de compras cheias de lixo por toalhas de rosto limpas e papel higiênico.

Nenhum de nós cozinhava ou, no mínimo, comprava coisas razoáveis para comer. Entre nossas roupas sujas, amontoavam-se pacotes de salgadinhos comidos pela metade. Uma montanha de peixes secos malcheirosos que alguém havia comprado, mas ninguém tinha considerado seguro

comer, apodrecia em um canto. A cada hora, tornava-se cada vez mais desconfortável, e essa mistura de odores de meias usadas, restos de pizza, peixe seco e enxofre poderia ser patenteada como tortura.

Para sobreviver, eu precisava, no mínimo, de um pouco de ordem, uma minúscula chance de orientação. Não consigo me concentrar quando o caos impera à minha volta. Minha cabeça em algum momento ficou virada, pois eu ainda conseguia tomar muito suco de laranja direto da garrafa. Não dava para consertar aquilo, nem com 20 voltas na piscina pública.

Numa noite, eu precisava urgentemente me curar do cansaço e pedi a Julian para me deixar dormir até o corpo doer ao menos uma vez. Pouco depois, ouvi como Julian conversava com uma conhecida ao telefone. Ele ria e se divertia com a conversa. Estava claro que ela havia proposto que também era possível se reunir na casa dela. Eu suspirei por dentro. Julian insistiu para que ela viesse ao nosso apartamento. Meu problema era: não dividíamos apenas um quarto, mas também uma cama *king size*. Eu me virei para o lado e puxei o travesseiro sobre a cabeça.

Havia também brigas, porque, com frequência, precisávamos esperar por ele. É muito difícil coordenar um grupo de pessoas – ainda por cima, com inclinações anarquistas; para isso, é necessário ter uma disposição genuína para a organização. Quando tínhamos um compromisso ou queríamos sair para comer, quase todos ficavam logo prontos para sair, mas ainda precisávamos esperar por Julian. Eu era o único que reagia com seriedade, que ficava bravo quando Julian continuava a digitar em seu laptop. Os outros preferiam esperar pacientemente até que ele aparecesse.

Não estava mais dando para mim. Eu era acometido por estresse, preocupações e mau humor, e não conseguia um minuto sequer de tranquilidade. A Islândia era um país lindo – tempos depois passei férias lá com a minha família –, mas algo no apartamento, no ar, na água sulfurosa, na falta de sol, no caos e na atitude de chefe de Julian me deixou a



ponto de desabar. Antes que eu finalmente perdesse um parafuso, reservei para mim um voo de volta para casa para o dia 5 de fevereiro.

“Depois de amanhã vou embora daqui, não aguento mais”, eu disse para ele.

A despedida não foi calorosa.

Seria a última vez que nos veríamos pessoalmente. Depois disso, passamos a nos comunicar apenas pelo chat.

Página deixada intencionalmente em branco

## De volta para Berlim

Do aeroporto Schönefeld segui no trem de superfície diretamente para o Bairro Mitte, para o sofá vermelho no porão do Chaos Computer Club. Eu costumava dormir lá quando visitava Berlim.

Eu havia baixado a guarda. Se não estivesse tão deprimido, naquele momento eu saberia que, em poucas horas, conheceria a mulher com a qual, poucos meses depois, eu me casaria. De qualquer forma, a vida sempre era generosa comigo, fazendo com que coisas boas e reverses acontecessem alternadamente.

No entanto, eu ainda me arrastava triste pelas salas do clube, e a Alemanha também não estava mais ensolarada que a Islândia. Quando os outros me perguntavam, cheios de esperança, como havia sido na Islândia e com a IMMI, eu espalmava a mão num sinal de “pare” e dizia: “Estou cansado.” E eles me deixavam em paz. Por sorte, o risco de alguém ficar irritado ou insistir com perguntas impertinentes era pequeno.

Segui na direção da Friedrichstrasse para comprar algo para comer e, embora eu fizesse isso raramente, enrolei para mim um cigarrinho de maconha e tentei relaxar. Pouco depois, por acaso, cheguei ao Dada Falafel, restaurante fast-food oriental da moda em Oranienburger Tor. Mais por acaso ainda, encontrei Sven – um conhecido que estava lá acompanhado de uma mulher.

Sven nos apresentou de forma um pouco afetada: “Este é o Daniel, senhor WikiLeaks na Alemanha”, e apontou para mim. “Esta é Anke, que trabalha

para a Microsoft”, e apontou para minha futura mulher, completando: “Mas ela é muito gente boa.” Mordi meu falafel e observei Anke sobre a efusão de salada de repolho e húmus. Mulher descolada. Com roupas chiques, via-se nela de cara um estilo próprio. Aparência autoconfiante. Bom humor.

Conversamos a noite toda. Ao redor, tudo ficava cada vez mais em segundo plano, a comida logo ficou fria e endureceu, eram formações grudentas e rígidas sobre os pratos. Em algum momento, alguém tirou nossos talheres. Eles poderiam também ter trocado toda a decoração ao nosso redor, acendido bombinhas ao lado de nossos pés ou distribuído notas de US\$100: estávamos mergulhados na conversa.

Anke mal ouvira falar do WL, não sabia quase nada sobre mim e sobre Julian. Na Microsoft, ela cuidava das Estratégias de Governo Aberto. Ou seja, em tese, com a transparência vindo de cima, enquanto nós vínhamos de baixo. Acredito que ela desenvolvia um trabalho realmente bom lá.

Anke twitava sobre tudo o que lhe acontecia e, na mesma noite, escreveu num tweet que teria “conhecido um fundador do WL no Dada Falafel” e que teve uma conversa animada com ele.

Por volta das 2 horas, voltei para o clube. Minha cabeça estava cheia de pensamentos, muitos giravam em torno do passado, mas alguns também diziam respeito ao futuro. Fiquei acordado por muito tempo. Mesmo assim, veio-me um sentimento bom quando me enfiei no saco de dormir: finalmente eu voltava a estar sozinho à noite. E havia pensado novamente numa mulher, o que há tempos não acontecia. Perguntei a mim mesmo se eu também havia agradado Anke. Difícil saber. Balancei a cabeça para mim mesmo. Para onde tinha ido todo aquele mau humor? Eu me aconcheguei no travesseiro e adormeci. Devo até ter sorrido durante o sono.

A partir de então, eu me encontrava quase todos os dias com Anke e minha recuperação da síndrome de confinamento de Reykjavik foi muito rápida.

Estava realmente de bom humor quando, após quatro dias, Julian entrou novamente em contato. Contei-lhe logo sobre minha descoberta da

felicidade chamada Anke. A primeira reação dele foi: “Você se esqueceu de tudo por ela.” Eu poderia ter usado isso mais tarde, quando as coisas não estivessem tão boas entre nós. Então eu teria algo contra ela na manga. Eu estava chocado. Mas Anke apenas riu quando lhe mostrei o trecho do chat.

“Oi, me desculpe, os últimos dias foram bem difíceis para mim”, respondi de volta. Nunca tive problemas em me desculpar e, dessa vez, foi até bem fácil. De volta a Berlim, pude ver que na Islândia eu havia saído um pouco dos trilhos.

Lembro-me de como eu ficava de pé no corredor do Fosshotel, batendo o pé com nervosismo e quase explodindo por dentro apenas porque Julian havia nos deixado novamente esperando por cinco minutos. Esse Daniel islandês parecia, naquele momento em Berlim, meu irmão gêmeo malvado. Uma pilha de nervos insuportável. No fundo, reconhecer esse fato era realmente tranquilizante. Teria sido muito pior se todas as acusações de Julian tivessem sido falsas.

Eu queria mesmo que tudo voltasse ao normal. Naquela época, não imaginei que o veredicto de Julian sobre mim havia sido para sempre. Posso ser bastante teimoso e, quando gosto realmente de uma pessoa, não fico chateado tão facilmente.

“Não podemos resolver isso agora”, ele me disse.

“Mais tarde?”

“Talvez.”

O método mais seguro para deixar Julian irritado era mostrar a ele algum artigo sobre o WikiLeaks que mencionasse “Daniel Schmitt” como um dos fundadores do WL. Fundador – ele tinha pavor de que eu quisesse causar alguma confusão com esse título. Desde que o WL havia crescido e estavam em jogo dinheiro, fama e importância, era aparentemente inaceitável para ele, que havia criado, pensado e protegido tudo aquilo, ter de dividir a atenção com um vagabundo qualquer de Wiesbaden.

Eu conhecia bem até demais a sensação de que minha contribuição e minhas ideias não haviam sido reconhecidas. Eu também tentava entender a preocupação de Julian. Mas, depois de eu ter pensado tanto nisso, não me incomodava mais.

De fato, eu já estava mesmo condicionado a insistir em qualquer conversa com jornalistas dizendo que eu era um combatente antigo, mas não um fundador. Inclusive quando ninguém me perguntava. Às vezes, antes mesmo de alguém ter me oferecido uma cadeira. Hoje, meses depois, pergunto aos jornalistas se eu teria alguma vez afirmado a eles que eu seria um dos fundadores do WL. Eu sempre disse: “Cheguei no início e aqui fiquei.”

Quando contei a Julian sobre Anke, ele me perguntou logo se ela não seria aquela que havia se encontrado com o “fundador do WL”. A ideia de que eu havia cantado uma mulher usando o *seu WL* deve ter lhe tirado sono. É provável que ele me imaginasse num restaurante, cercado por 10 supermodelos, contando histórias de chefão do WL e, no fim de tudo, as mulheres se jogavam aos meus pés.

De qualquer forma, acredito que ninguém mais se preocupe tanto com a palavra “fundador” do que o próprio. Para a maioria dos jornalistas, dava no mesmo. Eu também poderia ter dito a eles que era “o vice porta-voz para questões especiais da Alemanha e Região da Europa Central” – e, por sua vez, eles devem ter escrito algo assim em seus artigos.

Julian contou até mesmo que meus conhecidos do clube haviam falado mal de mim. Essa história foi tão longe que mais tarde eu deixei de convidar alguns deles para meu casamento. Eles teriam supostamente aconselhado que ele me dispensasse, pois eu fazia um trabalho muito ruim de relações-públicas na Alemanha, além de impedir que as pessoas entrassem no WL, pois não se identificavam comigo e com minha visão de mundo anarquista. Reagi com bastante mau humor a essas calúnias. Julian jogou na minha cara que minha maior preocupação era arrancar o posto de alguém do clube.

Essa era uma visão totalmente equivocada. O sentimento de que alguém fazia intrigas pelas minhas costas me aborreceu. Mas não porque eu quisesse ser, de qualquer maneira, o porta-voz do WL e tivesse medo da concorrência, mas sim porque eu não conseguia aceitar que a solidariedade no clube havia desaparecido. De repente, precisei me perguntar se eu realmente conhecia bem as pessoas.

Há muito eu não era membro do clube, não pagava a taxa de associação, mas tentava me mostrar agradecido de outra forma. Eu providenciava hardware e ajudava nos eventos. Lá havia uma atmosfera forte de “clubismo”, o que não significava nada para mim. No entanto, eu sentia remorso perante o clube, ainda mais porque havia pernoitado tantas vezes no sofá vermelho. Eu perguntava como os outros viam isso. E eles me diziam: “Você faz parte do clube há muito tempo.” Para mim, isso era uma grande honra, quase o pequeno reconhecimento de um mérito.

Esse clube já havia testemunhado muitos atritos, e eu não era o primeiro que recebia um pouco de atenção por seu trabalho. Antes de mim, muitos membros já haviam realizado feitos muito maiores. E o sucesso de um podia levar ao incômodo dos outros – isso acontece até nos melhores grupos. Contudo, o clube havia conseguido não se dissolver exatamente por esses conflitos. Um ponto importante, nesse caso, era que lá não era normal ter inveja dos outros ou se ressentir com o sucesso alheio. A única reação com a qual se podia contar era a curiosidade. Às vezes, as pessoas perguntavam se podiam ajudar e depois cada um voltava a cuidar dos próprios interesses.

Às vezes, eu levava alguns meses para abordar as pessoas que Julian afirmava terem ficado chateadas comigo e perguntar se não poderíamos resolver os problemas. Outra loucura desse tipo foi que pensei estar prestes a ser recrutado por um serviço secreto, pois pessoas como eu, que estavam sob estresse extremo, seriam vítimas fáceis do serviço. Eu me pergunto realmente qual serviço secreto deveria ter interesse por mim e a qual megatrabalho teriam me submetido. Chefe da cantina? Arquivador de documentos secretos? Essas teorias da conspiração pareciam copiadas de um filme policial ruim.

Pouco depois de eu voltar à Alemanha, Julian começou a atacar a política islandesa, inclusive o Ministério da Justiça, com o qual queríamos de fato firmar uma cooperação para tornar a IMMI uma realidade.

Nossa conta de Twitter antes fora um meio neutro para nossos seguidores se informarem sobre novidades e artigos sobre o WL. Também indicávamos textos críticos, o que correspondia à nossa autoimagem. No entanto, a conta se transformava cada vez mais num canal sobre “o que pensa Julian Assange”. Julian logo falaria de “seus” seguidores e de “sua” conta. E ninguém podia, em hipótese alguma, criticar os tweets. Certa vez, ele chamou alguns jornalistas de completos idiotas, noutra ocasião escreveu sem ser perguntado que, naquele momento, ele não tinha tempo para entrevistas – isso num canal de distribuição com 350 mil remetentes!

Uma vez, ele acabou com um artigo da revista investigativa *Mother Jones* via tweet. Mais tarde, o autor participou de uma coletiva de imprensa do WL sobre o vazamento do Afeganistão e utilizou a oportunidade para indagar o que haveria de tão errado no artigo mencionado. Julian respondeu com muita lógica: “Não tenho tempo agora para acabar com seu artigo de merda.” Naquela época, o que tirava Julian do sério eram jornalistas que trabalhavam de forma não científica e sem fundamentação nas fontes primárias, como deveria ser num método de trabalho sério. Contudo, nem sempre ele contava com provas para suas histórias. Por exemplo, quando era o caso de ele novamente estar sendo seguido.

Nunca entendi de onde vinha a obsessão de Julian por ser seguido. Era quase como se ele pudesse somente garantir para si a importância de sua própria resistência se fosse declarado inimigo número um do Estado. Na Islândia, ele comprou um livro de Solschenizyn intitulado *O primeiro círculo*. Quando descobriu o volume num antiquário, o achado fez com que um sorriso feliz se abrisse em seu rosto. Solschenizyn é uma leitura clássica do cenário da esquerda anarquista, mas, para Julian,



tinha um significado todo especial. Ele se identificava com o escritor russo que passou uma longa temporada na prisão e, mais tarde, viveu o banimento para o deserto cazaque.

Julian via muitas semelhanças entre sua vida e a do matemático e filósofo. Mais tarde, laureado com o prêmio Nobel, o escritor havia sido preso, pois expressara críticas a Stalin em cartas enviadas a um amigo. Havia um post antigo no blog de Julian sobre esse fato, no qual ele escreveu que “o momento da verdade” surge apenas “quando ela sequestra”. O post, escrito em 2006, com o título “Jackboots”, é de um romantismo totalmente heroico. Nele, Julian escreve sobre cientistas nos campos de trabalho stalinistas e como as experiências ali nele descritas se aproximavam de sua própria vida. A verdadeira convicção apenas seria alcançada “quando ela entrasse por sua porta com suas botas de exército para buscá-la”.

Ele sempre acusava a polícia islandesa de vigiá-lo. Além disso, num voo para uma conferência em Oslo, teria sido perseguido por dois funcionários do Departamento de Estado americano. Teria provas inequívocas de que eles estavam no mesmo avião com ele, o que ele contou aos nossos – não, desculpe – aos seus – seguidores do Twitter. E o hotel também era vigiado, assim acreditava Julian.

Certamente não prejudicava a tensão por nossos vazamentos o fato de ele gostar de criar essa aura de ameaça constante. Definitivamente, não precisávamos de um departamento de marketing.

Página deixada intencionalmente em branco

## O vídeo “Collateral Murder”

Ainda na Islândia, Julian e os outros começaram a trabalhar no vídeo “Collateral Murder”. Também participavam Birgitta, Rop e dois ou três islandeses que faziam principalmente os trabalhos técnicos preliminares. Os técnicos e eu estávamos em casa, trabalhando nos nossos computadores. Os outros alugaram uma casa antiga no subúrbio de Reykjavik, se enclausuraram, fecharam as cortinas e prepararam o vídeo.

Nessa época, chegaram mais dois colaboradores para o WikiLeaks: os jornalistas islandeses Kristinn Hrafnsson e Ingi Ragnar Ingason. Kristinn e Ingi tiveram influência decisiva para que nosso próximo lançamento parecesse tão jornalístico. Ambos vieram do setor televisivo, e Ingi era diretor de cinema. Eles incentivaram Julian para que o material em vídeo fosse montado como um documentário próprio.

Kristinn compreendeu logo o que o WL poderia significar para ele como jornalista. Hoje, ele é o novo porta-voz do WL. Acredito que foi ele quem trouxe Ingi. E pouco depois o jovem de 17 anos que eu nunca havia visto conseguiria alcançar o curioso status de “auxiliar” de Julian. Julian mencionava Kristinn nas muitas acusações que me fez: “Kristinn pode comprovar que você incitou os outros, Kristinn isso, Kristinn aquilo.”

Era algo tácito que eu não queria nem deveria voltar à Islândia, e senti que Julian não queria que eu estivesse lá e também não pediu que eu fosse. Sem problema, eu poderia trabalhar para o WL de Berlim e também tinha um bom motivo para querer permanecer na capital alemã: Anke.

Logo eu e ela percebemos que havíamos sido feitos um para o outro, pois tínhamos os mesmos valores, queríamos melhorar o mundo, nos víamos como iguais.

Enquanto isso, ainda era um mistério como as coisas seriam dali em diante entre mim e Julian. Eu me esforçava para conversar, ele se fechava. Desde então, encontrávamo-nos apenas no chat, embora muitos dissessem que precisaríamos voltar a nos ver para consertar nosso relacionamento. Nossas conversas foram sempre malucas. No início de maio, coloquei em prática uma de minhas muitas tentativas de entender as acusações dele. Aqui, um trecho do chat.<sup>1</sup>

D: preciso entender o que podemos fazer para voltarmos ao nível da confiança mútua, j

D: quando você tiver um minuto para falar sobre isso, me avise

D: só precisamos de uma conversa construtiva

J: não sei por onde começar. e se eu tiver que explicar, qual seria a questão?

D: a questão seria: queremos continuar?

D: e ainda acho que sou uma das poucas pessoas em quem você pode confiar, confiar de verdade

D: e não há muitas dessas por aí

D: se os últimos três anos valeram a pena, devem ter valido

J: mentirosos patológicos sempre têm uma fé imensa em sua própria honestidade, o que os ajuda a mentir

D: por que você acha que sou mentiroso?

D: não consigo me lembrar de ter mentido para você, nunca

D: acho que você está ouvindo as mentiras que os outros contam

D: e nem se dê ao trabalho de me perguntar sobre isso

D: eu basicamente não entendo por que você acha que sou mentiroso

---

<sup>1</sup>Todos os erros dos chats originais foram reproduzidos ao longo do livro.

- D: cara, isso foi mais longe do que eu jamais imaginei
- J: você ferrou tudo de tantas formas e ainda quer enumerá-las. mas qual é o problema se você não consegue ver as coisas por si mesmo?
- J: quero que você chegue às suas conclusões.
- D: por que eu contestei aquela lista
- D: não posso chegar a conclusão alguma, porque, no mínimo, metade disso nem é verdade
- D: coisa que nunca aconteceu e você acha que sim
- D: então como eu poderia chegar a alguma conclusão?
- J: São observações diretas. Não informações de terceiros.
- D: então entendo menos ainda
- J: Eu já dei a você uma lista gigante de por que eu estava puto com você há seis semanas.
- D: aquela lista que incluía que meu terno está bem passado a maioria do tempo?
- D: de verdade, não entendo

Meu Deus, era muita loucura. Julian havia montado para mim uma lista com todas as minhas supostas falhas. Nela, havia, por exemplo, a acusação de que minhas calças de terno sempre teriam um vinco perfeito. O caso era que vestíamos uma vez a cada três meses roupas mais bem cortadas. Eu estava convencido de que, na maioria dos compromissos, conseguíamos mais coisas com roupas conservadoras do que com nossos uniformes de serviço. Sérios na aparência, subversivos nas questões – era essa minha postura.

Há algum tempo que, em suas aparições, Julian veste os mesmos ternos, ternos com vincos perfeitos. Eu considero correto. Sobre esse tema, há uma citação ótima de Daniel Ellsberg – um delator famoso que, em 1971, repassou à mídia documentos secretos do Pentágono sobre a Guerra do Vietnã: “Quando alguém é preso, deve vestir um terno.” E, com

isso, ele não quis dizer apenas que nas fotos da prisão é preciso parecer “estiloso”, mas que isso é importante pelo efeito que causa nas pessoas: boas roupas não protegem ninguém da punição.

Outra acusação foi que meu nome estava na plaquinha do interfone desde que eu me mudara para a casa de Anke. Para Julian, isso era motivo para ficar furioso. Eu me perguntava qual era o problema. Ele me acusava de pôr em risco minha própria segurança. Mas, antes de minha mudança para a casa de Anke, eu já tinha uma plaquinha com meu nome na porta, por acaso também em Wiesbaden, e Julian morou comigo lá por dois meses.

Independentemente de onde morasse, eu sempre trocava as antigas fechaduras por novas e melhores. Ninguém poderia arrombar minha porta com tanta facilidade. Além disso, eu teria percebido imediatamente se alguém tivesse conseguido entrar na minha casa. Também acabara de receber um Bahncard 100, ou seja, um cartão com o qual eu poderia viajar de trem o quanto quisesse. Os €3.800 para pagá-lo vieram da conta cada vez maior da Fundação Wau Holland. Era simples: eu me sentaria no trem sem deixar dados de cartão de crédito que poderiam tornar minha rota de viagem rastreável. No mais, eu vivia tão mais seguro como nunca antes vivera.

Há muito Julian não tinha residência fixa, vivia aqui e ali e se arranjava em qualquer lugar. Mesmo na infância, ele se mudava com frequência. Sua mãe estava sempre fugindo de seu pai, que era membro de uma seita *new age* australiana.

Eu mesmo já experimentei como era não ter residência fixa. Em julho de 2009, eu havia entregado minha casa em Wiesbaden e fiquei por sete meses sem residência fixa, de fato até o momento em que conheci Anke. Talvez eu tenha até mesmo pensado que poderia ser empolgante partilhar do estilo de vida de Julian. E, no início, era uma sensação interessante estar sem amarras nem âncora. Com “no início”, quero dizer no primeiro mês.

Logo comecei a odiar. Faziam falta principalmente minha cozinha, onde eu tinha minha despensa, meus temperos e alimentos, onde reinava minha ordem, onde eu podia cozinhar sempre que a fome batia.

Meus móveis – no mínimo, dois carregamentos de minivan, metade apenas para minha cozinha bem equipada e outra metade para meu hardware – ficavam guardados na casa dos meus pais. Eu queria procurar algo para mim em Berlim. Mas nem cheguei a procurar. Sempre estava em trânsito com uma mochila imensa e, em conferências, me acomodava em pensões baratas ou passava a noite na casa de amigos.

Quando conheci Anke em Berlim, após uma semana havia ficado claro para nós que eu me instalaria em sua casa. Acredito que mais tarde, quando ela viu o sofá vermelho no porão do clube no qual há muito eu me abrigava, sentiu-se muito aliviada em ter me convidado para morar com ela. A casa de Anke era grande, confortável, havia um canto de almofadas na sala de estar e a cozinha era um presente para minha alma nômade faminta. É bem possível que Julian fosse muito mais nômade do que eu e que ele não se importasse com tudo isso. Eu teria entendido bem após meu período no sofá vermelho do clube se não tivesse sido assim.

E eu também havia me tornado pai. Meu novo filho se chamava Jacob e tinha 10 anos. Acredite ou não, entendemo-nos assim que nos vimos. Da minha nova base feliz, eu trabalhava no projeto com forças renovadas.

Naquela época, o chat seguia bastante calmo. Com a preparação do vídeo, os outros estavam de fato muito ocupados; assim, ninguém mais ficava no chat. Pouco depois, porém, irromperam os primeiros debates que tratavam principalmente de estratégia de mídia e doações.

Julian afirmou, pouco depois do vazamento, que o trabalho do “Collateral Murder” havia custado US\$50 mil e que ele queria reaver esse valor por meio de doações. Também disse que tivera muito trabalho para descriptar o material em vídeo. Sei que não foi bem assim. Sempre

recebíamos filmes criptografados, mas, no caso desse vídeo, a senha havia sido fornecida. Era necessário apenas aumentar um pouco a resolução para melhorar a qualidade da imagem, e grande parte desse trabalho havia sido feita pelos ajudantes voluntários. No mais, Julian não precisava naquele momento pagar muito mais do que o aluguel da casa e sua própria passagem de avião. A capacidade de armazenagem dos servidores também nos foi disponibilizada pelos voluntários.

Ingi e Kristinn, que Julian enviara ao Iraque para falar com testemunhas oculares e pesquisar os bastidores, entraram depois em contato comigo e me pediram a restituição de seus custos de passagem aérea para Bagdá. Eles teriam feito adiantamentos de dinheiro para isso e Julian prometera a eles a restituição dos custos.

Assim poderíamos, por exemplo, ter uma fundação própria na Islândia para depois reunir dinheiro para esse fim. Estava claro que Julian descobrira que as doações para o WL eram um modelo de negócio com o qual era possível reunir, a qualquer momento, somas significativas.

Então, pedi para a Fundação Wau Holland um desembolso para os islandeses e devolvi o dinheiro para eles.

Com relação ao vídeo “Collateral Murder”, surgiu, pela primeira vez, a pergunta de direitos sobre nossas publicações. Os canais de televisão nos ligavam e perguntavam se poderiam adquirir o vídeo, se também teríamos à disposição o material em alta resolução e quanto custaria. Chegamos ao consenso de que eles fariam doações para ter o material ou quando, por exemplo, os estatutos não permitissem, como no caso da televisão pública alemã ZDF, eles pagariam os honorários pelas nossas entrevistas. No mais, todas as histórias de dinheiro sobre o vídeo tinham um sabor desagradável que não era sentido apenas por mim. Contudo, Julian sempre cortava as discussões comigo e com os outros, e dizia que não deveríamos contestar sua posição nesses tempos difíceis: “Não se contesta a liderança em tempos de crise.”



Julian pegou um voo para o National Press Club, em Washington, para dar uma coletiva de imprensa sobre o vídeo "Collateral Murder", na companhia de Rop. Pouco antes de sua viagem, Julian deixou o chat geral com as seguintes palavras: "Termino agora com uma guerra."

Provavelmente alguém deveria ter respondido: "Claro, até mais! Devo embrulhar uns pães com manteiga para você?" Sou bem otimista e não me incomodo com falsa modéstia, mas essa declaração foi um pouco demais.

Mais tarde, houve também uma conversa de que poderíamos receber o prêmio Nobel da Paz. O Arquiteto comentou comigo que Julian teria dito isso a ele. Fiquei surpreso.

"Existe uma chance de que a gente receba o prêmio Nobel da Paz", Julian me falou também. Mais tarde, descobri em nossa caixa de entrada de e-mails uma mensagem de um colaborador sueco que nos escreveu dizendo que conhecia dois professores universitários que poderiam nomear candidatos ao prêmio Nobel. Ele perguntaria a eles se não queriam recomendar o WL para a lista de nomeação. Era uma história como aquela do cachorro da tia do conhecido do vizinho do irmão. Claro que não estávamos nem perto de seguir os passos de Martin Luther King, Madre Teresa e Barack Obama.

De Berlim, cuidei dos convites, da sala e da transmissão em *live stream* da coletiva de imprensa do vídeo "Collateral Murder" em Washington. Quando precisava, ainda funcionávamos muito bem como equipe. Ou dito de outra forma: três dias antes do prazo, tudo estava razoavelmente bem organizado como nunca em Washington. Caso eu não tivesse preparado tudo, Julian teria conversado com os jornalistas no corredor do National Press Club, ou na porta de entrada. Isso se alguém ficasse sabendo do evento.

Anke e eu decidimos nos casar e Julian foi o primeiro a saber. Foi em março de 2010. Julian e eu podíamos estar numa fase bastante difícil, mas ele ainda era uma das pessoas mais importantes para mim. Quando havíamos decidido uma data, disse a ele como eu ficaria feliz se ele viesse. Ele não respondeu. Naquela época, já tínhamos grandes conflitos com relação ao dinheiro e à questão do rumo do WL no futuro, e algumas palavras duras foram trocadas no chat. Nunca mais toquei no assunto. Não quis baixar a guarda para receber dele uma recusa. Na verdade, não queria mais que Julian estivesse lá.

Pouco antes do casamento, ele armou um circo imenso, perguntando por que eu não o teria convidado. Ele foi o primeiro que convidei!

“Nunca recebi sequer um convite escrito”, reclamava ele.

“Que inferno, para onde eu deveria mandar um convite?”, perguntei a ele. Sem contar que nem mesmo havíamos mandado imprimir convites.

No dia 5 de abril, foi ao ar o vídeo “Collateral Murder”. Apenas no YouTube ele foi visto mais de 10 milhões de vezes. Do ângulo de visão do canhão de um helicóptero militar, ele mostrava como soldados americanos atiravam em civis iraquianos. Entre eles, também foram mortos dois repórteres da agência de notícias Reuters. Esse vídeo foi nossa reviravolta definitiva; depois dele, todos passaram a conhecer nosso site.

A Reuters havia tentado por um ano, em vão, conseguir o vídeo dos americanos. Os soldados também atiraram em civis que saíram de um miniãoibus que passava por ali para ajudar os jornalistas e outras vítimas. Seus comentários cínicos causaram indignação em todo o mundo e trouxeram uma imagem mais realista de uma suposta guerra limpa.

Do ponto de vista literário, o título “Collateral Murder” pode ter sido uma ótima criação. No entanto, depois tivemos de ouvir muitas críticas, pois teríamos abandonado nossa posição neutra. Como fizemos um vídeo próprio a partir do material bruto e acrescentamos legendas para os

comentários e para as radiocomunicações, teríamos nos tornado manipuladores da opinião pública. Acima de tudo, o título do vídeo e a citação de George Orwell ao lado – “A linguagem política é concebida para fazer com que mentiras soem verdadeiras e o assassinato, respeitável, e para dar aparência de solidez ao vento puro” – foram o pomo da discórdia. Na realidade, eram exatamente as questões sobre as quais sempre discutíamos: Quanto precisávamos trabalhar num material para garantir seu impacto? Essas acusações representavam um preço aceitável para alcançar o máximo de atenção para um vazamento? Qual era a tarefa dos jornalistas e qual era o papel que desempenhávamos?

Tínhamos, de forma bem consciente, afastado um pouco o site com o vídeo trabalhado do WL para deixar claro que não se tratava de material original. Conseguimos um domínio próprio em *collateralmurder.com*. Uma coisa é certa: como material bruto, as sequências de vídeo teriam gerado muito menos efeito.

Em minha opinião, contudo, foi o caminho errado.

Fizemos, durante todo o tempo, experimentos com nossa função, cometemos erros por isso e também aprendemos com eles. Acredito que não haja problema, desde que se consiga lidar abertamente com os erros.

Página deixada intencionalmente em branco

## A prisão de Bradley Manning

A próxima lição que teríamos de aprender era muito, muito dura: em maio de 2010, o analista de inteligência americano Bradley Manning foi preso. Num chat, uma pessoa considerada pelas agências americanas como Bradley Manning havia afirmado ao ex-hacker Adrian Lamo ter nos repassado documentos militares secretos. Lamo, por sua vez, deu essa informação às agências americanas. Dentro desse material, que essa pessoa supostamente retirara dos servidores das Forças Armadas americanas, estava a gravação em vídeo que utilizamos para criar o “Collateral Murder”, além dos telegramas das embaixadas americanas, os *Cables*.

Ficamos sabendo pelo noticiário da prisão de Manning. Eu estava no meu computador quando surgiram as primeiras informações sobre o ocorrido nos meios de comunicação on-line. Foi o pior momento da história do WikiLeaks.

Manning, que fez parte das tropas que ocuparam o Iraque, está numa cadeia nos Estados Unidos. Na revista on-line americana *Salon.com*, Glenn Greenwald relatou, em dezembro de 2010, que estaria sendo maltratado por lá, sem receber travesseiros ou lençóis, por exemplo. Ele é vigiado 24 horas por dia, 23 delas na solitária, não podendo sequer se exercitar. Um carcereiro destacado exclusivamente para ele cuida para que se mantenha assim.

Entre outros, o congressista republicano Mike Rogers defendeu a ideia de que Manning fosse condenado à morte. O procurador do Estado exigiu, no mínimo, 52 anos de prisão. Para nós, logo ficou claro que os Estados Unidos não deixariam passar a chance de usar Manning como exemplo. Quem quisesse dali em diante nos fornecer material pensaria antes em Manning e nas consequências que o esperavam.

Quando soubemos da prisão de Manning, comunicamos que, em sua situação, prestaríamos toda a ajuda imaginável, fosse com dinheiro, advogados ou colocando a opinião pública a nosso favor.

Não podíamos e nem mesmo queríamos saber quem eram nossas fontes, pois era parte do conceito de segurança. Pedíamos aos informantes apenas um motivo, na opinião deles, para que o material tivesse valor para sua publicação. Queríamos, por exemplo, impedir que nossa plataforma fosse mal utilizada para fins de campanhas de vingança pessoal.

Essas justificativas sempre pareciam muito individuais: nossas fontes poderiam ser, por exemplo, funcionários frustrados, concorrentes intimidados ou pessoas motivadas pela moral – o espectro era amplo. Cuidávamos para que os informantes não se colocassem em perigo com seus textos de descrição, já que sua proteção era prioridade máxima. De qualquer forma, devia ser sempre assim – se fizemos tudo certo nesse sentido e depois, essa é outra história. Não podíamos proteger os informantes de si mesmos.

Pela primeira vez compreendemos os déficits sociais de nosso projeto. Estávamos bem preparados para diversos cenários de crise e falávamos sempre que nós mesmos deveríamos nos garantir com criptofones ou fechaduras estáveis – porém não demos importância suficiente para esse ponto. O WikiLeaks distribuía reconhecimento e risco de forma altamente desigual: enquanto brilhávamos razoavelmente ilesos diante da tempestade de flashes da opinião pública, nossas fontes saíam de mãos vazias no que diz respeito à fama. Por outro lado, elas corriam um risco

muitíssimo maior. Sem sua coragem civil e sem os documentos polêmicos que eles copiavam secretamente e depositavam em nossa plataforma, nunca teríamos conseguido dar ao público esse tipo de visão fascinante.

Já havia acontecido um caso assim na história do WL, muito antes de Manning e muito menos polêmico, no qual uma fonte quase foi identificada. Tratava-se das associações de alunos universitários nos Estados Unidos. Essas irmandades eram algo como um bordão no WL, e seus manuais ritualísticos secretos chegavam até nós regularmente. No fim das contas, teríamos conseguido encher uma estante com Kappa Sigma, Alpha Chi Sigma, Alpha Phi Alpha, Alpha Kappa Alpha, Pi Kappa Alpha, Sigma Chi, Sigma Alpha, Epsilon, Sigma Phi Epsilon e quantos nomes mais essas associações tivessem.

Esses livros continham, entre outros, rituais de iniciação com os quais os novatos eram sacaneados – o que, às vezes, terminava com ferimentos e até mesmo com a morte de um recém-chegado – além dos códigos secretos, sinais e canções desses grupinhos. Estavam cheios de altares nos quais um crânio, uma Bíblia e dois ossos cruzados precisavam estar, certas bandeiras que deviam estar à direita e à esquerda da janela, até uma lista da irmandade de química que descrevia o que o neófito precisava trazer consigo para seu ritual de iniciação. Nela, havia muitas substâncias que o novo irmão precisava supostamente surrupiar do laboratório de química de sua universidade para provocar um perigoso encantamento. Bem abaixo na lista, ainda estava: “E um extintor de incêndio.” Que consciência de segurança a desses jovens!

Claro que nos perguntávamos se essas irmandades seriam relevantes o suficiente para publicarmos seus manuais e, no fim das contas, achamos que qualquer novo membro teria o direito de saber o que estava fazendo, por isso nós a publicamos. E como começamos com isso, precisávamos também publicar todos os livros que chegassem a nós.

Ficamos com um ódio danado. Os membros da Alpha-Gamma-qualquer-coisa apareciam em nosso chat com frequência. Não demorou muito e desenvolvemos uma percepção para identificá-los na primeira frase.

Por exemplo, quando a conversa acontecia da seguinte forma:

“Isso aqui é muito bom.”

Pausa.

“Sério, acho muito legal o que vocês fazem.”

E então seguia uma frase como: “Tenho uma pergunta sobre uma publicação...”

Às vezes respondíamos sem rodeios: “Você também vem de uma irmandade?”

Um deles nos enviou um manual que fora fotografado, página por página, com uma câmera digital. Na primeira página de todos os manuais, havia um número pelo qual se podia determinar a universidade na qual esse livro estava depositado. E havia também uma pessoa que tinha de cuidar para que esse livro permanecesse secreto. A fonte havia tampado esse número para não se delatar. Convertemos as fotos em alta resolução em PDF e publicamos. Alguém também fizera um *upload* das fotos originais num fórum que os irmãos de associação infelizmente descobriram. Nas fotos, não era difícil ler os números cobertos no verso da página fotografada, ficando claro de qual universidade vinha o delator.

Os irmãos, enfurecidos, começaram a procurar fotos que estavam em servidores da universidade ou nas comunidades da mesma faculdade e a comparar com os metadados das fotos do livro de rituais. Assim, puderam identificar o proprietário da câmera e, pouco depois, o suposto malfeitor. Poderia ter havido consequências bem sérias para essa pessoa, pois é normal que essas irmandades protejam os direitos autorais de tudo: de todas as canções e de cada ínfimo emblema. Exceto pelos rituais secretos, e essa foi a sorte dos culpados: como as associações aparentemente estavam preocupadas com a possibilidade de que alguém lhes roubasse o segredo, não mostravam o manual para o departamento de direitos autorais.



Quando vazamos seus segredos, nossos fiéis convidados do chat ficaram numa situação bem difícil. Quando perceberam que nós sequer pensávamos em retirar os livros da página, reagiam às vezes com ódio, mas, em geral, com lamentos. Eventualmente, eu conversava com eles no chat, e eles me contavam que nada importava tanto em sua vida quanto a irmandade. E de nada adiantavam meus conselhos paternais, como: “Espere uns 10 anos e talvez você vá pensar totalmente diferente.” Depois de seus rituais e sinais secretos terem ficado conhecidos na internet, eles não podiam mais ter certeza de que era um irmão falso que se infiltraria entre eles na próxima reunião.

O desejo das pessoas de ter segredos e compartilhá-los apenas num círculo exclusivo bem como a necessidade de assim excluir o outro, não era de forma alguma motivo irrelevante para a existência dos segredos. E nessas sociedades isso era seguido com muito afincos.

Se fosse o caso de alguém estar na situação de um Bradley Manning, que tivesse feito o *upload* das gravações brutas que, mais tarde, deram origem ao vídeo “Collateral Murder”, então eu entenderia muito bem seu comportamento.

Manning era um jovem com seus vinte e poucos anos encurralado no Iraque, isolado das referências sociais normais, provavelmente rodeado de soldados que tinham uma posição completamente diferente da missão de guerra. Ele teria a necessidade de falar sobre isso com alguém, caso conseguisse esses documentos.

Eu acharia quase desumano esperar que alguém guardasse esse conhecimento para si. Provavelmente a maioria de nossas fontes entrava em contato conosco porque precisava dividir seu conhecimento com outra pessoa.

Com meu trabalho no WL, aprendi que raramente existem segredos genuínos. Quando uma frase já começa com as palavras “Vou te contar

apenas se você me prometer não contar a ninguém, ninguém mesmo, ouviu?”, fica claro, de imediato, que essa promessa será quebrada com as mesmas palavras e que uma introdução dessas impede, no máximo, que uma coisa se espalhe com muita rapidez, mas não que em algum momento vaze. E mesmo quando o melhor amigo ou o cônjuge são os únicos que sabem do segredo – no mais tardar, quando houver uma briga, o segredo já estará ameaçado.

Aquele que copiou esses documentos correu um grande risco. É possível que, naquele momento, o informante não tivesse consciência de sua dimensão. Talvez tenha pensado que fazia algo proibido, mas não sobre o que o ameaçaria por isso e, provavelmente, foi impulsionado pelo sentimento de fazer algo moralmente correto. A ele, agradecemos pelo material: teria precisado de alguém que lembrasse a essa pessoa de forma insistente e constante que ela não poderia ter falado com NINGUÉM sobre esse assunto.

Para tanto, havíamos pensado em soluções técnicas. Pensamos se as pessoas poderiam gerar uma espécie de token, um código que seria conhecido apenas por aquele que enviou um material concreto. E esse código poderia premiar a pessoa assim que o caso o recomendasse. Talvez as fontes pudessem comprar 20 anos mais tarde uma camiseta, uma condecoração ou, quem sabe, algumas roupas íntimas que poderiam vestir por baixo da roupa normal com a estampa do WikiLeaks.

Por diversas vezes, desejamos ter um sistema de feedback, claro. Pensamos até mesmo num canal de comunicação de verdade. De fato, o conceito – e também uma medida substancial de segurança no WL – consistia exatamente em não haver qualquer possibilidade de tornar uma fonte rastreável. Por outro lado, também teria sido bastante útil para os jornalistas. Mas isso já havia sido muito pensado, pois, assim que as fontes estivessem nas mãos dos jornalistas, não se poderia mais protegê-las de si mesmas.

A partir da minha experiência, eu não aconselharia qualquer informante a procurar a imprensa tradicional com seus documentos secretos

digitais. Mesmo quando há um contato pessoal e até role uma grana pequena e destinada para esse material.

A grande vantagem do WikiLeaks perante todas as formas clássicas de jornalismo investigativo era o anonimato garantido. Enquanto na maioria dos países nenhum jornalista consegue de fato garantir às suas fontes que seu nome estará seguro contra agências de investigação com seus métodos impositivos e recursos judiciais, o WikiLeaks garantia, por meio de uma concepção técnica e jurídica, que os informantes permaneceriam de fato anônimos e não poderiam ser forçados a fazer qualquer declaração. No entanto, a segurança jurídica é apenas uma parte do problema. Ao longo de nosso trabalho, verificávamos sempre como a maioria dos jornalistas lida de forma ingênua com os meios de comunicação. Documentos confidenciais nos computadores da maioria dos jornalistas são tudo, menos seguros.

Quando um documento seria tão perigoso que não mais poderíamos publicá-lo? Por fim, não discutimos muito essa questão no contexto dos telegramas diplomáticos. Após Manning ter sido preso, a questão voltou a nos assombrar. Quando um documento seria tão perigoso para as fontes que não mais deveríamos publicá-lo?

No entanto, essa pergunta, em tese, surge a cada publicação. O que, por exemplo, deveríamos fazer quando uma fonte entra em contato conosco três dias depois e nos pede para retirar os documentos do ar? A fonte não deveria ter sempre a última palavra?

Certa vez, discutimos sobre esse caso com relação a um vazamento que dizia respeito à Itália – e pelo qual quase ninguém se interessaria. Tratava-se de uma concessão de contrato injusta, de acordo com nossa fonte, um caso de corrupção. No entanto, a fonte entrou em contato alguns dias depois da publicação para nos pedir que retirássemos a acusação de corrupção. Então, substituí na descrição dos documentos a palavra “corrupção” por outra mais amena, mas não retirei a publicação. Não teria sido mesmo tão fácil fazê-lo do ponto de vista técnico.

Daí surgiu uma série de questões: como poderíamos garantir que uma fonte que posteriormente nos pedisse para excluir um documento não estava sendo pressionada por terceiros? Como poderíamos assegurar que por isso, no futuro, mais fontes ainda não seriam colocadas sob pressão, quando cedêssemos espaço para ela? E como poderíamos saber com segurança que era mesmo a fonte que estava nos contatando? Chegamos à conclusão de que, no final, seria melhor para todos os envolvidos se mantivéssemos o seguinte princípio inviolável: “Publicação após o recebimento.” Quem optasse por fazer *upload* de documentos conosco decidia, com isso, que eles deveriam ser publicados. Poderíamos decidir, a qualquer instante, sobre a publicação.

Em contrapartida, sempre era válido desenvolver ideias sobre como poderíamos evitar consequências para envolvidos inocentes. Devíamos nos preocupar com todos os aspectos que poderiam trazer problemas para as pessoas que apareciam nos documentos ou mesmo para a fonte. Às vezes apagávamos nomes ou extraíamos todos os contextos, bem como números de telefone e endereços. Seria o maior problema de nosso próximo vazamento o fato de não conseguirmos sempre fazer como manda o figurino.

No entanto, era importante sinalizar que não fazia o menor sentido pressionar uma fonte, pois publicaríamos, independentemente do que acontecesse. Acredito que, de modo geral, essa foi uma decisão definitiva.

Já havíamos publicado – sabe-se lá de quem – esses documentos americanos e o vídeo em 5 de abril de 2010. Em maio, Manning foi preso. Nessa situação obscura, todas as outras publicações de documentos americanos teriam de ser vetadas por nós. A cada nova publicação, corríamos o risco de entregar pontos de partida para investigações, não importava a quem. Desde o início, eu fui contra.

Muitos mitos giram em torno de uma questão. Essa é a que, por fim, poderia ter levado à prisão de Manning. Aparentemente, era muito

simples: ele havia conversado via chat com Lamo e por isso as investigações foram iniciadas. No entanto, em volta desse fato, se emaranham muitas histórias e teorias conspiratórias.

Dos Estados Unidos, havia alguns indícios de que essa descoberta parecia muito menos casual do que aparentara à primeira vista. Na Defcon, uma conferência de segurança para tecnologia da informação de Las Vegas, em agosto de 2010, houve uma apresentação sobre o projeto governamental “Vigilant”. Ele consistia no seguinte: funcionários do departamento de segurança fariam em todo o mundo o trabalho preliminar de “vigilantes” e procurariam na internet, em grande escala, relações e transferências de dados suspeitas para revelar ligações entre pessoas e observar se elas enviavam muito material de A para B.

É bem possível que funcionários do Exército americano com frequência tenham fuçado seus próprios servidores. Até aí, nada de problemático, pois, no final das contas, mais de dois milhões de pessoas nos Estados Unidos tinham acesso a documentos com o mesmo nível de segurança dos *Cables*. Na realidade, os serviços de segurança foram acionados apenas quando o material foi divulgado de forma notória. E nesse contexto, de acordo com a apresentação, Manning foi encontrado. Mais tarde, contudo, essa história obscura do “Vigilant” foi desmentida.

Outras teorias ainda mais obscuras se entrelaçavam em motivos aparentemente privados. O próprio Lamo justificou sua delação, pois teria reconhecido a força explosiva desses documentos para a política mundial e sentiu-se por isso obrigado a agir. E no fim a pergunta é: Quanto um chat pode sequer servir como comprovação de algo? No chat, não é fácil controlar as provas de identidade.

Possivelmente os motivos eram muito mais banais. Se os Estados Unidos tentaram apenas *a posteriori* apresentar essa descoberta fortuita por Adrian Lamo como investigação própria, fazendo como se antes da descoberta ninguém estivesse seguro em lugar algum, foi uma manobra inteligente.

Talvez ninguém nunca saiba a verdade. Os processos que correm em tribunais militares não são abertos ao público. Os envolvidos precisarão empenhar algum esforço para garantir que ninguém contrabandeie informações sobre o processo.

Quando surgiam pessoas no chat que obviamente vinham oferecer material, é curioso ver como frequentemente entravam em contato primeiro comigo. Era importante impedir que, de qualquer forma, elas revelassem muito de si no chat. Era uma mensagem padrão o alerta que repetíamos em qualquer oportunidade: sem nomes, sem informações que pudessem contribuir para a identificação. Devíamos impedir a todo custo que o pessoal escrevesse algo que possibilitasse conclusões sobre suas identidades. Nossas normas internas eram bem elevadas, e precisávamos impor essa mesma restrição a nós mesmos.

Julian tinha um bom faro para material especialmente interessante e também para aquilo que pudesse exercer influência política. Isso, nós aprendemos nesse meio-tempo – também por conta de muitos exemplos negativos, de documentos que havíamos considerado interessantes erroneamente.

Por exemplo, tivemos toda uma série dos conhecidos Field Manuals, entre eles os manuais das Forças Armadas americanas para a condução de uma guerra não convencional. Nesses manuais, eram descritos métodos com os quais era possível enfraquecer e subjugar outros países de dentro para fora, a fim de constituir um regime militar. Na época, pensei que os jornalistas pudessem mesmo nos procurar desesperadamente por conta desses documentos. No entanto, eles permaneceram totalmente despercebidos, pois o assunto era extremamente complexo.

No caso do material em vídeo, foi totalmente diferente. Mesmo tendo representado apenas um único episódio, rapidamente ficou claro que exatamente por isso surtiria um grande efeito. Sobretudo Julian tinha um olhar excelente para publicações dessa natureza.

Quando, mais tarde, ele me acusou de ser um típico *middle management* [gerente de nível médio], isso dava provavelmente uma boa visão de seu próprio pensamento. Ele poderia trocar de número de telefone com frequência, fechar as cortinas e, em sua cabeça, transformar passageiros de avião inocentes em espiões do Departamento de Estado – em tese, éramos administradores, gerentes, porta-vozes, tudo, menos combatentes do subsolo. Éramos aqueles que alugavam servidores. Esperávamos por documentos. Nem pedíamos por eles, tampouco os hackeávamos, e também não fazíamos qualquer tipo de encomenda. De qualquer forma, isso não corresponderia à nossa autoimagem, e se Julian parecia ou não atraente o bastante, era absolutamente necessário que víssemos assim.

Basicamente, já estava em nossa lista de “procurados”, que havíamos apresentado na página ao estilo de uma lista semelhante do Centro de Democracia e Tecnologia americano, para aumentar a ambição esportiva de nossos informantes em potencial, um ataque no limite da intervenção. Contudo, não elaboramos a lista, mas convocamos exclusivamente os leitores para preencherem uma lista preparada anteriormente.

É claro que, para o público, comunicávamos que queríamos empenhar os melhores esforços para ajudar Manning, sem afirmar, com isso, que ele teria algo a ver com o vazamento. Julian anunciou que ele contrataria os melhores advogados para Manning e daria início a uma imensa onda nos meios de comunicação. Publicamente, pediam-se doações, falava-se de US\$100 mil, para oferecer a Manning a melhor assistência. Eu cuidava do servidor no qual queríamos lançar uma campanha de ajuda, outra pessoa cuidaria do conteúdo.

Nesse estágio preliminar, a ação de ajuda já havia estacionado.

Quando perguntava a Julian sobre os contatos com os advogados de Manning, não recebia nada de concreto. Por conta disso, os jornalistas me ligavam a todo instante e não aliviavam. E a Associação de Cientistas

Alemães entrou em contato comigo com a ideia de nomear Manning para seu prêmio de informantes.

Julian respondeu à minha solicitação.

J: não tenho tempo para explicar e também porque você não precisa saber disso; próximo...

J: sei por que você está me perguntando, o que torna isso mais do que irritante

D: então, por que estou perguntando?

J: alguma campanha estúpida de desinformação

D: não. estou perguntando porque estou colocando o meu na reta com relação a uma posição oficial que você alegou e que estão me perguntando

J: nomes de advogados não podem ser divulgados. não são nomes de nossos advogados para divulgar. são advogados de bradley, blá-blá

J: você não precisa saber por que não pode dizer às pessoas, blá-blá, portanto é perda de tempo

Devo dizer que, nesse caso, fracassamos vergonhosamente – e não me excludo disso. Infelizmente, como em muitas vezes, tive de engolir o que Julian me disse. Reclamava muito que Julian era um ditador, que sempre decidia tudo, que me negava informações. A crítica estava justificada, mas não me eximia de responsabilidade. Eu não poderia me deixar abater pelo estresse, poderia ter consultado e, no caso de dúvida, tomado a iniciativa. Não havia motivo algum para Julian se preocupar com a ajuda de Manning.

No final das contas, nos unimos à Bradley Manning Support Network (Rede de Ajuda a Bradley Manning), hospedada em [www.bradleymanning.org](http://www.bradleymanning.org) e organizada pela família e por amigos. Então brigávamos até mesmo sobre quanto deveria efetivamente ser a ajuda. Julian achou que os US\$100 mil propostos aos doadores seriam mesmo um pouco demais e reduziu o valor para US\$50 mil.



Como sempre. Até o fim de 2010, dos valores doados que foram recolhidos explicitamente para ele, Manning não recebeu um centavo sequer. No início de janeiro – como eu soube pouco antes do fechamento da publicação da Fundação Wau Holland –, haviam sido transferidos para a conta de ajuda para Manning US\$15.100.

Página deixada intencionalmente em branco

## A nova estratégia da mídia com os diários de guerra afegãos

Depois de experimentarmos diversas variantes – havíamos carregado documentos em nosso site sem divulgação alguma, trouxemos alguns jornalistas para trabalhar conosco e, por fim, entramos no jogo como organização de mídia –, dessa vez queríamos fazer tudo certo. Sentamos diante de uma imensa pilha de documentos sobre a missão no Afeganistão. Queríamos, nesses “diários de guerra”, os *Afghan War Diaries*, envolver os meios de comunicação de forma oportuna. Para tanto, desejávamos nos manter na chefia e procuramos contar com bons parceiros.

Logo a decisão recaiu sobre o *New York Times*. Por motivos estratégicos, gostaríamos de nos aproximar de um meio de comunicação americano. Então pensamos, por que não o maior? O segundo maior parceiro era o britânico *Guardian*, com o qual Julian mantinha bons contatos. Ao menos foi o que ele disse. Na Alemanha, chegamos a um acordo sobre a cooperação com a revista *Spiegel*, da qual eu deveria cuidar.

Marcel Rosenbach, Holger Stark e John Goetz são jornalistas bastante experientes e trabalham na redação berlinense da *Spiegel*. Apenas com a publicação do vídeo “Collateral Murder”, conseguimos chamar sua atenção de verdade, e na Re:publica 2010, conferência sobre Web 2.0 realizada em Berlim, pudemos, pela primeira vez, ter contato com os jornalistas da revista. Consegui para eles um laptop totalmente criptografado para que pudessem manter os documentos em segurança. Além disso,

nossos parceiros providenciaram para si criptofones. Contudo, nunca conversávamos ao telefone.

No mínimo uma vez por semana nos encontrávamos para atualizar a situação e garantir que tudo estava correndo bem. Chegamos a um acordo com os jornalistas sobre uma coletiva para a publicação. Até a data marcada – 26 de julho de 2010 –, ainda havia muitas semanas pela frente.

No total, o material era composto por 90 mil documentos do comando central dos militares americanos, entre eles relatórios de campo, informações sobre batalhas armadas e ataques aéreos, informações sobre incidentes suspeitos e os conhecidos *Threat Reports*. Nenhum jornal, livro ou documentário havia conseguido, até aquele momento, prestar informações tão concretas sobre a Guerra do Afeganistão, ainda mais em primeira mão.

Os jornalistas classificavam o material e pesquisavam, enquanto nós cuidávamos para que os documentos estivessem tecnicamente preparados e logo a história inteira estaria no ar.

Contudo, logo enfrentamos o primeiro problema. Queríamos cooperar com diversos meios de comunicação, não apenas com os três já informados. Os jornalistas, no entanto, transformam-se em cães que protegem seus ossos com os dentes à mostra quando veem uma boa história ameaçada. Assim que os colocamos a par de tudo, os jornais e a revista queriam exclusividade em suas histórias.

Marc Thörner, por exemplo, escrevera bastante e bem sobre o Afeganistão, ficara no país por muito tempo como repórter e a imprensa elogiou bastante seu livro, *Afghanistan Code*. Queríamos integrá-lo à pesquisa e também deixar que ele desse uma olhada nos documentos, mas os outros periódicos torceram o nariz. Um jornalista freelance tão desconhecido deveria participar? Os grandes jornais nunca permitiriam. Diriam que ele joga num time completamente diferente.

Por pressão das outras mídias, Marc Thörner, que mais tarde escreveria a reportagem mais bem fundamentada sobre o tema para o *Tagesspiegel*,

precisou publicar um dia depois dos outros três grandes. Embora tivéssemos dito que não queríamos nos deixar influenciar pela importância daqueles com os quais trabalhamos e da forma como trabalhamos, tivemos de nos dobrar nesse estágio inicial.

Para mim, pessoalmente, isso nunca teria sido negociável e eu também mantive essa postura diante da *Spiegel*. O *Guardian* e o *New York Times* colocaram muito mais pressão. E ao mesmo tempo em que Julian agia com muitos de nós de forma confrontadora, com os jornalistas desses veículos ele primeiramente se comportou de forma bem dócil. Sei que nem sempre é bom tornar-se *persona non grata* perante a mídia. Também não havia dúvida de que os colegas estavam há mais tempo que nós na área. Tínhamos esperança do quê? Era sua função principal agarrar notícias exclusivas. Era pura ilusão pensar que eles não tentariam nos impor suas regras.

Nosso plano havia previsto, a princípio, que deveríamos todos nos reunir em Londres. No início, foi até comentado que deveríamos nos confinar num porão e deliberar juntos sobre o material. Ninguém deveria deixar a sala – uma espécie de clausura, como aquela que foi feita no caso do vídeo “Collateral Murder”.

Além disso, estávamos de acordo sobre uma coisa: não deveria ser dada nenhuma palavra aos jornalistas sobre termos outros materiais além daqueles. Até aquele momento, déramos apenas uma primeira olhada nos documentos adicionais sobre a Guerra do Afeganistão que chegaram às nossas mãos. Apenas imaginávamos que tínhamos diante de nós uma verdadeira bomba.

Tudo foi bem diferente. Julian seguiu sozinho para Londres, dispensando nossa ajuda. Como ouvi mais tarde, o colega do *New York Times* deixara bem claro que preferiria trabalhar em sua própria redação. Isso depois de ele ter jogado em seu laptop não apenas os documentos do Afeganistão, mas também os documentos da Guerra do Iraque que nunca estiveram à sua disposição e, mesmo assim, foram transferidos para seu

disco rígido. Então, ele subiu no avião e desapareceu. Isso violou todos os nossos acordos.

David Leigh, do *Guardian*, assumiu a coordenação. Os jornalistas da *Spiegel* me diziam que, nas reuniões, Julian, com frequência, parecia totalmente exausto ou estava mergulhado por completo no trabalho em seu computador.

Logo ninguém mais podia dizer que éramos os donos do processo. Além disso, estávamos totalmente sobrecarregados com a preparação técnica dos documentos. Nossos técnicos trabalhavam dia e noite para converter os documentos num formato legível.

Previra-se, como prazo de publicação, uma segunda-feira para que a *Spiegel* pudesse cumprir com seu ciclo normal de revista semanal. Por sua vez, a edição adaptou o processo de produção em caráter especial: no domingo, não houve exemplares preliminares para os congressistas berlinenses e também a versão eletrônica em *e-Paper* seria enviada com atraso.

Na quarta-feira antes da publicação planejada, encontrei-me para um almoço com Marcel Rosenbach e John Goetz num restaurante italiano na Behrenstraße. Não estava com fome alguma e, por educação, pedi um prato qualquer com macarrão. Enquanto os dois falavam comigo, eu enrolava a massa calmamente em meu garfo. Os jornalistas contavam como tudo estava correndo bem para eles. Eu olhava com interesse como meu espaguete se transformava num anel grosso em torno no talher.

“E com vocês, tudo certo até agora?”, perguntou-me Goetz.

Dei uma garfada e acenei com a cabeça. Os jornalistas da *Spiegel* pareciam bem satisfeitos. Por algum motivo, eu tinha uma sensação ruim. A fome desapareceu por completo quando os dois perguntaram como estava o “Processo de Minoração de Danos”. “A edição já está pronta?”

Olhei meio com cara de bobo. Então tentei controlar minha expressão. Sim, já teria sido acordado com Julian que nós retiráramos os nomes

dos documentos, lembrou-me Rosenbach. Seria também a condição exigida pelos três veículos e mais do que necessária antes que os materiais pudessem ir ao ar.

Eu não sabia de nada disso. Os nomes dos envolvidos inocentes deveriam ser apagados, o que soava lógico e eu estava totalmente de acordo com isso. Nesse momento, eu voltava a ter um problema, pois Julian não me passava adequadamente as informações relevantes e, quando o fazia, era tarde demais. Às vezes, isso me deixava numa saia-justa perante os jornalistas. É bem possível que esse fato explicasse bem minha situação naquele momento.

Corri para casa e entrei em contato imediatamente com nossos técnicos e seus colaboradores. Eles já estavam afogados em trabalho e era a primeira vez que ouviam sobre a necessidade de editar os documentos.

Naquele momento, estávamos com um abacaxi para descascar. Os artigos já estavam bem escritos e prontos, as impressoras já estavam esquentando: era tarde demais para interromper o processo de produção. Teria custado principalmente para a *Spiegel* muitos milhares de euros para suspender a data de publicação planejada há tanto tempo.

Fui para o chat, Julian estava lá e eu perguntei: “Oi, o que aconteceu com a minoração de danos?”

Zás-trás, Julian desapareceu. E não voltou mais durante todo o dia.

Enquanto isso, a situação estava esquentando para todos os outros. Sempre tentávamos evitar o que fosse possível. Acho que, nesses cinco dias, de quarta a segunda-feira, dormi apenas 10 ou 12 horas, se muito. Anke vivia ao lado de um zumbi.

Uma olhada nos documentos demonstrava o seguinte: mesmo que todos os nomes fossem retirados, os contextos ainda permaneceriam lá, o que também tornava as pessoas identificáveis. Se, por exemplo, constasse num relatório que, dos três afegãos que foram presos em 25 de março de 2009 no vilarejo XY, um deles repassara aos americanos informações, isso tornava ainda mais fácil para os talibãs regionais encontrarem a pessoa e puni-la.

Noventa mil documentos! Era muita coisa. Eu olhava para o meu computador e não sabia o que fazer. Como texto bruto, seria impossível fazê-lo. Precisávamos de uma interface que facilitasse a edição. Mais tarde, nossos técnicos desenvolveram um programa em que os voluntários podiam acessar os documentos por meio de uma conexão segura para trabalhar neles ou tornar os nomes não identificáveis. Contudo, para aquela publicação, era tarde demais.

Os veículos então nos deram o aviso final: precisávamos separar 14 mil dos 90 mil documentos e segurá-los até segunda ordem. Tratava-se dos documentos conhecidos como *Threat Reports*. Nesses documentos, eram mantidos relatórios de nativos que atuavam como informantes dos militares americanos e os avisavam, por exemplo, sobre um ataque planejado ou um novo arsenal. Neles, os informantes eram designados por seus nomes reais e possivelmente seriam presas fáceis para ações de vingança do Talibã.

Nas 76 mil entradas restantes, surgiam muito menos nomes. Diversos meios de comunicação verificaram mais tarde e encontraram apenas 100 nomes.

Na tarde seguinte, enquanto trabalhávamos a todo vapor, Julian apareceu novamente no chat. Disse que ele “ainda queria conversar conosco sobre os nomes”. Além disso, apresentou para nós uma imensa lista de tarefas:

- J: 1. os urls precisam ser padronizados amanhã. a nomeação foi padronizada. "kabul war dairies" e "baghdad war dairies".
- J: 2. afg precisa ser verificado com relação à identificação de informantes inocentes. Aparecem mais nos threat reports. vai dar bastante trabalho repassá-los.
- J: 3. visão geral de alto nível e nota à imprensa precisam ser feitos.
- J: 3.5 nossas comunic. internas precisam ser padronizadas. pagers via satélite utilizados se disponíveis e fallbacks de silc/irc.
- J: 4. infraestrutura de distribuição precisa ser testada novamente.



- J: 5. é preciso retirar o campo de classificação das versões do banco de dados do afg que fornecemos.
- J: 6. fiz uma versão sql completa do banco de dados que também precisa ser hospedada como um dos arquivos para download.
- J: 7. torrents disseminados/arquivos predistribuídos
- J: 8. Precisamos fazer máquinas de e-mail robustas.
- J: 9. equipe de imprensa/contatos padronizados.
- J: essas são as tarefas que PRECISAM ser feitas ou vamos fracassar
- J: agora, aquelas coisas que precisam ser feitas se quisermos fazer direito.
- J: 10. tenho o front end pesquisável/explorável baseado em perl que eu e o guardian desenvolvemos. também precisa ser distribuído como arquivo para download [mais sobre isso mais tarde].
- J: 11. uma intro em vídeo curto de 3 minutos precisa ser feita. Tenho um pessoal aqui pronto para a parte de edição/filmagem, mas a parte gráfica (por exemplo, google earth/imagens de solo) precisa ser feita
- J: 12. as pessoas [jornalistas] que trabalharam nos dados precisam ser entrevistadas sobre sua abordagem e as qualidades/limitações dos dados. 10 a 20 min cada. não é necessária prep. tenho isso determinado no ponto de londres, mas também precisamos fazer em berlim e nova york. essa é uma forma rápida de produzir um "guia" para o material e também elevar o WL ao nível de um parceiro de trabalho claro com esses três players maiores.
- J: 13. a equipe de imprensa precisa ser fortalecida e precisamos de uma lista de âncoras que possam falar de forma sensível sobre as questões (não apenas nós)
- J: 14. os sistemas de doação precisam ser verificados/e ficar um pouco mais claros/a caixa postal australiana precisa ser colocada em funcionamento para cheques etc. e se possível a conta bancária.au deve também ser exposta

Respondi o que todos pensaram: “Claro, ainda temos quatro dias até o lançamento.” Sem a lista de Julian, já estávamos pressionados com o tempo curto.

Claro que, na noite anterior à publicação, ainda não havíamos acabado. Depois disso, o *Guardian* foi ao ar sem nós. O *New York Times* não teve coragem, pois não queria dar a cara para bater sozinho no mercado dos Estados Unidos. O pessoal da *Spiegel* me ligava de hora em hora para perguntar quando finalmente estaríamos no ar. O caos imperava.

Quando as máquinas da imprensa já estavam aquecidas, ninguém mais se interessava em que havíamos perdido um pouco a ação concentrada e que nossas parcerias de mídia haviam nos deixado para trás com nossa publicação. O mundo lá fora, pelo que eu saiba, não percebeu nada sobre nossos problemas internos, ninguém tinha a menor ideia do caos nos bastidores.

Um porta-voz do Pentágono diria numa coletiva de imprensa que o WL teria naquele momento “sujado as mãos de sangue”. Contudo, comprovou-se que, até hoje, não houve qualquer prejuízo a nenhum informante em decorrência da publicação dos relatórios. Como mais tarde foi divulgado, o Ministério da Defesa, num documento interno, também havia classificado as informações como inofensivas

Já havíamos recebido o aviso dos veículos para publicar os *Threat Reports*. Ainda não havíamos feito nada em termos de conteúdo com os documentos – esse teria sido o trabalho dos jornalistas. Apesar disso, mais tarde, Julian diante das câmeras jogaria confete sobre seu processo de minoração de danos.

Nossos técnicos também trabalharam por centenas de horas. Por exemplo, converteram tudo no formato KML, de modo que fosse possível visualizar qualquer incidente numa linha do tempo no Google Earth. E precisaram se contentar com nosso agradecimento no chat.

Seguiu-se um imenso debate mundial sobre se a publicação teria prejudicado alguém. Pouco se falou sobre o conteúdo – exceto a primeira onda dos veículos de comunicação, que se ocupou, de forma concreta, dos documentos, e a segunda, que outros jornais seguiram com suas análises assim que também tiveram acesso ao material.

Julian tomara como seu lema “acabar com uma guerra”. Infelizmente, estávamos muito longe disso. Esperávamos que os documentos mudassem fundamentalmente o pensamento sobre intervenção militar. Quando, finalmente, fosse compreensível para todos quanta injustiça havia no Afeganistão, as pessoas poderiam protestar e exigir de seus governos a interrupção das intervenções militares e o retorno de seus soldados.

Provavelmente por conta da quantidade inacreditável de dados que o material continha, não houve consequências concretas e não provocamos da noite para o dia uma nova discussão social sobre o sentido da guerra. A coleção de documentos era muito grande e complexa para que qualquer pessoa pudesse entrar no debate. Além disso, apenas os 14 mil documentos que não havíamos publicado continham os fatos realmente mais polêmicos. A maioria das histórias que a *Spiegel*, o *Guardian* e o *New York Times* fariam do material tem relação com esses documentos. Para os três parceiros, no final das contas, foi tão lucrativo que eles puderam continuar a explorar os documentos com exclusividade, enquanto a concorrência teria acesso apenas ao restante.

Obviamente, não era cabível acusar os respectivos jornalistas por procurarem boas histórias e terem exclusividade sobre elas. Eu tinha uma ótima relação com a maioria dos jornalistas, mas o *modus operandi* dos meios de comunicação, esse vício pela informação inacessível a outros meios, a tentativa incessante de arrancar de nós o máximo possível, essa mistura de curiosidade permanente e presunção amigável, tudo isso às vezes me irritava.

Ainda me lembro do tempo em que não éramos conhecidos, quando eu precisava ligar para a imprensa e chamar sua atenção para um bom material. Quando nem me ligavam de volta e tampouco respondiam a meus e-mails. Na Alemanha, a maioria dos jornalistas nos julgava com olhar bastante crítico e escrevia análises espertinhas sobre quais problemas nossa plataforma enfrentava. Até aí, tudo bem. Para alguns, as coisas mudaram quando perceberam quanta atenção poderiam gerar com nossos materiais. Assim, começaram a nos cortejar, o que achei esquisito.

Nos debates sobre os vazamentos dessa época, surgia cada vez mais a crítica de que o WL teria marcado os Estados Unidos como seu principal inimigo. Haveria mesmo muitos recantos na face da Terra que também mereciam estar sob os holofotes. De fato, todas as grandes publicações do ano de 2010 diziam respeito à potência mundial dos Estados Unidos, por diversos motivos.

O antiamericanismo de Julian alimentava-se, por um lado, pelo simples fato de que os EUA estavam envolvidos como cabeça na maioria dos conflitos da política mundial. Além disso, em muitas missões, levanta-se a acusação de que os Estados Unidos também conduzem guerras por motivos econômicos. O mais grave, nesse caso, é que há a intervenção na política em países estrangeiros. Contudo, também é preciso criticar os governos que cometem crimes contra seu próprio povo.

Esse era um motivo. Outra razão bastante banal era o problema com os idiomas. Nenhum de nós falava hebraico ou coreano e, com frequência, era bastante difícil avaliar a importância de um documento de outros países escrito em inglês. Além disso, Julian não falava nenhuma língua estrangeira. Embora ele gostasse de se mostrar em discussões internas como o único nativo no idioma e transformasse com maestria os debates desagradáveis para ele em ensinamentos minuciosos sobre o significado de determinadas palavras, não conseguia gravar nomes de meios de comunicação estrangeiros ou de nossos camaradas; numa entrevista de televisão que ele deu após a minha saída do WL, complicou-se até mesmo com meu sobrenome. Precisaríamos encontrar mais pessoas para nos ajudarem com as traduções e havíamos fracassado com a tentativa de integrar pessoas para realizar muitos trabalhos elementares.

Muito mais importante era, porém, o terceiro e último motivo: com os Estados Unidos, tínhamos escolhido o maior adversário possível. Julian Assange não se indispunha com os mais fracos; escolhera, ao contrário, como inimiga, a nação mais poderosa do mundo. O tamanho próprio era medido pelo tamanho do inimigo. (Como ele poderia combater na África

ou na Mongólia ou criticar com veemência a casa real tailandesa?) Ser jogado numa prisão na África ou na Tailândia ou desaparecer com um bloco de cimento nos pés num rio russo seria muito menos atraente do que informar a opinião pública mundial com o acompanhamento agitado e duradouro da mídia que os Estados Unidos teriam ameaçado alguém por meio de seu serviço secreto. E, com essa estratégia, estava garantido um lugar nos principais noticiários.

O maior problema com relação à publicação dos *Afghan War Diaries* era que Julian havia entregado o jogo e mostrado para a mídia os outros materiais, o que nos tornava obrigados aos nossos parceiros existentes. Dessa forma, nossos planos de permanecer senhores do processo se tornara uma farsa.

Por exemplo, o *New York Times* não havia ligado seu artigo a nós, provavelmente com receio de provocar um conflito legal ao estabelecer essa conexão. No entanto, já haviam copiado o material sobre o Iraque. Seria quase impossível publicar a próxima história sem eles.

Semanas depois, o *Washington Post* fez uma grande história – “A América Secreta” –, na qual foram revelados os bastidores da indústria bélica. Os artigos faziam um bom retrato aos leitores sobre o crescimento gigantesco que essa área obteve em virtude da guerra contra o terror. Suas informações eram extraordinárias, não sei onde o *Washington Post* as havia conseguido, mas toda a cobertura, juntamente com os documentos on-line e os mapas, foi um trabalho impressionante, ainda mais vindo da própria redação. Naquela época, quando o *Washington Post* me perguntou se eles não poderiam ter acesso aos 14 mil documentos faltantes, considere uma cooperação bastante razoável. Eu teria honrado de bom grado seu ótimo trabalho com o repasse dos documentos, mas Julian proibiu a negociação: “Fechamos acordos com os outros três que não podemos mais evitar”, ele me explicou.

Hoje me arrependo de não ter negociado para consumir os fatos por mim mesmo. Para Julian, de qualquer forma, categorias como acordos e

contratos pouco valiam. Quantas vezes ele me disse que era o caso de não se deixar confundir pelas fantasias dos outros, mas participar ativamente da criação da verdade! E mais tarde ele próprio redefiniria a suposta promessa de exclusividade com a imprensa, entre outros, entregando os documentos do Afeganistão ao Channel 4, quebrando todos os acordos e compromissos.

Por outro lado, eu não quis manchar a imagem do WikiLeaks, fazendo com que parecêssemos não confiáveis como parceiros contratuais. Empaquei no dilema de alguém que cumpre regras, enquanto negocia com alguém que, acima de tudo, transforma regras com argumentos quando estes se encaixam nos seus próprios planos.

Nossas próprias exigências de publicar o material disponível imediatamente e permanecer independentes nas decisões eram apenas mais uma piada. E estávamos exatamente onde a mídia nos queria: a seus pés. Ela podia utilizar suas histórias com exclusividade, enquanto nós estávamos de mãos atadas.

Nossos técnicos, em pouquíssimo tempo, desenvolveram um software sofisticado com a ajuda de um grande círculo de colaboradores no processo de edição de acordo com o princípio “amigos dos amigos”. Cada um podia ter acesso por meio de um *front end* via Web a um pequeno pacote de trabalho e conseguia ver, a cada vez, apenas um trecho do conjunto de dados completo. Dessa forma, centenas de voluntários conseguiam visualizar e editar os documentos ao mesmo tempo. Havia, no mínimo, dois editores por documento, e cada alteração era protocolada. Tudo funcionou sem maiores problemas e rapidamente os 14 mil documentos restantes estavam limpos.

O conflito entre mim e Julian continuava, mesmo que nossa cooperação diária continuasse em paralelo a ele. Comecei a conversar com Birgitta sobre esse assunto, pois eu estava totalmente no escuro sobre o que

acontecia com Julian. Como Julian e eu voltávamos a perseguir o mesmo objetivo, pensei que também seria possível colocar o WL nos trilhos.

No fim de junho, Birgitta me contou no chat sobre uma conversa que tivera com Julian. Ele teria pedido para que ela não confiasse mais em mim e se referia a mim como seu “adversário”.

D: não faz sentido

B: não, ele acha que é mais profundo. que você quer tomar a frente

D: mais profundo em que sentido? isso é BS [bobagem]

B: dinheiro e crédito

D: claro, tá certo, hahaha. bem, isso está claro para todo mundo. e todos nós concordamos que isso é bobagem

B: sim, isso mesmo

D: o único que ainda não percebeu foi J, qualquer dia se resolve. sei por que ele pensa dessa forma

B: eu espero. por quê?

D: algumas observações que fiz, por exemplo. ref. a dinheiro, tivemos uma discussão uma vez sobre eu ter gastado um pouco daquela grana

B: ele acha que você vive pegando altos montantes

D: e eu disse que, se ele não falar comigo, gastarei o que for necessário, porque o dinheiro aqui na alemanha, em grande parte, é consequência do meu trabalho

D: LOL [rindo muito]. peguei, tipo, 15-20 mil dessa conta ou algo assim, no máximo, e tudo foi gasto com servidores que precisávamos e coisas desse tipo, tudo com 100% de contas prestadas

B: e eu vivo pedindo para ele encontrar com você e resolver tudo isso

Ao mesmo tempo, precisávamos nos defender contra a pressão externa cada vez maior. Em 30 de julho de 2010, publicamos no domínio dos documentos do Afeganistão, bem como em diversas páginas de compartilhamento, um arquivo com 1,4 gigabyte. Ele trazia o título “insurance.

aes256” e estava criptografado. Havia sido consideravelmente razoável encriptar o material bastante intrincado e, então, espalhá-lo. Deveríamos ter feito isso antes.

Nem eu mesmo sabia exatamente o que os técnicos haviam gravado no arquivo. Ele estava protegido com o sistema de criptografia AES256 – o que o tornava relativamente imune às tentativas de descriptação. No entanto, não achei tão boa a ideia de colocá-lo na internet.

Originalmente, com esse arquivo de segurança, queríamos impedir que alguém destruísse o WL ou tentasse pegar um de nós e nos tirar de circulação, para evitar, com isso, que outros documentos fossem publicados. Assim como outras pessoas registravam seu conhecimento em cartório, nós o depositávamos na internet.

Com muito esforço, copiei o arquivo num *pen drive* e, com frequência, enviava a pessoas de minha confiança em todo o mundo. Entre eles, estavam também políticos do Partido Verde alemão e outras personalidades nas quais eu supunha poder confiar totalmente.

Para tanto, comprei diversos *pen drives* e muitos envelopes pardos, brancos, grandes, pequenos, e fui com um punhado de pacotes até o correio para garantir que toda a carga não fosse interceptada. Também entreguei pessoalmente alguns *pen drives* e, em cada um deles, anexeí uma carta, datada de 20 de julho de 2010:

Confiando dados a você

Caro(a)...

Estamos entrando em contato com você hoje por uma questão de confiança. Anexo a esta carta, você encontrará um *pen drive* contendo informações num arquivo encriptado.

Essas informações estão sendo enviadas a você e a outras entidades de confiança em todo o mundo, em virtude dos desafios que nosso projeto poderá enfrentar nas próximas semanas. A distribuição garantirá que, não importa



o que aconteça, essas informações serão divulgadas para a mídia e, em consequência, ao público em geral. Elas também servirão como um seguro para nosso bem-estar e o de nosso projeto.

Se algo der errado, um segundo mecanismo garantirá que as senhas para esse material sejam distribuídas publicamente, possibilitando que você destrave o arquivo e ajude a fazer com que nossos esforços não tenham sido em vão. Acreditamos que você não divulgará a ninguém o fato de ter recebido esta carta e os dados. Muita coisa pode depender disso.

Com os melhores cumprimentos e nosso agradecimento.

WikiLeaks

Nesse ínterim, os técnicos desenvolveram uma solução para que as senhas fossem publicadas automaticamente, caso algo acontecesse – chamam esse método de *botão de homem morto*. Nesse momento, eu não sabia que, ao mesmo tempo, havia o plano de publicar o arquivo de qualquer forma na internet e espalhá-lo em quaisquer plataformas de *download*. Eu havia sido totalmente contrário a essa medida. Mesmo que demorasse muito, muito tempo para descriptar o arquivo, essa possibilidade não estava totalmente descartada.

Com o depósito desse arquivo, queríamos criar uma alavanca política. E acredito que, no mínimo, tiramos algumas noites de sono do pessoal do Departamento de Estado. Um arquivo criptografado chamado *insurance* disponível para todos na internet, num site de compartilhamento de *torrents*? No mínimo, não constituía um problema que surgiria em seus manuais como um caso normal. Também não era possível resolvê-lo apenas enviando um porta-aviões.

Será que esse mecanismo de segurança, no fim das contas, teria interessado a alguém de verdade e, assim, impedido que um membro do WL fosse preso? Não consigo avaliar. De qualquer forma, todos acreditávamos nisso piamente. E quando, mais tarde, foi decretada a prisão preventiva

de Julian, por conta das investigações das acusações na Suécia, ele teria anunciado ao seu advogado que seria considerada a “opção termonuclear”, ou seja, tornar pública a senha para o arquivo *insurance*, caso Julian fosse extraditado para a Suécia.

Definitivamente, isso não estava nos planos. O arquivo *insurance* deveria proteger funcionários ameaçados e nossos documentos, e não servir para que Julian impedisse as investigações num país democrático, ainda mais porque se tratava de um episódio estritamente particular.

Comprovou-se que poderíamos bem ter utilizado um mecanismo de segurança desse tipo quando Jacob Appelbaum fora detido em sua entrada nos Estados Unidos e interrogado. O que o comprometeu, nesse caso, foi que ele se pronunciou como representante de Julian numa conferência sobre o WikiLeaks – provavelmente, porque considerou importante que o WL fosse representado lá. Isso bastou para que, ao entrar nos Estados Unidos, seu laptop fosse confiscado, ele fosse interrogado e detido por diversas horas. Depois disso, fazíamos a piada maldosa de que todos os contatos que estavam armazenados em seu celular teriam problemas para entrar nos Estados Unidos.

Mas o episódio foi bastante incômodo para Jacob. Em comparação, as histórias de perseguição de Julian pareciam mesmo inofensivas. Em sua viagem à Austrália, em maio de 2010, quando os agentes de imigração confiscaram seu passaporte, rolou aquele suposto escândalo em todo o mundo sobre as agências de imigração. Depois disso, Julian deu diversas entrevistas a televisões australianas, nas quais insinuou que não poderia mais estar seguro em lugar algum. Eu mesmo vi esse passaporte – e era um verdadeiro farrapo. Provavelmente alguém quis, naquele momento, certificar-se de que aquilo seria mesmo um documento de identificação genuíno, e não um documento velho. Os agentes devolveram o passaporte de Julian poucos minutos depois.

Depois Julian afirmava que não poderia mais viajar com segurança para a Austrália, pois seria muito perigoso. Naquela época, eu teria de fazer uma

apresentação sobre cibercensura para o Parlamento Europeu num evento sobre informação. Julian pediu para que eu fosse dispensado e ele fosse convidado no meu lugar. Seu argumento foi que os serviços secretos apenas o deixariam em paz se ele viajasse sob a proteção do Parlamento Europeu, pois, se o Parlamento estivesse à espera dele, ninguém poderia ousar sequestrá-lo ou mesmo matá-lo. “Preciso de cobertura política”, era o que ele dizia. Sempre pensei que, no máximo, sofreríamos uma emboscada de alguns membros de fraternidades estudantis frustrados ou partidários do NPD e tomaríamos umas porradas. Ninguém sequestraria um avião comercial australiano para desaparecer com Julian Assange.

Nesse período, Julian começou também a envolver cada vez mais o islandês de 17 anos no WL, e essa história me parece estranha até hoje. Ele nos alertava sempre sobre o jovem, pois seria um mentiroso e não seria confiável. De qualquer forma, Julian queria impedir que falássemos com ele. Ainda mais surpreendente foi o fato de ele receber um endereço de e-mail do WL, um privilégio de pouquíssimas pessoas, talvez 10 ou 20, não mais do que isso. Julian comprara dois laptops para ele, além de ter dado ao rapaz um dos criptofones.

Julian também era bastante negligente no que dizia respeito às nossas medidas de segurança. Os e-mails para o jovem islandês Kristinn, que depois se tornaria o porta-voz do WL, eram automaticamente encaminhados para um endereço no Gmail, unicamente por razões de comodidade. Eu me perguntava se era necessário tornar tão fácil para os americanos lerem nossas comunicações internas. E se também não poderíamos deixar de lado os caros criptofones.

De qualquer forma, Julian ficava cada vez mais descuidado com relação ao sigilo dos documentos. Ele deu os *Cables* para um islandês a quem seria melhor não passar qualquer tarefa sigilosa, para que ele pudesse ter em mente “como se poderia preparar graficamente os documentos”.

O islandês repassou o material para a imprensa, entre outros, para a jornalista Heather Brooke, do *Guardian*. Mais tarde, ele diria, para se justificar, que havia se perguntado como seria possível otimizar a influência política do material e que ele, portanto, “deveria falar sobre o caso com algumas pessoas”.

Esse fator humano, o desejo de partilhar seu conhecimento secreto e, por isso, se valorizar um pouco mais – na dúvida, com a ajuda da imprensa –, poderia ser tudo, menos desconhecido para nós. Por isso era necessário ter muito cuidado com o repasse de informações. Não havíamos aprendido isso?

Julian, que, acima de tudo, era bastante paranoico no que se tratava de sua própria segurança, deixou ao menos uma vez as rédeas incrivelmente soltas. Quando ele soube do problema, mandou Ingi e Kristinn até o cara, o que pouco adiantava, pois as informações já estavam rodando o mundo. Os islandeses fizeram com que o cara assinasse uma declaração de que haviam roubado dele os documentos de forma ilegal. Era extremamente perigoso ligar seus nomes àqueles documentos.

O risco de segurança era cada vez maior, inclusive para o garoto de 17 anos. Julian postou no Twitter que o jovem teria sido detido diversas vezes pela polícia na Islândia. Para nós, ele disse que a polícia havia interrogado Ingi sobre o WL, que haviam apresentado a ele fotos de vigilância para inquiri-lo sobre cada uma das pessoas. Julian também postou essa informação no Twitter. Contudo, não havia como comprovar os fatos. A polícia islandesa negava que teria acontecido dessa maneira. Em todo caso, o mistério WL foi estimulado com bastante eficiência com as histórias sobre prisões e perseguições.

Ao longo de 2010, Julian viajava cada vez mais com guarda-costas a seu lado. Seu passe estava mesmo valorizado. Pensei em algum momento que teria sido o maior desastre possível se eu fosse preso antes dele. Talvez por isso ele tivesse ficado tão furioso sobre a plaquinha de interfone com meu nome verdadeiro.

Nossa relação não melhorou depois de ele ter me falado em abril que, caso eu cometesse algum erro e colocasse nossas fontes em perigo, ele me caçaria e me mataria. Disse isso numa situação de estresse imenso. E às vezes me dizia coisas que soavam como se servissem para ele mesmo. Noutra ocasião, ele havia comentado que eu seria um risco de segurança, pois “não conseguiria suportar um interrogatório”. Então eu me perguntava com qual filme Julian estava fantasiando dessa vez. Será que, na sua imaginação, ele via um policial que apertava cada vez mais um esmagar-polegar nos meus dedos, enquanto eu escrevia uma confissão de páginas e páginas que significaria para Julian a sentença de morte?

Certa vez, Julian me contara que, em intervalos regulares, ele se isolava nas florestas. Na solidão total, ele conseguia ficar consigo mesmo e recarregar suas baterias. Ele chamava isso de “recalibragem”. Ali ele não falava com ninguém e vivia um dia de cada vez. De acordo com sua descrição, ele precisava disso de meses em meses, no mínimo. Quando pensei nos últimos dois anos, não houve praticamente um único dia no qual ele tenha ido ao menos uma vez para um lugar com natureza ou, no mínimo, passeado por um parque.

Muitas pessoas que encontravam com ele em conferências ou em alguma visita falavam comigo como Julian parecia estar mal no momento, pois dava uma impressão desmotivada. Não entendia por que era necessário tanta pressão com o tempo. Algo o empurrava, não podia dizer exatamente o quê. Em 2010, publicaríamos um lançamento grande atrás do outro, como se o coisa-ruim estivesse no nosso calcanhar. A pressão talvez viesse também dos novos materiais, que, nesse ínterim, haviam chegado em nossas mãos.

Antes disso, ele havia comentado comigo que naquele momento não haveria tanto tempo como antes para discutir cada detalhe, que teríamos ficado grandes demais, que as coisas tinham se tornado muito sérias para tratar

delas com tanta tranquilidade. Talvez ele gostasse também que tudo fosse tão extraordinário, perturbador e tivesse a maior importância possível.

Eu via as coisas exatamente ao contrário, pois, como estávamos nos tornando cada vez mais conhecidos e os documentos cada vez mais polêmicos, precisávamos agir com cuidado. Poderíamos ter usado a pausa imposta por nós mesmos no fim de 2009 para desenvolver ainda mais as estruturas internas. E deveríamos ter lidado apenas com vazamentos menores até a infraestrutura estar suficientemente sólida.

Eu me perguntava também se Julian de fato tinha medo de alguma coisa, se alguma preocupação que eu não conhecia o movia, se o novo material teria ficado de verdade muito quente para ele. Dizia sempre que precisávamos publicar o material, externando a preocupação de que, do contrário, alguém nos “tiraria de campo”. Por outro lado, nunca havia percebido se Julian tinha medo de qualquer outra coisa. Medo era uma categoria que, no caso dele, não era muito evidente. Ou seja, para ele não havia muito para superar.

A pressão fez realmente com que errássemos cada vez mais e que não honrássemos mais a imensa responsabilidade que tínhamos nas costas. E Julian repetia apenas sua nova frase preferida: “Não se contesta a liderança em tempos de crise.”

Realmente, tinha quase potencial cômico. Julian Assange, investigador-chefe e crítico mais ferino dos militares em missão de paz global, também se aproximara no jeito de falar dos poderosos que ele pretendia combater. Ele encontrava cada vez mais prazer nessa linguagem técnica, extremamente mal-humorada e sem alma de nossos documentos, com seus acrônimos e códigos absurdos.

Há muito ele já descrevia todas as pessoas possíveis como “ativos”. Na administração de empresas, isso diz respeito ao inventário e, entre os militares, é parte da tropa. Na boca de Julian, o conceito também não era amigável, pois mostrava que, entre nosso pessoal, havia meras buchas de canhão.

Quando, mais tarde, ele quis me mandar embora, justificou da seguinte forma: “Deslealdade, insubordinação e desestabilização em tempos de crise.” Era a parte da redação da Lei de Espionagem americana de 1917. Essas cláusulas seguiram-se à entrada dos Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial, servindo como linguagem militar para os delatores.

A linguagem codificada não é apenas comum entre os militares, mas é a essência da maior parte das áreas especializadas. Também os textos de lei bem trabalhados contêm apenas o conhecido “juridiquês”, exatamente como na administração de empresas ou na área bancária. E ainda muito mais codificado que entre os militares era, por exemplo, o tom da Cien-tologia, cujos manuais eram povoados de acrônimos.

Esse tipo de linguagem não é apenas perfeita para se proteger dos olhares de terceiros ou dificultá-los; há grupos de trabalho inteiros que relacionam a justificativa de sua existência ao fato de se orientarem por seu sistema autorreferencial. No fundo, o assunto podia até ser banal, mas soava como alta ciência. Não me surpreende que Julian gostasse disso. Linguagem especializada dava a impressão de importância e sugeria que a pessoa que a utilizava sabia o que estava fazendo – e, por favor, não queria questionar sobre isso.

No mais, era um conhecimento que eu devia ao meu trabalho no WikiLeaks: tanto fazia se militares, serviço secreto ou comissões estratégicas eram farinha do mesmo saco. Com uma análise mais profunda, alguns documentos me pareciam extremamente ingênuos. Publicamos, por exemplo, um documento da CIA do Grupo Red Cell, uma usina de ideias do serviço secreto americano fundada após o 11 de Setembro. O documento do Grupo Red Cell trazia informações sobre as estratégias de relações públicas que os americanos, em sua opinião, deviam tentar para contra-atacar a aprovação cada vez menor de alemães e franceses quanto à Guerra do Afeganistão.

Hans-Jürgen Kleinstaubert, professor de Política da Universidade de Hamburgo, teria descrito o documento numa entrevista de rádio como

um “documento de colegas”. Também era muito maldosa a estratégia de querer dizer aos alemães que se desejava proteger interesses econômicos no Afeganistão, e aos franceses que lá eles lutariam pelos direitos das mulheres, mas o plano era esse mesmo. Nenhum estrategista realmente astuto havia trabalhado nesse documento; apesar de soar para o público como de máxima importância para a CIA, o documento poderia ter saído da cabeça de um estudante de ensino médio.

Claro que também não estávamos livres da autorreferencialidade. WikiLeaks era WL, Julian era J, no chat eu era S de “Schmitt” e os outros da equipe eram também chamados por suas próprias letras. Daí se estabeleceu uma lógica bastante peculiar: quanto mais importante uma pessoa era para o WL, menor seu apelido. Quando, num chat do WL, alguém deparava com apenas uma letra, quase com certeza era possível que se estivesse diante de um dos representantes oficiais do projeto.



## **Ação na Suécia**

Em 20 de agosto de 2010, a procuradoria-geral da Justiça sueca propôs uma ação contra Julian Assange por duas tentativas de estupro.

Eu acabara de sair em férias com minha mulher e nosso filho. Por duas semanas, viajamos pela Islândia, esse lugar que parece uma foto iluminada de cabeça para baixo, pois a terra, em muitos pontos, é preta e os fiordes, brancos congelados. Transitávamos em nosso velho carro de aluguel de um lugar para o outro. Não via algo tão bonito há anos. Houve de fato dias em que por horas consegui não pensar em Julian, e tampouco no WL.

Contudo, não aconteceu de ficar sem o WL por completo. Sempre voltava ao laptop. No carro, havia um roteador sem fio com conexão UMTS; para a barraca, eu trazia um longo cabo de energia e os jornalistas com frequência ligavam para meu número de celular islandês.

Assim, por exemplo, Harvey Cashore, da televisão canadense, quis me encontrar de qualquer forma. Ele estava na Alemanha para um compromisso e, quando soube que eu viajava pela Islândia, decidiu ir até lá me encontrar. Cashore dirige a área de “pesquisas investigativas” na CBC, a Canadian Broadcasting Corporation. Precisou pegar uma conexão para o pequeno aeroporto de Isafjörður, onde eu acabara de fazer uma parada na minha viagem com Anke e Jacob.

Cashore propôs uma cooperação. Sua emissora queria participar de nossa próxima publicação e até mesmo destacaria alguns redatores para

nos ajudar na edição do material. Conversei com ele por duas horas inteiras e combinamos de nos encontrar num restaurante de frutos do mar em Isafjördur. Contudo, sua inserção não seria remunerada. Os outros meios de comunicação parceiros não queriam que a CBC tivesse um pedaço do bolo. O pessoal da *Spiegel* estava bastante tranquilo; eram sobretudo os jornalistas de língua inglesa que reagiam com hostilidade. Julian me contou que eles teriam pressionado ainda mais.

Naquela época, havia apenas um tema na imprensa alemã: o acidente na Loveparade em Duisburg, no qual, em 24 de julho, 19 pessoas foram esmagadas pela multidão e duas outras vítimas faleceram poucos dias depois em virtude de seus ferimentos.

Logo chegaram para nós muitos materiais: documentos de planejamento mantidos sob sigilo, acordos internos e todos os detalhes sobre o processo de segurança e alvarás. Os papéis se acumulavam regularmente em nosso servidor, com frequência em diversas versões. Para mim, parecia que metade da administração pública de Duisburger do dia para a noite havia descoberto seu próprio informante.

Ou seja, blogs e outras mídias também publicaram algo sobre o assunto, mas, com certeza, éramos os primeiros que tinham um histórico tão bem documentado. Eu me sentia obrigado a publicá-lo, ainda mais que o WL, nesse ínterim, se transformara numa plataforma que garantia aos documentos a atenção necessária. Assim, durante nossas férias islandesas, tirei um tempo de algumas noites para preparar tudo para o site.

Fizemos uma parada em nossa viagem num lugarejo chamado Holmavik. Em Holmavik não havia muito mais do que um museu de bruxaria e uma pequena pousada numa encosta exposta ao vento. Ali, passamos duas noites. Até as 5 horas, fiquei sentado com Anke na sala de convivência sacolejante na qual todos os dias era servido o café da manhã e eu trabalhava no caso Duisburg.

Além de mim, empilhavam-se, numa montanha, velhas latas de cerveja dos outros que haviam passado por ali. Contra o frio, protegiam-me meias grossas e um agasalho de algodão Merino azul-escuro. Contra a conexão de internet lenta, apenas a paciência ajuda. Eu havia planejado repassar os 40 documentos em versões diferentes e precisava reiniciar toda a cadeia de produção. Além disso, precisava escrever resumos e versões para a publicação e produzir as páginas de rosto. Desde a nossa pausa forçada, havíamos colocado à disposição apenas grandes publicações em páginas que tínhamos montado especialmente para elas. A publicação da Loveparade em 20 de agosto foi praticamente a primeira publicação normal no WikiLeaks desde a nossa pausa forçada.

Nessa época, já não publicávamos mais – como havia sido o acordo fixo do princípio – os documentos na sequência de sua chegada, mas deixávamos de lado grande parte e nos concentrávamos apenas nas grandes histórias. Julian forçava essa postura e, apesar das discussões acirradas sobre esse assunto, não mudava de ideia. Dessa forma, acumulavam-se algumas coisas que eu teria considerado importantes.

Por exemplo, tínhamos armazenado a troca de e-mails do NPD, o Partido Democrático Nacional da Alemanha, dos últimos quatro anos. Eu já havia encaminhado um trecho desse documento a um jornalista, para que ele pudesse ter uma ideia do assunto. Além disso, a *Spiegel*, que provavelmente também recebera parte do material, já publicara uma história sobre o assunto. Como o artigo da *Spiegel* fazia menção aos e-mails, a revista recebeu dos advogados do partido uma medida cautelar. Mais tarde, ela foi revogada, mas a publicação dos e-mails no WL teria sido uma boa oportunidade de enfatizar nossos pontos fortes perante os meios de comunicação. Nunca houve um destinatário para liminares no WL.

Quando voltávamos numa sexta-feira a Reykjavik e eu entrei no chat, parecia haver um problema. Um dos técnicos, que, como eu, tinha saído

de férias, havia desaparecido. Com frequência nos certificávamos de que todos haviam chegado bem aos seus compromissos, que ninguém havia ficado retido ou sido preso na fronteira ou mesmo desaparecesse. Ele estava sumido há nove dias, mas havia combinado sua saída apenas por três dias. Estávamos preocupados.

Minha mulher contava ao nosso filho todas as noites antes de adormecermos numa cama nova durante nossa viagem que aquilo com que sonhamos à noite se torna realidade.

Não sei se isso chegou a impressionar Jacob, com seus 10 anos, mas me impressionou. E como na noite seguinte eu sonhei que nosso conhecido havia voltado de uma viagem aventureira são e salvo para casa, acordei pela manhã convencido de que tudo voltaria ao normal. E de fato: fui para o chat e o amigo estava novamente lá. Pensei que naquele momento tudo estaria bem de novo. Vinte minutos depois, descobri na internet a notícia de que havia sido expedido um mandado de prisão contra Julian na Suécia; segundo o mandado, Julian teria estuprado duas mulheres.

De forma geral, na Suécia também vale a regra de que pessoas sob investigação devem ser protegidas da imprensa. Para evitar danos à sua reputação, os meios de comunicação não deveriam saber a idade de uma pessoa acusada, nem seu nome. O jornal sensacionalista sueco *Expressen*, que, como a editora deste livro no original em alemão, pertence ao Grupo Bonnier, violou nesse caso todas as regras. Fez das investigações da procuradoria do Estado uma história com nomes completos. Julian ficou tão surpreso quanto eu. A polícia ainda não havia entrado em contato quando ele leu a notícia no jornal. Isso não se deseja a ninguém.

Foi estranho eu ter a sensação de que Julian me ouvia pela primeira vez há meses – mesmo que apenas por um breve momento. Ele precisava de meu conselho. E ele queria ouvir a todos que estariam a seu lado. Mesmo quando mais tarde sugerimos que deveria retirar-se de cena por uns tempos, asseguramos a ele imediatamente que estávamos todos do seu lado e não víamos motivo algum para duvidar de sua versão da história.

Após a solidão da natureza islandesa, o festival de cultura anual da capital esperava por Anke, Jacob e por mim. Era domingo e tudo estava lotado de gente. Os islandeses encheram suas ruas de barracas, havia comida, bebida e música, e nas ruas principais acontecia a maratona anual de Reykjavik. Birgitta leu alguns de seus poemas na frente da antiga prisão e recolheu assinaturas contra a utilização do magma para a geração de energia. Deixei Anke e Jacob nas barracas e me esforcei para chegar até Hallgrímskirkja. É uma igreja evangélica que parece um pouco com um foguete Ariane, pronto para decolar. Lá eu havia combinado com Ingi e Kristinn. Queríamos trocar ideias sobre o problema do momento.

Os islandeses já me esperavam na estátua de Leif Eriksson. Kristinn parecia sempre estar com um olhar perdido, como se ele tivesse visto no passado algo muito horrível e, depois disso, decidido não olhar mais direito para nada. Ingi estava atrás dele, as mãos cruzadas diante do corpo. Ingi, em geral, vestia calças e coletes de estilo militar – além disso, trazia uma daquelas antigas carteiras grandes de couro.

Fomos ao Museu Einar Jónsson. Não nos interessávamos pela arte, exposta lá, mas, apesar disso, continuávamos a frequentar o lugar para nossas conversas e nosso *parcour*: subir escada, descer pelo outro lado, virar à direita pelas portas com cruzeiros, fazer um oito para voltar à sala da esquerda e de volta para o primeiro andar. Por uma porta na parte dos fundos do prédio, chegávamos ao jardim das esculturas. Possíveis perseguidores talvez não tivessem sido despistados com essa tática, mas ao menos ficariam esgotados.

Ficamos por um momento entre as imagens de bronze. Kristinn acendia um cigarro no outro, falava um pouco articulado demais e me interrompia diversas vezes. Ele ficara com Julian por um bom tempo na Grã-Bretanha, e podia ser considerado a pessoa mais próxima naquele momento.

“E o que faremos agora?”, perguntei.

Kristinn olhou através de mim com seu olhar vazio. Ingi nos observava calado. Ficou claro para mim que nossa administração de crise era péssima ou mesmo inexistente e que precisaríamos nos reunir com urgência para repensar postos, tarefas e estruturas. Não era possível resolver nossos problemas no chat. Há muito eu pressionava para termos um *core meeting*, uma reunião da equipe principal.

Pouco depois, Birgitta se juntou a nós e também parecia perplexa com a situação atual.

Então o celular de Kristinn tocou. Ele ouviu, respondeu com alegria e nos informou, aliviado: o mandado de prisão havia sido revogado. Que dia! Todos éramos da opinião de que Julian deveria com urgência refletir sobre seu comportamento com suas “amigas”.

De fato, trocamos algumas frases sobre o tema “Julian e as mulheres”. Julian gosta de mulheres, isso é fato. Nesse sentido, não há uma mulher determinada que povoe seus pensamentos – esse era o tema em si. Quando estávamos em conferências, não raro ele avaliava as presentes. Não se resumia a pernas, peitos e traseiros, como em geral os homens gostam de falar. A preferência de Julian por mulheres não era tão descuidada como se retrata na mídia.

Julian tinha um olhar aguçado para os detalhes. Por exemplo, pulsos, ombros, nucas. Ele nunca dizia algo como “belos peitos” ou algo do tipo, nunca mesmo, mas comentava: “A mulher tem belas maçãs do rosto, parece bastante nobre.” Ou observávamos uma mulher graciosa, que remexia em sua bolsa enquanto passava por nós, e Julian dizia: “Deve ser bem gostoso ser tocado por essas mãos.” Isso foi realmente o máximo, pois ele nunca falava comigo obscenidades sobre as mulheres.

Devo confessar que ele me influenciou um pouco com essa atitude perante as mulheres. E naquela época eu também não estava comprometido. Ainda me lembro da conferência Global Voices, em Budapeste. Depois

de nossa apresentação, fomos a uma festa que estava rolando no terraço de um velho supermercado e na qual bebemos muito absinto. Julian e eu não aguentávamos muito álcool e, assim, estávamos bem bêbados quando voltamos da festa para o nosso apartamento.

O quarto tinha um vazamento de gás e estava com um cheiro horróroso, provavelmente havia um cano mal vedado. Dormíamos alternadamente no beliche ou no sofá e fazíamos piadas como: “Se você me ouvir ainda engasgando, melhor se arrastar até a janela.” Ou: “Devo dizer alguma coisa especial para seus pais quando eu lhes der a triste notícia?” Mas o apartamento era barato e bem localizado e tivemos uma estada ótima em Budapeste.

No caminho para o apartamento após nossa noite de absinto, tivemos algo como uma visão conjunta: uma mulher passou por nós de patins, com shorts bem curtos e um top apertado. Ela era atraente, sexy e parecia bem interessante. Mergulhamos um pouco em nossas fantasias e o assunto foi apenas esse a noite toda.

De volta ao nosso apartamento gasoso, conversamos sobre a noite. Julian estava deitado embaixo, no sofá, e eu estava encarapitado na cama em cima. Falamos sobre a conferência, outras pessoas, planos futuros.

Aqui e ali, um suspirava e dizia: “Que mulher!”

Ou o outro dizia. “É, ela era uma beleza.”

Até mesmo depois voltávamos sempre àquela patinadora, pois ela havia se tornado o símbolo da nossa mulher dos sonhos.

Na época, eu não tinha nada com outras mulheres; mas, mesmo assim, o remorso me assolava. Eu percebia que, em razão das muitas viagens, eu me afastava cada vez mais da minha namorada de Wiesbaden.

Para Julian, um critério que aos seus olhos tornava uma mulher digna de ser desejada era bem simples: 22 anos. Ela precisava ser jovem. E, para ele, era importante que não o questionasse e que tivesse ciência de seu “papel de mulher”. Ao mesmo tempo, precisava ser inteligente, ele até gostava disso. Nunca havia me ocorrido um tipo real de mulher. Se magra

ou gorda, alta, baixa, loira – tanto fazia. Se fosse bonita, melhor ainda, mas não era uma condição. Acho que, nos primeiros anos de WL, Julian com frequência esteve solitário. Tive essa impressão de qualquer forma na época na qual viajávamos juntos para conferências.

Por um tempo, tive a sensação de que algo rolaria entre ele e Birgitta. Porém, Birgitta era o oposto completo de uma mulher devotada: ela era assertiva e dizia sempre o que pensava. E, sem dúvida, é uma mulher atraente – embora há muito tempo não tenha 22 anos. Em algum momento, Julian me disse que ela seria a mulher de seus sonhos. Talvez fosse apenas uma bobagem, ele achava que sempre precisava dizer algo significativo. No entanto, eu tinha a sensação de que ele nunca poderia se envolver com uma mulher que não abaixasse a cabeça para ele.

Sempre conversávamos sobre a teoria da evolução. O mais forte mantinha não apenas controle, mas precisaria também se exibir por meio de uma descendência viçosa. A tese era de que valeria muito a pena disseminar seus genes.

Eu ficava sentado enquanto Julian gabava-se para todos sobre onde ele talvez já fosse pai neste mundo. Muitos pequenos Julians, um em cada continente – uma imagem que parecia lhe agradar. Se ele realmente cuidava dos filhos ou se eles existiam mesmo, essa era outra questão.

Mas Julian podia ser também bastante cortês com as mulheres. Quando ele as conhecia, era educado e charmoso. Contudo, nunca dava muita atenção a elas e isso parecia fazer com que sempre voltassem para ele. Seu desinteresse as atraía.

No caso das acusações na Suécia, deve ter havido briga sobre o uso de uma camisinha. Anna A., aparentemente uma das mulheres que prestou queixa na polícia, na medida em que suas experiências com Julian poderiam ser criminalmente relevantes e com isso ter provocado a investigação, é membro do Partido Social Democrata-cristão da Suécia. Ela havia



convidado Julian para um seminário sobre “O papel da mídia em situações de conflito”, que aconteceu em Estocolmo.

O que realmente aconteceu entre eles nesse meio-tempo apenas as mulheres e Julian sabiam. Para mim, era fato que eram apenas acusações. Pela posição de Julian no WL, precisávamos adotar uma postura para esse caso. O porta-voz de uma organização contra o qual corre um mandado de prisão internacional prejudica a imagem do projeto que ele representa. Se isso agrada ou parece correto, é outra história. Não apenas eu, mas muitos outros pediram para que ele se retirasse um pouco de cena. Ele, ao contrário, começou a afirmar que se tratava de uma campanha de difamação do Pentágono. Pouco antes disso, ele havia sido alertado que seriam utilizados truques sujos contra ele e que ele deveria tomar cuidado para não cair na “armadilha do sexo”. Ele disse para nós que não poderia divulgar os contatos que o advertiram, mas que estes seriam confiáveis.

No chat, eu sempre discutia com ele sobre esse problema.

J: eles vão sumir até o fim da semana.

D: não, não vão.

D: o que vai acontecer, supondo que nada acontecerá, é que mais gente vai aparecer.

D: porque as pessoas não gostam do jeito como isso está sendo tratado

D: é muito simples

D: eles querem ver que isso terá uma consequência

D: e pelas declarações que você deu, mais o fato de estarmos tentando mostrar esse ponto de vista da armação, não é o que esperam

D: todo\*

D: não se trata do que fará as pessoas se sentirem ofendidas e não importa se vão sumir, pelo contrário

D: a reação a isso faz mais pessoas aparecerem

J: isso é o que você está tentando fazer as pessoas engolirem?

D: isso o quê?

J: se for, vou acabar com você.

D: Rs

D: que deu em você, j

D: sério

D: que conversa é essa?

D: você pirou de vez?

D: não vou aguentar essa bobagem por mt tempo, j

D: sério

D: você está atirando no mensageiro e isso é inaceitável

D: quem tá enfrentando problemas graves é você

D: e por isso o projeto pode ser prejudicado

D: e essa é minha preocupação

D: meu interesse em ajudar você realmente não adiantará se você tratar as coisas desse jeito

D: não posso nem acreditar nisso

D: você já pensou, ao menos uma vez sequer considerou, em toda essa história na qual você parece estar envolvido, que nem tudo é culpa do outro?

D: boa sorte, cara, tô cansado de fazer o controle de danos para você

D: então, decida-se

J: Vai embora e pense sobre seus atos e declarações. Sei de muita coisa que você nem imagina. Não vou tolerar deslealdade na crise.

D: acho que você não entendeu a situação aqui, j

D: sinceramente

D: mas, como eu disse, não vou mais cobrir você ou fazer qualquer controle de danos

D: boa sorte com sua atitude

D: eu não tenho nada do que me envergonhar

J: Que seja assim.

Como eu poderia mostrar a ele que, para mim, o importante era o projeto? Ele nos acusava de termos aderido a uma campanha de difamação e virado a casaca contra ele.

Ele havia me contado das duas mulheres, que haviam se negado a transar com ele sem camisinha e, nesse ponto, os detalhes ficaram bastante vagos. Não quero nem posso dar opinião sobre os sentimentos das mulheres, nem sobre o comportamento de Julian para com elas. Acima de tudo, parecia que seu azar era ser chauvinista e ter se envolvido com duas mulheres independentes – e isso num país onde são aplicadas as medidas judiciais mais extremas no caso de violência sexual do que na maioria das outras nações. Principalmente por sua condição de popstar, Julian se metera num problema que não podia controlar.

Por fim, surgiu a pergunta sobre quem deveria arcar com os custos advocatícios. Ele não podia tirar essa grana das doações, pois as acusações recaíam sobre ele como pessoa física. Eu não faria oposição se Julian tivesse enviado uma fatura para a fundação ou para quem quer que fosse por seu trabalho nos últimos anos, pois, assim, ele teria dinheiro suficiente para pagar seu advogado. Diversas vezes no chat, tentei sugerir isso a ele. Mas Julian não aceitava.

Página deixada intencionalmente em branco

## Minha suspensão

No dia seguinte ao primeiro mandado de prisão contra Julian na Suécia, voamos de volta para Berlim e eu me entrincheirei em nosso apartamento. Lá eu ficava durante muitas horas sentado, principalmente na sala de estar, na mesa grande com vista para um canteiro de obras diante da janela, computador aberto na minha frente, olhos grudados no chat ou mesmo digitando algo. Quase não aparecia mais no clube, embora antes eu fosse lá praticamente todos os dias para trabalhar. Parecia que algo me deprimia e eu não queria que alguém perguntasse sobre o que estava acontecendo.

Anke estava desolada. Muito antes disso, ela, com certeza, gostaria de ter dito: “Deixe pra lá, isso vai acabar com você.” No entanto, ela também sabia como o WL era parte importante da minha vida e que provavelmente eu não reagiria bem a um conselho desse tipo – até porque ela estava com toda a razão.

Também percebi que, secretamente, eu me afastava aos poucos do WL. Devo confessar que os conflitos pessoais entre mim e Julian provavelmente foram um desencadeador importante dessa minha postura, talvez até mesmo o mais importante. Havia, contudo, diversas questões relacionadas a conteúdo que me preocupavam muito e, nesses dias, elas se tornaram ainda mais intensas.

Há muito me desagradava eu ter de mentir para a opinião pública sobre como de fato era composto o WL, que, por muito tempo, se resumia

a duas pessoas em tempo integral e um servidor. Nosso sistema de recuperação insuficiente também me irritava. No mais, eu era o responsável por isso, mas o sistema não funcionava de forma decente. Nos anos anteriores, eu acordava com frequência no meio da noite em pânico, pois achava que as cópias de segurança não tinham dado certo de novo. Levantava num pulo e fazia um novo *backup*, mais adrenalina que sangue nas artérias.

Mesmo depois de centenas de entrevistas, pesava-me responder a perguntas sobre nosso suposto sistema de verificação de documentos. Até o fim de 2009, os documentos que chegavam eram verificados quase exclusivamente por Julian e por mim. Estritamente falando, a afirmação de que podíamos contar com cerca de 800 especialistas voluntários não era mentira. Contudo, omitíamos um pequeno detalhe: não havia um mecanismo que, de fato, os integrasse. Nenhum deles poderia sequer ter acesso ao material. Em vez disso, na maioria das vezes, Julian e eu verificávamos se os documentos haviam sido manipulados tecnicamente, se pareciam plausíveis para nós, e fazíamos alguma pesquisa. Então confiávamos que as coisas dariam certo. Aparentemente, éramos bons e, com o tempo, desenvolvemos uma espécie de faro para qual documento era genuíno e qual não era. Nenhum erro passou por nós, ao menos que eu saiba, mas poderia ter dado errado.

Contanto que eu mesmo pudesse me tranquilizar por trabalharmos num sistema melhor e estarmos ainda no início, estava tudo bem. Mas, depois de quase três anos, eu não conseguia mais acreditar nas mesmas coisas. Nos meses anteriores, tivemos realmente a possibilidade de colocar em prática algumas ideias de melhoria com mais energia. O dinheiro estava lá, havia alguns colaboradores confiáveis, mais recursos – e, mesmo assim, não cuidamos deles o suficiente. Éramos negligentes e jogávamos com a confiança de nossas fontes e com o dinheiro de nossos doadores.

Naquela época, eu tinha apenas Julian para falar com sinceridade sobre todos esses problemas. Ele estava ciente dos pontos fracos internos tanto quanto eu. No entanto, a maioria das preocupações eu guardava para mim, pois não estava disposto a enfrentar conflitos.

Nesse meio-tempo, eu havia começado a trocar ideias com o Arquiteto e com Birgitta sobre essas preocupações, também com Herbert e Harald Schumann, o jornalista da *Tagesspiegel*. A sala de chat na qual debatíamos com preocupação cada vez maior tinha um nome bastante adequado. Chamava-se “Missão Primeira”.

Há algum tempo estava claro que o WL caminhava na direção errada e que precisávamos mudar. O Arquiteto já havia iniciado a alteração técnica. Quanto mais conversávamos sobre os problemas, mais patente ficava que havia a necessidade de uma remodelação bastante abrangente. Na Islândia, o jornalista Harald Schumann sempre nos perguntava sobre quem de nós tomava as decisões. Ele não dava trégua, sentava-se num dos locais no Ministry of Ideas e não queria ir embora de jeito nenhum. Dávamos voltas, fugíamos dele e tentávamos mudar de assunto com ele, pois era de fato um problema nosso.

Por princípio, dávamos um jeito de conter as perguntas críticas: dessa forma, por exemplo, queríamos publicar todo o material na sequência de sua entrada e nos obrigávamos a ser neutros. Havia apenas um problema: no mais tardar, a partir do final de 2009, não podíamos mais nos orientar por esse princípio, pois estávamos quase nos afogando em documentos que chegavam e éramos obrigados a escolher.

Outro problema: desejávamos oferecer uma plataforma Submission neutra, ou seja, tecnologia pura, e não aparecer como agitadores políticos e com uma conta de Twitter como canal de propaganda.

Por fim, escolhemos parceiros nos meios de comunicação e por isso ficamos novamente dependentes. Embora essa cooperação fosse, em primeira instância, pensada apenas como teste, acabamos permanecendo nesse modelo. Aproveitamos a atenção que os meios de comunicação

havam nos trazido e justificávamos a nova linha de trabalho com o fato de que eles lucrariam com o conteúdo do próprio material se este tivesse maior visibilidade.

Não precisar tomar qualquer decisão individual com relação a documentos e publicações teria, além disso, a vantagem fundamental de que, na dúvida, ninguém poderia ser responsabilizado caso algo desse errado. Em vez disso, queríamos confiar em princípios e mecanismos estabelecidos. Contudo, era uma ilusão.

Não éramos apenas obrigados a tomar nossas próprias decisões. Como consequência, também fazíamos isso e nem mesmo nos preocupávamos com as regras. Finalmente uma pergunta ótima era, e com isso o Schumann, jornalista da *Tagesspiegel*, chegou ao ponto: Quem deveria tomar essas decisões?

No final das contas, era Julian. Óbvio. Nós, os outros, éramos muito indecisos, medrosos ou pouco resolutos para impedir algo o mais rápido possível. Ele se transformara no tomador de decisões único à frente do WL e não havia instância que o controlasse. Ele também não queria ser questionado. Mais tarde, com relação à prisão de Bradley Manning, isso se tornou um problema que surgiu também no decorrer das semanas seguintes. Com os processos de investigação de Julian na Suécia, nossa equipe finalmente se estilharia.

De início, a procuradora de Estado da Suécia retirou o mandado de prisão em 24 horas e atenuou o caso para uma acusação de assédio sexual. Contudo, o advogado das mulheres fez com que a acusação de estupro fosse novamente acolhida em novembro.

Julian comentou que Kristinn teria relatado, após a nossa conversa sobre a crise no jardim de esculturas islandês, como eu teria tentado manipular Birgitta. A pergunta sobre quem nesse caso dissesse o que para quem se tornou, nos dias e semanas seguintes, nossa principal ocupação.



Começamos internamente a registrar em ata nossas conversas no chat e a trocar ideias entre nós. Tratava-se de uma tentativa de agir contra a compreensão “simétrica” da verdade de Julian. Queríamos algo como documentos autênticos, comprovações para aquilo que era conversado no chat. Ninguém teria nada contra Ingi e Kristinn participarem de todas as conversas, embora eu não os considerasse da equipe principal. Do meu tempo de WL, aprendi que as perguntas importantes sempre precisavam ser discutidas em grupo e, que na discussão, ninguém de fora poderia ser admitido.

Havia uma cópia do chat com Julian, no qual ele declarara minha suspensão, que foi publicada na *Wired*, e até hoje não sei quem repassou a conversa para a revista. Mas penso que há bons motivos para deixar que outros tenham acesso a essa ata, pois não se tratava de assuntos pessoais, mas da cultura de comunicação do WikiLeaks. As atas do chat mostram em qual situação o projeto estava naquele momento, qual tom e quais argumentos foram utilizados. Posso afirmar centenas de vezes que Julian foi um “ditador”. Cada um poderá chegar às próprias conclusões ao ler os chats.

Poucos dias haviam passado desde as acusações de estupro na Suécia quando, numa noite de quarta-feira, as brigas no chat recomeçaram. Julian enfatizou que não teria tempo de discutir conosco suas decisões, pois teria “discussões de alto nível com cerca de 20 pessoas por dia agora”.

Eu não sabia quem eram essas outras pessoas com as quais ele precisava falar e que faziam trabalhos para o WL. Os supostos ajudantes de Julian talvez viajassem eventualmente com ele, participassem de reuniões ou tivessem ideias, sei lá. Nessa época, ele estava na Suécia. Lá, pelo que eu saiba, Julian tinha contato com pessoas do Partido Pirata e com jornalistas do *Aftonbladet*, um jornal diário sueco para o qual ele teria começado a escrever colunas. Claro que teria sido importante integrar mais ajudantes de verdade no WL e tirar a sobrecarga da pequena equipe principal. Sem dúvida.

Nesse momento, ficamos bastante possessos com um artigo do *Wall Street Journal*. Os jornalistas questionaram Julian e a mim, separadamente, sobre as finanças do WL. Eu havia explicado a eles como a contabilidade de nossas doações na Alemanha era transparente e organizada. O trecho com Julian dizia exatamente o contrário, ou seja, que as contas do WL eram explicitamente manipuladas com tamanha destreza que não poderiam mais ser devassadas por alguém de fora. De acordo com a reportagem, ele apresentava a contabilidade não transparente como um método espertinho para evitar que alguém pudesse secar nossa fonte de dinheiro.

Claro que isso nos trouxe outros jornalistas curiosos que queriam saber como fazíamos para encobrir nossas finanças. E, acima de tudo, colocou a Fundação Wau Holland numa verdadeira saia-justa. Depois disso, Julian disse que teriam alterado suas palavras e que nunca teria dito aquilo.

No chat, voltamos a pedir para que ele se afastasse um pouco dos holofotes e não falasse mais com a imprensa ou postasse tweets, e ele dizia que tudo aquilo era apenas uma campanha de difamação do Pentágono. Quando as questões se tornavam muito críticas para ele, Julian saía do chat.

Suponho que ele tenha ficado surpreso ao constatar como era contrariado de forma tão coerente. Inclusive o Arquiteto não se distanciou nem um pouco de sua postura crítica. Para mim, também era importante perguntar aos outros técnicos qual era a opinião deles, mas ele queria manter-se fora das briguinhas internas.

Os dois técnicos e eu estávamos perplexos. Várias vezes eu ficava no chat durante três horas e, ainda assim, estávamos tão longe de uma solução quanto nunca havíamos estado. Isso durou algumas semanas. Queríamos obrigar Julian a falar conosco. Então fizemos uso de um meio bastante duro. Era uma tentativa. Talvez não fosse o melhor caminho, mas queríamos deixar claro que o WL estava prestes a sofrer um motim. Por

isso utilizávamos as pequenas vantagens técnicas que possuíamos. Nada maldoso, nada essencial, apenas uma força simbólica.

Os técnicos colocaram o sistema em modo de espera na noite do dia 25 de agosto. De qualquer forma, isso era necessário. O sistema Submission, os e-mails, o chat, tudo continuava on-line. Apenas a Wiki estava fora do ar. E enviamos um aviso via Twitter de que estávamos em trabalho temporário de manutenção. Além disso, alteramos a senha da conta do Twitter e do acesso aos e-mails. Queríamos dar uma chacoalhada nele. Como reação, Julian derrubou o sistema inteiro, ofendido. Admitimos o erro sem pestanejar, colocamos a Wiki de volta no ar e demos a ele as senhas.

No dia seguinte, surgiu um artigo na revista *Newsweek* que discorria sobre “brigas internas” no WL. Eu ainda não tinha visto o artigo até que Julian falou comigo no chat à tarde. Ele acreditava que eu havia espalhado essa informação. Eu nunca tinha falado com o repórter da *Newsweek*, nem mesmo o conhecia. No início, quis perguntar a Julian quais eram nossos acordos com a imprensa com relação às publicações planejadas sobre o Iraque:

D: quais são os acordos ref. ao iraque? preciso entender quais planos existem, quais são as restrições

J: Uma pessoa com contato próximo aos outros ativistas do WikiLeaks na Europa, que pediu anonimato ao discutir um tema delicado, disse que muitos deles estavam pessoalmente preocupados por Assange ter continuado a espalhar alegações de truques sujos e indícios de conspiração contra ele sem justificativa. Informantes dizem que algumas pessoas afiliadas ao site já estão pensando se poderia haver alguma maneira de persuadir seu cabeça a retirar-se ou, se isso falhar, afastá-lo.

D: o que isso tem a ver comigo?

D: e de onde vem isso?

J: Por que você acha que tem algo a ver com você?

- D: provavelmente porque você vai dizer que fui eu
- D: de outra forma, não significa nada
- D: como conversado ontem, é uma discussão contínua sobre a qual muitas pessoas expressaram preocupação
- D: você deve encarar os fatos, em vez de tentar acusar a única pessoa que ao menos se importa em ser honesta sobre a questão com você
- J: Não, três pessoas já "transmitiram" suas mensagens.
- D: que mensagens?
- D: e quais três pessoas?
- D: essa questão foi discutida
- D: A [Arquiteto] e eu falamos sobre isso, Hans\* falou sobre isso, B falou sobre isso, Peter\* falou sobre isso
- D: muitas pessoas que se importam com esse projeto fizeram exatamente aquela sugestão
- D: não sou eu quem está espalhando essa mensagem
- D: seria a medida natural a se tomar
- D: tanto que qualquer um diz
- J: Foi você?
- D: não falei com newsweek ou qualquer representante da imprensa sobre isso
- D: falei com pessoas com as quais trabalhamos e que têm interesse e se preocupam com o projeto
- D: e não há nada de errado nisso
- D: seria de fato necessário muito mais e eu posso apenas recomendar a você que comece finalmente a ouvir essas preocupações
- D: especialmente quando uma merda está acontecendo depois da outra
- J: quem, exatamente?
- D: quem exatamente o quê?
- J: Quem falou exatamente sobre essa questão?
- D: já falei pra você lá em cima
- J: foram apenas aquelas pessoas?

- D: alguns caras do clube me perguntaram sobre isso e eu disse que achava que seria o melhor a fazer
- D: é a minha opinião
- D: e foi também para acalmar os ânimos lá [...]
- J: quantas pessoas no clube?
- D: não tenho que responder isso a você, j
- D: essa porra de debate está em todo o canto e ninguém entende por que você nega [...]
- J: Quantas pessoas no clube?
- J: onde?
- D: em chats privados
- D: mas não vou mais responder a esse tipo de pergunta
- D: encare o fato de que você não tem mais tanta moral internamente
- D: e que apenas negando ou acusando ser uma campanha contra você não mudará o fato de que é consequência de seus atos
- D: e não dos meus
- J: quantas pessoas estavam nesses chats privados? E quais são as posições lá no CCC?
- D: olha só
- D: não quero nem pensar sobre quantas pessoas que costumavam te respeitar me disseram que estão desapontadas com suas reações
- D: tentei falar tudo isso para você, mas em toda sua autoconfiança você nem liga
- D: então também não estou nem aí
- D: deixando isso de lado, eu tinha perguntado primeiro e preciso de respostas
- D: como sobre quais acordos fechamos
- D: preciso entender para que possamos continuar a trabalhar
- D: você continua a atrasar o trabalho de outras pessoas
- J: quantas pessoas estavam nesses chats privados? E quais são as posições lá no CCC?

- D: comece respondendo às minhas perguntas, j
- J: Isso não é escambo.
- J: Você está se recusando a responder?
- D: já te disse que não vejo por que eu deva responder só porque você quer respostas, mas se recusa a responder a qualquer coisa que eu pergunte
- D: não sou um cachorro que você pode dominar do jeito que você quer, j
- J: estou investigando uma grave violação de segurança. Você está se recusando a responder?
- D: estou investigando uma quebra grave de confiança. você está se recusando a responder?
- J: Não, você não está. Eu comecei essa conversa. Responda à pergunta, por favor.
- D: eu comecei.
- D: se você olhar lá em cima
- D: duas vezes já
- D: quero saber quais são os acordos com relação ao iraque
- J: essa é uma questão de conduta. Não brinque comigo.
- D: pare de bater nos mensageiros
- J: Para mim chega.
- D: para mim também e isso não serve apenas para mim
- J: Se você não responder à pergunta, será removido
- D: você não é rei ou deus de ninguém
- D: e você não está cumprindo seu papel de líder agora
- D: um líder comunica e cultiva a confiança em si
- D: você está fazendo exatamente o contrário
- D: você se comporta como um imperador ou comerciante de escravos
- J: você está suspenso por um mês, com efeito imediato.
- D: haha
- D: certo
- D: por quê?

D: e quem disse isso?

D: você? outra decisão *ad hoc*?

J: Se quiser apresentar recurso, será ouvido na terça-feira.

D: BAHAAAA

D: talvez todos tenham razão, você pirou de vez, j

D: você deveria procurar ajuda

J: Você será ouvido por uma turma de iguais.

J: Você está suspenso por deslealdade, insubordinação e desestabilização em tempos de crise.

Poucas horas após a minha suspensão, em 26 de agosto, Julian convocou uma reunião na qual o Arquiteto e eu estávamos bloqueados. Entre outros, participaram Nanny, Birgitta e Kristinn. Além disso, também entraram no chat Resa,\* um amigo meu, e outras pessoas que Julian mobilizou. Herbert, meu amigo anarquista da Islândia, também estava lá e depois me mandou a ata. O Arquiteto e eu colocamos comentários na ata e enviamos de volta a todos aqueles a quem dizia respeito.

Nessa reunião, Julian informou aos outros sobre nosso motim e minha suspensão. Sobre mim, ele disse: “Daniel é problemático e, francamente, delirante, desmotivado, mas pode ser mantido sob controle se tiver outras pessoas dizendo para ele o que está errado e certo e o que pode ou não ser feito quando ele é deixado na bolha germânica na qual flutua.”

Julian tentou, nesse chat, trazer os outros para o seu lado, mas eles não se deixaram convencer tão facilmente. Fizeram perguntas e criticaram Julian por ele não mais discutir as questões com a equipe. Li a ata como um romance policial. Ficou claro, tanto para mim como provavelmente para Julian, que os outros não se rebelariam abertamente, mas, de forma alguma, ele teria a maioria ao seu lado.

Julian esperava poder manter o Arquiteto na equipe, pois não precisaria de ninguém mais desesperadamente do que dele. O Arquiteto era

de importância crucial para nossa infraestrutura. Foi ele quem, no final de 2009, renovou o sistema Submission, que, antes disso, era apenas um formulário de *upload* incorporado ao site. Ele havia separado as diversas plataformas de servidor, Wiki e sistema de e-mail de forma que os hackers não conseguissem entrar no sistema inteiro. Além do Arquiteto, havia no mundo todo apenas poucos especialistas que teriam condições de fazê-lo.

Entendo cada vez menos que Julian, com seu jeito negligente, não tenha reconhecido o suficientemente o trabalho do Arquiteto. Com essa reunião via chat, ele espantou o rapaz de uma vez por todas. Julian apresentava o Arquiteto aos outros como um pau-mandado que havia sido influenciado negativamente por mim.

Julian precisava, nesse momento, supor que a audiência planejada poderia com muita facilidade se virar contra ele. Mesmo que ele tivesse montado a suposta *turma de iguais*, não havia ficado claro ainda que, no final das contas, ela se pronunciaria contra minha suspensão e talvez até mesmo contra sua posição proeminente no WL.

Olhando para trás, minha suspensão teve a vantagem para ele de que ele pôde fazer com que me vissem como um funcionário frustrado que criticou o projeto por vingança. Claro que eu me sentia frustrado. Óbvio que o conflito entre nós havia passado dos limites. Mas a frustração sobre minha suspensão não era a origem da minha crítica e, nesse meio-tempo, os outros também compreenderam que algo no WL estava muito errado.

Julian garantiu com a suspensão que eu fosse excluído a partir de então de determinados sistemas e teria pouquíssimas possibilidades de comunicação. Antes disso, eu poderia até mesmo ter lido seus e-mails. Teoricamente nunca fiz isso.

Como muitos, utilizo meu programa de e-mail também como agenda para compromissos e contatos. Ou seja, eu não conseguia mais verificar com quem eu havia marcado compromissos nas semanas seguintes. Eu havia aceitado para as semanas que viriam no mínimo quatro ou cinco



apresentações em diversas conferências. Por exemplo, Thomas Leif, moderador do fórum sobre democracia no Castelo de Hambach, me convidara para o evento “Meus dados te pertencem”. Não cancelei minha participação com ele e o deixei numa situação realmente difícil. Minha cadeira no palco ficou vazia.

Mais tarde, tentei me desculpar com todos aqueles com os quais eu havia falhado. Até hoje me preocupo se ainda pode haver alguém chateado comigo, por ter sido deixado sozinho num palco.

Página deixada intencionalmente em branco

## A escalada da briga

Julian não apenas me bloqueara do servidor de e-mail, mas também a todos os outros. Ele era o único que ainda tinha acesso. Muitas tarefas que precisavam ser realizadas pelos técnicos dependiam de meu trabalho preliminar. Ou seja, a situação estava bastante ruim – com o servidor de e-mail bloqueado, ninguém conseguia trabalhar. As publicações sobre o Iraque precisavam ser preparadas, e a administração do domínio também ocorria pelo servidor de e-mail. Precisávamos, com urgência, instalar subdomínios para os documentos iraquianos.

Fecháramos um acordo fixo para a publicação com *Spiegel*, *Guardian* e *New York Times*, nossos parceiros da imprensa, e tivemos de postergá-lo em um mês, para 23 de outubro de 2010. “É culpa do Daniel”, esbravejava Julian.

Estávamos num estado de incerteza peculiar. Por um lado, minha audiência ainda estava de pé e eu oficialmente suspenso; por outro lado, continuávamos em contato pelo chat. Julian me enviava longas reclamações por escrito. Naquele momento, ele estaria ocupado consertando o que teria estragado. Era um pouco como alguém que todo dia reclama à exaustão com a ex-namorada pela secretária eletrônica porque ela não quer mais nada com ele. É claro que eu também me sentia, no mínimo, confuso. Eu xingava de volta, impaciente.

Sob a condição de não me repassar a senha de maneira alguma, Julian ofereceu novamente acesso ao sistema para os técnicos. Eles não aceitaram

por não estarem de acordo com a minha suspensão. Sem dúvida, o Arquiteto estava do meu lado. O jovem Técnico manteve-se afastado do assunto, sofria com o bloqueio e queria que as coisas voltassem a ser como eram.

Julian havia comentado que queria reunir uma *turma de iguais*. Nos dias que se seguiram, esperávamos que Julian nos apresentasse o tribunal. Não estava claro quem seriam esses *iguais*, pois ele se limitou a dizer que precisaria dessa turma para o processo recursal, “para ser transparente e garantir credibilidade”.

Birgitta conversou pouco depois com um jornalista do *The Daily Beast*. Com o artigo, veio o próximo aborrecimento, pois trazia, entre outras informações, a de que Julian teria um “comportamento chauvinista” em relação às mulheres. E que ela o havia aconselhado a se retirar por algum tempo. Julian reagiu com muita raiva. Sentiu-se traído.

Birgitta subestimou a chateação que esse artigo causaria. Mais tarde, enviou por Twitter uma mensagem para colocar “panos quentes” sobre a especulação que sua declaração havia causado: “Eu NÃO sugeri que Assange deveria renunciar, apenas acho que ele não deveria ser o porta-voz [do WikiLeaks] neste momento. Ele ainda conta com meu apoio para todos os outros trabalhos que fizer.” No entanto, não se arrependeu de ter falado com a imprensa. Ela sempre dizia o que pensava e manteve sua postura.

Julian estava convencido de que não apenas eu havia manipulado Birgitta para levá-la a fazer aquele comentário no artigo do *Daily Beast*; acreditava também que eu teria sido a fonte das informações sobre as “brigas internas” no WL, com base nas quais aquele outro artigo fora publicado. Não falei com jornalista nenhum. Também não sei exatamente de onde o repórter tirou aquelas informações. Não era difícil imaginar divergências internas, se já circulavam na imprensa opiniões controvertidas: Birgitta dissera que considerava uma saída temporária a melhor solução, enquanto Julian afirmava que as mulheres teriam sido

colocadas em seu caminho pelo Pentágono e que ele teria sido vítima de uma campanha de difamação.

Por conta das acusações de estupro, ele passara por uma semana difícil, a “pior semana da minha vida nos últimos 10 anos”, escreveu ele. Por isso não fora possível organizar minha audiência perante a *turma de iguais*.

Além disso, ele reclamava que não cuidávamos direito de sua segurança. Em 7 de setembro, ele nos enviou uma lista completa com as coisas nas quais, em sua opinião, não pensávamos o suficiente:

Consciência vem de motivação. Vocês garantiram meu apoio jurídico? Acomodação? Verba? Inteligência? Detalhes sobre por que isso está acontecendo? Minha rede de apoio na Suécia? Abordagem política para deter eventual difamação? Artigos? Pistas? Esconderijos? [...] Pedidos diplomáticos para eu não ser deportado para os Estados Unidos? Reunião com os colaboradores? Arrecadação de verbas para o meu caso? Fizeram alguma coisa? Por que não? Eu faço tudo isso quando um de vocês se dá mal.

De qualquer forma, tentei conseguir o contato de dois bons advogados na Suécia, ainda no primeiro dia, em duas horas, mesmo durante as minhas férias.

Quando todo o servidor de e-mail caiu, Julian se viu de mãos atadas. Não sei exatamente se ele teve culpa nesse caso. Talvez o computador estivesse com defeito, pois era bem velho e gasto. Era o único servidor que ainda não havíamos substituído.

Discuti com os outros sobre se eu deveria ir até o servidor para efetuar os reparos, o que antigamente fazia com frequência. Nessa oportunidade, eu poderia também pegar meus e-mails para saber a quem eu ainda precisava escrever pedindo desculpas por haver falhado.

Em 10 ou 11 de setembro, não sei mais exatamente quando, voltei a embarcar num trem pela primeira vez em tempos. Era um dia quente no fim do verão, o ICE não estava muito cheio. As poucas pessoas que se sentaram a meu lado no vagão comum, por sorte, estavam ocupadas consigo mesmas. Eu escrevia ininterruptamente na janela de chat do meu computador e, ao digitar, fui bastante realista.

Durante a viagem, nossas discussões prosseguiram e eu não me sentia muito seguro de estar fazendo a coisa certa. Eu deveria ter acesso ao servidor sem o conhecimento de Julian? Era um conflito de consciência: deveríamos nos amotinar?

O servidor ficava num lugar discreto, na região do Ruhr. A viagem foi longa, tanto que eu tive tempo suficiente para mudar de ideia.

Após três horas dentro do trem, eu não sabia mais como se chamava a estação à qual acabáramos de chegar, peguei minha mochila, apertei o botão da porta e pulei para a plataforma. Existe um fenômeno no qual as pessoas acreditam ter praticado um delito apenas porque veem a polícia no retrovisor. Naquele momento, aconteceu algo semelhante comigo e eu voltei para Berlim.

Desde a minha suspensão, o Arquiteto não escrevera sequer uma linha a mais para o WL – nem em forma de código de programação nem em forma de conversa com Julian. Era uma pessoa pragmática e não deixava que nada tirasse sua tranquilidade, mas ficava irado quando alguém o fazia perder tempo. E quando, apesar das diversas solicitações, Julian não lhe respondeu, e ele ficou sem feedback sobre seu trabalho, ele alertou Julian com muita seriedade: “Se isso continuar desse jeito, tô fora.” E quando a situação se agravou, ele transformou sua ameaça em ação.

Julian me perguntou por que o Arquiteto estaria *AWOL* (ausente sem permissão, outro acrônimo militar). Bem, o que mais eu poderia dizer?

Discuti com os outros se fazia sentido assumir o projeto. Debatermos bastante se não poderíamos reverter toda essa história: assumiríamos as rédeas do projeto e suspenderíamos Julian. Éramos maioria e, em tese, tínhamos

os mesmos direitos. Muitas pessoas nos aconselhavam a fazer isso: “Por que vocês não assumem o controle técnico e garantem que ele não poderá mais fazer besteira?” Mas, contra a sua vontade, não queríamos fazer isso.

Em 14 de setembro novamente me pus a caminho do *data center*. Durante a viagem, deixei celular e computador desligados e tentei ler um livro. Queria me obrigar a ser coerente.

Tentei entrar em contato com a pessoa que havia registrado o servidor para nós e não consegui. Ele não sabia muito sobre os acontecimentos da época, mas quando eu o informei antes da minha primeira viagem, reagiu com bastante ceticismo. Soou para ele como se quiséssemos fazer algo contra a vontade de Julian. Assim, precisei garantir a ele diversas vezes que eu queria apenas colocar o servidor mais uma vez em operação para que pudéssemos continuar o trabalho no WL.

Eu olhava pela janela do trem e deixava correr pelos meus olhos as árvores, casas e paisagens. Dessa vez eu não daria meia-volta. Desliguei-me dos pensamentos negativos, esperando que tudo desse certo.

Os *data centers* em geral são instalados em prédios discretos que, por fora, não deixam transparecer sua função. Andei por alguns corredores cinzentos e sombrios, segui para o segundo andar, cumprimentei os presentes e fui até o nosso servidor. Ninguém me impediu. Num *data center* como esse, ficam alojados os servidores de diversas empresas, tudo muito bem vigiado. Como eu estava lá sempre para reparar algo, as pessoas me conheciam e não faziam muitas perguntas.

Esperei, impaciente, que o servidor subisse sem problemas. Ao meu lado, coloquei meu laptop. Claro que eu estava conectado e tinha contato com os outros. Eu não me sentia muito bem, suave. O ar-condicionado do *data center* fazia muito barulho, mas pouco esfriava. Não era de se surpreender que nosso servidor ancião tinha problemas ali.

Um dos caras do *data center* entrou na sala em que estava nosso servidor, eu o cumprimentei e ele acenou com a cabeça. Verificou uma tela e sumiu novamente.

Quinze minutos depois olhei para cima de novo e ele estava na minha frente. Eu não tinha ouvido sua aproximação. Olhava como se quisesse dizer algo. Eu já havia preparado uma explicação, mas não estava bem. Talvez ele quisesse apenas olhar novamente meu rosto. Talvez quisesse se certificar de que me conhecia. Acenou com a cabeça e saiu da sala.

O servidor finalmente havia subido. Enquanto isso, não desgrudei os olhos do monitor do meu computador. Cliquei na janela do chat. Quando uma nova pessoa surgiu, eu já sabia quem era: Martin,\* o cara que havia alugado o servidor para nós. Ele começou a falar comigo sem nem me cumprimentar.

M: Que você tá fazendo?

D: Estou aqui, no servidor.

M: Eu sei, o *data center* me avisou. Que diabos significa isso?

D: Olha só, eu estou apenas fazendo reparos. Não estou fazendo nada que possa dar problema para alguém.

M: Entrei em contato com Julian. Ele está doido da vida.

D: Não tem motivo para isso.

M: Ele disse que vai chamar a polícia.

D: Que bobagem, olha aqui...

M: Daniel, por favor, tire a mão imediatamente daí, tá bem? Dá o fora daqui antes que algo aconteça. Julian disse que vai mandar te prender.

D: Espere!

Mas era inútil discutir. Eu não tinha certeza se Julian realmente chamaria a polícia. Se a polícia confiscasse nosso servidor criptografado, ele não seria de muita serventia, mas, de qualquer forma, estaria perdido. Contudo, uma visita policial colocaria principalmente nosso contato numa situação difícil.

Eu sabia o que esperar das ameaças de Julian. No entanto, por respeito à pessoa que correria o risco por nós para registrar esse servidor, eu me retirei.



Ou seja, apenas consegui consertar o computador. Não o manipulei, nem mesmo copiei meus próprios e-mails. Julian e todos os outros tinham novamente acesso às suas mensagens.

Contudo, a reação foi devastadora. Julian vociferava e negou-se a inserir o material de descriptação para colocar o servidor novamente no ar. Ele escreveu no chat: “Tente isso novamente e eu te boto na cadeia.” Ele falou que o servidor precisaria ir para a “investigação forense”, pois eu ou o serviço secreto teríamos manipulado o material. Não faço ideia do que ele estava falando, se queria levar o computador para a polícia ou para um laboratório especial e solicitar que fosse investigado. De qualquer forma, seria uma besteira imensa.

Com a informação de que a reunião no chat havia sido mesmo planejada para o dia seguinte, Julian disse: “A conversa será agora, porque o crime foi hoje.” Birgitta e Herbert também estavam no chat, até mesmo o Arquiteto de repente ficou on-line. E assim a conversa ocorreu espontaneamente, naquela noite de 14 de setembro. Eu estava feliz, finalmente havíamos voltado a conversar. Eu não podia imaginar, contudo, que seria nossa última conversa.

Quantas vezes nos últimos dias eu havia ficado de olhos grudados no monitor, o olhar já não focava nada direito, e esperava que surgisse aquele pequeno botão que indicasse que Julian estava lá!

Ficava o tempo todo sentado em casa, saía apenas para emergências. Não importava o que eu fizesse, se cochilava ou ficava fora para comprar leite ou ia ao correio rapidamente. Sempre esperei que na próxima olhada para o monitor houvesse uma mensagem de Julian para mim.

Levava o laptop para todos os lugares, para a cozinha, para o canto das almofadas, para o lado da banheira e, quando eu ia dormir, colocava o computador ao lado da minha cama. Eu teria outras coisas para fazer, mas nada mais importava. Chegou ao ponto de eu começar a ver letras verdes quando olhava apenas para uma tela preta.

Nesse meio-tempo, minha fantasia criava as frases que eu esperava, do nada:

“Ei, Daniel, preciso falar com você.”

“Pensei direito. Talvez eu tenha mesmo entendido errado, vamos voltar a falar sobre o futuro do WL.”

“Ei, sabe de uma coisa, aqueles malucos artistas em Linz, cara, não foi um momento bacana para nós. Ou o Julius Bär, lembra disso?!?”

Ha, ha! Eu era mesmo um sonhador incorrigível! Volta pra realidade, acorda, meu querido. Ali estavam as palavras reais:

“Se você ameaçar esta organização novamente, vou dar um jeito em você.”

“Daniel tem uma doença, é algum tipo de esquizofrenia limítrofe.”

“Você é um criminoso.”

Além disso, Julian agia novamente como se ele fosse o poderoso chefe do WL. Ele escrevera 99% dos resumos dos documentos e dos editoriais, fizera cada tweet e também toda a filosofia do projeto baseava-se nele. Birgitta resumiu bem: “Então, pelo que diz, Julian, VOCÊ é o WL e todos os outros, apenas seus servos a quem você atribui confiança.”

O Arquiteto também encontrou palavras diretas com muita rapidez e deixou claro que seria melhor para todos se nos separássemos amigavelmente. Ele já havia se preparado para passar o sistema adiante – e no estado no qual o encontrara há um ano.

Julian respondeu assim: “Nossas obrigações são maiores que essa imbecilidade.” O Arquiteto, de acordo com Julian, seria apenas “uma sombra do homem que você era”. Julian também exigiu desculpas de Birgitta por sua “falsidade”, pois ela havia falado com os jornalistas do *Daily Beast*: “Ouça com muita atenção. Isso foi calúnia, foi vergonhoso e você deveria pedir desculpas. Você se desculpa?”

Contudo, Birgitta reafirmou suas críticas ao comportamento de Julian após as acusações de estupro. “Você misturou o WL com isso de um jeito bem ruim”, escreveu ela. Julian via exatamente ao contrário: “Não. O WL sabotou minha vida particular.”

Após Julian ter tentado levar o Arquiteto para um chat paralelo e nos deixar bloqueados, o Arquiteto escreveu suas últimas palavras: “Bem, você teve seus cinco minutos... e desperdiçou. Divirta-se. Não me faça perder tempo (quantas vezes preciso dizer isso a você?).” E então fez exatamente o que Julian muitas vezes fizera conosco. Sumiu, simples assim.

Julian também ficou calado depois disso. Também, o que ele ainda poderia dizer? Não queria mais falar conosco, nem nós com ele.

Foi o fim. Não o fim do WL, mas o fim da equipe que nos últimos meses e anos havia trabalhado para ele acontecer. A partir daquele momento, conversaríamos no máximo sobre bandas, sobre a mídia ou por intermédio de terceiros.

Saímos e começamos a repassar a parte tecnológica. O Arquiteto ajudou o técnico que ficou no projeto a restaurar o sistema antigo. No início, havíamos combinado uma fase de repasse de duas semanas, mas, depois, precisamos estender o prazo para boas três semanas.

Por que o Arquiteto e eu nas primeiras horas da manhã de 15 de setembro de 2010 concluímos que seria o fim do WL? Boa pergunta! A verdadeira pergunta deveria ser por que não havíamos tomado essa decisão muito, muito antes. Talvez já tivéssemos feito isso sem realmente aceitarmos o fato.

Dois dias depois daquela conversa, em 17 de setembro de 2010, registramos o nome do nosso novo projeto: OpenLeaks. Claro que essa ideia já tinha bem mais de dois dias. Claro que já vínhamos pensando nisso há muito. E talvez isso também já crescesse cada vez mais em nossa cabeça

nas últimas semanas, quando começamos a nos estranhar com Julian. Mas apenas nesse dia a decisão nesse sentido foi tomada.

Logo no verão, surgiu pela primeira vez o pensamento de que talvez não fôssemos lutar pelo WL por toda a eternidade. O que nos trouxe a maior frustração naquele momento foi, por um lado, as mensagens de Twitter de Julian e, por outro, o fato de correremos atrás de grandes vazamentos enquanto muitos bons documentos se empilhavam sem que ninguém mais se ocupasse deles. Além disso, Julian anunciava a todo instante novos vazamentos para completar, logo em seguida, que nunca mais iria anunciar nada, e sem motivo atacava todos os jornalistas possíveis. Se bem me lembro, Julian já havia acabado com um artigo da revista *Mother Jones* quando o Arquiteto disse para ele as palavras finais. Há muito tempo eu não sentia um alívio tão grande como com aquela frase curta, grossa e jogada casualmente, como era costume do Arquiteto: “Se continuar assim, vamos vazar.”

Vazar, ou seja, se separar, cair fora. Rachar! Cara, eu não fui o único a ter essa ideia. E, embora eu já soubesse que o Arquiteto se dava melhor comigo do que com Julian, até então eu não tinha certeza se, num caso de emergência, apesar de tudo ele teria dito: “Fico para sempre no WL.” E muita coisa dependia do Arquiteto. Sem ele ter criado algo novo, teria sido quase impossível.

Claro que também estávamos à mercê de fortes dúvidas quando começamos com muito cuidado a comentar com outros sobre a ideia. Com Harald Schumann e Birgitta, por exemplo. A preocupação deles era que colocássemos em risco a ideia do WL se nos separássemos da organização. No final das contas, WikiLeaks era algo como uma marca. Eles pressionavam para que resolvêssemos o problema com Julian, que lutássemos pelo WL até o fim. No entanto, o Arquiteto e eu víamos as coisas de forma muito mais pragmática.

Quando essa barreira foi rompida, quando as palavras decisivas foram ditas, não havia o que nos segurasse, pois já havíamos nos decepcionado e pensado demais a esse respeito.

Isso quase borbulhava no Arquiteto e em mim, e logo, por exemplo, também em Herbert. No início, eram apenas fantasias vagas. Começamos a trocar ideias sobre como poderia ser um WikiLeaks melhorado. Pensamos até mesmo num nome com muita rapidez. E logo desenvolvemos ideias sobre como seria possível evitar que uma nova organização em curto ou longo prazo degingolasse para algo como o WL, caso conseguisse logo dinheiro e fama. Isso começou a tomar corpo mais ou menos em julho, talvez em agosto de 2010.

Escrevíamos os primeiros conceitos, que seriam a pedra fundamental do novo projeto. Algumas das minhas ideias eram ainda do tempo no qual eu trabalhava com o novo pedido para a Knight Foundation. Engraçado como, naquela época, colocamos uma frase em nosso primeiro documento sobre a qual os fundadores profissionais de instituições similares provavelmente dariam boas risadas. Porém, preocupava-nos terrivelmente a questão sobre como um grupo desses poderia tomar decisões sem que um precisasse se colocar contra o outro. Queríamos sempre tomar decisões em consenso. E, na dúvida, preferiríamos discutir por dias a fio a jogar para baixo do tapete a opinião de um único participante que fosse. Não queríamos ceder à pressão do tempo. E decidimos ainda que, na dúvida, jogaríamos joquempô (ou como é mais conhecido, “pedra, papel e tesoura”) para não chegarmos à situação na qual novamente um único precisasse tomar a decisão final, passando por cima de todos os outros.

Não era tão simples colocar no papel o princípio “pedra, papel e tesoura” de modo que soasse razoavelmente sério. No final das contas, precisávamos de verdade rir um pouco de nós mesmos e tirar isso do projeto oficial. Porém, decidimos que queríamos ser prestadores de serviço neutros – e não agitadores políticos. Queríamos impedir de qualquer maneira que a nova organização fabricasse uma nova estrela pop.

Por fim, no último chat ficou decidido que deixaríamos o WL, e começaríamos a trabalhar para o OpenLeaks. E eu sofria, sentia uma tristeza imensa porque meu período de WL se encerrara para sempre – foi uma reviravolta.

Também decidi tornar pública minha saída. Naquele momento, pouco antes fora lançado o vazamento sobre o Iraque. Eu era responsável por manter o contato com os jornalistas da *Spiegel*. No encontro que se seguiu, contei a eles que, infelizmente, eu não seria mais o responsável pela supervisão da cooperação, pois não pertencia mais à equipe do WL.

Rosenbach e Stark ofereceram, sem pestanejar, uma entrevista que ainda poderia sair na próxima revista. No entanto, pedi uma semana para pensar no assunto. Eu precisava pensar bem no que dizer e em quanto queria revelar. Eu tinha consciência de como me sentia frustrado e perturbado naquele momento. Não queria de forma alguma me render à sedução de deixar essa frustração se degenerar numa campanha de vingança pessoal. Minha única motivação deveria ser relativizar no mínimo um pouco mais a credibilidade do projeto que eu sempre transmitia e deixar a situação clara para outras pessoas que quisessem se envolver com o WL, doar quantias em dinheiro ou fazer *upload* de documentos. Se antes eu me atribuía a responsabilidade sobre o WL ter sido algo confiável, naquele momento tratava-se de relativizar um pouco essa ideia publicamente.

Era uma situação nova. Por quase três anos, nunca havia explicado a ninguém como as coisas aconteciam internamente. Ao contrário, eu sempre tentava vender o WL da melhor maneira possível e, na dúvida, tratava também de dissipar preocupações ou rebater as críticas. Por isso às vezes eu aplicava um pouco da cosmética linguística, e às vezes me movia numa linha tênue entre a verdade e a propaganda. Conscientemente, nunca disse uma inverdade. Acima de tudo, via nos jornalistas da *Spiegel* testemunhas para minhas preocupações.

Quando me encontrei com Marcel Rosenbach e Holger Stark, eles me ouviram bastante interessados. Nas conversas anteriores, Holger Stark sempre sacava seu bloquinho de notas. Em algum momento, perguntei a ele por que sempre estava tomando notas. Ele queria se lembrar do que eu falava, disse ele. Como eu preferia que ele parasse com aquilo, respondi e

lembrei aos dois novamente de sua promessa de que nada daquilo que eu dissesse seria utilizado em lugar nenhum.

Numa das conversas seguintes, Stark colocou novamente o bloco de notas sobre a mesa. Aquilo me irritou. Talvez eu tivesse ficado desconfiado demais. Nas semanas anteriores haviam ocorrido muitos desentendimentos, muitos problemas internos que foram apresentados na mídia de forma truncada e, por isso, causado tanta confusão. Por isso, mostrei-me bastante reticente na entrevista da *Spiegel* e não fiz nenhuma crítica excessivamente pesada a Julian.

A entrevista foi publicada em 25 de setembro. Eu fiquei nervoso o mês inteiro, esperava uma reação, talvez até mesmo uma declaração oficial de Julian. Nada aconteceu. Os únicos que entraram em contato foram outros jornalistas. Naquele momento, eu não estava nem um pouco a fim de continuar a falar sobre o WL e sobre a minha saída. Expliquei ainda a um ou dois jornalistas alguns detalhes sobre minha saída para colocar as coisas em pratos limpos. Em seguida, pela primeira vez, precisava da minha paz.

Urgentemente.

Página deixada intencionalmente em branco



## Os diários de guerra iraquianos

Em 22 de outubro de 2010, o WL publicou 391.832 documentos sobre a Guerra do Iraque. Eram documentos militares dos anos de 2004 a 2009. Da mesma forma que nos *Afghan War Diaries*, o *Guardian*, o *NYT* e a *Spiegel* novamente estavam na situação confortável de ter acesso ao material semanas antes e poder redigir seus artigos – já estavam com os documentos desde que Julian havia entregado o ouro para eles em Londres.

Em 22 de outubro, o material foi para a página do WL e, com isso, estava também disponível a todos. Antes da minha saída, Julian sempre falava dos direitos exclusivos dos três parceiros da imprensa, como no caso do vazamento do Afeganistão, no qual o *Washington Post* ou outros jornalistas independentes, por exemplo, não puderam ser incorporados. Contudo, dessa vez havia outros parceiros a bordo, entre eles o canal de televisão Al-Jazira e o Channel 4.

Enquanto no vazamento do Afeganistão quem ainda dava as cartas era David Leigh do *Guardian*, com os documentos iraquianos quem estava à frente era Gavin MacFadyen, chefe do Center for Investigative Journalism (Centro de Jornalismo Investigativo), em Londres. Trata-se de uma organização sem fins lucrativos, comprometida principalmente com a formação de jornalistas investigativos e o esclarecimento sobre o uso de forma especialmente dispendiosa do trabalho jornalístico.

MacFadyen também ocupa seu lugar no Conselho do Bureau for Investigative Journalism (Serviço de Jornalismo Investigativo), iniciativa fundada por jornalistas em 2009 que cuida da aplicação prática do objetivo do Center. O bureau lançava, por ano, entre quatro e cinco reportagens sobre temas que, segundo sua opinião, foram negligenciados pela grande imprensa. Para tanto, os jornalistas recebem subsídios do bureau, ou seja, não dependem de atribuições concretas de suas redações. O bureau também conta com uma sede na metrópole britânica; e o Centre for Investigative Journalism proporciona a ele *expertise* e agencia autores.

MacFadyen é fã de Julian e, ao mesmo tempo, um colega próximo de Iain Overton, editor-chefe do bureau. Provavelmente daí também vem o contato com Julian – e a ideia de trabalhar em cooperação estreita nos bastidores do vazamento do Iraque. A ideia: o bureau deveria produzir filmes e vender as licenças desses vídeos de cinco minutos pré-produzidos a emissoras de televisão.

Em 2009, o bureau obteve um financiamento de £2 milhões da Potter Foundation. Ou seja, era financeiramente independente, e o interesse dos colegas na cooperação seria provável, principalmente em razão da boa história e talvez também pela publicidade que o WL trazia consigo.

Já no vídeo “Collateral Murder”, as emissoras nos perguntaram sobre os custos de uma licença, o que trouxe a Julian a ideia de que os vídeos poderiam ser outra fonte de dinheiro.

Ouvi de um ex-repórter da *Newsweek* e de outras fontes que, entre outros, a Al-Jazira e o Channel 4 haviam pago pelos clipes de cinco minutos do vazamento do Iraque. Foram mencionadas módicas somas em libras na casa dos cinco dígitos ou mais. Os produtores dos vídeos eram Iain Overton e seu bureau. Nessa época, Overton ficou na mira da crítica por esses vídeos. A pergunta que não calaria tão fácil era se, nessas negociações, tudo havia corrido de forma adequada. Seus críticos queriam saber se, com os vídeos, as emissoras também haviam adquirido o direito de acesso exclusivo aos documentos.

Overton negava. O dinheiro teria sido apenas para as substanciais despesas de produção. No final das contas, o bureau teria ficado no prejuízo. Tenho a sensação de que Overton precisa agora prestar contas, pois se envolveu com uma organização que não era transparente.

Os vídeos pré-produzidos ainda foram publicamente oferecidos a outras emissoras. Para algumas, como a ABC, por exemplo, essa oferta parecia suspeita, e ela se surpreendeu também com os altos valores exigidos. A opinião pública, os fãs e doadores do WL ficaram muito inseguros com as vendas dos vídeos. De qualquer forma, era algo que merecia críticas. Até hoje, não está claro quem pagou o que e quanto se recebeu pelo acordado. Overton me garantiu que poderia mostrar ao público todo o histórico das negociações e provar que, por parte do bureau, tudo teria corrido na mais perfeita ordem.

Quando Julian entrou numa briga com o *Guardian* sobre o próximo vazamento conjunto e o *Guardian* quis publicar alguns telegramas sem o aval de Julian, ele irrompeu na redação, acompanhado de um advogado. Ao menos é o que relata a jornalista Sarah Ellison na *Vanity Fair*: o “choque de culturas” entre a tradicionalíssima redação do *Guardian* e o “anarquista da informação”, Julian Assange. No mais, as informações dos documentos pertenceriam a ele, Julian teria dito em seguida, e seus interesses financeiros teriam sido afetados pelo modo como essas informações seriam publicadas e o momento em que isso ocorreria. Quando Julian argumenta com as parceiras da imprensa de forma tão aberta sobre seus supostos interesses financeiros, a pergunta é se ele também não poderia torná-los transparentes diante da opinião pública.

Mas não apenas no que se refere às negociações com a mídia, também tecnicamente o WL assumia novos rumos com o vazamento iraquiano: as publicações mais recentes foram hospedadas num servidor da Amazon nos Estados Unidos e na Irlanda, bem como em servidores na França. De

qualquer forma, supõe-se que aquilo que atravessa o continente americano por cabos de dados será supervisionado pela National Security Agency, o serviço de informações militares dos Estados Unidos. Ainda mais quando diz respeito ao WL. Até o momento, estava claro que Julian e o técnico não haviam conseguido colocar a infraestrutura novamente em funcionamento para que pudessem lançar uma publicação desse porte. Atualmente, ou seja, em janeiro de 2011, também não há possibilidade alguma de se enviarem documentos ao WL, isso porque o sistema Submission também está fora do ar.

No entanto, existe uma página na qual se explica que tipo de documento seria interessante e como funciona tecnicamente o *upload*. O caminho para a página não é criptografado, de modo que qualquer um que se interesse pelas explicações de envios em potencial pode ser facilmente supervisionado. De qualquer forma, quem se conecta entre o computador do usuário e o servidor na França também poderá visualizar quais informações um eventual informante acessa na página do WL.

Quase tudo que o Arquiteto desenvolveu naquele ano no WL e colocou à disposição da organização pelo tempo de sua participação, ele levou consigo quando de sua saída. Ele é o proprietário intelectual do software e das configurações, e, para quem ficou, existe o problema sobre como prosseguir sem o seu conhecimento. Eu chamaria até mesmo de irresponsável o nível técnico com o qual o WL contava antes de sua entrada – mesmo que eu tivesse contribuído com ele nos primeiros dois anos. O técnico que permaneceu no WL teria conseguido restabelecer a situação original sem problemas e a Wiki, em princípio também poderia ter ficado on-line, já que o Arquiteto não a havia programado.

O Arquiteto havia tomado o cuidado de instruir o outro técnico, explicando, durante a fase de repasse, como tudo devia ser configurado. O jovem técnico é de fato um ótimo programador e também sabe que seria

bem-vindo ao nosso novo projeto a qualquer momento. Contudo, ele estava sobrecarregado com a reconstrução. Julian não havia cuidado dessa parte o suficiente ou ajudado o técnico; ele só reclamava. Não sei exatamente por que, em janeiro de 2011, ou seja, quatro meses após a nossa saída, o sistema ainda não voltara a funcionar, mas posso imaginar.

Até hoje, esperamos que Julian restabeleça a segurança para que possamos devolver o material que estava na plataforma Submission. Hoje esse material está bem guardado, mas não temos interesse algum por ele, muito menos o utilizaremos no OpenLeaks. Apenas devolveremos esses documentos a Julian quando ele puder nos provar que conseguirá preservá-los e lidar com eles de forma cuidadosa e responsável.

Até o momento, na época do lançamento deste livro, não havíamos contado isso a ninguém, pois tínhamos medo da crítica. Tínhamos medo de que ela nos afundasse. Talvez isso ainda possa acontecer e eu me responsabilizo plenamente por essa decisão. Éramos – e somos responsáveis – principalmente pela segurança de nossas fontes.

Após a nossa última e derradeira conversa, Julian tentou, mais uma vez, entrar em contato com o Arquiteto, dizendo a ele que poderiam voltar a trabalhar em equipe, que ele deveria “se comportar como um homem” e “deixar o passado para trás”. O Arquiteto riu da cara dele e disse: “O jogo acabou.”

Julian já nos esnobou com seus muitos novos funcionários, suas centenas de novos servos. No entanto, nenhum deles tinha condições de colocar novamente o sistema em operação. Na Suécia, ele supostamente teria contado com 30 ou 35 colaboradores que o ajudaram por duas ou três semanas. Ouvi que todos desistiram, pois teriam se estressado demais com Julian.

Há muito que eu havia saído e já estava ocupado com os trabalhos do OpenLeaks, mas ainda tinha o status de operador no chat do WL,

que às vezes eu lia, por curiosidade. Poderíamos dizer que as separações na vida digital ocorrem de forma muito menos brusca que na vida real. Quem sai de um time de futebol precisa realmente chutar bola em outra freguesia. Eu ainda estava no chat público do WL e podia acompanhar todas as conversas. Como eu era operador, permanecia no chat sem ser desconectado após 10 minutos de inatividade, como os participantes normais. (Havia sido configurado para que ninguém permanecesse despercebido por períodos maiores e pudesse acompanhar o chat em segredo.)

Então eu pude ver como a situação pessoal no WL também fizera com que o islandês de 17 anos se tornasse o capitão do chat: desde então, *PenguinX* era o principal contato para todas as pessoas que vinham até o chat público do WL para fazer perguntas. Isso não deixava de ser perigoso, pois ali também entravam em contato pessoas que queriam entregar material à organização. Ainda mais que os e-mails ainda não funcionavam da forma correta, pois Julian se recusava a fornecer o material de descriptação.

Nessa situação, informantes em potencial precisam, acima de tudo, proteger-se. Por exemplo, precisam se lembrar de não fornecer qualquer informação que possa levar à sua identificação ou colocar em risco outros envolvidos. Nos chats públicos, todos que se registram podem ler tudo, sejam apenas malucos curiosos ou profissionais do serviço secreto.

Após a minha saída, *PenguinX* recebeu de Julian a missão de redigir um comunicado à imprensa, na qual eu seria pichado como um desertor maligno. No entanto, o juvenzinho ficou atrapalhado, pois não escrevia bem e também desconhecia o histórico da situação. Assim, pediu apoio e um dos ajudantes voluntários que estava de boeira no chat ofereceu ajuda. E esse voluntário não sabia como ajudar o outro quando me perguntou se eu não poderia dar uma mãozinha. Ele não entendia a situação e ficaria grato se eu fornecesse um pouco mais de informações. Então pensei comigo: “Meu Deus, agora é tarde demais.” E nas mãos dessa turma

profissional estão documentos que, de acordo com o advogado de Julian, seriam “bombas nucleares”.

Quando, após a minha saída, Nanny entrou em contato comigo pela primeira vez, precisei concordar que não registraria nossa conversa. Bom, eu podia concordar que não gravaria nenhum arquivo de nosso chat. Apenas fiz uma transcrição de memória.

Acho que a Nanny não é uma pessoa maldosa, mas, quando ela me disse que queria “fazer com que todos ficassem felizes”, soou bem inquietante a meus ouvidos – ou como se fosse a fala de um filme policial ruim. Ela disse que se comprometia que eu não sofreria “nenhum dano perante a opinião pública”. Eu apenas precisaria concordar em não mais criticar Julian ou o projeto publicamente e, assim, talvez pudessem, em troca, desistir de me pintar como alguém ruim perante o público. Respondi que sua proposta me parecia um pouco ameaçadora. “De forma alguma”, corrigiu-me Nanny. Se ela quisesse realmente me ameaçar, não faria isso na forma de insinuações. Não seria seu estilo.

Nanny tentou reconquistar o Arquiteto com um salário regular. Depois de Birgitta também ter saído, quiseram que ela assinasse uma declaração de confidencialidade. Nos meses anteriores, Julian me ameaçou abertamente, dizendo que teria reunido material comprometedor a meu respeito. Além disso, quis publicar meus e-mails e, com isso, colocar sob os holofotes meu verdadeiro eu – *The Real You*. Seria um favor se ele fizesse isso. Pode soar estranho, mas não me lembro de qualquer delito de minha parte. Talvez eu seja muito normal.

“Não estão me restando opções, senão destruir as pessoas” – com essas palavras, Julian incumbiu Birgitta de nos colocar novamente na linha. Isso foi pouco antes de nossa saída. O tom era aterrorizante, mas, por outro lado, por conta de todo o seu exagero, eu também não sentia mais medo. O que me fez lembrar um pouco o porta-voz do Pentágono, que,

em seu discurso na ocasião do vazamento do Afeganistão, apelou para que tomássemos a decisão correta: “Façam a coisa certa!” Com isso, ele deixou em aberto o que seria e com quais consequências teríamos de arcar se não fizéssemos a coisa certa. Essas ameaças talvez soem imponentes, mas no final das contas são vazias.

Nanny chegou até mesmo a viajar para a Alemanha e me procurar no clube. Foi no dia 1º de novembro, uma segunda-feira cinzenta, muito desconfortável, o primeiro dia no qual precisamos ligar a calefação. Eu estava sentado a uma grande mesa de reunião, de costas para a parede e olhando para a porta. Assim, eu a avistei enquanto ela caminhava pelo clube e ela também me encontrou.

Ela não havia sequer lido a entrevista da *Spiegel*.

“Não quero saber disso”, disse ela, sorrindo amigavelmente. Sorri de volta, de modo que meus dentes ficassem um pouco à mostra.

Em seguida, ela sacou uma lista.

“São os pontos que quero esclarecer com você.”

“Não tenho muito tempo”, eu disse.

Ela leu “Códigos de acesso?” e me lançou um olhar questionador.

Acho que ela mesma não sabia o que deveria ser; apenas soava bonito. De qualquer forma, eu não sabia o que significava, talvez fossem senhas? Eu não tinha senhas, nem mais nada. Expliquei a ela que tudo fora devolvido e que eu sentia muito se Julian a teria enviado a mim com informações falsas. Realmente eu sentia muito por ela. Julian forneceu a ela algumas meias verdades e, com isso, ela deveria colocar tudo novamente nos eixos.

Também contei a ela o porquê de eu não querer que Julian ficasse com os documentos naquele momento. Perguntei se ela acreditava mesmo que tudo estava correndo na mais perfeita ordem no WL. Ela não conseguiu responder.



Nanny me encarava, ou olhava através de mim. Acho que ficou surpresa quando eu realmente fui embora. Ela não estava mesmo acostumada com isso. Será que eu acharia qualquer outra coisa mais importante do que a conversa com ela?

Eu não queria deixar minha agente esperando mais tempo. Havíamos combinado de nos encontrar para melhorar a sinopse do meu livro.

“Desculpe, preciso ir embora agora”, repeti, e saí.

Página deixada intencionalmente em branco

## Os telegramas americanos e a prisão de Julian

A publicação seguinte do WL foram os *Cables*, telegramas diplomáticos das embaixadas americanas que já haviam causado inquietação nos meus tempos de WL. Eu me perguntava por que, de repente, Julian tinha tanta pressa para essa publicação.

Internamente, ele justificava a pressão do prazo, dizendo que o islandês já havia repassado os documentos, o que o obrigava a agir – ninguém entendia muito bem a lógica por trás disso. Mais tarde, eu soube que o *Guardian* também obtivera o material da jornalista independente Heather Brooke, tendo baixado os *Cables* do disco rígido do islandês. Estava claro que o *Guardian* preferia publicar os telegramas sem a interferência de Julian. Dessa forma, a história fazia sentido: havia a possibilidade de que o próximo vazamento fosse publicado sem ele.

A maior parte da equipe principal nunca teria concordado com a publicação nessa época. Corriam boatos de que deveria acontecer no último fim de semana de novembro.

Nessa época, eu estava em Brandemburgo, com meus sogros, Anke e Jacob, para um passeio no zoológico. Quando, na sexta-feira, vi uma nota no *Spiegel Online* de que, por “motivos de redação”, a edição em *e-Paper* não iria ao ar na noite de sábado, como de costume, mas sim no domingo à noite, tudo ficou claro. Voltei para nossa casa em Berlim, a fim de fazer a limpeza.

Livre-me de tudo que pudesse parecer remotamente interessante para um policial. Claro que não havia nada que deixaria um investigador feliz, nem mesmo uma nota fiscal de cafeteria para a declaração de imposto. Contudo, pressenti que fariam uma busca na casa. Theodor Reppe, patrocinador do domínio alemão do WikiLeaks, me contou o que acontecera com ele em 2009. Ele precisou explicar, à exaustão, ao oficial que seu *subwoofer* não era um computador. Os policiais confiscaram tudo que parecia computador ou telefone. Nos dias que se seguiram, eu me livraria, a contragosto, do meu equipamento de trabalho. Se alguém me ligava aqui ou ali, eu atendia.

Numa investigação, documentos também vão para a pasta do investigador – por fim, sob a pilha de jornais na cozinha, havia documentos com força de bomba atômica, e no meu caderno de anotações estava a senha para o arquivo *insurance*. Assim, tentei limpar a casa de tudo que um policial pudesse considerar apropriado levar embora. Inclusive os papелotes de cocaína. Não, isso é brincadeira!

No domingo, 28 de novembro, foram publicados os primeiros telegramas no site feito especialmente para eles, o cablegate.org. A página explicava que aquelas eram comunicações sigilosas, do período entre 1966 até o fim de fevereiro de 2010, entre 274 embaixadas de todo o mundo e o Departamento de Estado americano. Um total de 15.652 telegramas era classificado como “secreto”. Dificilmente era possível falar isso *dos* telegramas, pois os leitores, em tese, conseguiam apenas ler uma fração – equivalente a poucas centenas de documentos – no site *Cablegate*.

A *Spiegel* de 29 de novembro de 2010 publicou uma reportagem bastante banal. Fofoca de diplomatas americanos sobre políticos: Sarkozy, sensível e autoritário, Putin, o macho alfa, a falta de criatividade de Angela Merkel, a inexperiência de Westerwelle e Berlusconi, fanfarrão e vaidoso – todos receberam algum elogio. O conteúdo informacional tendia

a zero. Nada surpreendia. Quem precisaria se preocupar seriam aqueles que sequer apareceram, pois não eram importantes o suficiente. Bem mais para a frente, por sorte, vinham histórias interessantes.

Após a estratégia de publicação ter ficado clara, entendi também por que a *Spiegel* havia entrado nessa de forma tão despreocupada: os 250 mil *Cables* que valiam a pena também seriam postados no [cablegate.wikileaks.org](http://cablegate.wikileaks.org), em pequenas porções. Ou seja, não havia motivo para os jornalistas se desesperarem.

*Spiegel*, *Guardian*, *El Pais* e *Le Monde*, bem como o *New York Times* – que, dessa vez, faziam parte dos parceiros exclusivos apenas porque o *Guardian* lhes havia entregado o material – podiam explorar o material a seu bel-prazer. Se as publicações continuassem nesse ritmo, o WL viveria delas por meses.

Posso bem imaginar por que o *New York Times* não estava entre o time de estrelas. Fora publicado no jornal um dossiê crítico sobre Julian. No entanto, consigo apenas supor o motivo pelo qual o *Guardian* partilhou o material com a concorrência. Por um lado, certamente eles condenavam a tentativa de Julian de punir artigos negativos com a exclusão. Por outro lado, o britânico *Guardian* não queria arriscar sua cabeça sozinho no mercado de língua inglesa, caso a publicação atraísse para eles aborrecimentos com a Justiça. Era bom ter a seu lado um parceiro na terra natal dos telegramas.

Além disso, os telegramas publicados na internet foram retrabalhados. Apenas os cinco parceiros exclusivos de imprensa têm acesso aos detalhes realmente polêmicos. Sem dúvida, editar aqueles telegramas quando eles contêm informações que possam trazer risco às pessoas é a postura correta. Os meios de comunicação comunicaram publicamente que teriam feito da edição uma condição para a cooperação, como, por exemplo, não publicar os nomes dos dissidentes chineses ou dos jornalistas russos e opositores iranianos que haviam conversado com os diplomatas americanos.

Julian também via dessa forma e ainda fez uma solicitação ao embaixador americano em Londres: “O WL seria muito grato se o governo dos Estados Unidos pudesse dar instruções para os casos em que não tenha condições de impedir a exposição dos indivíduos.” O diretor jurídico do Departamento de Estado teria respondido a ele, de acordo com relatos da mídia, que não negociariam com pessoas que lidavam com materiais ilegais.

No vazamento do Afeganistão, Julian, inclusive, fez com que o *NYT* voltasse a questionar o governo americano 24 horas antes da publicação, além de no fim reclamar com o governo que ninguém queria ajudá-lo com a edição.

Dessa forma, os cinco meios de comunicação participantes estavam em posição privilegiada para aumentar o número de leitores com a ajuda dos telegramas. A concorrência, por sua vez, também queria escrever seus artigos, fazer entrevistas e produzir filmes, numa tentativa de concorrer nas bancas com suas histórias com os parceiros exclusivos. Isso levou a algumas reações exageradas, como, por exemplo, da revista *Stern*, que tinha uma história muito boa sobre Bradley Manning na manga, mas começou com uma foto dele como alvo e com o seguinte título: “A cara de anjo que acabou com os Estados Unidos.” Foi de mau gosto, descuidada e de uma qualidade que só se esperaria do jornal sensacionalista *Bild*.

A imprensa precisava com urgência de pessoas para entrevistar e mencionar. Julian não dava mais coletivas de imprensa, os suecos estavam à sua procura com um mandado de prisão internacional e ele estava desaparecido. Perguntas ao WL não eram respondidas, pois o servidor e-mail não estava acessível.

Nessa época, era surpreendente alguém não se tornar, de uma hora para outra, especialista em WL – bastava que tivesse no seu currículo algo com internet. O blogueiro e especialista em mídias sociais Sascha Lobo, por exemplo, foi ao programa da jornalista e entrevistadora Anne Will e conversou com o consultor de relações públicas Klaus Kocks.

E assim, no dia do vazamento, meu telefone começou a tocar às 8 horas e, 12 horas depois, ainda era possível escutá-lo. “Olá, aqui é de Moscou, senhor Domscheit-Börg, o senhor poderia nos dar uma entrevista hoje?” Na terça-feira, foi a vez dos japoneses, na quinta-feira fui até a Stern TV, em Colônia, na sexta-feira, a um evento há muito divulgado da Fundação Friedrich Naumann, em Hamburgo, onde a imprensa já me aguardava. Tentavam me encontrar de todas as formas. Jornalistas enviavam mensagens para o perfil de Facebook de minha mulher e ligavam para o departamento de imprensa do seu trabalho. Até mesmo o restaurante italiano da esquina ajudava a conseguir um contato comigo.

Queriam meu comentário. No mínimo, alguns gostariam de ouvir como eu achava o WL horrível, agora que eu havia saído de lá, e que eu daria uma bela lição em Julian.

Surpreendi-me um pouco com os diversos colaboradores que de repente confessavam fervorosa veneração por Julian Assange. A *Time Magazine* americana deu a honra de incluí-lo em sua lista de candidatos a “Pessoa do Ano de 2010”. Por fim, ganharia Mark Zuckerberg, o fundador e chefe do Facebook, como a escolha da redação. Contudo, os leitores deram a maioria dos votos a Julian, ficando acima até do primeiro-ministro turco, Recep Tayyip Erdoğan.

Eu achava conflitante a ação das pessoas que, logo após o vazamento, começaram a atacar os sites da Postfinance da Suíça, a Amazon, o PayPal, a MasterCard, o Visa ou o Moneybookers. Eram empresas que, de repente, admitiram que não poderiam mais manter seus contratos de prestadores de serviço com o WL, após o projeto finalmente ter prejudicado o Ministério de Relações Exteriores americano. À frente dos ataques, estavam, obviamente, os rapazes do *Anonymous*. A crítica foi direcionada às empresas e essa foi a sua forma – e também a única possibilidade – de se envolver politicamente. Os ciberataques à Procuradoria-geral sueca mostram, entretanto, que as pessoas não conseguiam separar as coisas nitidamente.

Jornalistas de todos os cantos do mundo uniam-se para apoiar Julian, liderados por Gavin MacFadyen, do Centre for Investigative Journalism. Ele postou a declaração da Federação Internacional de Jornalistas em seu site: a federação estaria “bastante preocupada” com o “bem-estar” de Julian, pois “Assange viu-se obrigado a se esconder; contra ele, corre um processo de investigação internacional por estupro, tendo sido acusado de violência sexual na Suécia”.

A justiça australiana verificou, após a publicação dos *Cables*, se alguém prestaria queixa contra Julian. Mais de 4 mil pessoas colocaram seus nomes num abaixo-assinado que originalmente fora iniciado por 200 políticos, acadêmicos, advogados, artistas e jornalistas para protestar contra essas investigações.

Em 10 de dezembro, o *Guardian* publicou uma carta que, entre outros, foi assinada pelo jornalista australiano John Pilger, a escritora A. L. Kennedy e o ex-embaixador e ativista político Craig Murray: “O governo dos Estados Unidos e seus aliados, bem como seus amigos na mídia, iniciaram uma campanha contra Assange, que o levou à cadeia, onde ele sofre ameaça de extradição, em virtude de acusações duvidosas. É preciso ter em mente que, com isso, os Estados Unidos conseguirão que ele seja extraditado. Exigimos que ele seja libertado imediatamente, que todas as acusações contra ele sejam retiradas e a censura contra o WikiLeaks termine.”

Nas primeiras 48 horas, foram recolhidas 45 mil assinaturas no abaixo-assinado on-line que a organização de internet *GetUp!* iniciou em 8 de dezembro. Nele, exigia-se que o presidente americano e o procurador-geral Eric Holder defendessem, no caso Assange, “o princípio de presunção de inocência e a liberdade de informação”. A declaração apareceria como um anúncio no *New York Times* e no *Washington Times*.

A jornalista Miranda Devine, antes envolvida com direitos políticos, apelou publicamente em defesa de Assange e descreveu o “caráter peculiar” da acusação feita contra ele na Suécia: “Ninguém acredita que Julian Assange está numa prisão britânica, pois é um estuprador.”



Entre os inúmeros novos amigos de Julian, estava também Michael Moore, que entrou em contato conosco logo após o vídeo “Collateral Murder”. Engraçado, pois Julian considerava o conhecido cineasta e crítico social um idiota – para ele, era possível classificar Moore como um “teórico da conspiração”. Moore pagou US\$20 mil de fiança e, graças a ele, Julian pôde ser liberado da prisão.

Julian também deve ter se alegrado com as muitas palavras enrijadas da feminista Naomi Wolf, que o defendeu publicamente. A série de palestras sobre seu livro *Give Me Liberty: A Handbook for American Revolutionaries* (Dê-me liberdade: um guia de revolucionários americanos), sobre o qual certa vez comentei com ele, foi descrita por Julian como “tagarelice banal”.

A piada era que essas pessoas que vinham generosamente em auxílio de Julian por acaso eram estrelas. Sei exatamente como ele via ao menos alguns de seus colaboradores: como idiotas úteis, “iniciantes”, por assim dizer, aspirantes.

Acredito que muitas dessas pessoas pensaram que seria chique andar por aí naquele momento com um adesivo “Eu apoio Julian Assange”.

Julian descreveu sua prisão como o resultado de uma campanha de difamação. O processo serviria, na verdade, como um subterfúgio com a finalidade de extraditá-lo para os Estados Unidos. Como ele fora liberado por fiança, a comemoração dos colaboradores que estavam na sala de audiências e daqueles que protestavam em prol de sua liberação na frente do tribunal foi imensa. Julian acenou com os braços para o alto antes de desaparecer com suas tornozeleiras eletrônicas para a casa de campo de seu amigo Vaughan Smith, no sudeste da Inglaterra.

Nos portões do casarão, ele aguardava diariamente uma multidão de colaboradores e jornalistas. O próximo vazamento de 10 mil documentos sobre a crise financeira, como ele já havia anunciado, derrubaria um banco americano, pois esses papéis documentavam “práticas sem ética” e “violações gravíssimas”. Ele prometia aos seus fãs, pelas cercas do jardim

da mansão, que o ritmo das publicações aumentaria ainda mais, pois sua organização seria indestrutível e estava preparada para resistir a uma possível “decapitação”. Eu me pergunto sobre quais materiais ele falara ali, por quais meios ele os conseguira e onde os guardava. Por todos os envolvidos, espero que ele mantenha isso em segurança.

De qualquer forma, desde o vazamento dos telegramas, Julian parecia muito menos agressivo para a opinião pública do que meses antes. Há muito, Nanny comentara que providenciaria para ele um consultor de relações públicas.

O site também sofrera algumas reformulações cuidadosas. Em vez de: “A entrega de materiais ao WikiLeaks é segura, simples e protegida por lei”, agora aparece lá: “A entrega de documentos aos nossos jornalistas é protegida por lei nas melhores democracias.” Com relação ao envio de materiais, a nova redação é: “WikiLeaks aceita um amplo espectro de materiais, mas não exigimos nada específico.” E também a palavra “confidencial” desapareceu da descrição de documentos preferidos.

Quando vejo Julian hoje no noticiário ou nas fotos atuais da imprensa, ele parece muito mais velho. Aquele sorriso de menino travesso que às vezes exibia desapareceu de seu rosto. Parece mais certinho, talvez até mesmo esteja melhor, mas há uma leve semelhança com um dono de empresa. Para mim, era mais simpático com mochila e jeans velhos.

Nesse ínterim, a Stern TV havia me convidado e, assim, eu pude rever um pouco o circo midiático pelo lado de lá.

Antes do programa, o convidado deve esperar numa pequena antessala para o sinal de início. Além de mim, foi convidado como especialista o suíço Thomas Borer. O ex-diplomata é conhecido principalmente porque a imprensa marrom levantou contra ele, em 2002, acusações inverídicas que levaram à sua demissão do posto de embaixador em Berlim e a uma grande comoção pública.

Borer saiu de sua cabine e me cumprimentou com as palavras “Dou muito valor a pessoas que têm coragem moral”. E continuou: “Também dizem isso de mim.” Com isso, ele me deixou uma forte impressão de grande desenvoltura e sensatez: o peito um pouco estufado, a voz o mais sonora possível.

Para a reunião agendada, as pessoas se encontram no escritório de Günther Jauch. Borer e eu sentamos em nossas poltronas, e eu imaginei algumas perguntas curiosas do jornalista celebridade da Alemanha. Pensei que, em comparação com outros convidados de Jauch, eu fugia um pouco daquele estereótipo e ele gostaria de me sabatar. Contudo, o planejamento era composto de duas ou três frases e poucas indicações: “Eu faço uma pergunta primeiro ao senhor, depois ao senhor, e, aos poucos, vamos desenvolvendo a conversa...”, explicou Jauch. Em seguida, foi abordado um assunto realmente polêmico entre Borer e Jauch: as mansões e os diferentes preços no lago de Zurique e no lago de Schwielowsee, a área nobre de Postdam.

Fiquei um pouco entediado. Lá fora, acontecia uma investigação realmente importante e falavam aqui sobre o valor dos imóveis nos lagos das grandes cidades.

A mídia gostaria muito de ter ouvido apenas críticas da minha parte. Mas fui bastante cuidadoso. Quanto mais sugestivas eram suas perguntas, mais gerais e neutras foram minhas respostas. Tentei não deixar que me provocassem.

O que, em minha opinião, faltou no debate foi uma separação razoável dos diversos pontos críticos do WL. Era muito complicado abordar o tema com algumas citações de impacto.

Estava claro que Julian em princípio mereceria apoio. É um escândalo que políticos e jornalistas americanos clamem diante das câmeras pela execução de Julian. Acima de tudo, era preciso impedir que ele fosse extraditado para os Estados Unidos. Um precedente terrível que não poderia acontecer de forma alguma. Contudo, alguém precisaria me explicar

como as pessoas podiam se declarar contra a ideia de ele prestar seu depoimento na Suécia e, eventualmente, se apresentar diante de um tribunal competente.

Ele não pode nem deve esquivar-se desse processo, que, de fato, nada tem a ver com o WikiLeaks, mas diz respeito exclusivamente às relações particulares de Julian com as duas mulheres. Seria um caso bem claro de abuso do poder. Um abuso que o WL, em qualquer outro caso, teria tentado impedir.

Julian apareceu num documentário australiano após a sua aparição no programa de entrevistas do Larry King. Ele ficou olhando longamente sua foto nas capas das publicações internacionais. E então disse, um pouco absorto: “Agora sou intocável neste país.”

O jornalista retrucou: “Intocável?”

E Julian repetiu: “Intocável.”

Então, o jornalista disse: “Isso soa um pouco presunçoso, não acha?”

Julian se mostrou um pouco aborrecido com a pergunta, mas logo pareceu ter percebido que não podia deixar a impressão de estar tranquilo e soltou uma piada: “Bem, ao menos por alguns dias.”

Não, Julian. Ninguém é intocável.

Não consigo imaginar como alguém pode manter essa ideia em mente, mesmo que seja por um segundo.

Desejo a todos os envolvidos que as investigações na Suécia ocorram de maneira justa. E eu não sei por que isso não deveria ocorrer. A Suécia não é conhecida por leis de linchamento, influências americanas ou processos judiciais não transparentes. Se Julian se comportou de forma correta – no que acredito, até que se prove o contrário –, nada tem a temer.

Nesse ínterim, a polícia australiana interrompeu as investigações contra o WL, pois não verificou qualquer violação contra as leis da Austrália. De outra forma, pareceria com as tentativas dos EUA de arrastar Julian e outros colaboradores do WL para o tribunal e impedir que eles lancem mais publicações. Especialistas em Direito ainda discutem se as leis teriam brechas para uma acusação desse tipo e se isso também não significa que seria preciso também denunciar os meios de comunicação que publicaram o material. Além disso, esse procedimento violaria o direito à liberdade de expressão e a Primeira Emenda da Constituição americana.

Julian só poderia ser investigado em nome da Lei de Espionagem, e para tanto, o Ministério da Justiça precisaria provar que ele tivera a intenção de prejudicar os Estados Unidos. Não consigo imaginar como poderia surgir uma prova assim. Não sou advogado, mas considero uma acusação desse tipo absurda e perniciosa.

No momento, o Departamento de Estado vem tentando provar um papel ativo na aquisição das informações. Isso significaria que ele, como cúmplice da fonte efetiva, poderia ser punido, o que desoneraria Manning, que ainda está em prisão preventiva – se ele tiver mesmo fornecido os documentos militares. Caso Julian tenha desempenhado papel ativo nesse caso, agiu claramente contra a nossa autoimagem.

É claro que, em tese, ninguém deveria ser punido por fornecer ao público informações, seja na condição de informante ou de plataforma de investigação, como o WikiLeaks. Todos os jornalistas, editoras, políticos e democratas deveriam mesmo se empenhar em lutar por leis claras – como a IMMI.

Por outro lado, sem dúvida alguma considero a publicação dos telegramas importante e correta. E, nesse sentido, a qualquer instante, eu me lançaria em uma fogueira em prol da segurança dos envolvidos.

Quando alguns meios de comunicação – aqueles que não estão envolvidos, obviamente – noticiam que os *Cables* não têm qualquer conteúdo informativo, eu me pergunto o que as pessoas realmente consideram

importante – e se isso vai além do futebol e das fofocas sobre celebridades. Não seria importante saber que um ministro da Defesa libanês espera que Israel bombardeie seu país para empreender alguma ação contra o Hezbollah? Não seria interessante saber que os Estados Unidos, uma potência mundial, não apenas prejudicam as Nações Unidas pública e politicamente, como também tentam sondá-las de forma sistemática? E que a ministra das Relações Exteriores, Hillary Clinton, pede a seus diplomatas que reúnam informações sobre os funcionários de alto escalão das Nações Unidas – senhas de e-mail, detalhes biométricos e números de cartão de crédito? E que um ex-vice-presidente afegão flagrado em Dubai com uma mala contendo US\$52 milhões em dinheiro vivo (pergunta: como ele enfiou tanto dinheiro numa mala?) foi liberado? Isso tudo mereceria uma reportagem.

Também me interessa pessoalmente, como cidadão alemão, que um Helmut Metzner, da Central do Partido Democrático Liberal (FDP), tenha divulgado informações aos americanos – contudo, Deus sabe o quanto li artigos estúpidos sobre o caso nos jornais! Quem disser agora que, antes disso, ele sabia que as pessoas mentem, traem, delatam e subornam tem uma boa desculpa para não mais se preocupar com política. Alguém desliga o noticiário noturno, decepcionado, e diz: “Ah, eu já sabia mesmo que a guerra assola todos os cantos e que as pessoas são maldosas umas com as outras”?

Ainda me assusto muito com a velha escola de defensores da não transparência. Eles dizem a todo mundo como seria importante permanecer em segredo o que sempre foi sigiloso. Há uma tradição antiga e indigna, não apenas na política externa alemã, de oposição aos esforços de abertura e diálogo com relação a um bem maior e que vale a pena proteger. E até agora ainda não ouvi qualquer argumento que me tenha convencido definitivamente que deve ser assim. Tenho convicção plena de que não se pode apenas esperar da população a verdade, mas que se deve exigí-la até mesmo dos cidadãos. Da mesma forma como não se pode esconder

do povo o fato de que tropas alemãs, em algum lugar do mundo, estão fazendo guerra, pois é necessário proteger o povo de tomar conhecimento acerca das complicações e dos problemas da política mundial. Essa é uma bobagem paternalista, elitista e, na minha opinião, seria muito mais razoável lutar por transparência e por conhecimento compartilhado.

Mas alguns problemas também acompanham a publicação dos *Cables*. Um deles diz respeito aos parceiros exclusivos da imprensa. De forma alguma partilho da opinião do cientista político Herfried Münkler, que, na *Spiegel*, se posicionou contra a publicação dos telegramas, mas ele chegou a um ponto importante em sua crítica: quem critica que os segredos sempre estiveram nas mãos de determinados poderosos deve se perguntar agora se, por meio da atual estratégia de publicação, eles realmente foram para o controle do público em geral, da comunidade, ou mudaram de dono. Segredos que antes o Ministério de Relações Exteriores americano mantinha sob controle agora estão nas mãos de cinco grandes empresas de mídia e de Julian Assange. Agora eles decidem o que a opinião pública merece e o que não merece saber. A estratégia atual de publicação afastou-se muito dos antigos ideais fundamentais do WikiLeaks – muito mesmo, na minha opinião.

Além disso, há algumas semanas, pessoas viajam pelo mundo com a missão de providenciar para que sejam oferecidos telegramas ainda mantidos sob sigilo a outros meios de comunicação. Entre eles, está Johannes Wahlström, da Suécia. Wahlström é filho de Israel Shamir, conhecido antissemita de origem russo-israelita que nega o holocausto. Kristinn já chamava publicamente Wahlström e Shamir de “associados do WL”. Acredito que Julian saiba quem são as pessoas que ele mantém a bordo do projeto. De qualquer forma, o contato com Shamir já existe há anos.

Quando Julian, pela primeira vez, tomou conhecimento do histórico político de Shamir, pensou em integrá-lo ao WL com um pseudônimo.

Certa vez, ele me disse que os textos de Shamir eram “realmente muito inteligentes”. Contudo, nunca percebi em Julian um antissemita; no máximo, ele é crítico de Israel, mas apenas no que se refere à condução política do país. Não tenho a menor ideia da razão pela qual ele hoje tolera um antissemita declarado ao seu lado.

Parece que Wahlström teria distribuído os telegramas a diversos meios de comunicação na Escandinávia, enquanto seu pai assumiu o mercado russo. E, embora os cinco parceiros de mídia ainda afirmem que nunca houve dinheiro envolvido, ao menos o jornal sueco *Aftonbladet* reconheceu publicamente que teria pago por seu acesso aos *Cables*. Todos os outros jornais, inclusive os russos, negam à imprensa informações concretas sobre as negociações.

Fazer negócios com esse tipo de coisa é péssimo. Ainda mais problemática é a possibilidade de alguém utilizar o acesso a esses documentos para outros fins que não sejam os de publicação.

Preocupa-me a ideia de que uma parte envolvida pudesse analisar os *Cables* para, na dúvida, optar por não publicá-los. De qualquer forma, não seriam os primeiros documentos que desapareceriam porque alguém quis assim.



## OpenLeaks

O domínio do novo projeto foi registrado em 17 de setembro de 2001, dois dias depois da nossa saída. No entanto, muito antes disso, já trabalhávamos na questão sobre como uma futura plataforma de denúncia deveria ser, com o que deveria contribuir. Além disso, trabalhei com minha ajudante no conceito para a Knight Foundation.

Informávamos, com frequência, a Julian quais ideias discutíamos no que diz respeito a maior desenvolvimento técnico e de conteúdo. Ele não considerava nada disso empolgante. Às vezes, ele falava das próprias ideias, de como queria continuar a desenvolver o WL. Ele gostaria de lançar um vazamento atrás do outro, tão agressivos e conflitantes quanto possível. Não parecia ter interesse algum pelas discussões de conteúdo ou sobre o desenvolvimento técnico da plataforma. Talvez ele também não seja uma pessoa que planeja o futuro em longo prazo.

O real problema no WikiLeaks era que havia muitas exigências a que o projeto precisava atender ao mesmo tempo. O WikiLeaks representa, sozinho, o processo de denúncia inteiro: as fontes fazem o *upload* dos documentos, a equipe do WL limpa seus metadados, valida o envio e elabora os resumos em textos adicionais. No fim, tudo é postado no site.

A partir de determinado momento, ficou realmente impossível dar conta de todas essas tarefas. Estávamos abarrotados com os envios. Seria necessário contar com centenas de voluntários integrados, de forma intensiva, para conseguir fazer tudo isso. Assim, precisávamos frequentemente

tomar decisões: quais vazamentos deveriam ser colocados sob os holofotes? Quais documentos deveriam ficar armazenados com muitos milhares de outros materiais não publicados nos servidores? Estávamos literalmente afogados em documentos. E, provavelmente, decepcionávamos os informantes que haviam corrido tanto risco e, até hoje, esperam que sua corajosa denúncia de segredos seja honrada e contribua para melhorar nossa sociedade.

Cada escolha é uma espécie de censura – e a censura é uma intervenção política. Em tese, ela já começa quando os participantes concordam com a opção por certo tema e desviam a atenção pública para um problema específico. E é indiscutível o fato de que o WL conseguia chamar a atenção. Como no WikiLeaks muitos controles ficavam nas mãos de apenas uma pessoa – Julian Assange –, tornamo-nos um protagonista de importância política mundial. Ninguém mais poderia falar de neutralidade – com a qual, anteriormente, todos nós nos sentíamos obrigados. Era o princípio mais importante do WL.

Em algum momento, tivemos de procurar parceiros, o que, seguramente, foi um passo necessário. Porém, Julian também quis tomar, sozinho, as decisões sobre quais meios de comunicação contariam com a nossa cooperação. Mais tarde, ele tentou bloquear publicamente alguns desses parceiros quando a cobertura de imprensa não lhe agradava. Com isso, obrigava os meios de comunicação indiretamente a escrever sobre o WikiLeaks de forma amigável. Os conflitos com as redações resultantes dessa postura provocaram destruição, ficando patente que a abordagem não funcionou.

Além disso, há muito tempo me pergunto em que medida uma única plataforma poderia lidar com as necessidades dos diversos envolvidos. No WL, chegavam documentos de todo o mundo sobre os temas mais diversos – desde a corrupção na prefeitura de uma cidadezinha alemã, o movimento de libertação do Timor Leste até a política externa americana. A solução consistiria realmente numa única plataforma para todos os

assuntos? Éramos uma loja de artigos diversos ou algo até pior: tornamo-nos um imenso supermercado de documentos secretos. Nesse caso, tínhamos muito mais experiência e dispúnhamos de mais recursos para ser apenas uma bonita lojinha especializada em TI.

A posição mais inteligente, contudo, era reconsiderar nossos pontos fortes. Por isso, nossa abordagem consistia apenas em fornecer infraestrutura técnica ao informante. Assim, os riscos seriam reduzidos, de modo que cada indivíduo dentro do sistema conseguisse ficar mais forte.

Com o OpenLeaks, abríamos uma nova senda. Dividimos a responsabilidade entre muitas mãos – e nas mãos daqueles especialmente talhados para isso. Como o recebimento e a publicação de documentos constituem processos independentes, não apenas se resolve o problema da concentração das decisões numa única esfera, como também se impede que um dos responsáveis fique tentado a exercer influência política.

A informação e as decisões sobre o que acontecerá ficam nas mãos daqueles que tradicionalmente têm mais experiência nessa área. Talvez possa vir à mente, em primeiro lugar, a imprensa; mas, igualmente, ONGs, sindicatos ou faculdades de Jornalismo podem ser nossos parceiros. Isso porque todos têm condições de tornar os documentos públicos e os processos mais transparentes. Todos têm a capacidade de explorar documentos sigilosos profissionalmente e decidir de que forma os resultados devem ser publicados – se como um relatório clássico ou como um conjunto de documentos completos.

Também nos livramos de tentativas de influenciar a decisão de quais desses parceiros de cooperação em potencial devem receber os documentos. Para nós, nesse ponto, havia apenas uma pessoa legítima para tomar essa decisão: a própria fonte.

Se a fonte for da opinião de que um documento vai obter mais atenção na imprensa local, então deverá ter condições de decidir. E se acreditar que, por exemplo, terá mais destaque na Anistia Internacional, também deverá poder decidir nesse sentido. Essa ideia era o fundamento de nossa

candidatura na Knight Foundation. E, com o OpenLeaks, nós a colocaremos em prática.

Dessa forma, também é possível levar a informação até onde ela surtirá maior efeito. Num caso, pode ser um meio de comunicação; em outro, uma ONG especializada ou mesmo um sindicato. Quem pode avaliar melhor do que a fonte? Somente assim os vazamentos que têm importância regional, como, por exemplo, um escândalo no setor de alimentos, receberão tanta atenção quanto os documentos de importância global. Ninguém mais teria de sofrer com a dúvida entre concentrar suas energias em muitos vazamentos pequenos ou em poucos vazamentos grandes. A solução que o OpenLeaks oferece agora atende a todos.

Diferentemente do WikiLeaks, o OpenLeaks não seria mais uma plataforma de publicação e estaria concentrado na primeira metade do processo de denúncia: na etapa em que os documentos podem ser enviados de forma anônima, a fonte, protegida, e os parceiros podem trabalhar bem com eles. Exatamente como o WikiLeaks, o OpenLeaks também oferece um tipo de caixa postal protegida, em que o informante poderá enviar seus documentos para determinado destinatário. Estritamente falando, ofereceremos uma série dessas caixas postais digitais a cada um de nossos parceiros.

A fonte poderá não apenas escolher por qual caixa postal gostaria de enviar um documento, mas também determinar, ao mesmo tempo, por qual período o destinatário poderá explorar os documentos de forma exclusiva. Esse mecanismo garante que um envio não seja fraudado, pois, após o término do prazo, estará à disposição de outros participantes do OpenLeaks – se a fonte assim desejar.

Seria ingênuo supor que os jornais – que são financiados em grande parte por anúncios – poderiam livremente decidir o conteúdo da publicação. Há exemplos suficientes de empresas que retiraram vários anúncios porque não gostaram de determinado artigo sobre seu produto ou sobre sua administração. Um conjunto o mais amplo possível

de participantes deve assegurar que, no final, sempre se encontre alguém que traga informações importantes para o público. O interesse entre as potenciais organizações parceiras é grande. Entre eles, estão também as redações de periódicos que antes cooperaram de forma estreita com o WL. E já existem muitas fontes que querem nos confiar seus documentos.

Esperamos que muitas se juntem a nós, pois isso trará um efeito protetor para toda a comunidade do OpenLeaks. Uma ampla rede de meios de comunicação, ONGs, sindicatos, faculdades de Jornalismo e outras organizações independentes formaria uma fortaleza segura contra todos os ataques ao princípio das caixas postais. Esse princípio deveria ser tão bem protegido quanto o sigilo de correspondência no correio normal. Se muitos parceiros fortes de diversas áreas da sociedade e a máquina midiática estiverem integrados, estará comprovada uma grande vantagem: eles farão o possível para que os adversários da denúncia digital não consigam perturbar esse princípio genial.

Queremos, em primeiro lugar, iniciar com alguns meios de comunicação e, depois, ampliar, aos poucos, nosso círculo de parceiros de cooperação. Tudo com calma e cuidado suficientes para podermos otimizar e monitorar nosso conceito na prática. Não queremos um ataque surpresa, mas tão somente não cometer erro algum.

Inclusive porque o OpenLeaks não é um concorrente do WL. Nós mesmos não publicaremos absolutamente nada. Os muitos milhares de documentos de diferentes qualidades que armazenamos temporariamente em locais seguros não serão tocados por nós. No máximo, podemos pedir para as fontes que ainda esperam pela publicação de seus documentos que os enviem novamente aos nossos parceiros.

O WikiLeaks deve continuar a publicar, crescer e prosperar. Pensamos apenas que o WL não pode ser a única dessas plataformas de denúncia na era digital. Com certeza, há injustiça suficiente no mundo para utilizar a capacidade completa de mais plataformas desse tipo.

Por sorte, no OpenLeaks também não existe nenhum “fundador”. Também não gostaria de voltar a discutir essa questão. Há muitas pessoas que contribuíram para o desenvolvimento da ideia e todas elas são autoras, bem como todos aqueles que agora ajudam a construir o OpenLeaks. Além do Arquiteto e do islandês Herbert, alguns velhos amigos do WL também estão com o OL agora. Além disso, entram em contato conosco pessoas de todo o mundo que desejam trazer seu conhecimento para o projeto. A Comunidade está acordada e faminta por trabalhar em algo realmente interessante.

Claro que, no OpenLeaks, não temos todos sempre a mesma opinião e, com frequência, discutimos. Como no WL, são muitas personalidades fortes que participam do projeto. Está claro que ainda precisamos elaborar estruturas mais fixas em âmbito interno: quem deve decidir o que, quem será responsável por qual área? E, no final das contas, devemos jogar pedra, papel e tesoura, para não ficarmos sem ação quando não encontramos consenso numa questão controversa? Mesmo quando, no início, é necessário seguir em frente sem essas regras, aprendemos no WL que essas questões não podem ser empurradas com a barriga para sempre. O que me deixa realmente feliz, mesmo que não soe tão extraordinário, é que nas nossas diferenças internas sempre alguém cede.

Em 2011, também queremos ajudar a abrir uma fundação, que além de tratar do OL, terá uma abordagem mais ampla. Neste momento, vivemos uma mudança cultural que diz respeito às grandes áreas do desenvolvimento de nossa sociedade. Estamos ainda muito no início no que diz respeito à liberdade de informação e denúncias na internet. A fundação deverá assumir para si esses desafios e desenvolver modelos visionários para denúncias digitais.

A transparência precisa de um lobby forte. A fundação também deve auxiliar, além do OpenLeaks, outros projetos. O conselho dessa fundação será formado por especialistas de diferentes áreas que poderão nos ajudar a avançar nesses temas – e todas as estruturas e finanças também serão transparentes.

Também gostaríamos de compartilhar conhecimento. Talvez essa seja a parte mais importante do projeto. Para tanto, registraremos, por escrito, todas as nossas experiências com o OpenLeaks e as disponibilizaremos numa base de dados de conhecimentos pública. Esperamos contar com muitos voluntários em todo o mundo para nos ajudar a realizar essa tarefa. Informações sobre fundamentações jurídicas e proteção ao denunciante deverão constar dessa base, para o máximo possível de países e legislações. Não importa se são iniciativas ou denunciantes em potencial: quem quiser ser profundamente ativo nas questões de transparência também conseguirá obter informações necessárias nessa base.

A fama do WikiLeaks (acima de tudo, a de Julian, mas também a de nosso trabalho) finalmente tornou a “denúncia” socialmente aceitável. Se existem leis de sigilo ou se algumas informações não poderiam ser expostas por denunciantes, essas questões ganharam vida em nossa sociedade. Certamente, o *frisson* em torno do WikiLeaks contribuiu para isso. Mesmo assim, é hora de deixarmos essa badalação de lado e nos concentrarmos nos temas e conteúdos realmente importantes. Ninguém deve se deixar enganar por histórias de revistas ou por manchetes em letras garrafais: muitos e ótimos artigos e reportagens sobre os vazamentos foram bem menos valorizados do que as confusões pessoais dos envolvidos.

O OpenLeaks pode ser visto como uma infraestrutura tímida. Entendemos nossa função como a de engenheiros trabalhando em estruturas, não como estrelas ou redentores globais e galácticos do mundo. As pessoas podem até mesmo achar que somos chatos. Não nos incomodamos com isso. O mais importante é que o sistema funcione.

Página deixada intencionalmente em branco



## Posfácio

Agora, início de 2011, estou no mesmo ponto em que me encontrava há um ano, quando queríamos colocar o WL novamente em funcionamento. Com o OpenLeaks, construímos algo que, acreditamos, pode resolver alguns problemas do mundo. Se 2010 foi o ano da atenção da mídia, 2011 pode ser o ano do conteúdo.

Enquanto paralelamente à elaboração da minha história novos fatos foram revelados e algumas das minhas questões foram respondidas, enxergar a situação real em torno do WikiLeaks ficou cada vez mais difícil. Estamos numa enxurrada de informações enviadas pela mídia. E essa inundação prepara o terreno para teorias conspiratórias, boatos e mitos que nos irritam e nos desviam de temas realmente importantes.

Para superar essa confusão e mergulhar, por fim, no mistério do WikiLeaks, precisamos encontrar respostas para questões que até agora não foram esclarecidas. Entre elas:

- Como está a situação financeira do WikiLeaks? De onde estão vindo as doações? Quem decide sobre a utilização dos recursos?
- O que Julian quis dizer quando falou ao *Guardian* que “(teria) interesse financeiro sobre a maneira e o tempo como eles [os *Cables*] são publicados”?
- Qual é a atual estrutura de organização, decisão e responsabilidade?

- Que funções desempenham Israel Shamir e Johannes Wahlström no WikiLeaks?
- Quais eram as condições das negociações entre Wahlström, Shamir e a imprensa?
- Existem outros intermediários que repassam material para a imprensa e, se existem, quais as condições?
- Qual foi a participação de Julian Assange, de outros funcionários do WikiLeaks ou de empresas nessas negociações?
- Quem convidou Julian Assange para a coletiva de imprensa de Genebra, em novembro de 2010?

Apenas quando pudermos separar os fatos, entenderemos a situação atual. E somente então teremos a resposta sobre o que falhou no WikiLeaks e sua ideia extraordinária – a ideia de tornar transparentes assuntos de interesse público com a ajuda de ferramentas sólidas e modernas.

Nossa sociedade precisa de cidadãos responsáveis, pessoas que não deixem de fazer perguntas críticas por medo de se decepcionar. Nossa sociedade precisa de indivíduos atentos, que não repassem sua responsabilidade aos messias, líderes ou chefes da manada, e que estejam dispostos e tenham condições de diferenciar as boas informações das ruins e, com base nas boas informações, tomar decisões corretas.

Perguntavam-me sempre se eu fiquei decepcionado com minha saída do WikiLeaks. A resposta foi sempre sim. No início, eu estava, acima de tudo, abalado emocionalmente. Mas, nas últimas semanas e, principalmente, enquanto trabalhava neste livro, percebi que a decepção também age num nível totalmente diferente. Por exemplo, nunca mais me deixarei levar por uma ilusão. Esse tipo de decepção é construtivo. Ele traz uma compreensão melhor da realidade – “Bons presságios”, de verdade.

Daniel Domscheit-Berg  
janeiro de 2011

## **Cronologia do WikiLeaks**

- |                             |  |
|-----------------------------|--|
| <b>4 de outubro de 2006</b> | • WikiLeaks.org é registrado   |
| <b>Dezembro de 2006</b>     | • Primeiras publicações  |
| <b>Janeiro de 2007</b>      | • WikiLeaks anuncia a preparação da publicação de 1,2 milhão de documentos                                   |
| <b>Novembro de 2007</b>     | • WikiLeaks publica os manuais da Baía de Guantánamo   |
| <b>Dezembro de 2007</b>     | • Daniel encontra Julian no 24º Chaos Communication Congress (24C3), em Berlim                               |
| <b>Janeiro de 2008</b>      | • WikiLeaks publica centenas de documentos da filial das Ilhas Cayman do banco suíço Julius Bär              |
| <b>Fevereiro de 2008</b>    | • Julius Bär entra com ação contra a Dynadot (a empresa de registro do WikiLeaks.org), perde e retira a ação |
| <b>Março de 2008</b>        | • WikiLeaks publica as “Bíblias secretas” da Cientologia   |
| <b>Mai de 2008</b>          | • WikiLeaks publica o primeiro manual das fraternidades americanas   |

**Junho de 2008**

- WikiLeaks publica os documentos do Memorando de Entendimentos do Quênia
- Cúpula Global Voices, em Budapeste

**Setembro de 2008**

- WikiLeaks publica os e-mails da caixa postal particular da candidata a vice-presidente dos Estados Unidos, Sarah Palin

**Novembro de 2008**

- WikiLeaks publica uma lista de membros do British National Party, Partido Nacional-socialista britânico
- WikiLeaks publica o relatório da Oscar Foundation sobre os assassinatos encomendados praticados por policiais quenianos

**Dezembro de 2008**

- WikiLeaks publica os documentos do BND sobre combate à corrupção no Kosovo, em cooperação com a mídia alemã
- WikiLeaks publica o manual do Human Terrain Team, de 2008
- Daniel e Julian apresentam-se pela primeira vez oficialmente no Chaos Communication Congress (25C3)

**Janeiro de 2009**

- Daniel sai de seu emprego e dedica-se em tempo integral ao WL

- |                          |   |
|--------------------------|---|
| <b>Fevereiro de 2009</b> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• WikiLeaks publica mais de 6.700 Relatórios do Serviço de Pesquisa do Congresso americano</li> <li>• WikiLeaks publica os endereços de e-mail dos doadores de recursos do WL</li> </ul> |
| <b>Março de 2009</b>     | <ul style="list-style-type: none"> <li>• WikiLeaks publica o banco de dados de colaboradores do senador americano Coleman</li> </ul>  |
| <b>Abril de 2009</b>     | <ul style="list-style-type: none"> <li>• International Journalism Festival, em Perúgia</li> </ul>   |
| <b>Junho de 2009</b>     | <ul style="list-style-type: none"> <li>• WikiLeaks é laureado com o prêmio de imprensa da Anistia Internacional</li> </ul>  |
| <b>Julho de 2009</b>     | <ul style="list-style-type: none"> <li>• WikiLeaks publica uma lista dos maiores devedores do Kaupthing Bank, da Islândia</li> </ul>  |
| <b>Agosto de 2009</b>    | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Convenção Hacking at Random (HAR), em Vierhouten</li> </ul>  |
| <b>Setembro de 2009</b>  | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Prêmio do Ars Electronica na categoria “Comunidades Digitais”</li> </ul>   |
| <b>Outubro de 2009</b>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>• WikiLeaks publica uma segunda lista de membros do British National Party</li> </ul>  |
| <b>Novembro de 2009</b>  | <ul style="list-style-type: none"> <li>• WikiLeaks publica as mensagens de <i>paggers</i> e celulares do 11 de Setembro</li> <li>• WikiLeaks publica as ações de investigação contra uma empresa farmacêutica alemã</li> </ul>  |

- WikiLeaks publica os contratos de cobrança de pedágio
  - WikiLeaks publica a correspondência eletrônica de David Irving
  - WikiLeaks dá início à ideia do porto livre midiático, que funda a Icelandic Modern Media Initiative (Iniciativa Islandesa de Mídia Moderna – IMMI)
- Dezembro de 2009**
- WikiLeaks publica o relatório da polícia militar sobre o bombardeio de dois caminhões-tanque em Kundus, no Afeganistão
- 23 de dezembro de 2009**
- WikiLeaks fica fora do ar
- 27 de dezembro de 2009**
- Daniel e Julian falam no Chaos Communication Congress (26C3) sobre o futuro do WikiLeaks
- 5 de janeiro de 2010**
- WikiLeaks começa na Islândia seu trabalho na Icelandic Modern Media Initiative (IMMI)
- 5 de abril de 2010**
- WikiLeaks publica o vídeo “Collateral Murder”
- Fim de maio de 2010**
- Bradley Manning é preso
- 26 de julho de 2010**
- WikiLeaks publica os *Afghan War Diaries*
- 30 de julho de 2010**
- WikiLeaks coloca no ar o arquivo criptografado *insurance*

- |                               |  |
|-------------------------------|--|
| <b>20 de agosto de 2010</b>   | <ul style="list-style-type: none"><li>• WikiLeaks publica os relatórios de planejamento da Love Parade de Duisburg</li><li>• Mandado de prisão contra Julian que é revogado pouco depois</li></ul> |
| <b>26 de agosto de 2010</b>   | <ul style="list-style-type: none"><li>• Julian suspende Daniel</li></ul>   |
| <b>14 de setembro de 2010</b> | <ul style="list-style-type: none"><li>• Daniel vai até o servidor de e-mail fora do ar</li></ul>   |
| <b>15 de setembro de 2010</b> | <ul style="list-style-type: none"><li>• Daniel e outros deixam o WikiLeaks</li></ul>   |
| <b>17 de setembro de 2010</b> | <ul style="list-style-type: none"><li>• OpenLeaks.org é registrado</li></ul>   |
| <b>22 de outubro de 2010</b>  | <ul style="list-style-type: none"><li>• WikiLeaks publica os Registros da Guerra do Iraque</li></ul>   |
| <b>28 de novembro de 2010</b> | <ul style="list-style-type: none"><li>• WikiLeaks publica os telegramas diplomáticos (<i>Cables</i>)</li></ul>   |
| <b>1º de dezembro de 2010</b> | <ul style="list-style-type: none"><li>• Interpol inclui Julian no Red Notice (Canal de Difusão Vermelha, uma espécie de mandado de prisão internacional)</li></ul>                                 |
| <b>7 de dezembro de 2010</b>  | <ul style="list-style-type: none"><li>• Julian se apresenta à polícia em Londres e é preso</li></ul>   |
| <b>14 de dezembro de 2010</b> | <ul style="list-style-type: none"><li>• Julian é liberado sob fiança</li></ul>   |
| <b>30 de dezembro de 2010</b> | <ul style="list-style-type: none"><li>• Daniel apresenta o OpenLeaks ao Chaos Communication Congress (27C3)</li></ul>  |

Página deixada intencionalmente em branco





© Annika Pothoff

**Tina Klopp**, nascida em 1976, em Hamburgo, formou-se em Ciências Políticas e Germanística e obteve o doutorado na Escola de Jornalismo de Munique. Foi laureada com o Prêmio Friedwart Bruckhaus para Jovens Cientistas e Jornalistas em 2006 e a Bolsa de Audiolivros do Fundo Literário Alemão de 2010, e trabalha atualmente como editora no site jornalístico *Zeit Online*.

Daniel Domscheit-Berg foi porta-voz do WikiLeaks, ao lado de Julian Assange, o único rosto conhecido da plataforma de divulgação. Em seu relato privilegiado, o autor traz uma visão detalhada dessa organização fechada que amedronta poderosos do mundo todo. Este livro conta a história do WikiLeaks como nunca ninguém contou.

